

Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 4 • n. 1 • Junho | 2018

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 04 – Número 01 – Junho / 2018

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 04, n. 01, Jun. 2018. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018. -
173 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zaroni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Revisão

Luciano Gonçalves Soares

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoração Eletrônica

Me. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

Apresentação 08

Espiritismo - Um desejo humano que vira doutrina religiosa!

Spiritism - a human desire that becomes religious doctrine!

Josemar Valdir Modes e Alan Michael da Silva **Erro! Indicador não definido.**

O sentido da amizade e do amigo nos textos do Novo Testamento e na literatura do mundo grego-romano

The sense of friendship and friend in the texts of the New Testament and in the literature of the Greek-Roman world

Efstathios Tsotsos **Erro! Indicador não definido.**

Paulo X Tiago: justificação pela fé ou pelas obras?

Paul X James: Justification by faith or by works?

Flaviano Nogueira Siedeliske **Erro! Indicador não definido.**

A relevância da teologia acadêmica e sua necessidade ao pastor neopentecostal

The Relevance of Academic Theology and its Need to the Neopentecostal Shepherd

Elton Eduardo Paz de Araújo e José Fábio Bentes Valente..... **Erro! Indicador não definido.**

A influência das redes sociais na vida cristã

The influence of social networks on Christian life

Jeverson Nascimento **Erro! Indicador não definido.**

A vida de Davi: o homem segundo o coração de Deus

The life of David: the man according to the heart of god

Felipe Vian Rodrigues e Marivete Zanoni Kunz **Erro! Indicador não definido.**

Estudo introdutório à Didache: além da reerência ao batismo

Introduction to Didache: beyond the references to baptism

Anilton Oliveira da Silva..... **Erro! Indicador não definido.**

Ética cristã em uma cultura pós-digital

Christian ethics in a post-digital culture

Antonio Valdemar Kukul Filho **Erro! Indicador não definido.**

A Criação contra-ataca: um estudo hermenêutico de responsabilidade, consciência e práxis entre o cristão e o meio ambiente

Creation counterattacks: a hermeneutical study of responsibility, conscience and praxis between the Christian and the environment

José Fabio Bentes Valente e Fanuel Santos de Souza..... **Erro! Indicador não definido.**

Islamismo, religião ou terrorismo?

Islam, religion or terrorism?

Juliano Fabricio Antunes **Erro! Indicador não definido.**

Em direção ao renovo da educação cristã brasileira

Willibaldo Ruppenthal Neto 169

Normas para publicação172

APRESENTAÇÃO

Prezado Leitor,

A revista Ensaios Teológicos disponibilizada, mais um volume para sua leitura, com dez artigos e uma resenha.

O primeiro artigo, tem por título **“Espiritismo - Um desejo humano que vira doutrina religiosa!”** Este artigo foi escrito por Josemar Valdir Modes e Alan Michael da Silva. Neste trabalho, os autores abordam alguns aspectos históricos sobre o Espiritismo, como o surgimento nos tempos antigos até os seus primórdios no Brasil. Também relatam de forma breve as principais doutrinas e ensinamentos deste grupo. Para finalizar mostram, a partir de um olhar cristão, alguns argumentos e refutações contra estes ensinamentos, bem como ações que podem contribuir para a proclamação do Evangelho a este grupo.

Na sequência, temos o segundo artigo, que tem por título **“O sentido da amizade e do amigo nos textos do Novo Testamento e na literatura do mundo Greco-Romano”**. Este artigo foi escrito por Efstathios Tsotsos, que analisou o sentido dos termos ‘Amizade’ e ‘Amigo’ em alguns textos do Novo Testamento. Foram apresentadas algumas fontes e escritores destacando de forma especial os evangelhos de Lucas e João, porque nestes escritos o sentido de amizade é mais amplo, significativo e teológico.

O terceiro artigo trabalha o tema **“Paulo x Tiago: Justificação pela fé ou pelas obras?”** Nessa pesquisa, o autor Flaviano Nogueira Siedeliske apresenta um estudo baseado nos textos de Romanos 3.20,28 e Tiago 2.24, tendo como pano de fundo a discussão sobre a doutrina da justificação pela fé, apresentada por Paulo, e justificação pelas obras, abordada por Tiago. O autor visa responder se existe contradição entre Paulo e Tiago, iniciando o texto com uma visão geral das passagens em destaque e apresentando uma discussão sobre o significado do conceito de justificação.

O quarto artigo foi escrito por Elton Eduardo Paz de Araújo e José Fábio Bentes Valente. O artigo tem por título **“A relevância da teologia acadêmica e sua necessidade ao pastor Neopentecostal”**. Os autores fazem uma reflexão mostrando os benefícios da formação teológica acadêmica e as dificuldades que a falta deste conhecimento pode causar. Evidencia-se que os muitos ensinamentos equivocados ocorrem especialmente pela falta de exegese e pouco conhecimento teológico.

Jeverson Nascimento é o autor do quinto artigo. Nesta pesquisa, que tem por título **“A influência das redes sociais na vida cristã”**, o autor traz uma abordagem reflexiva sobre a influência das redes sociais na vida cristã. O destaque fica para o avanço tecnológico no século XXI, devido este envolver diferentes setores da sociedade. Neste artigo, destaca-se também as redes sociais como importantes para a propagação do evangelho, bem como a necessidade de que no atual contexto cristão haja uma atualidade das linguagens e das interações multimidiáticas.

No artigo que segue, de número 6, que tem por título **“A vida de Davi: o homem segundo o coração de Deus”**, os autores Felipe Vian Rodrigues e Marivete Zanoni Kunz

analisam alguns aspectos da vida do rei Davi com o intuito de entender o que o definiu como homem “segundo o coração de Deus”. Observou-se alguns de seus erros e qualidades, como também a diferença de Davi em relação ao rei Saul. O artigo apresentou Davi como pastor, guerreiro e rei e suas atitudes positivas e negativas nessas funções, por ele desempenhada. Evidenciou-se que a grande diferença de Davi em relação ao rei Saul consistia em adorar ao Senhor como estilo de vida; isso fez dele um homem segundo o coração de Deus.

O sétimo artigo desenvolveu o tema **“Estudo introdutório à Didaquê: além da referência ao batismo”**. Este artigo foi escrito pelo mestre Anilton Oliveira da Silva, com a intensão de contribuir para os estudos sobre a Didaquê, no Brasil. O autor analisou o contexto histórico e a estrutura interna da Didaquê, conhecida como “O ensino dos doze apóstolos”. Inicialmente, o autor mostrou a estrutura textual do livro e questões do gênero. Depois trabalhou os principais temas, como: jejum, oração, ceia e batismo. Para finalizar, refletiu sobre questões como: a hierarquia daquela igreja, o retorno de Cristo e a importância da Didaquê para a igreja da atualidade.

Na sequência, temos o artigo do mestre Antonio Valdemar Kukul Filho, **“Ética cristã na cultura pós-digital”**. Neste artigo, o autor discorre sobre a ética cristã assumida como sendo da cultura pós-digital e questões relacionadas ao estilo de vida influenciado por elementos culturais imersos em tecnologia digital. São apresentados elementos desta cultura pós-digital, bem como desafios reais e virtuais à ética cristã e o papel da igreja e sua ética nesta cultura pós-digital. O autor mostrou a complexidade do tema e a postura a ser assumida por aqueles que defendem os princípios éticos.

“A criação contra-ataca: um estudo hermenêutico de responsabilidade, consciência e práxis entre o cristão e o meio ambiente” é o título do artigo dos autores José Fabio Bentes Valente e Fanuel Santos de Souza. Os autores enfatizam nesta pesquisa que, nas últimas décadas, a natureza está sendo explorada de forma intensa pelo ser humano e não há preocupação com a preservação do meio ambiente. Nesse sentido, os autores mostram a responsabilidade do cristão quanto a essa situação.

Para finalizar, temos o artigo de Juliano Fabricio Antunes: **“Islamismo, religião ou terrorismo?”** Neste artigo, Antunes faz uma avaliação do Islamismo, descrevendo suas origens, crenças, expansão, entre outros. A intensão é trazer ao leitor conhecimento do Islã. Como questão norteadora, há o desafio de compreender se o islamismo é uma religião centrada num Deus único e perdoador ou se isso é uma justificativa para a disseminação do terror.

Para finalizar, a revista traz a resenha do livro de Gleyds Silva Domingues, **Andragogia de Jesus – ensinar e aprender**, escrita por Willibaldo Ruppenthal Neto.

Desejamos que os artigos apresentados nesta edição sejam motivação na sua vida e com essa leitura você cresça acadêmica e espiritualmente.

Tenha uma boa leitura e que Deus o abençoe sempre!!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ESPIRITISMO - UM DESEJO HUMANO QUE VIRA DOCTRINA RELIGIOSA! Spiritism - a human desire that becomes religious doctrine!

Josemar Valdir Modes¹
Alan Michael da Silva²

RESUMO

O trabalho abordou alguns aspectos históricos sobre o Espiritismo, desde o surgimento nos tempos antigos até o seu início no Brasil. Após esta breve apresentação, foram apresentadas as principais doutrinas deste grupo, no que eles se baseiam e o que ensinam aos seus adeptos. Na sequência abordou-se como os cristãos podem se defender e quais os principais argumentos e refutações contra estes ensinamentos. Por fim, destacou-se quais ações práticas podem ser adotadas para contribuir na evangelização deste grupo.

Palavras chaves: Espiritismo, Kardec, Bíblia, doutrina, crenças.

ABSTRACT

The paper deals with some historical aspects of Spiritism, from its origins in ancient times to its beginning in Brazil. After this brief presentation, you will be shown the main doctrines of this group, what they are based on and what they teach their followers. In the next chapter we will discuss how Christians can defend themselves and what are the

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaio Teológico da Faculdade Batista Pioneira e da Revista Teológica FABAMA do Seminário Teológico Batista em São Luís. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

² O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: alanmsilva@batistapioneira.edu.br.

main arguments and refutations of this sect. Finally, what practical actions can be taken to contribute to the evangelization of this group.

Keywords: Spiritism, Kardec, Bible, doctrine, beliefs.

INTRODUÇÃO

O espiritismo tem crescido grandemente no Brasil e em outros lugares do mundo, alavancado principalmente pelos meios de comunicação e pelas possibilidades que este grupo religioso oferece. Como muitas outras organizações religiosas, o espiritismo preza pelo amor, paz, igualdade de direitos e até de religiões. Usa de argumentos que atraem as pessoas, pois quem não tem o desejo de tornar-se uma pessoa melhor? Quem não deseja se comunicar novamente com um ente querido que faleceu? Ou qual o ser humano que não espera a cura de uma doença grave sem a utilização de remédios e sem intervenções cirúrgicas?

Em termos de atração deve-se ainda mencionar ainda a curiosidade do ser humano pelas dimensões espirituais e sobrenaturais. Tudo o que é oculto chama a atenção por si só e ter o poder de mexer com o que é oculto dá à pessoa o status de ter superpoderes. Esta atração natural é utilizada com muita sutileza e esperteza pelos adeptos desta seita religiosa para conquistar adeptos em seu meio.

Além disso tem o fato de se apresentar como o cristianismo evoluído, através da última revelação, em seu terceiro testamento, traz confusão para aqueles que não tem muita certeza doutrinária sobre as suas próprias crenças. Diferente dos demais cristãos, não pregam o exclusivismo religioso e com isso a pessoa poder seguir duas igrejas distintas, com pensamentos contraditórios, sem a menor dificuldade. Cresce desta forma o número de católicos que se denominam espíritas também, como também há adeptos de outras denominações.

Mas que resposta um cristão pode dar diante dos questionamentos levantados pelo espiritismo? Estaria ele certo em sua base doutrinária? Este artigo tem por objetivo dar uma direção àqueles que buscam informações sobre o assunto, auxiliando no relacionamento com este grupo religioso, mostrando a sua história de surgimento, suas doutrinas e o embasamento para as mesmas e o que a Bíblia fala acerca desta forma de pensar.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Nesta primeira parte se buscará evidenciar o desenvolvimento do espiritismo ao longo da história, com práticas repugnadas já no Antigo Testamento, seu desenvolvimento como religião na modernidade e a sua chegada ao Brasil.

1.1 O Espiritismo Antigo

Nos tempos mais remotos a nomenclatura utilizada para a consulta aos espíritos nem sempre foi a expressão espiritismo, mas esta prática de consulta e comunicação com transcendental é muito antiga. Alguns estudiosos datam que a crença na transmigração de

almas surge na literatura hindu por volta do séc. VII a.C., isto porque os Upanixades, que são hinos védicos na cultura hindu, manifestavam claramente a crença na transmigração.³

Outro aspecto interessante é que esta prática foi adotada em quase todas as nações, desde os primórdios da história até os tempos modernos. O espiritismo durante a história antiga costumava ser chamado de ocultismo, magismo, feitiçaria, etc... mas tinha como tônica o contato com aqueles que já se foram.

Na história veterotestamentária, percebe-se que o povo de Deus tinha contato com os assírios, babilônios, egípcios e que estas nações tinham práticas constantes de feitiçaria e necromancia, que visavam principalmente a adivinhação na tentativa de desvendar o futuro. Na antiguidade a maioria dos impérios tinham seus magos, feiticeiros, sábios que aconselhavam reis e generais através de práticas comuns ao espiritismo contemporâneo. Isso é tão presente que a tentativa de comunicação com os mortos e outras práticas foram condenadas explicitamente por Deus em textos como o de Levíticos 20.6-27 e Deuteronômio 18.10.

Também é importante salientar que o apóstolo Paulo no Novo Testamento confronta arduamente práticas espíritas, como o episódio relatado em Atos 19.19, onde se menciona que que grande número de pessoas que praticavam ocultismo, após ouvirem a mensagem da salvação pregada pelo apóstolo, reuniram seus livros e os queimaram publicamente. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, Deus já alertava Seu povo dos perigos e consequências desta prática, dando claros argumentos de que não concordava com a sua prática.⁴

1.2 Espiritismo Moderno

O início oficial do espiritismo moderno é datado em 1848, em um pequeno vilarejo chamado de Hydesville, que pertence a cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Ali existiam os Fox, uma família de granjeiros honestos e humildes que pertenciam a Igreja Metodista. O casal tinha vários filhos, mas o destaque recais sobre suas duas filhas, uma de 12 anos chamada Katherine "Kate" e a outra Margaret "Maggie" de 9 anos. Esta família em pouco tempo viu sua casa se tornar uma grande atração devido a curiosidade das pessoas em ouvir e observar coisas e ruídos estranhos que ali aconteciam.⁵

Em 31 de março de 1848, uma comissão de investigação da comunidade local, foi até os Fox com o objetivo de fazer perguntas ao “fantasma” que se identificou como o espírito de Charles Rosma, assassinado por seu vizinho e que estava sepultado no chão da adega a dez pés de profundidade. As filhas citadas acima, desenvolveram uma forma de se comunicar com os espíritos através de um alfabeto improvisado.⁶

Esses fatos foram amplamente divulgados e, pouco depois, sessões espíritas eram realizadas por toda a parte, nos Estados Unidos e na Inglaterra. As irmãs

³ MARTIN, Walter. **O império das seitas**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1993, v. 4, p. 79-80.

⁴ KALLER, Donald W. **Seitas I: um estudo programado**. Patrocínio: CEIBEL, 1989, p. 202-205.

⁵ MOREIRA, Reginaldo Pires. **Grandes verdades sobre o espiritismo: uma análise crítica**. Rio de Janeiro: JUERP, 1997, p. 22-23.

⁶ MOREIRA, 1997, p. 22-23.

Fox passaram à História como as fundadoras do Espiritismo moderno. Boaventura Klopenburg relata que no Congresso Internacional de Espiritismo de 1925 aprovou a proposta de erigir um monumento comemorativo em Hydesville, que foi construído dois anos mais tarde.⁷

Embora as irmãs Fox tenham sido as fundadoras do movimento, um professor francês, chamado León Hippolyte Denizart Rivail, nascido em Lyon em 1804, se destacou no meio espírita pelo desenvolvimento de toda a sua parte teórica. Filho de um advogado, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, porque acreditava ser a reencarnação de um poeta celta que teve este nome. Em 30 de abril de 1856, Kardec, diz ter recebido uma missão de pregar uma nova religião. Um ano depois ele publica *O livro dos espíritos*, e passa a viajar para diversos países divulgando as suas doutrinas, principalmente a ideia de reencarnação.⁸

1.3 Espiritismo no Brasil

É através da mídia que no ano de 1853 o Espiritismo se tornou conhecido no Brasil, pois os jornais desta época, especificamente o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o *Diário de Pernambuco* e o jornal *O Cearense*, traziam as notícias do exterior sobre as “mesas girantes”⁹, onde cada um tinha o dedo mínimo apoiado no do vizinho e todos esperavam em silêncio o que a mesa iria falar. Todos estavam empolgados nos Estados Unidos e Europa com esta possibilidade de comunicação com os mortos.

Na cidade de Salvador, na Bahia, em julho de 1865, é onde se instala o primeiro Grupo Familiar do Espiritismo, onde Luís Olímpio Teles de Menezes preside uma sessão espírita e recebe a primeira página psicografada e assinada por “Anjo Brasil”. É neste primeiro que surge o primeiro Centro Espírita. Já em 1869, para se defender das fortes perseguições do clero e da imprensa de Salvador, Luís publica o primeiro Jornal Espírita chamado de “*O Echo D’Além-Tumulo*” (O Eco além do Túmulo) – que foi o monitor do espiritismo no Brasil.¹⁰

Em agosto de 1873, surge o primeiro movimento organizado chamado de *Sociedade de Estudos Espíritos do Grupo Confúcio*. Outro passo importante para a fundamentação do grupo, foi que dois anos após o surgimento do mesmo, eles lançam a *Revista Espírita* e em seguida passam a traduzir várias obras fundamentais de Allan Kardec. Dez anos depois é fundada a revista *Reformador*, que se torna o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira,

⁷ MARTIN, 1993, v. 4, p. 79.

⁸ MOREIRA, 1997, p. 24-25.

⁹ MESAS GIRANTES ou mesas falantes ou dança das mesas são um tipo de sessão espírita em que os participantes se sentam ao redor de uma mesa, colocam as mãos sobre ela e esperam que ela se movimente. Populares no século XIX, acreditava-se que as mesas serviam como meio de comunicação com supostos espíritos. Alfabetos também eram colocados sobre as mesas e elas se inclinavam para a carta adequada, soletrando palavras e frases. In.: SPENCE, Lewis. **Table-turning**. An encyclopaedia of occultism: a compendium of information on the occult sciences, occult personalities, psychic science, magic, demonology, spiritism and mysticism. Londres: George Routledge & Sons, p. 398–399.

¹⁰ GREGORIO, Sérgio Biagi. **O espiritismo no brasil**: suas origens de 11 de outubro de 1992. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br/artigo/origens-do-espiritismo-brasil.htm>. Acesso em: 17 nov. 2016.

organizada em 1874. A partir daí os núcleos e centros espíritas se multiplicam, levando assim a formação de federações estaduais.¹¹

O espírita brasileiro mais conhecido hoje é Francisco Cândido Xavier, popularmente conhecido como Chico Xavier. Nasceu em Uberaba, Minas Gerais, e segundo a revista *Veja*, ele já incorporou 605 autores falecidos, dos quais 328 são poetas. Seus livros são de autoria de espíritos “desencarnados”, cuja escrita é feita através da psicografia.¹² Vende-se milhões de exemplares dos seus livros e isto faz com que o Brasil seja o maior país espírita do mundo. Dentre os motivos pelos quais o Brasil tem um campo fértil para a propagação das ideias espíritas, se destacam o misticismo do povo brasileiro, a falha da igreja católica em atender aos desejos religiosos do povo, a fachada cristã do Espiritismo e o aspecto consolador espírita.¹³

2. ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

O bojo doutrinário espírita é consideravelmente amplo. Se destacará aqui apenas as principais doutrinas espíritas manifestas pelo movimento no Brasil, muitas delas identificadas através de textos mal interpretados das Escrituras e que, pela pretensa ligação com a Bíblia, acabam confundindo pessoas que não conhecem a Palavra de Deus de forma profunda.

2.1 Reencarnação

A doutrina da reencarnação, sem sombra de dúvida, é um dos pilares do espiritismo. Para os espíritas a reencarnação fazia parte da cultura judaica sobre o nome de ressurreição. Seu significado é a volta da alma, ou espírito, à vida corporal, entretanto esta volta é em outro corpo novamente formado para ele, que nada tem em comum com o antigo.¹⁴ Aqui existe uma diferença abismal entre a ideia presente no judaísmo, que retrata a volta ao próprio corpo, e a doutrina espírita que menciona um ou vários retornos à corpos diferentes.

Segundo o livreto intitulado “*Iniciação ao Conhecimento da Doutrina Espírita*” elaborado pelo Centro Espírita “Caminho de Damasco” de dezembro de 1868, a reencarnação pode ser assim compreendida:

Antes de sermos seres humanos, filhos de nossos pais, somos, na verdade, espíritos, filhos de Deus. O espírito é o princípio inteligente do universo, criado por Deus, simples e ignorante, para evoluir e realizar-se individualmente pelos seus próprios esforços. Como espíritos, já existíamos antes de nascermos e continuaremos a existir, depois da morte física. Quando o espírito está na vida do corpo, dizemos que é uma alma ou espírito

¹¹ MARTIN, 1993, v. 4, p. 81.

¹² PSICOGRAFIA é a técnica utilizada pelos médiuns para escreverem um texto sob a influência de um espírito desencarnado. Era classificada por Allan Kardec como um tipo de manifestação inteligente. Segundo ele, o mecanismo de funcionamento da psicografia pode ser consciente, semimecânico ou mecânico. In.: PERCÍLIA, Eliene. **Psicografia**. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/religiao/psicografia.htm>>. Acesso em: 17 nov. de 2016.

¹³ MARTIN, 1993, v. 4, p. 82-83.

¹⁴ OLIVEIRA, Raimundo. **Seitas e heresias**: um sinal do fim dos tempos. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 31.

encarnado. Quando nasce para este mundo, dizemos que reencarnou; quando morre, que desencarnou. Desencarnado, volta ao plano espiritual ou espiritualidade, de onde veio ao nascer. Os espíritos são, portanto, pessoas desencarnadas que, presentemente, estão na espiritualidade.¹⁵

A reencarnação, na doutrina espírita, é considerada o meio pelo qual a humanidade pode avançar moralmente até atingir o estado de um espírito puro. Através de longo processo de sucessivas encarnações ou graus intermediários, o espírito progride até a perfeição, quando fica livre da necessidade de se reencarnar. A vida material é um exame severo onde alguns saem mais ou menos purificados, conforme o grau adquirido.¹⁶

A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia da justiça de Deus com respeito aos homens de condição moral inferior, a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois oferece-nos o meio de resgatarmos os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz, e é o que os Espíritos no ensinam.¹⁷

Todo erro que é cometido ou todo mal realizado em vida, é uma dívida que a pessoa contrai e que deverá ser paga, na vida atual ou então nas futuras, pois as existências são solidárias entre si. O conceito aqui é importado do hinduísmo, através da expressão *carma*, porém para Kardec este conceito difere em alguns aspectos do hinduísmo, pois os hindus admitem que os espíritos podem reencarnar em animais, plantas ou outros seres inferiores, como uma punição pelos erros cometidos em uma existência anterior, e para Kardec, o espírito jamais pode regredir, está sempre em estado de progressão.¹⁸

2.2 Comunicação com os mortos ou mediunidade¹⁹

Outro pilar que sustenta o Espiritismo e uma das mais atraentes doutrinas é a crença na possibilidade de comunicação com os que faleceram. Isto pode ocorrer de uma maneira espontânea ou através da mediação de uma pessoa, especialmente aquelas que tem uma vocação para serem médiuns.²⁰

Para eles, os espíritos encarnados habitam em diferentes “globos” do universo, porém aqueles que não estão encarnados, os espíritos errantes, estão em toda parte, inclusive ao lado do ser humano. Os espíritos exercem influências sobre o mundo moral e físico e para os

¹⁵ CORREIO ESPÍRITA. **Princípios básicos da doutrina espírita**. Rio de Janeiro: Centro cultural correio espírita, 2004. Disponível em: <<http://www.correioespirita.org.br/conheca-o-que-e-a-doutrina-espirita/os-principios-basicos-da-doutrina-espirita>>. Acesso em 18 nov. 2016.

¹⁶ MARTIN, 1993, v. 4, p. 135.

¹⁷ RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. **Desmascarando as seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 208.

¹⁸ MARTIN, 1993, v. 4, p. 135-137.

¹⁹ **MEDIUNIDADE** é o fenômeno em que uma pessoa recebe um outro espírito, supostamente de uma pessoa falecida, sendo que esse espírito recebido passa a dominar a mente do médium (pessoa na qual é atribuída o poder de se comunicar com os espíritos de pessoas mortas) que recebe o controle e o domínio do seu próprio corpo. OLIVEIRA, 2002, p. 41-42.

²⁰ MARTIN, 1993, v. 4, p. 122-123.

espíritas, são uma das potências da natureza. Existem diversos fenômenos inexplicáveis ou mal explicados que só os espíritos podem solucionar racionalmente.²¹

É por isso que as relações entre espíritos e homens são constantes. Os bons espíritos influenciam positivamente as pessoas e as encorajam a suportar as dificuldades da vida, ao passo que os maus influenciam negativamente. Essas comunicações são ocultas, sem que as pessoas saibam e cabe a cada um discernir as boas ou más inspirações. Outra maneira de comunicação é quando se produz escrita através da palavra ou por outras manifestações materiais, mas geralmente os médiuns servem de instrumentos para aqueles que querem se comunicar.²²

A grande dificuldade nesta comunicação é saber com quem se está falando, isto porque é impossível de esclarecer quando os espíritos são superiores, ou seja, antigos em relação a época. Outro fator que dificulta é que muitos daqueles que se manifestam não têm um nome conhecido para as pessoas, mas para isso o espírito assume um conhecido, que pertence a mesma categoria, afim de chamar a atenção da pessoa.²³

Estes médiuns afirmam possuir um espírito-guia que inicia o seu contato com o mundo espiritual. Esses espíritos-guias, no caso, colocam o médium em contato com aqueles que já partiram. Tantos homens quanto mulheres podem ser médiuns, embora a maioria atualmente sejam mulheres.²⁴ McDowell em seu livro traz o depoimento de um ex-médium, chamado Raphael Gasson:

Como já fiz parte do ministério espírita e fui médium, posso dizer que na época cria realmente que aqueles espíritos eram espíritos de mortos, e que era meu dever pregar este fato a todos quantos encontrassem no dia-a-dia.²⁵ Um médium pode fazer uma demonstração de seu dom em qualquer sessão ou reunião pública, no ônibus, trem, restaurante ou praça. Não há necessidade de iluminação especial, nem de entrar em transe; o médium tem apenas de sintonizar-se com o mundo espiritual e sua mente fica em estado de passividade, pronta para receber as mensagens dos, supostamente, espíritos mortos.²⁶

Na tentativa de unificar o espiritismo com o cristianismo, os espíritas usam diversas vezes a Bíblia para dar apoio as suas crenças. No caso da comunicação com os mortos, no texto de Deuteronômio 18.9-12, Deus faz uma advertência para que o povo não consultasse os mortos. Entretanto, Kardec vai justificar estes versos alegando que se Deus proíbe consultar os mortos é uma prova que de fato eles poderiam responder, caso isto não fosse uma possibilidade, certamente a proibição seria desnecessária.²⁷

²¹ FERREIRA, Júlio Andrade. **O espiritismo**: uma avaliação. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, p. 9.

²² FERREIRA, 1959, p. 9.

²³ RINALDI; ROMEIRO, 1996, p. 200-201.

²⁴ MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo o oculto**: um manual das religiões de hoje. Interlagos: Candeia, 1992, p. 149.

²⁵ GASSON, Raphael. **The Challenging Counterfeit**. Plainfield, NJ: Logos Books, 1970, p. 36. *Apud* MCDOWELL; STEWART, 1992, p. 150.

²⁶ GASSON, 1992, p. 150.

²⁷ MARTIN, 1993, v. 4, p. 123.

2.3 Deus

Segundo a crença espírita, Deus é eterno, imutável, justo, bom, criador do universo que abrange todos os seres materiais e imateriais. Também creem que Deus é único e um Deus pessoal, mas não negam que existem outros deuses, tantos quanto a mente de cada um necessitar.²⁸ A realidade é que a doutrina espírita sobre Deus é ambígua, pois em alguns pontos afirmam serem deístas e em outros momentos panteístas. Isto tudo na tentativa de ser aceita em todas as religiões, reunindo o maior número de adeptos possíveis.²⁹

2.4 Cristo

Para a doutrina espírita, a importância de Jesus está em seu exemplo de vida, e como todo ser humano, ele nasceu de uma união entre homem e mulher e não de forma sobrenatural. Jesus não realizava milagres, mas colocava em prática o seu conhecimento e a sua capacidade mediúnica. O espiritismo não usa a ideia de salvador, messias, cordeiro de Deus, porque a importância está em sua vida e não em como nasceu ou morreu. Jesus não deve ser confundido com Deus, ele era criatura como todas as demais criaturas e visualizá-lo como um ser divino é retirar a ideia de ser alcançável. Para a doutrina espírita, Jesus é um espírito que possui uma longa história, onde foi se aperfeiçoando durante os tempos. Ele, na medida em que se desenvolvia, aumentava seu conhecimento que o diferenciava do nível médio da cultura terrena.³⁰

2.5 Salvação

Para a compreensão desta doutrina primeiramente é necessário entender no pensamento espírita há espíritos que são atraídos pelas pessoas. Segundo eles, os espíritos superiores são aqueles que vem até a pessoa, pela vontade da mesma, para instruí-la e ajudá-la a melhorar. Quanto maior o desejo de fazer o bem, mais se afastam destas pessoas os espíritos inferiores, que são considerados os maus, e que procuram então pessoas que tenham maus instintos. Aqui se estabelece a máxima: fazer o bem e não o mal, e é por isso que o espiritismo adotou o slogan: *“Fora da caridade não há salvação”*.³¹

A partir deste princípio, cada pessoa encontra uma regra universal para se conduzir diante das ações, e os espíritos, que estão ocultos, julgam as intenções de cada pessoa. Conforme a conduta é que se recebe os castigos, porém, não há faltas que não possam ser apagadas, através das diferentes existências, nas quais permitem um progresso. Cada pessoa segue os seus desejos e se esforça até alcançar a perfeição.³²

²⁸ OLIVEIRA, 2002, p. 43.

²⁹ MARTIN, 1993, v. 4, p. 92.

³⁰ SBEE. **Jesus e a moral cristã**. Sociedade brasileira de estudos espíritas. Disponível em: <<http://www.sbee.org.br/jesus-e-a-moral-crista/doutrina-dos-espíritos/princípios/jesus-e-a-moral-crista>>. Acesso em: 26 nov. de 2016.

³¹ MOREIRA, 1997, p. 16.

³² FERREIRA, 1959, p. 10.

3. A BÍBLIA E SUA ORIENTAÇÃO SOBRE O ESPIRITISMO

Diante da utilização da Palavra de Deus pelo espiritismo, buscando através de textos isolados e mal interpretados fundamentar as suas práticas e doutrinas, é importante verificar o que a teologia bíblica aborda sobre este assunto, abordando as principais doutrinas de forma individualizada.

3.1 A Bíblia nega a reencarnação

A Bíblia deixa claro que quando o homem morre, este morre uma única vez. Segundo o texto de Eclesiastes 12.7, sem entrar em pormenores, o texto diz que o corpo volta ao pó e o espírito volta a Deus. Outro texto que apresenta esta ênfase é o de Hebreus 9.27, onde fala que aos homens está ordenado morrer uma só vez e depois disso vem o juízo. Se de fato houvesse reencarnação, à Bíblia apresentaria que existem várias mortes físicas, mas não é este o ensino. Existem outros textos que os próprios espíritas tentam usar para embasar a teoria, entretanto a interpretação destes textos é totalmente errônea e condicionada pelos seus ensino.³³ Oliveira diz que:

A Bíblia jamais faz qualquer referência à palavra "reencarnação", tampouco confunde-a com a palavra "ressurreição". Segundo o dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, "reencarnação" é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existências com um só espírito; enquanto a palavra "ressurreição", no grego, é anástasis e égersis, ou seja, levantar, erguer, surgir, sair de um local ou de uma situação para outra. No latim, "ressurreição" é o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se. Biblicamente, entende-se o termo "ressurreição" como o mesmo que ressurgir dos mortos, e, em linguagem mais popular, união da alma e do espírito ao corpo, após a morte física.³⁴

Um dos exemplos de pessoa reencarnada, citado pelos espíritas e que tem ligação com a Bíblia, é o profeta Elias. Utilizando textos como o de Mateus 17.10-13 e o de Mateus 11.14, os espíritas procuram comprovar que João Batista era a reencarnação de Elias. Há um erro hermenêutico nestas afirmações espíritas, pois os judeus não acreditavam em reencarnação e a associação de João Batista a Elias é meramente um argumento ilustrativo, mostrando ser este profeta contemporâneo alguém que veio "aos moldes" daquele profeta importante do Antigo Testamento. Além disso, pode-se usar um argumento espírita para comprovar que João Batista não era Elias reencarnado. Segundo a crença espírita, a pessoa se manifesta de forma visível similar à sua última reencarnação. Neste caso, no monte na transfiguração, ao invés de os discípulos enxergarem Moisés e Elias conversando com Jesus, deveriam ter visto Moisés e João Batista, pois este último já havia sido decapitado.

³³ MOREIRA, 1997, p. 79.

³⁴ OLIVEIRA, 2002, p. 31.

3.2 A Bíblia condena a comunicação com os mortos

Antes de apresentar os argumentos e refutações, tudo o que o cristão necessita para viver já está revelado na Palavra de Deus, ou seja, na Bíblia, e por isso não há necessidade de consultar outros, sejam vivos ou sejam mortos. Deus ao proibir a consulta aos mortos, segundo o texto de Deuteronômio 18.9-12, não proíbe porquê eles podem se comunicar com as pessoas vivas, mas proíbe porque a prática é facilmente manipulada e pessoas são enganadas por estes supostos videntes que não tem condição nenhuma de prever o futuro e também porque quando ocorre alguma manifestação sobrenatural, quem se manifesta são espíritos demoníacos e enganadores que induzem estas pessoas inocentes e mal instruídas em suas decisões futuras. É importante frisar mais uma vez que nem todas as manifestações em sessões espíritas são demoníacas, pois muitas delas são mero engodo produzido pelos médiuns que o fazem para enganar os seus adeptos.³⁵

As Escrituras, de modo geral, mostram que os mortos, além de não poderem fazer nada, também tem parte com o que acontece aqui na terra. Eclesiastes 9.5-6, fica claro que os mortos nunca mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol, e o livro de Jó 7.9-10, também faz alusão a esta verdade. Como dito anteriormente, a proibição de Deus a consulta aos mortos não prova que havia possibilidade de comunicação com eles, mas prova que havia a consulta, o que não significa comunicação real com eles.³⁶

3.3 A Bíblia e Deus

Dentre os principais fatos a respeito de Deus, que são revelados na Bíblia para a refutação da crença espírita, primeiramente é que Deus é um ser pessoal, Ele é o único capaz de se relacionar com outros seres pessoais. Gênesis 1.3 e Hebreus 1.1-2 mostram como Deus falou diversas vezes e de diversas maneiras de forma pessoal. Outro aspecto importante é que Deus tem sentimentos: Ele sente misericórdia (Sl 103.8,13); Ele é amoroso (1Jo 4.8); Ele possui vontade própria (Rm 5.5); Ele não pode ser manipulado, (Sl 115.3).³⁷

Deus está presente no mundo que criou, porém não se mistura com a criação, Ele existe separado dela. É uma questão lógica: Deus existe independente da criação existir, agora a criação não existe sem Deus. Muitos espíritas acham que tudo é Deus e que existem outros deuses. Em Deuteronômio 6.4, Isaías 43.10; 45.5-6, fica clara a unidade de Deus e a demonstração sua natureza divina e indivisível.³⁸

A doutrina da Trindade também é negada pelos espíritas. Esta doutrina, embora não apareça com este nome nas Escrituras Sagradas, é claramente manifesta em toda a Bíblia. Um dos momentos altos de manifestação é o batismo de Jesus. O Deus revelado na Bíblia é um Deus que se manifesta nestas três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, sendo apenas um Deus,

³⁵ MARTIN, 1993, v. 4, p. 124.

³⁶ OLIVEIRA, 2002, p. 35.

³⁷ MARTIN, 1993, v. 4, p. 93-95.

³⁸ MARTIN, 1993, v. 4, p. 97.

mas, na unidade da Divindade, há três pessoas eternas e iguais entre si, idênticas em substância, mas distintas em existência. Negar a Trindade é negar a existência de Deus.

3.4 A Bíblia e Cristo

Inicialmente tanto a pessoa de Cristo quanto seus ensinamentos são significativos para o cristão. As Escrituras não mostram o homem evoluindo em direção a Deus, mas mostra a história de Deus que se revela ao homem, por meio de Cristo, conforme o texto de Hebreus 1.1-3, Ele é a Suprema Revelação, a imagem de Deus.³⁹

Em Cristo, havia duas naturezas coexistindo: divina e humana. A Bíblia apresenta vários textos que se referem a humanidade de Cristo, como João 8.40, Atos 2.22, Romanos 5.15, 1 Coríntios 15.21; também são inúmeros os textos que se reportam à Sua divindade, como o de João 1.1; 1.18; 20.28, Romanos 9.5 onde Jesus é chamado de Deus. Outro fato interessante sobre Cristo, é que em 1 Coríntios 15.3,5, Paulo deixa claro que a missão de Cristo neste mundo foi salvar e resgatar os pecadores. Hebreus 7.26, também mostra que Cristo foi superior aos homens. A Bíblia também vai apresentar Cristo como profeta, sacerdote e rei e nunca como um médium, os textos de Atos 3.19-24 e Filipenses 2.9-11 deixam claro isso.⁴⁰

3.5 A Bíblia fala como o homem pode obter a salvação

A Bíblia mostra que a salvação é obra divina e não um esforço humano, além disso, o sofrimento que Cristo enfrentou na cruz tinha por objetivo purificar os pecadores dos seus pecados.⁴¹ Martin diz que:

A verdade revelada nas Escrituras é esta: Deus não nos salva com base em quaisquer méritos pessoais nossos, mas unicamente por sua graça, “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.23,24).⁴²

Portanto a salvação não depende de sucessivas reencarnações e muito menos é obtida pelas obras praticadas. As boas obras não podem ajudar e nem salvar nenhuma pessoa, o que está de acordo com o texto de Efésios 2.8,9, onde Paulo, diz que é pela graça de Deus que o ser humano é salvo, mediante a fé. As obras na realidade são consequências da fé em Cristo, conforme 2 Coríntios 5.17. Quando se volta de fato para Cristo, abandona-se as práticas más, logo as boas obras são as manifestações do amor que a pessoa tem em Deus.⁴³

4. FORMAS PRÁTICAS DE EVANGELIZAÇÃO DO GRUPO

Antes de entrar nas práticas de evangelização é necessário fazer algumas ressalvas, sendo a primeira, que não se deve forçar e nem brigar com as pessoas para evangelizá-las.

³⁹ MOREIRA, 1997, p. 93-94.

⁴⁰ RINALDI; ROMEIRO, 1996, p. 192-193.

⁴¹ FERREIRA, 1959, p. 137.

⁴² MARTIN, 1993, v. 4, p. 145.

⁴³ MARTIN, 1993, v. 4, p. 146-147.

Embora os cristãos conheçam a verdade, deve-se sempre respeitar a pessoa. Este respeito abre portas para a evangelização inclusive. Jesus, nas suas abordagens sempre partia daquilo que a pessoa sabia, para então leva-la a um conhecimento maior e mais profundo. Segundo, quem toca a pessoa e a convence dos seus pecados é o Espírito Santo, portanto independente da estratégia utilizada, deve-se orar anteriormente para que Deus abra os olhos destas pessoas. Terceiro, o cristão por conhecer a verdade deve apresentá-la as outras pessoas, isto é missão de todos os cristãos.

4.1 Mostrar a questão moral

A reencarnação é um dos pontos principais dentro do espiritismo. Segundo a concepção deles, a cada reencarnação existe um progresso moral. Partindo desta lógica, cabe ao cristão mostrar que ao lado da evolução tecnológica acontece uma involução moral, basta atentar para as revistas, jornais, televisão, onde a cada dia aumentam os índices de violência, o tráfico de drogas, entre outros. Estes índices nunca foram tão elevados como na atualidade. O cristão pode mostrar que em vez de haver uma melhoria, o mundo está piorando, e há claros indícios para isso. Esta perspectiva encontra respaldo no texto de 2 Timóteo 3.1-4, que deixa claro que nos últimos tempos o mundo de fato iria piorar.⁴⁴

4.2 Mostrar que o espiritismo não é o cristianismo autêntico

É provável que durante o diálogo, os espíritas batam na tecla de que a doutrina espírita ensina a prática do cristianismo, tornando a pessoa um bom cristão, que combate seus defeitos e pratica os ensinamentos de Jesus. Mas se isso fosse verdade, ou seja, de que o espiritismo é capaz de produzir um cristão autêntico, seria necessário que o mesmo tivesse sua base na Bíblia e suas crenças fossem as mesmas do cristianismo histórico, o que não é o caso.⁴⁵

Muitas das crenças do espiritismo se baseiam no Livro dos Espíritos, obra de Kardec. Allan Kardec, faz questão de remover da Bíblia tudo o que ela diz contra o espiritismo, na tentativa de enganar os cristãos. Os espíritas negam as principais doutrinas cristãs, como a inspiração divina da Bíblia, a Trindade, a deidade de Cristo, a ressurreição corporal de Jesus, a redenção por Cristo, a existência de céu e inferno, a existência do diabo e demônios e os milagres de Jesus.⁴⁶ É um pseudocristianismo que usa uma Bíblia mutilada, com textos sem contexto, escolhidos por líderes que querem enganar pessoas.

4.3 Mostrar que não é possível se comunicar com os mortos

Caso alguém afirme que já conseguiu se comunicar com os mortos, certamente não é o espírito de alguém que já faleceu. É necessário explicar que segundo a Bíblia (embora eles não creem na inspiração dela, mas apenas a usam para encontrar base para suas doutrinas), em

⁴⁴ MARTIN, 1993, v. 4, p. 137.

⁴⁵ RINALDI; ROMEIRO, 1996, p. 188-189.

⁴⁶ RINALDI; ROMEIRO, 1996, p. 189-197.

nenhum lugar ela diz que é possível entrar em contato com os espíritos dos mortos. Jesus, no texto do rico e Lazáro, em Lucas 16.19-31, mostra que há um grande abismo entre a habitação dos mortos justos e injustos, e que não é possível falar com os vivos.⁴⁷

Jesus afirmou que aqueles que endurecem seus corações contra a palavra de Deus, que veio por intermédio de Moisés e dos profetas, não darão ouvidos a alguém que ressuscite. Isto está comprovado pelo que rejeitam o Evangelho de Jesus Cristo hoje. Ele ressuscitou mesmo dos mortos e ainda assim as pessoas rejeitam Sua palavra.⁴⁸

Um texto que é bastante usado para defender que há possibilidade de comunicação com os mortos é o texto de 1 Samuel 28.11-19, porque o texto parece validar os poderes da feitiçaria que a Bíblia condena de forma clara em outros livros, como no de Êxodo 22.18, Levíticos 20.6,27, Deuteronômio 18.9-12 e Isaías 8.19.⁴⁹ Existem várias interpretações deste texto, mas a Bíblia não apresenta contradições. O que se pode compreender é que o verdadeiro profeta é medido pela veracidade das suas palavras, e como a profecia predita no livro de Samuel não se cumpriu, com certeza não foi o profeta Samuel que interagiu com aquela feiticeira. Na profecia diz-se que:⁵⁰

Saul e seus filhos estariam com Samuel (mortos). Nem todos os filhos de Saul morreram no combate. Disse que seria entregue nas mãos dos filisteus. Saul não foi apanhado vivo pelos filisteus, mas suicidou-se. Dessa forma percebe-se pela profecia do suposto “Samuel” que ele não pôde falar a verdade, sendo, portanto, um demônio, e não o espírito do profeta. Além do mais, a Bíblia não diz que Saul viu o “profeta”, e sim que a feiticeira viu. Satanás, e não o profeta, falou através da feiticeira.⁵¹

É necessário mostrar que Satanás, é o pai da mentira (Jo 8.44), ele também consegue imitar a realidade (Êx 7.22, 8.7), ele se transforma em anjo de luz (2Co 11.14), ele tem o poder para realizar milagres (2Ts 2.9). Através destas artimanhas o inimigo tem enganado diversas pessoas e aquelas que se envolvem principalmente com estas práticas correm o risco de ficarem presas neste grande engano.⁵²

É interessante destacar ainda neste texto que não é a feiticeira que diz que a pessoa que ela vê é Samuel. Saul, que está diante dela, é quem nada vê mas que afirma ser Samuel diante da descrição da pessoa que a feiticeira supostamente diz ver. Além disso, como Saul mandou matar todas as feiticeiras do território de Israel, o espanto da mesma está ligado ao que ela vê, mas não diz respeito ao sobrenatural, mas ao reconhecimento do rei que havia proibido a prática do ocultismo e que agora estava diante desta farsante. O texto todo é um engodo da mulher para com Saul. Ele é levado a acreditar que Samuel lá estava. Não havia nenhum

⁴⁷ MCDOWELL; STEWART, 1992, p. 170-171.

⁴⁸ MCDOWELL; STEWART, 1992, p. 171-172.

⁴⁹ GEISLER, Norman L.; RHODES, Ron. **Respostas ás seitas**: Um manual popular sobres as interpretações equivocadas das seitas. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 77-78.

⁵⁰ GEISLER; RHODES, 2001, p. 79.

⁵¹ GEISLER; RHODES, 2001, p. 79.

⁵² OLIVEIRA, 2002, p. 38.

Samuel e, na pior e mais extrema hipótese, houve ali uma manifestação de um espírito mau. Nada mais.

4.4 Mostrar o plano da salvação

O espiritismo prega que a salvação depende do ser humano, basta ser uma pessoa boa. Muitos pensam desta maneira, o que é um grande equívoco, entretanto é necessário mostrar que a salvação vem pela graça de Deus. O grande problema da humanidade é o pecado, aquilo que desagrade a Deus e o texto em Romanos 3.23, deixa claro que todos erraram e estão afastados de Deus. Deus ama os pecadores, porém, o pecado separa o homem de Deus e nenhum esforço humano, seja ele o sofrimento ou as boas obras, pode aproximar o homem de Deus novamente.

Entretanto, Deus amou o mundo e enviou seu Filho, João 3.16, para dar a vida dele em resgate de muitos. Conforme Marcos 10.45 Jesus Cristo não veio apenas para ensinar verdades as pessoas, Ele é a verdade como o texto de João 14.6 destaca. Cristo se ofereceu para morrer no lugar dos pecadores para que estes pudessem alcançar a salvação (1Pe 3.18 e 2.24). É importante entender que o cristianismo apresenta um caminho muito superior ao espiritismo: a salvação é um presente, sem o mérito e esforço humano. Enquanto os espíritas se matam para alcançar o que não existe, Cristo oferece gratuitamente a verdadeira salvação. Não há necessidade do ser humano pagar pelos seus pecados, eles já foram pagos por Cristo.⁵³

4.5 Algumas questões de lógica ainda

Os espíritas dizem que a reencarnação é um processo de aperfeiçoamento espiritual pelo qual todos os homens precisam passar, e ao alcançarem a perfeição, estes se unem a Deus. Nesta linha de pensamento seria lógico concluir que a população humana deveria diminuir com o passar do tempo, uma vez que se espera que algumas poucas pessoas de fato alcancem as dimensões superiores, mas não é o que se observa na atualidade.

O próprio termo utilizado para as diferentes vidas não deixa claro o que os espíritas pensam sobre a vida após a morte. Reencarnar é um termo que deveria ser entendido com o termo ressuscitar, pois reencarnar é reassumir o corpo, e não receber outros corpos como alegam.

Ainda cabe ressaltar que as próprias irmãs Fox, em desentendimentos futuros, declararam aos meios de comunicação terem inventado todas as histórias ligadas à sua casa, mostrando como faziam os supostos barulhos tidos como sendo a comunicação do espírito do homem lá assassinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas o espiritismo, em suas diversas formas, representa um desafio para o cristianismo. Ele se vale de seus argumentos, livro e algumas doutrinas, dando a ideia de

⁵³ MARTIN, 1993, v. 4, p. 145-147.

similaridade, proximidade e até de continuidade, enganando a muitos que não tem grande embasamento bíblico e estão fragilizados pela perda de algum familiar.

Este trabalho apresentou os detalhes sobre o surgimento desta seita com destaque à estória criada pelas irmãs Fox e a dogmatização desta experiência por Allan Kardec; apresentação das principais crenças, como a reencarnação e a comunicação com os mortos, mostrando que ambas não têm a menor compatibilidade com o cristianismo histórico; e o apontamento de argumentos diante dos questionamentos apresentados por este grupo religioso com base na Palavra de Deus. Buscou-se também apresentar alguns pontos chaves na conversação com um espírita que podem ser fundamentais na hora da evangelização. Nestes destaques apontou-se alguns c

Destaca-se aqui que o cristão deve ser humilde e totalmente dependente de Deus em todas as suas abordagens. É Deus, pelo Espírito Santo, que convence sobre a condição de pecador, no tempo certo. Deve-se orar por estas pessoas e fazer aquilo que está ao nosso alcance. Salta aos olhos também a necessidade que se tem de conhecer a Palavra de Deus com profundidade para que estas doutrinas faltas, transvestidas de cristianismo, não encontrem espaço na vida dos cristãos.

REFERÊNCIAS

CORREIO ESPÍRITA. **Princípios básicos da doutrina espírita**. Rio de Janeiro: Centro cultural correio espírita, 2004. Disponível em: <<http://www.correioespirita.org.br/conheca-o-que-e-a-doutrina-espirita/os-principios-basicos-da-doutrina-espirita>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FERREIRA, Júlio Andrade. **O espiritismo**: uma avaliação. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

GASSON, Rafael. **The Challenging Counterfeit**. Plainfield, NJ: Logos Books, 1970.

GEISLER, Norman L.; RHODES, Ron. **Respostas às seitas**: um manual popular sobre as interpretações equivocadas das seitas. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

GREGORIO, Sérgio Biagi. **O espiritismo no brasil**: suas origens de 11 de outubro de 1992. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br/artigo/origens-do-espiritismo-brasil.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

KALLER, Donald W. **Seitas I**: um estudo programado. Patrocínio: CEIBEL, 1989.

MARTIN, Walter. **O Império das seitas**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1993. Vol. 4.

MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo o oculto**: um manual das religiões de hoje. Interlagos: Candeia, 1992.

MOREIRA, Reginaldo Pires. **Grandes verdades sobre o espiritismo**: Uma análise crítica. Rio de Janeiro: JUERP, 1997.

OLIVEIRA, Raimundo. **Seitas e heresias**: um sinal do fim dos tempos. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

PERCÍLIA, Eliene. **Psicografia**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/religiao/psicografia.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. **Desmascarando as seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

SBEE. **Jesus e a moral cristã**. Sociedade brasileira de estudos espíritas. Disponível em: <<http://www.sbee.org.br/jesus-e-a-moral-crista/doutrina-dos-espirtos/principios/jesus-e-a-moral-crista>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

SPENCE, Lewis. **Table-turning**. An encyclopaedia of occultism: a compendium of information on the occult sciences, occult personalities, psychic science, magic, demonology, spiritism and mysticism. Londres: George Routledge & Sons.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O SENTIDO DA AMIZADE E DO AMIGO NOS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO E NA LITERATURA DO MUNDO GREGO-ROMANO

The sense of friendship and friend in the texts of the New Testament and in the
literature of the Greek-Roman world

Efstathios Tsotsos¹

RESUMO

Este trabalho analisou o sentido dos termos Amizade (Filía – Φιλία) e Amigo (Fílos – Φίλος) nos textos do Novo Testamento partindo de um olhar comparativo da literatura greco-romana. O assunto não se esgotou nem analisou todas as citações e termos que se referem aos livros do Novo Testamento, mas tratou das principais fontes e dos escritores da época comparadas principalmente com os evangelhos de Lucas e João. A escolha dos dois evangelistas ocorreu porque o sentido da amizade nestes escritos é mais amplo, mais significativo e mais teológico. Os escritores do mundo greco-romano são contemporâneos ou pouco posteriores aos evangelhos (3º século a.C – 2º d.C) e por isso a comparação dos sentidos da Amizade e do Amigo é pertinente aos seus escritos. A seleção das obras literárias sobre o assunto foi mais qualitativa do que quantitativa e se fez tendo em vista o propósito de passar uma representação ou figura indicativa e explicável da questão da Amizade e do Amigo dentro de uma época complexa e fluida, como era a época greco-romana.

Palavras-chaves: Amizade. Amigo. Literatura greco-romana. Evangelhos de Lucas e de João.

ABSTRACT

The proposal of this work is to analyze the meaning of the terms of friendship (Filía – Φιλία) and friend (Fílos – Φίλος) to the texts of the new commitment, from a comparative

¹ O autor é graduado em Teologia da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí, RS, Pós-graduado em Novo Testamento Aplicado (FABAPAR) e Mestrando em Teologia pela FABAPAR: E-mail: evastathis_gr@hotmail.com

overview of Greek Roman literature. The goal is not to exhaust the subject in all of situation from all old sources, neither to analyze all of citations of these terms, which refers to the new commitment books, but to treat the study of the main sources and the writers on those days, compared mainly with the gospel of Luke and John. The choice of the two evangelist that whereby short article it is hard to analyze, it occurs because the meaning of the friendship, in yours write is more vast, more significant and more theological. The writers from the world's Greek Roman are contemporary or remotely subsequent (3rd Century B.C – 2nd A.C) that's why the comparison of the sense of friendship and friend are relevant to their write. The selection of literatures work about the subject is more qualitative than quantitative and it makes sense having in mind the idea of revealing a presentation detailed and explainable about friendship and friend in a complex and fluid season, how was the epoch Greek Roman.

Key words: Friendship, friend, literature Greek Roman, Luke and John Gospel

INTRODUÇÃO

O ser humano, na sua história e em qualquer ambiente social que estava vivendo, sentia a necessidade de criar relacionamentos de amizade. Nos tempos contemporâneos, o amigo/amiga é aquele indivíduo que desenvolve relações sociais (estreitas), as quais são baseadas no amor recíproco, na compaixão e estima. Em consequência disso, amizade é a estreita relação social que se desenvolve entre duas ou mais pessoas com base no amor recíproco, compaixão e estimação.² A Amizade pode existir entre homens e mulheres, irmãos, namorados, maridos, parentes, ou seja, pessoas com diferentes vínculos. É um relacionamento social voluntário de intimidade. Algumas bases do sentimento de amizade são a reciprocidade do afeto, ajuda mútua, compreensão e confiança.³

Com essas definições atuais, fica claro que a dimensão atual do sentido da amizade tem caráter social e emocional. Porém, no mundo antigo, o sentido do termo Amizade era algo mais do que aquilo que o homem⁴ contemporâneo considera um relacionamento comum do dia a dia. Na pós-modernidade a partir da tentativa de interpretar os textos antigos, tem se concluído que muitos termos atuais eram percebidos de maneira diferente das pessoas ao redor do mar Mediterrâneo no 2º século a.C. Através do estudo desses povos, o estudioso pode perceber informações a respeito de questões como honra, inveja, amizade, patrocínio, vingança, refeições (especialmente as jantares), estrutura dos colégios (grupos sociais fechados), dentre outros aspectos.⁵ Uma dessas questões era o sentido da amizade.

² “Κατά συνέπεια, φιλία είναι ή στενή κοινωνική σχέση πού αναπτύσσεται ανάμεσα σε δύο ή περισσότερα άτομα και πού βασίζεται στην αμοιβαία αγάπη, συμπάθεια και εκτίμηση.” Άργυριάδου, Α. *Η έννοια τής φιλίας και τού φίλου εις τά κείμενα τού έλληνορωμαϊκού κόσμου και τής Καινής Διαθήκης*. Διακειμενική έρμηνευτική προέγγιση. σ. 13. A tradução é do autor.

³ <https://www.significados.com.br/amizade> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

⁴ Homem diz respeito ao ser humano e não a questão de gênero.

⁵ “Από τήν μελέτη αυτών τών λαών μπορεί κανείς νά λάβει πληροφορίες πού αφορούν θέματα όπως, ή τιμή, ό φθόνος, ή φιλία, ή πατρωνία, ή εκδίκηση, τά δείπνα, ή δομή τών κλειστών κοινωνικών ομάδων (μαθητές), και άλλα παρόμοια.” MALINA, Β. J. *Κριτική Προέγγιση με τη βοήθεια των Κοινωνικών Επιστημών*, στον τόμο Αναζητώντας το Νόημα, μία Εισαγωγή στην Ερμηνεία της Καινής Διαθήκης, επιμ. Paula Gooder, σ. 21.

Outro fator que o leitor deve levar em conta é a mudança do conteúdo significativo das palavras. É lógico e natural, na passagem do tempo, o vocabulário de uma língua se enriquecer, ampliar-se e se modificar por causa dos progressos que acontecem e do rumo histórico da humanidade. A vinda de Jesus Cristo no mundo não mudou somente a maneira de viver e de pensar da sociedade, mas o ponto de vista dos valores e dos seus sentidos. Um dos termos que atingem novo conteúdo sob a luz do ensino de Jesus é o sentido da *Φιλία* (Amizade).⁶

No Léxico do Novo Testamento do Louw – Nida escreve sobre o vocábulo *filos* (amigo); “*φίλος* - (amigo): substantivo, uma pessoa do sexo masculino com a qual alguém se associa e em relação à qual existem afeição e apreço pessoal – amigo (*φιλεῖ*)”. Em algumas línguas, há termos diferentes para diferentes tipos de amigos. Em outras palavras, há uma diferença entre amigos íntimos, com os quais se convive constantemente, e um círculo mais amplo de pessoas com as quais se tem amizade, mas que não fazem parte do grupo de amigos mais chegados. Nesses casos, “a escolha do termo para ‘amigo’ vai depender de cada um dos contextos”.⁷

Os autores J. H. Moulton e G. Milligan, no seu Léxico do Novo Testamento, apresentam o uso das palavras *Amizade* e *Amigo*, que foram descobertas em papiros e inscrições no período greco-romano. Os autores desse Léxico não usam em versos paralelos textos da literatura erudita, considerando que esses sentidos no Novo Testamento atribuem à compreensão comum e popular sobre a Amizade.⁸ Apesar de os relatos formais do termo *Amizade* serem bem poucos aos escritos do Novo Testamento, devido à extensão dos seus textos, o sentido da amizade percorre todos os Evangelhos e também as cartas de Paulo. Isso acontece porque “o antigo ideal da amizade não era simplesmente de compartilhar ideias e emoções. Incluía a participação verdadeira na vida do amigo através de práticas concretas. O Novo Testamento apresenta um tipo dessas práticas e de que essa “*koinonia* – comunhão” era uma expressão ideal da amizade”.⁹

Levando em conta os parâmetros mencionados anteriormente, este trabalho vai tratar, em primeiro lugar, do significado e uso dos termos *Amizade* e *Amigo* pelos escritores do mundo greco-romano e, na sequência, haverá a comparação dos mesmos termos nos evangelhos de Lucas e João, pois muitos estudiosos afirmam que tais termos em todo o Novo Testamento consistem em parte da literatura grega da sua época.¹⁰

⁶ “*Ἡ ἔλευση τοῦ Χριστοῦ στὸν κόσμον δὲν ἀλλάξε μόνον τὸν τρόπο ζωῆς καὶ σκέψης τῶν ἀνθρώπων, ἀλλὰ καὶ τὴν θεώρηση τῶν ἀξιών καὶ τῶν ἐννοιῶν του. Μία ἀπὸ τίς ἐννοιες ποῦ ἀποκτοῦν νέο περιεχόμενο θπὸ το φῶς τῆς διδασκαλίας τοῦ Χριστοῦ εἶναι ἡ ἐννοια τῆς φιλίας.*” Αργυριάδου, 2014, p. 141. A tradução é do autor.

⁷ LOUW, J. P.; NIDA, E. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Baseado em domínios semânticos, p. 399.

⁸ MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G. **Vocabulary of the Greek Testament**, *φιλία*, 5373, p. 670 και *φίλος*, 5384, p. 671.

⁹ JOHNSON, L. T. “Making Connections. The Material Expression of Friendship in the NT”, **Interpretation**, 58 (Apr. 2004), p. 158.

¹⁰ Dado que, se isentar poucos versos, os escritores do Novo Testamento nas suas citações às “Escrituras”, fazem uso da tradução grega, a Septuaginta, entende-se que os livros da Bíblia faziam parte da literatura antiga de muitos escritores e poetas na época helenística, como eram: Demétrios Falireos, Aristéas, Polistor Alexandro, o poeta Calimáco Cirineu, Teócrito, Licofron e outros. Mais informações sobre os escritores que fizeram uso a Septuaginta, veja na obra de: *Οικονόμος, Κ. Περί τῶν Ὁ Ἑρμηνευτῶν τῆς Παλαιᾶς Θείας Γραφῆς. Τ. 2º σ. 589-594*. Contemporâneos dos escritores do Novo Testamento e pouco posteriores deles, estão: *Χαρίτων, Λόγγος, Ἡλιόδωρος, Λουκιανός ο Σαμοσατέας* e outros. Αργυριάδου, Α. σ. 140.

1. OS TERMOS AMIZADE E AMIGOS NA LITERATURA GREGA CLÁSSICA E HELENÍSTICA

A filosofia moral, presente nos ensinamentos de Sócrates, que estão apresentados na obra de Platão e progressivamente nos escritos/obras de Aristóteles,¹¹ constituiu o âmbito de desenvolvimento teórico de termos como virtude, coragem, felicidade, prazer, inveja, glória e lisonja, os quais influenciaram os escritores posteriores do mundo greco-romano a tratar em seus escritos da busca sobre essas expressões. Um deles é o sentido da Amizade (*φιλία*) e do Amigo (*φίλος*).¹² A palavra filia (amizade) se encontra pela primeira vez em Teógnis, depois em Heródoto, em Eurípides e outros escritores clássicos (não se encontra nos poetas Ésquilo e Sófocles).¹³ Mas, o principal escritor que trata de amizade e influenciou os escritores posteriores é Aristóteles (384 a.C – 322 a.C).¹⁴ Para este e para os filósofos que o seguiram, a amizade não era uma relação conforme as circunstâncias e temporária. Principalmente em sua obra sobre Amizade, Aristóteles esclarecia a obrigação recíproca social na qual era baseada a *πόλις* – polis.¹⁵ No ideal da democracia de Atenas, a relação entre os amigos era uma relação entre os *ομοίους* – iguais, que contribuía simultaneamente na ética pública e na qualidade do cidadão, isto é, alguém que era bom amigo significava, por definição, que era bom cidadão.¹⁶ A existência da amizade e outros termos ligados a ela, como as virtudes – *ἀρετές* – a ‘coragem’, *ἀνδρεία* – ‘valente’ e a *δικαιοσύνη* – ‘justiça’ na cidade-estado, garantiam a função segura do regime democrático.¹⁷

Essa posição de Aristóteles se apresenta com ênfase na sua obra *Ἠθικά Νικομάχεια* – Ética a Nicômaco: “É verdade que o homem moral faz muitas coisas pelo favor dos seus amigos e para a sua pátria, mesmo se está disposto a morrer pelo seu favor [...] Também, ele deixa seus amigos agirem no lugar dele, pois é muito melhor fornecer a possibilidade ao seu amigo de operar uma *πράξις* – ação do que operá-la ele mesmo”.¹⁸ Portanto, para Aristóteles, a

¹¹ Principalmente as obras de Aristóteles, *Ἠθικά Νικομάχεια*, *Ἠθικά Εὐδήμεια*, *ἀλλὰ καὶ Ῥητορική, Πολιτικά καὶ Μεταφυσικά*. καὶ στο ἀμφισβητούμενο ἔργο του *Μεγάλα Ἠθικά*. 8

¹² Ἀργυριάδου, 2014, p. 7.

¹³ *Θέογνις*, ἀπόσπ. 306, «ἄνδρεςσι κακοῖς συνθέμενοι φιλίαν», (homens maus constituem amizade); Teógnis era poeta que viveu no 6º século a.C. e escreveu uma coleção de elegias (1400 pelo menos versos). Trata-se, principalmente, de concelhos que se dirigem num jovem, o Cyrno, e expressam a ética de aristocracia. Teógnis afirma ao Cyrno, pelo qual escreveu as suas elegias, que graças na sua poesia, tem sido garantido a imortalidade. Disponível em: http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient_greek/anthology/literature/browse.html?text_id=63. A tradução é do autor. A palavra, amigo – *φίλος*, encontra-se também, nas obras de **Esquilos** 120 vezes, e nas obras de **Eurípides** 135 vezes. Ἀργυριάδου, 2014, p. 7.

¹⁴ Aristóteles, na sua obra *Ἠθικά Νικομάχεια* – Ética à Nicômaco, dedica dois dos dez livros seus no total (*βιβλία Θ' - Ἰ Περὶ τῆς Φιλίας*), e na sua obra *Ἠθικά Εὐδήμεια* – Ética à Eudímio, dedica um dos oito livros seus no total (*βιβλίο Ζ'*). Ἀργυριάδου, 2014, p. 9.

¹⁵ SCHROEDER, F. M. **Friendship in Aristotle and Peripatetic Philosophers**, no Tomo seletivo de J. T. Fitzgerald (Ed), *Greco-Roman Perspectives on Friendship*, p. 36.

¹⁶ KONSTAN, 1996, p. 90.

¹⁷ O'DAY, G. R. “Jesus as Friend in the Gospel of John”, *Interpretation*, 2004, τ. 58, p. 146.

¹⁸ *Ἀριστοτέλης. Ἠθικά. Νικ. 9.8.1169a 18-20· 32-34, “ἀληθές δέ περὶ τοῦ σπουδαίου καὶ τό τῶν φίλων ἔνεκα πολλά πράττειν καὶ τῆς πατρίδος, κἂν δέη ὑπεραποθνήσκειν. [...] ἐνδέχεται δέ καὶ πράξεις τῶ φίλων προῖεσθαι, καὶ εἶναι κάλλιον τοῦ αὐτόν πράξαι τό αἴτιον τῶ φίλῳ γενέσθαι»*. A tradução em português é do autor.

amizade é entendida num âmbito de obrigações sociais que se emanam da vida comum dos cidadãos na cidade-estado.¹⁹ No entanto, a amizade na obra de Aristóteles se limita entre pessoas iguais e semelhantes – *ὁμοίους καὶ ἰδίους*. Assim, o autor reduz a amizade entre esses dois grupos determinados. Aristóteles “hesita” de estender a amizade como bem entre todas as camadas ou classes dos homens e os diferencia dependendo da sua classe social, cultural e, ainda, entre diferentes idades.²⁰

O filósofo que liga Aristóteles com os Peripatéticos²¹ dos tempos helenísticos e mais tarde com os Estoicos é o seu aluno Teofrasto, escritor de grande número de ensaios filosóficos e científicos.²² Uma questão decisiva que trata o pensamento de Teofrasto sobre a amizade é se é permitido a alguém fazer algo ilegal para salvar o seu amigo.²³ Nesse assunto tão sensível, seguindo o pensamento de Aristóteles, ele expressa a tese de que a ética legítima é superior à posição humana e, portanto, não é necessária a obediência estreita na lei.²⁴ Os amigos devem distribuir tudo entre si e, em consequência disso, não pode existir amizade verdadeira se ‘um deles for’ pobre.²⁵ Também ao Teofrasto pertence a opinião de que os amigos distribuem ainda entre si os seus amigos.²⁶ Assim, porém, é criado um círculo de amigos muito amplo, uma posição que vem em contraste com o pensamento helenístico sobre amizade.²⁷ Teofrasto pertence à época clássica, contudo os seus pensamentos sobre a amizade influenciaram o conteúdo do sentido da amizade no mundo greco-romano, visto que influenciaram o pensamento dos filósofos peripatéticos dessa época.

¹⁹ SCHROEDER, 1997, p. 36.

²⁰ KONSTAN, 1996, p. 68.

²¹ A escola filosófica Peripatética, ou Liceu, foi fundada pelo aluno de Aristóteles, Teofrasto, e continuou o seu curso até o 6º século d. C. Chegou ao seu ponto crucial no 1º século a. C, onde, prevaleciam os Epicuristas e os Estoicos, se bem de que adotaram várias posições de outros filósofos. Eles continuavam a tradição aristotélica, meditando e desenvolvendo as suas obras. Uma seleção indicada de escritos dos filósofos peripatéticos sobre o sentido de amizade se encontra na obra de; *Ἰωάννη Στοβαίου* (Ioánis Stovaiós) *Ἀνθολόγου, Ἐκλογαί Φυσικαί καὶ Ἠθικαί* 2.7.22,11-14 – 2.7.13.80 – 2.7.13.83-89 e aos comentários que escreveu o filósofo Peripatético, *Ἀσπάσιος* (Aspásio), nas obras de Aristóteles, principalmente na *Ἠθικὰ Νικομάχεια* 151.24-25.

²² *Θεόφραστος* – Teofrasto (372 a.C – 287 a.C). Era aluno de Platão e, quando ele morreu, seguiu Aristóteles. Quando os Atenenses deportaram Aristóteles por causa de blasfêmia aos deuses, o filósofo deixou a Teofrasto a sua imensa biblioteca e lhe confiou a direção da sua escola. Teofrasto ficou na direção da famosa escola Peripatética por 25 anos, ensinado continuamente até a sua morte e escrevendo mais de 250 obras. A sua erudição em todas as áreas científicas, seguindo o seu grande mestre (estudou Metafísica, Ética, Política, Legislação, Lógica, Psicologia, Retórica, Poesia, Zoologia, Botânica, História das ciências etc.) fascinou e atraiu na sua escola mais de 2000 alunos. Infelizmente, dos seus escritos sobreviveram poucos fragmentos e apenas duas obras inteiras: História das Plantas (9 livros) e uma obra pequena, mas famosa, os *Χαρακτήρες* – Caracteres (Teofrasto foi o primeiro filósofo que usou essa palavra com o seu sentido metafórico para analisar as características não de exterior da pessoa, mas de seu interior), onde meditou e descreveu sobre o caráter moral do ser humano. <http://mikrosapoplous.gr/theophrastos/theophr0.htm> Acesso em: 13 de fevereiro 2018.

²³ *Θεόφραστος. Απόσπ.* 534.

²⁴ Veja também, *Σοφοκλή. Ἀντιγόνη στ.* 450-460 (Sófocles, Antígone).

²⁵ *Θεόφραστος. Απόσπ.* 536 – 537.

²⁶ *Θεόφραστος. Απόσπ.* 535 (10 74.1.3) «εἰ κοινὰ τὰ φίλων ἐστί, μάλιστα δεῖ κοινούς τῶν φίλων εἶναι τοὺς φίλους».

²⁷ Veja também em, *Πλούταρχο. Περί Πολυφιλίας.* (Plutárco. Sobre Polifilías – Muitos Amigos).

1. 1 A amizade romana pessoal e política

Os escritores intelectuais no período greco-romano, que continuavam a escrever as suas obras no dialeto “ático”, mantinham entendimento comum sobre a Amizade e Amigo, visto que essa permanecia ainda uma virtude social, no entanto, encaixada num mundo diferenciado do mundo clássico.²⁸ Por outro lado, a expansão dos romanos, em toda a bacia do Mediterrâneo (2º século a.C), favoreceu o domínio de usos e costumes e ideias universais, que transformaram os cidadãos das cidades helenísticas em cidadãos-súbditos ou indivíduos num império impessoal (31 a.C, do primeiro imperador romano, Augusto).²⁹

Nessa nova perspectiva, os escritores do mundo greco-romano, em relação à amizade, formulavam as suas posições sob influência da filosofia do período clássico, mas também dentro das novas condições políticas, econômicas e sociais numa época de racionalismo, individualismo e cosmopolita, de insegurança e escolhas ecumênicas,³⁰ em comparação aos correspondentes escritos e das posições bíblicas do Novo Testamento que são apresentadas.

Na literatura latina, a palavra *amicitia* é o domínio semântico do sentido correspondente da *Φιλία* – Amizade Além disso, a palavra *Amicitia* (amizade – filia) tem dimensão teórica e idealística maior que Eros (amor), o qual se refere, principalmente, ao relacionamento corporal entre o homem e a mulher.³¹ A Amizade dos romanos tinha principalmente conteúdo político, pois se tratava de um relacionamento de homens que pertenciam ao mesmo partido político (*populares-optimates*) ou estabeleciam relações no âmbito de troca do benefício (*gratia*) que foi dado a ele.³² Portanto, como na língua grega o sentido do termo Amizade abrange muitas áreas da vida humana, assim, no latim, o conteúdo do sentido da palavra *amicitia* – amizade é imenso e se estende no sentido da intimidade firme e da virtude bem intencionada, até a gentileza que se caracterizam os relacionamentos dos homens que têm as mesmas ideologias políticas e que participam do mesmo grupo político, abrangendo cada grau de relacionamento amigável, seja real ou superficial.³³

O filósofo pioneiro e mais eminente escritor entre os romanos é, sem dúvida, Marco Túlio Cícero (106 a. C – 43 a.C).³⁴ Dentre os ensaios de Cícero que apresentam mais a abordagem teórica na questão da Amizade e do Amigo, sua obra *Laelius*, ou simplesmente *De*

²⁸ Αργυριάδου, 2014, p. 20.

²⁹ Αργυριάδου, 2014, p. 20.

³⁰ Para o período helenístico e das novas perspectivas político-sociais, veja a *Ιστορία του Ελληνικού Έθνους, Μ. Ανδρόνικος, Ο Ελληνικός Κόσμος σε Οικουμενικές Διαστάσεις, τ. Ε', σ. 254-257.*

³¹ Nesse sentido não é necessariamente de esclarecer o conteúdo dos termos amizade (*amicitia*) e amigo (*amicus*) para a língua em Latim, em correspondência do grego, desde que esses termos manifestam relacionamentos diferentes daqueles do parentesco, da origem e da utilidade. Αργυριάδου. Α. σ. 21. Para os conceitos *Amicitia* e amor na literatura latina, veja a obra de WILLIAMS, C. A. **Reading Roman Friendship.** p. 116-173.

³² KONSTAN, 1996, p. 122-123.

³³ BUNT, P. A. **The Fall of the Roman Republic and Related Essays.** p. 381.

³⁴ Outro famoso romano que escreveu sobre Amizade, era Sêneca (4 a. C – 65 d. C), contemporâneo dos tempos apostólicos. Sêneca foi filósofo, escritor, mestre da retórica e estadista romano. Tornou-se conhecido por seus escritos em prosa, foram 124 cartas, um tratado científico intitulado “Problemas Naturais” e uma série de ensaios filosóficos. Tornou-se o principal representante do estoicismo. <https://www.ebiografia.com/seneca/> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

Amicitia, escrita em 44 a.C., é a mais evidente. Cícero era orador, filósofo e político romano e dentre o seu povo o mais acadêmico, na sua teoria mais platônica, e na prática um estoico modesto. A sua opinião sobre o Epicurismo, apesar da amizade que mantinha com alguns dos seus representantes, se refletia sempre em um grande desprezo.³⁵ Sendo assim, os pensamentos do Cícero em relação à amizade não apresentam uma escola filosófica concreta, mas apresentam uma seleção de opiniões múltiplas que revelam a realidade diária da sua época.³⁶

A amizade real na obra de Cícero é baseada no amor natural ou físico, na boa intenção e na integridade.³⁷ Na verdadeira amizade existe um benefício maior por causa da concorrência entre os amigos, ou seja, quem vai beneficiar primeiro o outro. Mas como a base da amizade não deve o seu crescimento à necessidade (benefício), assim não tem como base e não se esforça pelo seu prazer. Para o verdadeiro amigo, a felicidade do seu amigo cresce proporcionalmente à sua alegria, e a sua tristeza o entristece. Essa amizade recíproca e contentamento para com um amigo prevalecem em relação a todos os prazeres do mundo.³⁸ Como parece evidente, o âmbito filosófico de Cícero sobre a amizade é baseado na tradição filosófica de Aristóteles, enquanto que poucos seguiam aquela dos estoicos, que se diferenciava em muitas posições e distingue totalmente da amizade materialista e utilitarista dos epicuristas.³⁹

2. O SENTIDO DA AMIZADE (ΦΙΛΙΑ) E DO AMIGO (ΦΙΛΟΣ) NOS EVANGELHOS DE LUCAS E DE JOÃO

Antes de estudar o sentido da amizade dos dois evangelistas, Lucas e João, é preciso considerar que a palavra Amizade – Φιλία, em todo o Novo Testamento, encontra-se uma só vez (*hápax Legómenon*), (Tg 4.4). O adjetivo Amigo – (Φίλος) na sua forma substantiva apresenta-se 29 vezes,⁴⁰ e no gênero feminino, amiga – φίλη, aparece uma vez (Lc 15.9). O sentido da palavra amigo apresenta também aos textos do Novo Testamento, o termo *ó σός* – sós (pronome possessivo – teu) uma vez (Mc 5.19), o termo *ó ίδιος* – idios (ele mesmo) duas vezes (At 4.23, 24.23) e o termo *ó έταίρος* etairos (associado, pessoa próxima - íntima) três vezes (Mt 20.13, 22.12, 26.50). Fora disso, nas primeiras comunidades cristãs os seus membros se chamavam entre si como amigos.⁴¹ Visto que os seus relacionamentos foram organizados, conforme ao modelo da cidade-estado onde eles viviam, os primeiros cristãos

³⁵ ROSE, H. J. H., *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας*. κεφ. 7ο Ο Κικέρων, τ. Α' σ. 157.

³⁶ FIORE, Benjamin S. J. "The Theory and Practice of Friendship in Cicero", στον συλλογικό τόμο του J. T. Fitzgerald (ed.), *Greco-Roman Perspectives on Friendship*, p. 60.

³⁷ Veja: <https://pt.slideshare.net/isabelapinto94/ccero-marco-tlio-dilogo-sobre-a-amizade-laelius-de-amicitia> e <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/48 Jorge Osorio.pdf> Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

³⁸ CÍCERO. *De Amicitia*. 17.62 - 64

³⁹ FIORE Benjamin, S. J. p. 60-63.

⁴⁰ Φίλος – Amigo: Mt 11.19 (1), Lc 7.6,34· 11.5(2),6,8· 12. 4· 14. 10,12· 15. 6,9,29· 16. 9· 21.16· 23, 12 (15), Jo 3.29· 11. 11· 15.13,14,15· 19. 12 (6), At 10.24· 19.31 · 27.3 (3), Tg 2.23· 4. 4 (2) και 3Jo 15(2).

⁴¹ At 4.23, 24.23, 3Jo. 15.

desfrutavam o lado prático da Amizade.⁴² Esses laços fortes de Amizade mostrava que ela constituía uma questão tão ampla, frequente e contínua em todo do Novo Testamento, tanto que os antigos seus leitores e ouvintes podiam perceber que o ideal da Amizade, penetrava todas as camadas sociais, como eram a família, os parentes, os da mesma idade, os da corte e os colegas do trabalho.⁴³

2.1 O sentido da Amizade e do Amigo no Evangelho de Lucas

No evangelho de Lucas, constata-se que são encontrados, com base na comparação de abordagem do sentido Amizade, pontos de semelhanças com os escritores do mundo greco-romano, como os filósofos Peripatéticos, Epicuristas, Plutarco, Chariton, Filon e os papiros helenísticos. Isso acontece nos outros Evangelhos também, mas Lucas, o escritor do terceiro evangelho e do livro de Atos, aprofunda frequentemente em suas obras a questão das relações sociais e em geral das atividades humanas.⁴⁴

Não é por acaso que os termos Amizade e Amigo em seu evangelho são apresentados 15 vezes. Esses conceitos são encontrados em perícopes que pertencem a várias formas da publicação do Evangelho, como são os ditos de Jesus, parábolas, narrações de milagres e em diferentes estados da sua composição (fontes, intervenção formatável do escritor).⁴⁵ Mesmo em versículos comuns aos sinóticos, dos quais o termo Amigo falta em Mateus e Marcos, no evangelho de Lucas é aparente e acompanha conceitos como parentes e vizinhos. A autora Tsalampouni escreve que “a concentração da palavra Amigo no evangelho de Lucas não deve haver por acaso, mas consiste em uma escolha consciente do escritor e leva um sentido mais profundo”.⁴⁶ Lucas parece que considera as primeiras comunidades cristãs como comunidades de amigos.

Não é fácil determinar as fontes de Lucas; a sua declaração sobre a busca e o estudo de diferentes fontes antes da sua forma ou composição final, mostra que ele se baseou em material preexistente, e buscou pôr em ordem, como ele mesmo escreve em seu evangelho, no começo, (*ἀνατάξασθαι* – tornaram a redigir) Lc 1.1.⁴⁷ Considerando então os relatos formais sobre o sentido da amizade em Lucas como material seu, o termo Amigo aparece pela primeira vez no seu Evangelho, no caso do centurião, que pede a Jesus a cura de seu servo (Lc 7.6). O centurião romano manda os seus amigos avisar a Jesus que não precisa ir até sua casa porque o seu servo já havia falecido. O mesmo caso se encontra nos Evangelhos de Mateus e de João, só que, nesses casos, os amigos não são mencionados; em Mateus, Jesus é impedido pelo próprio centurião de chegar à sua casa com a justificativa de que é pecador (Mt 8 5-13),

⁴² Αργυριάδου, 2014, p. 144

⁴³ Johnson, L. T. Making Connections. The Material Expression of Friendship in the N. T. Interpretcion, 58 (Apr. 2004), p. 159-160.

⁴⁴ Αργυριάδου, 2014, p. 153.

⁴⁵ Τσαλαμπούνη, Αικ. Γ., «Ο ελληνορωμαϊκός ‘τόπος’ περί φιλίας στο κατά Λουκάν Ευαγγέλιον». σ. 462.

⁴⁶ Τσαλαμπούνη, Αικ. σ. 442 – 464.

⁴⁷ Para essa questão hermenêutica, veja a obra de Παπαδημητρίου Κ. «*Η έννοια τής λέξης ‘ἀνατάξασθαι’ στον Λουκά 1,1. Νέο φῶς στή σημασία τῆς καί στον τρόπο συγγραφῆς τοῦ Λουκά*» στο συλλογικό ἔργο *Τό κατά Λουκάν εὐαγγέλιο. Προβλήματα φιλολογικά, ἱστορικά, ἐρμηνευτικά, θεολογικά*, σ. 341 κ.ε.

enquanto que em João, no lugar de seu servo, ele menciona o próprio filho do oficial romano (Jo 4 46b-53).

A ênfase que Lucas dá no termo Amizade aparece em posição de valor nas parábolas de Jesus, as quais pertencem quase todas ao material de Lucas, e não aparecem em outros sinóticos. Essas parábolas são: O Bom Samaritano (10. 25-37); A Grande Festa (14. 15-24)⁴⁸; O Filho Pródigo (15, 11-32); O Administrador Desonesto (16. 1-13) e O Rico e o pobre Lázaro (16. 19-31). Tais parábolas demonstram o valor e a relevância da amizade, como também da hospedagem na época de Jesus, dentro de um âmbito concreto social, econômico e político. A parábola do Bom Samaritano, além do seu fundo teológico – cristológico, trata de uma amizade e dádiva, independentemente de separações raciais, e evoca na memória a amizade ecumênica dos filósofos peripatéticos e do filósofo judeu Filon.⁴⁹

Um caso notável sobre os relacionamentos entre amigos e os limites da amizade no Novo Testamento, em comparação aos papiros helenísticos, é a parábola de Jesus sobre o visitante não convidado que incomoda o seu amigo à noite, a qual está relatada apenas no evangelho de Lucas (Lc 11 5-8). Apesar de o propósito do Senhor Jesus ser demonstrar o poder da oração, no presente texto sobre a amizade, o interesse é observar como se apresenta a relação dos dois amigos através dessa parábola.

O visitante noturno, necessitado, não hesita em incomodar o seu amigo numa hora inadequada. Isso pressupõe a liberdade ou a vontade de fazê-lo, mas se verifica também a posição de que amigo é aquele que atende o outro numa necessidade, conforme a convicção comum em relação aos amigos, no mundo greco-romano.⁵⁰ “A amizade tem um pressuposto; isto é, a hospedagem e também de que alguém pode dividir os seus bens. O exemplo de Lucas apresenta a sua familiarização com os termos de Amizade e de Amigo na sua cultura helenística”.⁵¹

A palavra grega, no versículo 8, do capítulo 15 *ἀναίδειαν* (anaideian), traduzida como “importunação”, conforme a maioria das traduções em português, ocorre somente neste lugar de todo do Novo Testamento. Ela retrata a atitude de um homem que se vê obrigado a mostrar hospitalidade a um amigo que o procurou. No contexto da cultura, ele sai de seus hábitos para providenciar alimento, a fim de suprir as necessidades do seu amigo. Ele está disposto a sacrificar a amizade com o seu amigo vizinho, na intenção de se mostrar bom hospedeiro. [...] assim, o termo negativo “anaideia” significa “persistência desavergonhada”, ou ainda, suavizando o sentido “falta de vergonha” para “ousadia”, transformando-a numa qualidade positiva.⁵²

⁴⁸ Essa parábola aparece também em Mateus 22.1-14.

⁴⁹ Sobre o termo da amizade nas obras de Filon, veja na obra de Αργυριαδου, 2014, p. 118-125.

⁵⁰ Essa convicção aparece principalmente nos papiros do período helenístico, por exemplo, no P. Fay 131. 9-16.

⁵¹ JOHNSON, 2004, p. 160.

⁵² KUNZ, Claiton. **As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**, p. 106-107. Sobre a palavra grega *ἀναίδειαν*, veja: LOUW, J.; NIDA, E. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Baseado em domínios semânticos (Lucas 11.8). A palavra em grego, ἀναίδεια, ἀς (insolência): uma falta de sensibilidade para com o que é adequado – “insolência, audácia, atrevimento, descaramento, falta de vergonha”. p. 559.

O exemplo da parábola tem alvo duplo; amigo é aquele que vai apoiar e ajudar na necessidade, mas também é aquele que tem a impudência ou a ousadia (e insolência) de incomodar o seu amigo numa hora inadequada. Apesar de tudo, o pedido foi cumprido, não por causa do sentimento de ajudar o seu amigo na sua necessidade extraordinária, mas por causa da sua impudência e ousadia.⁵³

2.2 Os amigos nos discursos escatológicos de Jesus em Lucas

Os amigos aparecem de duas maneiras nos discursos escatológicos no evangelho de Lucas. Na primeira, Jesus dirige a sua palavra para os seus discípulos chamados como “seus amigos” (Lc 12.4). Com a mesma alocação, também chama Jesus aos seus discípulos no Evangelho de João (Jo 15.15). Portanto, João distingue o termo Amigo do termo Servo. O servo não conhece os propósitos do seu senhor, simplesmente executa as suas ordens. O amigo, porém, conhece tudo em relação ao seu amigo. Essa distinção entre servo de Deus e amigo de Deus se encontra também no filósofo judeu Filon. Ele cita o texto 18, 17 de Gênesis, em que Abraão é chamado amigo de Deus.⁵⁴ Assim, Lucas (12.4) relata no preparo dos discípulos de Jesus que o Senhor os nomeava como “meus amigos”, porque tinha sido aludido muitas vezes que eles são os Seus amigos, pois tinha revelado mais para eles sobre os mistérios do Reino de Deus (Mc 4,11).⁵⁵

No segundo caso, o termo Amigo é adicional de Lucas no discurso escatológico de Jesus aos seus discípulos antes da Sua Paixão (Lc 21.16). Na lista dos contrários à obra da pregação do evangelho, Lucas menciona também os amigos. O dito, provavelmente, é oriundo da Fonte Q, pois a citação é a mesma de outros sinóticos (Mt 10 17-21, Mc 13 9-12). Portanto, nos Evangelhos de Mateus e Marcos, o sujeito dos perseguidores dos discípulos é indefinido. Em Marcos, não se determinam quais são os perseguidores, mas podem ser considerados com o pronome indefinido *τινές* – “alguns”, e Mateus os menciona em geral com o termo *άνθρωποι* – “anthropoi” (homens), que de um lado corresponde ao sujeito indefinido de Marcos. Porém, Lucas cita uma lista de perseguidores dos discípulos que começa no círculo íntimo da família e se estende até os amigos.⁵⁶ Assim, o adicional do termo Amigo na frase pode ser acréscimo de Lucas, no qual os amigos, na última hora, se tornam em inimigos que perseguirão os discípulos do evangelho.

2.3 A amizade nas refeições em Lucas

A presença dos amigos nas refeições na época greco-romana se apresenta em Lucas, no dito de Jesus sobre a escolha dos melhores lugares na mesa, através da parábola da Grande Festa (Lc 14.10). Nessa parábola, também se determina quais pessoas alguém deve convidar

⁵³ Αργυριάδου, 2014, p. 157.

⁵⁴ Φίλων Αλεξανδρέως. *Περί νηφαλιότητος* 11 «φίλον γάρ τὸ σοφὸν θεῶ μᾶλλον ἢ δοῦλον». Aparece também na literatura sapiencial posterior, em Sabedoria de Salomão 7.27 na tradução da Septuaginta: “μία δέ οὔσα πάντα δύναται καὶ μένουσα ἐν αὐτῇ τὰ πάντα καινίζει καὶ κατὰ γενεάς εἰς ψυχὰς ὁσίας μεταβαίνουσα φίλους θεοῦ καὶ προφήτας κατασκευάζει».

⁵⁵ BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. t. 2, σ. 487-488.

⁵⁶ Τσαλαμπούνη, Αικ. σ. 466-467.

(Lc 14.12). Essa apresentação de Lucas pertence principalmente ao material que ele mesmo pesquisou, pois não se encontra nos sinóticos, nem em João. Jesus concilia seus ouvintes, através dessa parábola, para que não se esforcem em escolher os melhores lugares na mesa, ensinando-lhes assim a humildade.⁵⁷

A alocação do dono com a palavra Amigo demonstra a sua apreciação ou a sua estimação para o seu convidado e também que o convite nas refeições se dirige para os amigos. No entanto, Jesus aconselha ao dono que não é bom convidar os seus amigos, parentes ou irmãos e vizinhos ricos, para não haver recompensa no seu convite. Na realidade, Jesus, no lugar dos amigos e dos parentes, colocou os pobres e desprezados e declarou o amor abnegado entre todos os homens.⁵⁸ Há uma citação impressionante e paralela a essa parábola no diálogo de Platão em *Φαίδρος* – Faidros.⁵⁹ Sócrates aconselha seus ouvintes a convidar, nas jantãs, não só os amigos, mas os pobres também. Os mendigos e aqueles que não têm nada, que serão convidados, vão se tornar seguidores fiéis e adeptos zelosos do dono, desejando para ele muitos bens ainda. Portanto, no diálogo de Platão salienta-se a recompensa do benefício, algo que não existe na parábola da Grande Festa.

Geralmente, nos textos do mundo greco-romano que se referem às jantãs é evidente uma tentativa de manterem o equilíbrio social através da divisão dos assentos dos convidados dependendo da posição social-econômica de cada qual. “Essa realidade parece ser apresentada em Lucas 14. 7-11, onde predominam questões dos primeiros e melhores lugares nas mesas, do último lugar, da honra, da fama e do cargo de cada um participante, mas também da vergonha que resulta da reivindicação de um assento que não é conveniente com a classe social do amigo convidado”.⁶⁰

Além disso, Jesus, em Lucas 14.12-14, rejeita a recompensa e a reciprocidade dos relacionamentos sociais como fundamento da amizade, quando, no lugar dos amigos, Ele coloca os pobres e os aleijados. A perícopes é ligada também com o versículo de Lucas 6.32-35, no qual Jesus declara o amor desinteressado para todos, ainda mais para os seus inimigos, a exemplo do Pai Celestial. “Tanto na primeira citação quanto na segunda, Jesus propõe um comportamento oposto em direção ao código social que era comum e aceitável na sua época, tirando dos relacionamentos humanos a lógica da recompensa e do interesse próprio”.⁶¹

O pensamento consciente de Lucas sobre os relacionamentos amigáveis e íntimos tem a ver como ele percebe ou entende esses relacionamentos dentro das comunidades cristãs primitivas; ele as considera como comunidades de amigos, algo que é evidente na consequência da sua narrativa em Atos dos Apóstolos, na qual expressões como “tudo em comum – *ἀπαντα κοινά* (At 2.44)” e “um só coração, uma só alma – *καρδία και ψυχή μία* (At

⁵⁷ Αργυριάδου, 2014, p. 159.

⁵⁸ Αργυριάδου, 2014, p. 159.

⁵⁹ Πλάτων. *Φαίδρος*. 233e 1-5. «καί μὲν δὴ καί ἐν ταῖς ἰδίαις δαπάναις οὐ τοὺς φίλους ἄξιον παρακαλεῖν, ἀλλὰ τοὺς προσαιτοῦντας καὶ τοὺς δεομένους πλησμονῆς: ἐκεῖνοι γάρ καὶ ἀγαπήσουσιν καὶ ἀκολουθήσουσιν καὶ ἐπὶ τὰς θύρας ἤξουσι καὶ μάλιστα ἡσθήσονται καὶ οὐκ ἐλαχίστην χάριν εἶσονται καὶ πολλὰ ἀγαθὰ αὐτοῖς εὕξονται».

⁶⁰ Τσαλαμπούνη, 2010, p. 484.

⁶¹ Τσαλαμπούνη, 2010, p. 485.

4.32)” descrevem a linguagem filosófica e “ecoa” o sentido da amizade dos escritores do mundo greco-romano.⁶²

3. EVANGELHO DE JOÃO: OS AMIGOS DE JESUS

No último e mais teológico dos quatro, o Evangelho de João, os sentidos dos termos Amizade e Amigos se encontram seis vezes de modo formal. Essas presenças do termo em João estendem ou ampliam o conteúdo da amizade dentro no Novo Testamento e o enriquecem numa importância especial e mais profunda. Obviamente, o leitor deve reconhecer o uso particular desses termos nos escritos de João.⁶³ Portanto, além dessas referências formais do termo Amizade, o evangelho de João apresenta interesse relativamente maior dos modelos de amizade que ele representa, como é de Lazaro, o amigo de Jesus, de Pedro, de João e até do próprio traidor de Jesus: Judas.

3.1 Os amigos do noivo em João

Nos relatos formais do termo existem diferentes usos semânticos do sentido da palavra Amigo. O primeiro uso relata um significado difundido de amigo. O amigo do noivo está ao seu lado no dia de seu casamento e se alegra quando ouve a sua voz (Jo 3.29). João Batista usa esse exemplo para explicar o seu relacionamento com Jesus e o seu papel no plano da salvação. Tal versículo (Jo 3. 22-30) pode se correlacionar com os versículos correspondentes em Mateus (11.9) e Lucas (7.34), nos quais os discípulos comparam Jesus a João Batista. O amigo do noivo é o seu acompanhante no evento do casamento, uma figura reconhecível na Judeia, e não na Galileia (e por isso não se refere ao casamento de Caná), que permanece ao lado do noivo, se alegra de ouvir a sua voz, mas não é o protagonista do casamento.⁶⁴ João Batista, através dessa descrição do relacionamento humano, deixa o papel do “protagonista” para a obra da salvação do mundo em Jesus e, assim, o reconhece como o Messias verdadeiro (Jo.3. 28-32).

3.2 A amizade política em João

No seu segundo uso do termo, em João 19.12, aparece a estabelecida amizade política, que é comparada à compreensão do mundo greco-romano para esse tipo de amizade.⁶⁵ Os judeus, tendo em vista impedir Pôncio Pilatos de deixar Jesus livre, reagem e gritam

⁶² Αργυριάδου, 2014, p. 166.

⁶³ MITCHELL, 1997, p. 257.

⁶⁴ BERNARD, 1948-1949, p. 131.

⁶⁵ Sobre a amizade política veja as epístolas de Cícero: *Ad Atticum, Ad Familiares* e na epístola para o seu irmão com o título *Commentariolum Petitionis Consulatus*. Em geral, na cena política da Roma durante o primeiro século a.C, os amigos não são necessariamente pessoais, mas são considerados também os adeptos políticos, fato que representa a relevância dos votos eleitorais dos amigos. Mais informações sobre a amizade política no império romano na obra de Rose H. J. *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας*, τ. Α' σ. 198- 199). 85 Cic., *Ad Att.*, 17.5-6., Konstan D. *Friendship in the Classical World*, (Cícero and his Friends), p. 125., e Αργυριάδου, Α. *Η έννοια της φιλίας και του φίλου εις τά κείμενα του έλληνορωμαϊκού κόσμου και της Καινής Διαθήκης* σ.24-28.

declarando que essa decisão significará que Pilatos não é amigo de César, pois cada um que se autodenomina rei, no caso de Jesus, está contra o imperador. Esse argumento surge depois da negação, por parte de Pilatos, de que Jesus deve ser morto devido à Lei de Moisés, pois afirmou que Ele é Deus (Jo 19.7). Na realidade, isso era uma ameaça “coberta” para Pilatos; se ele mostrava favor para Jesus, não seria amigo de César; ou seja, isto significaria que Pilatos cairia em desgraça. A traição ao imperador era um delito grave de um governante ou representante da lei.⁶⁶ Abordando esse argumento do lado dos judeus, constata-se que, desde que Pilatos mostrou inimizade ou hostilidade contra Jesus, ganhou a “amizade de César”. Por conseguinte, o amigo da autoridade secular ou mundana, é na realidade inimigo de Deus.⁶⁷

3.3 O amigo verdadeiro de João

Um terceiro uso muito importante, apesar de retirado dos escritos joaninos e de fazer alusão ao sentido do termo Amigo presente neles, existe em Jo 15 13-15. No seu discurso de despedida, Jesus se refere aos seus discípulos como amigos. Nesse texto, a principal característica da amizade é a perspectiva de “μοιράζεσθαι” (repartir ou partilhar); os discípulos fazem o que Jesus os aconselha ou os exorta, mas não como servos, pois eles conhecem o que Jesus pensa. Esse uso da palavra Amigo talvez esclareça pouco o diálogo singular ou esquisito no último capítulo do evangelho de João, no qual os verbos *φιλείν* (amar no sentido de amizade) e *ἀγαπάν* (amar no sentido de amor – ágape), estão alternados nas perguntas de Jesus sobre a dedicação de Pedro (Jo 21.15-17).⁶⁸ Desde que Pedro tinha respondido duas vezes à pergunta de Jesus “ἀγαπάς με” (amas-me), com a resposta “φιλώ σε” (eu te amo como meu amigo) e Jesus dirige a pergunta de novo com o mesmo termo: “φιλείς με”? (você me ama como teu amigo?) Pedro responde, persistentemente, acrescentado o elemento chave da amizade antiga, ou seja, os amigos retribuem ou partilham o mesmo modo de pensar; “Senhor, tu sabes tudo, sabes que eu te amo como meu amigo” (Jo 21.17).⁶⁹

Nessa perícopre de João, determinam-se os limites da amizade e do amor para o amigo. Nem no período greco-romano o sacrifício para o amigo era considerado algo dado: essa dimensão da amizade na Antiguidade existia só na retórica antiga.⁷⁰ Relativamente ao estudo da comparação com as fontes literárias do mundo greco-romano, existem indícios ou pontos que apresentam, pelo menos na teoria, o sacrifício para o amigo como o limite mais alto da

⁶⁶ BERNARD, 1948-1949, t. 2, p. 621.

⁶⁷ Compara também, Tg 4.4 «οὐκ οἶδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ Θεοῦ ἐστίν;».

⁶⁸ Αργυριάδου, 2014, p. 178

⁶⁹ JOHNSON, 2004, p. 168.

⁷⁰ O'DAY, 2004, p. 148-9.

demonstração da amizade e da identidade do verdadeiro amigo. Esses valores mais elevados se encontram nas obras de Luciano⁷¹, Chariton⁷² e nos filósofos estoicos.⁷³

Aquilo que diferencia Jo 15.13 dos outros ensinamentos sobre amizade e morte é que Jesus não ensina simplesmente a alguém se sacrificar por seus amigos. A Sua própria vida é a encarnação desse ensino. Jesus fez na prática aquilo que os filósofos apenas falaram. Ele foi sacrificado por Seus amigos. Isso faz toda a diferença ao caracterizar a amizade, uma categoria teológica. O exemplo da vida e da morte de Jesus transfere o Seu ensino em Jo 15.13 da esfera do abstrato numa promessa efetuada e em dádiva.⁷⁴ Porém, o pressuposto da amizade para Jesus aparece no mesmo texto, pouco depois, com uma forma hipotética, isto é, que precede a promessa e segue a hipótese: se os discípulos cumprem na prática os mandamentos do Senhor, somente então são considerados seus amigos. Assim, o cumprimento dos mandamentos constitui não só um simples pressuposto da amizade, mas é a sua confirmação.⁷⁵ “A amizade contínua dos discípulos com Jesus depende da vontade deles de seguirem os seus mandamentos (15.14), como Ele, o próprio Jesus, cumpriu os mandamentos do Pai e por isso permaneceu dentro no Seu amor.”⁷⁶

Com certeza, o sacrifício de Jesus, como o encerramento do Seu amor para o ser humano caído, aparece nas cartas de Paulo (Rm 5.6-8), mas, nesse caso, o apóstolo se refere, principalmente, ao amor universal de Deus, que inclui toda a humanidade, como se encontra ainda na primeira epístola de João (1Jo 3.16). Relativamente à abordagem da comparação do sentido amigo no texto de João e dos escritores do mundo greco-romano, essa descrição entre “servo” de Deus e Seu “amigo” aparece ao judeu Filo, de Alexandria.⁷⁷

⁷¹ Luciano da Samósata, predomina na literatura do 2º século d. C, se bem que não encontrou oficialmente o cristianismo primitivo (apenas poucos relatos existem na sua obra), “*Περὶ τῆς Περειγρίνου Τελευτῆς, 11-13*” (A Passagem do Peregrino). A palavra amizade se encontra 45 vezes na obra de Luciano e a palavra amigo se encontra mais 150 vezes. Veja Ἀργυριάδου, 2014, p. 63-67.

⁷² Os escritos de Chariton são contemporâneos aos livros do Novo Testamento, e na sua obra literária apresenta o sentido da amizade em forma de romance. Aborda e apresenta a amizade não apenas de uma relação entre dois amigos, mas também o relacionamento diário em todos os grupos sociais. Trata-se de um estudo múltiplo e antropológico sobre a amizade, que apesar do seu estilo literário, permite ao estudioso comparar o sentido de amizade com os textos do Novo Testamento. Ἀργυριάδου, 2014, p. 75-88.

⁷³ Sobre a amizade dos estoicos escreve Tsatsos, concluído a sua obra: “Entre os estoicos se desenvolvem profundas correntes de amizade. Além de Aristóteles, poucos “glorificaram” a amizade, a amizade pessoal, como a glorificaram os estoicos. Entre pessoas importantes, nobres, crescem correntes amigáveis profundas. Além disso, para os estoicos, todas as pessoas importantes e genuínas têm entre eles laços de amizade, apesar de que não conhecem um do outro. Mas também, fora dessa comunidade de todas as pessoas importantes, existe uma ligação mais ampla entre todos os entes racionais dos seres humanos. Eles constituem o grande Estado. O homem estoico é um cosmopolita. A humanidade já se tornou a cidade para ele. Co-cidadão dele, já não é o cidadão da sua cidade de Atenas, mas é cada homem do mundo. “ὡς ἂν εἰ πόλις” (como se fosse a sua cidade). Κων. Τσάτσου, *Ἡ κοινωνική φιλοσοφία τῶν Αρχαίων Ελλήνων*. σ. 128.

⁷⁴ Ἀργυριάδου, 2014, p. 179.

⁷⁵ Ἀργυριάδου, 2014, p. 179.

⁷⁶ FITZGERALD, J. T. ‘*Christian Friendship: John, Paul, and the Philippians*’, *Interpretation*, July 2007, 61, 3 p. 285.

⁷⁷ Sobre a amizade na obra de Filo, veja: “Ἀργυριάδου, Ἀ. *Ἡ ἔννοια τῆς φιλίας καὶ τοῦ φίλου στα κείμενα τοῦ ἑλληνορωμαϊκοῦ κόσμου καὶ τῆς Καινῆς Διαθήκης*. Διακειμενική ἐρμηνευτική προσέγγιση. σ. 118-125 e também: Chadwick, H. “*Filo and the Beginnings of Christian Thought*”, na obra de “Armstrong, H.A. *The Cambridge History of Later Greek and early Medieval Philosophy*. p. 143-144.

Concluindo o dito de Jesus em João, em que chama os seus discípulos de amigos, Fitzgerald faz a seguinte constatação: “A amizade para João é desenvolvida totalmente dentro do amor (15.10). Assim, era ligada de forma inquebrável com a entidade da comunidade joanina e cumpria tudo o que incluía os ensinamentos de Jesus. Sem ensino, sem permanecer no amor, a amizade com Jesus e entre eles era impossível”.⁷⁸

3.4 João, o amado amigo e discípulo de Jesus

João, como o amado discípulo de Jesus, é mais um caso de relacionamento amigável que menciona o evangelista do quarto evangelho. João se apresenta como o discípulo “ὄν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς” (aquele que amava Jesus), (Jo 13.23, 21.20), e em muitos casos no Evangelho, aparece essa relação particular com o Senhor. O seu lugar na última ceia, ao lado do seu Mestre, era muito honroso; alguns estudiosos consideram que João estava assentado à direita de Jesus, enquanto que à esquerda do Senhor, lugar honroso também, mas incômodo, ficava Judas, como tesoureiro do grupo dos doze.⁷⁹ Como foi mencionando, era comum no mundo antigo dar grande importância ao lugar nas mesas dos convidados, em relação a sua amizade com o dono. Os lugares mais honrosos eram dados para as pessoas mais íntimas e amigáveis, para que eles tivessem contato imediato, visível e auditivo com o senhor da casa. Como fica claro, no quarto evangelho, a figura do apóstolo João se rodeia com amor amigável particular, ao lado de Jesus, e salienta o dos doze, dado que permanece na cruz, onde Jesus o confia a Maria, a sua mãe. Assim, as pessoas mais amadas de Jesus se juntam como uma maneira de apoiar um ao outro nas horas difíceis que seguirão à morte do Senhor.⁸⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este breve artigo, na comparação dos textos do mundo greco-romano com os evangelhos sobre o sentido da amizade, existem pontos semelhantes, mas também de divergência, relativas à compreensão dos seus leitores antigos. Visto que os textos do Antigo Testamento constituem os pretextos dos escritos do Novo Testamento, é lógico apresentarem pontos comuns na compreensão do sentido da amizade. Desse modo, o amigo verdadeiro para os textos do Novo Testamento é o próximo, que vai além dos limites nacionais (Antigo Testamento). A amizade, porém, com o próprio Deus consiste no ideal da relação do homem com Ele, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Para os leitores do mundo greco-romano, não era necessário o uso de termos formais de Amizade e Amigo para compreender o sentido da amizade. Termos como *κοινωνία* (comunhão), *ἰσότης* (igualdade), *παρρησία* (ousadia, coragem), *μετοχή* (participação), *ὁμοιότης* (semelhante) *ὁμόνοια* (concordia) e expressões como uma alma, tudo comum e palavras sintéticas com o prefixo *σύν*-com (*σύνεγγυς* – muito próximo) e de *φίλ*- (*φιλαλληθεια*

⁷⁸ FITZGERALD, 2007, p. 286.

⁷⁹ BERNARD, 1948-1949, T.2, p. 471.

⁸⁰ Αργυριάδου, 2014, p. 184.

– amigo da verdade) e também descrições de relações de reciprocidade e de recompensa constituem índices da presença da amizade nos textos do mundo antigo.

O grau mais perfeito da amizade para os filósofos clássicos era a amizade do homem com Deus. No Antigo Testamento, Abraão recebeu o título de honra de amigo de Deus, porque tinha fé inabalável. Para o filósofo Judeu Filo, a amizade universal é expressa através de Moisés, que também era amigo de Deus. No Novo Testamento, a amizade com Deus constitui o maior grau de amizade. Porém, há uma diferença dos escritores do mundo greco-romano, para os quais a amizade se esforça e se alcança o lado humano. Em contraste, aos livros do Novo Testamento, a amizade emana do amor de Deus pelo ser humano e é Ele quem dá o passo de aproximar e resgatar o homem pecador e essa aproximação não é outra, além do sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz para a salvação do mundo, visto que Deus é o Grande e Verdadeiro amigo do homem.

REFERÊNCIAS

ΑΡΓΥΡΙΑΔΟΥ, Άνναστασία. *Ή έννοια τής Φιλίας καί τού Φίλου στά κείμενα τού ελληνορωμαϊκού κόσμου καί τής Καινής Διαθήκης*. Δειακειμενική έρμηνευτική προσέγγιση. *Dissertação para a Universidade Aristotelio de Tessalonica, 2014.*

BERNARD, J. H. *A Critical and exegetical Commentary on the Gospel According to St. John. 2T.* (McNeile, Alan Hugh ed.). Edinburgh: Clark, 1948-1949.

BUNT, P. A. *The Fall of the Roman Republic and Related Essays*. University Press: Oxford, 1988.

FIORE, B. S. J. “Friendship in the Exhortation of Romans 15:14-33”. *Proceeding of the Eastern Great Lakes and Midwest Biblical Societies*. V. 7, Pittsburgh, 1987.

FITZGERALD, J. T. “Christian Friendship: John, Paul, and the Philippians”, *Interpretation*, 61, 3. July 2007. Também, no seu Tomo coletivo J. T. Fitzgerald (ed.), *Greco-Roman Perspectives on Friendship, SBL 34, Scholars Press, Atlanta, Georgia 1997.*

JOHNSON, L. T. “Making Connections. The Material Expression of Friendship in the N.T.” *Interpretation*, 58 (Abr. 2004).

KONSTAN, D. “Friendship, Frankness and Flattery”, no tomo coletivo de, John T. FITZGERALD (edit.). *Friendship, Flattery and Frankness of Speech: Studies on Friendship in the New Testament World*, in, SNT 82, E. J. Brill, Leiden: 1996. Do mesmo autor: *Friendship in the Classical World. Key Themes in Ancient History*, Cambridge University Press, 1997.

KUNZ, Claiton André. *As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: ADSantos, 2014.

LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Tradução de Wilson Scholz. São Paulo: SBB, 2013.

MALINA, B. J. *Κριτική Προσέγγιση με τη βοήθεια των Κοινωνικών Επιστημών, στον τόμο Αναζητώντας το Νόημα, μία Εισαγωγή στην Ερμηνεία της Καινής Διαθήκης, επιμ. Paula Gooder.*

MULTON, J. H., MILLIGAN, G. *Vocabulary of the Greek Testament Illustradend from the Papyri and other non-literary Sources, Michigan 1957.*

MITCHELL, A. C. *Greet the Friends by Name' New Testament Evidence for the Greco-Roman Topos on Friendship, no tomo coletivo de, J. T. FITZGERALD (edit.). Greco-Roman Perspectives on Friendship, SBL 34. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1997.*

O' DAY, G. R. "Jesus as friend in the Gospel of John", *Interpretation*, 2004 τ. 58

ROSE, H. J. *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας. τ. α' και β' (μτφρ. Κ. Χ. Γρόλλιου), MIET, έκδ. γ', Αθήνα 1989.*

SCHROEDER, F. M. *Friendship in Aristotle and Peripatetic Philosophers". In: FITZGERALD, J. T. (edit). Greco-Roman Perspectives on Friendship. SBL 34. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1997.*

ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Αικ. Γ. *Ὁ ἑλληνορωμαϊκός 'τόπος' περί φιλίας στό κατά Λουκᾶν Εὐαγγέλιο, στον συλλογικό τόμο «Ἁγία Γραφή καί Ἀρχαῖος Κόσμος, τιμητικό ἀφιέρωμα στόν Ὁμότιμο Καθηγητή Ἰωάννη Λ. Γαλάνη», εκδ. Π. Πουρναρά, Θεσσαλονίκη, 2010.*

PAGINAS DE INTERNET

<https://www.significados.com.br/amizade> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

<http://mikrosapoplous.gr/theophrastos/theophr0.htm> Acesso em: 13 de fevereiro 2018.

<https://pt.slideshare.net/isabelapinto94/ccero-marco-tlio-dilogo-sobre-a-amizade-laelius-de-amicitia> Acesso em: 15 de fevereiro de 2018

http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/48_Jorge_Osorio.pdf Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

<https://www.ebiografia.com/seneca/> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient_greek/anthology/literature/browse.html?text_id=63. Acesso em 12 de novembro de 2018.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAULO X TIAGO: JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ OU PELAS OBRAS?

Paul X James: Justification by faith or by works?

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

Esse artigo apresenta um estudo sobre os textos de Rm 3.20, 28 e Tg 2.24, tendo como pano de fundo a discussão sobre a doutrina da justificação. Uma vez que Paulo defende a justificação somente pela fé e Tiago comenta que o homem é justificado pelas obras, não somente pela fé, surge aqui uma possível contradição no pensamento dos dois autores. É exatamente isso que a pesquisa visa responder: existe mesmo tal contradição entre Paulo e Tiago? Para responder essa questão, o texto se inicia com uma visão geral dos versículos citados. Após isso, apresenta uma discussão sobre o significado do conceito de justificação, para, finalmente, chegar à análise dos textos de Romanos e Tiago. Baseado no pensamento de autores como Douglas Moo, Robert Culver e Hernandes Dias Lopes, essa análise argumenta que não existe contradição no ensinamento de Paulo e Tiago, uma vez que ambos tratam de assuntos diferentes.

Palavras-chaves: Paulo. Tiago. Romanos. Justificação.

ABSTRACT

This article presents a study of the texts of Romans 3.20, 28 and James 2.24, having as background the discussion of the doctrine of justification. Once Paul defends the justification only by faith and James comments that the man is justified by the works, not only by faith, it appears here a possible contradiction in the thought of both authors. It is exactly this that this research intends to answer: is there such a contradiction between Paul and James? To answer this question, the text begins with an overview of the verses cited. After that, it presents a discussion of the meaning of justification. For, finally, getting

¹ Pós-Graduando em Teologia e Interpretação Bíblica pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

to the analysis of the texts of Romans and James. Based on authors as Douglas Moo, Robert Culver and Hernandes Dias Lopes, this analysis argues that there is no such contradiction in the teachings of Paul and James, once that both talk about different subjects.

Keywords: Paul. James. Romans. Justification.

INTRODUÇÃO

A justificação é uma das doutrinas mais importantes do cristianismo. Pode-se dizer que é um dos temas centrais dos escritos de Paulo, principalmente em Romanos, onde o apóstolo sempre a relaciona com a fé, deixando claro, dessa maneira, que ninguém pode ser justificado pelas obras.

Entretanto, outro autor presente nas Escrituras, a saber, Tiago, também escreve sobre a justificação. Mas, aparentemente, Paulo e Tiago discordam a respeito desse tema. Como escreve o professor Moo, “a mais famosa, polêmica e importante contribuição de Tiago à teologia aparece em seu ensino sobre o relacionamento entre fé, obras e justificação, em 2.14-26”,² isso se dá pelo fato de Tiago escrever que o homem é justificado pelas obras, não somente pela fé. Logo, a grande questão que esse artigo pretende responder é: há, realmente, uma contradição entre os ensinamentos de Paulo e Tiago sobre a justificação?

A hipótese trabalhada nesse texto é que: não há contradição, pois os dois autores tratam de assuntos diferentes em suas epístolas.³ Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica a respeito do conceito de justificação e dos textos de Romanos 3.20, 28 e Tiago 2.24. A escolha do tema é relevante porque, ainda nos dias de hoje, muitos cristãos não possuem amplo entendimento sobre a doutrina da justificação. Além do mais, numa primeira leitura dos textos, realmente parece que há contradição no pensamento dos dois autores, o que pode gerar alguns questionamentos. Assim, essa pesquisa se propõe a explicar o conteúdo dos textos analisados e tentar responder as dúvidas que surgem da leitura dos mesmos.

1. VISÃO GERAL DOS TEXTOS

O clímax da aparente contradição entre os pensamentos de Paulo e Tiago a respeito da doutrina da Justificação está na comparação entre os seguintes textos:

Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado [...]. Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei.⁴

²MOO, Douglas J. **Tiago**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 44.

³ Diante de uma situação de conflito étnico-teológico na igreja de Roma com relação à lei e salvação, Paulo precisa tratar de um assunto soteriológico, demonstrando, através do Evangelho que pregava, que tanto judeus como gentios eram salvos mediante o sacrifício de Cristo, e não pela observância da lei. Já Tiago se encontrava num contexto de desigualdade social e “desprezo” dos ricos pelos pobres, assim, o mesmo trata de um assunto prático, explicando que é necessária a prática de atitudes que condizem com a fé proferida (KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo, Vida Nova, 2017, p. 506, 791).

⁴ Rm 3.20,28, ARC.

Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé.⁵

O objeto dessa aparente discordância de ideias é o seguinte: enquanto Paulo argumenta que o homem é justificado sem as obras da lei, Tiago afirma que o homem é justificado por elas. Por que o ensinamento de Paulo é tão diferente do de Tiago? Estariam os dois discordando? Seriam os dois opositores entre si, teologicamente falando? Estariam dois líderes tão influentes da igreja primitiva contradizendo um ao outro no que se refere a uma das mais – senão a mais – importantes doutrinas do cristianismo, a doutrina da Justificação?

Além disso, Tiago já havia, no verso 21, apresentado um argumento que, à primeira vista, contraria os ensinamentos de Paulo sobre a Justificação pela fé. No citado verso, Tiago escreve que Abraão fora justificado pelas obras quando ofereceu Isaque como sacrifício; no entanto, Paulo afirma, com igual certeza, nos versos 1-3 do capítulo 4 de Romanos, que o mesmo Abraão foi justificado pela fé, sem as obras. Isso faz com que, numa primeira leitura, essa aparente discordância entre os autores se estenda até mesmo para os exemplos que ambos utilizam como argumento.

Infelizmente, uma vez que não se sabe qual carta foi escrita antes ou, caso Paulo tenha escrito sua obra primeiro, se Tiago tivera acesso à epístola aos Romanos,⁶ resta, assim como faz o professor Moo, especular que “ou um não tinha consciência daquilo que o outro dizia, ou um deles está respondendo a uma forma de ensino do outro, que estivesse sendo mal interpretada”.⁷ Assim, para que não haja apenas uma vaga especulação, apenas uma breve leitura dos textos não basta, mas faz-se necessária uma leitura mais aprofundada, juntamente com uma análise mais completa, para que se chegue a um entendimento mínimo dos pensamentos por detrás desses versos.

2. A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO

O primeiro ponto a debater para se tentar chegar mais próximo de entender e conciliar⁸ os pensamentos de Paulo e Tiago é uma breve explicação sobre a doutrina da Justificação.

O entendimento correto dessa doutrina é um ponto crucial para a fé cristã, uma vez que “o *fato* de que Deus perdoa pecadores que creem, os reconhece como justos e os trata como justos é um aspecto central da doutrina da salvação”.⁹ Historicamente falando, durante o período da Reforma, a Justificação pela fé foi a doutrina mais importante levantada e defendida pelos protestantes.¹⁰ Dentro da teologia luterana, tal doutrina é chamada de *articulus stantis et cadentis ecclesiae*, ou seja, “o artigo sobre qual a igreja permanece ou cai”, sendo ela a “espinha dorsal da teologia na qual todas as outras doutrinas estão apenas e da

⁵ Tg 2.24, ARC.

⁶ GRÜNZWEIG, Fritz; HOLMER, Uwe; BOO, Werner de. **Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas**. Curitiba: Esperança, 2008, p. 70.

⁷ MOO, 1990, p. 27.

⁸ É importante essa conciliação entre o pensamento dos dois autores para que as dúvidas sobre uma possível “contradição bíblica” sejam suprimidas.

⁹ CULVER, Robert D. **Teologia Sistemática: bíblica e histórica**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 969. Grifo do autor.

¹⁰ CAMPOS, Héber Carlos de. A Justificação pela fé nas tradições Luterana e Reformada: um ensaio em teologia comparativa. **Fides Reformata**, v.1, n.2, p. 31-35. São Paulo, 1996, p. 31.

qual todas dependem”.¹¹ Logo, dada tamanha importância histórica e teológica, é visível o motivo para que, mesmo nos dias atuais, um entendimento bíblicamente fundamentado da doutrina da justificação é absolutamente necessário.

Tratando-se do Antigo Testamento,¹² o verbo *dikaioô* aparece mais de quarenta vezes na *Septuaginta* como a tradução do hebraico *tsadheq* (no *hiphil*) – justificar, justo –,¹³ sendo sempre associada com tribunais e descrevendo “o veredicto de inocência pronunciado pelo juiz”.¹⁴ Assim, não é difícil perceber que tal expressão sempre aparece junto ao contexto de justiça.

Entretanto, o entendimento que talvez exista hoje sobre o conceito de justiça pode não ser o mesmo entendimento do período do AT. Brown e Coenen explicam que “‘justiça’ no AT não é questão de ações que se conformam a um determinado conjunto de padrões legais absolutos, mas de comportamento que está em conformidade com o relacionamento bidirecional entre Deus e o homem”.¹⁵ Ou seja, segundo os autores, no entendimento do AT, justiça não se refere ao ser perfeito, no sentido de obedecer estritamente um conjunto de regras e normas, mas um comportamento que reflita a aliança divina. É possível notar que o Evangelho de Mateus reflete esse pensamento judaico, uma vez que, embora o entrar no Reino ocorra pelo seguir a Jesus, ou seja, pelo compromisso estabelecido com Cristo, uma vez dentro, a justiça é a conduta que se espera do discípulo, como é possível notar em Mateus 5.20.¹⁶

Wayne Grudem define o conceito de justificação nos seguintes termos: “Justificação é um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual ele (1) considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós e (2) declara-nos justos à vida dele”.¹⁷ É importante ressaltar que, assim como explicado sobre justificação no AT, a palavra justificação é um termo forense, ligado aos tribunais, à corte e às leis. Assim, com o papel de juiz, ao justificar o homem, Deus lhe dá o veredicto de não culpado, ou seja, mesmo sendo pecador e culpado, Deus declara-lhe justo à sua vista.

O conceito do declarar justo é de muita importância para compreender a doutrina da Justificação, isso porque declarar é diferente de tornar: “a justificação nunca é tornar justo, mas declarar justo”.¹⁸ Um exemplo disso está no texto de Lucas 7.29: “E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus”. Obviamente, com essas palavras, o povo não tornou Deus justo, o povo não fez Deus passar de um estado de injusto para um estado de justiça, mas apenas declarou que Deus é justo, ou

¹¹ CAMPOS, 1996, p. 31,32.

¹² Doravante AT.

¹³ CULVER, 2012, p. 972.

¹⁴ MOO, 1990, p. 109. Alguns exemplos de textos onde essa expressão aparece são Dt 25.1; Jó 27.5; Pv 17.15 e Is 5.23.

¹⁵ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1120.

¹⁶ MOO, 1990, p. 110.

¹⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 604. Grifo do autor.

¹⁸ CULVER, 2012, p. 973.

seja, o povo reconheceu que Deus é justo. Logo, é possível notar que justificar não é tornar o injusto em justo, mas declarar, reconhecer o mesmo como justo, mesmo ainda sendo pecador.

Por fim, os professores Gooding e Lennox apresentam duas maneiras pelas quais o homem pode ser justificado:

A primeira maneira é “cumprir todos os mandamentos de modo perfeito: nesse caso, Deus poderia nos declarar justos perante ele”.¹⁹ Entretanto, dado o estado pecaminoso em que o homem se encontra, tal alternativa é impossível (Rm 3.23);

A segunda maneira é “cumprindo a punição por ter transgredido a lei de Deus”.²⁰ Usando como exemplo a lógica penal, se um homem transgredir a lei, o mesmo deve pagar por isso, e após pagar ele é inocentado e declarado justo. No entanto, a sentença pelo crime que o homem cometeu contra Deus – o pecado – é a morte (Rm 6.23). Logo, se o homem deve pagar a sentença para se ver livre da culpa, mas a sentença é pagar com sua própria vida, como o mesmo vai aproveitar seu estado de justiça após isso?

Assim, há um problema para resolver: na primeira alternativa o homem deve ser perfeito para ser justificado, mas é incapacitado para fazê-lo devido ao pecado; e na segunda alternativa o homem deve pagar com a vida sua sentença para ser justificado, mas com isso ele perde a possibilidade de desfrutar da liberdade. Com essas duas possibilidades em mente, a justificação aparentemente apresenta uma impossibilidade de ser alcançada.

De fato, é impossível alguém alcançar sua justificação, uma vez que, devido ao estado pecaminoso do homem, o mesmo jamais mereceria ser declarado justo. Entretanto, a maneira pela qual o homem recebe a justificação não é por merecimento, mas por imputação. Segue um exemplo para melhor entendimento.

Suponha-se que um homem, culpado pelo seu crime, está prestes a perder a vida, pois a sentença de seu crime é a morte. Entretanto, num determinado dia, aparece outro homem, justo e inocente, que se dirige para o juiz e faz a seguinte declaração: “eu, um homem justo e inocente, ofereço-me para morrer no lugar desse homem culpado, quero trocar de lugar com ele – eu receberei sua pena e ele receberá meu *status* de justo –, dessa forma, por mais que ele seja culpado, sua sentença será paga e ele será declarado justo”. É justamente isso o que Cristo fez na cruz.

A noção de justiça imputada é essencial à doutrina da justificação. O conceito de imputação da justiça está exemplificado em 2Coríntios 5.21: “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. A imputação consiste no seguinte: quando Jesus morre na cruz, Deus inverte nossa culpa com a Sua justiça, ou seja, o homem era culpado e Cristo era justo, mas, devido ao sacrifício de Cristo na cruz, agora os papéis são invertidos: Jesus carrega a culpa do homem, e o homem carrega a justiça de Cristo. De maneira resumida, Grudem explica que “quando dizemos que Deus nos *imputa* a justiça de Cristo, queremos dizer que Deus *considera* a justiça de Cristo como *pertencente a*

¹⁹ GOODING, David; LENNOX, John. **Conceitos-chave da Bíblia**. Porto Alegre: A Verdade, 2012, p. 53.

²⁰ GOODING; LENNOX, 2012, p. 53.

nós".²¹ Dessa maneira, por ser pecador, a única forma de o homem ser justificado é pela imputação da justiça de Cristo.

Em conclusão, a doutrina da justificação pode ser definida como o ato de Deus que, mediante a imputação da justiça de Cristo, declara o homem como justo à sua vista, mesmo que ainda pecador, agraciando-lhe com a possibilidade de reconciliação com o próprio Deus.

3. ANÁLISE DE ROMANOS 3.20,28

“Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (Rm 3.20, ARC). Paulo escreve a Epístola aos Romanos motivado, em parte, pelo pensamento judaizante que impregnava aquela igreja. Como muitos membros da igreja de Roma eram judeus, os mesmos criam que o cristianismo era apenas uma parte do judaísmo; sendo assim, a lei ainda deveria ser cumprida. Logo, pode-se dizer que um dos principais motivos que levou Paulo a escrever a Epístola aos Romanos foi o legalismo por parte dos judeus convertidos.²²

Conhecendo tal hipótese, John Stott comenta que o verso 20 “deveria ser considerado o clímax do argumento de Paulo, não somente contra a presunção judaica, mas contra toda e qualquer tentativa de salvar-se a si mesmo”.²³ Uma vez que o apóstolo combatia aqui uma tendência legalista impregnada na igreja de Roma – tendência essa que pregava que era necessária a observância dos preceitos da lei para se atingir a justificação/salvação –, o mesmo refuta os argumentos de tal grupo demonstrando que a lei não foi dada para justificar, mas para revelar a culpa do homem.

Sobre esse verso, Cranfield comenta que:

Longe de ser verdade que existem homens que cumprem tão adequadamente as exigências da lei que merecem justificação para si mesmos, a verdade é, antes, que a condição de todos os homens é tal que o efeito primário da lei em relação a eles é realçar seu pecado como pecado e a eles mesmos como pecadores.²⁴

Dessa maneira, é possível entender o porquê de a lei ser incapaz de justificar/salvar o homem: porque o homem é incapaz de cumpri-la totalmente. Logo, o homem não pode ser justificado pelas obras da lei; apenas pode realçar seu estado de pecador, distanciando-se da justificação.

A lei apenas faz o diagnóstico, mas não é o remédio. A lei é como um espelho: aponta para a sujeira, mas não a remove. É como um prumo: identifica a sinuosidade de uma parede, mas não a endireita. É como um farol: mostra o obstáculo do caminho, mas não o remove. É

²¹ GRUDEM, 1999, p. 607, grifo do autor. O autor ainda comenta que a ideia de imputação aparece três vezes nas Escrituras: (1) quando Adão peca e sua culpa é imputada em nós; (2) quando Cristo pagou pelos nossos pecados imputados a Ele; e (3) quando a justiça de Cristo é imputada a nós (GRUDEM, 1999, p. 607).

²² STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 32, 33;

²³ STOTT, 2007, p. 118.

²⁴ CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 76.

como um termômetro: diz quando uma pessoa está com febre, mas não a cura. A lei é boa quando usada para produzir convicção do pecado, mas é impotente para salvar o pecador.²⁵

“Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei” (Rm 3.28, ARC). Paulo argumenta, então, que o homem é incapaz de cumprir as obras da lei, assim, a lei é incapaz de justificar o homem; logo o homem não é justificado pelas obras da lei.

Porém, algumas interpretações podem ir de um extremo a outro: sair do legalismo e dar espaço para o antinomismo, para o pensamento libertino.²⁶ Tais interpretações surgem de ideias como “se a lei não me justifica, não há necessidade de cumpri-la”, resultando numa atitude de rejeição ao comportamento moral do cristão. Já foi demonstrado que isso é contraditório ao pensamento sobre justiça no AT, representado em Mateus. No entanto, para refutar qualquer resquício desse pensamento que possa existir, Bruce afirma que, no verso 28, “Paulo não pretende dizer que não há necessidade de praticar as obras da lei. O que diz é que, mesmo quando o homem as pratica razoavelmente bem, não é por isso justificado à vista de Deus”.²⁷

João Calvino argumenta que o apóstolo “afirma nesta passagem que a justificação é gratuita, de tal modo que ela não pode, de forma alguma, ser associada com os méritos das obras”.²⁸ Assim, a conclusão da análise desses versos é que o apóstolo Paulo deseja deixar bem claro que é impossível ao homem ser justificado pelas obras da lei, dessa maneira, sua justificação é somente pela fé, sem as obras.

4. ANÁLISE DE TIAGO 2.24

Para entender a declaração de Tiago e compreender o porquê dos seus ensinamentos parecerem contraditórios aos de Paulo, é necessário o entendimento de quatro pontos: (1) o contexto em que Tiago escreveu; (2) a divisão e os temas que Tiago utiliza em sua carta; (3) as interpretações equivocadas dos ensinamentos de Paulo; e (4) os diferentes significados que Paulo e Tiago usam para as palavras mais importantes dos versos analisados. Ao analisar tanto esses quatro pontos, como o texto de Tiago em si, será possível notar que a explicação para a aparente tensão entre os dois é que Paulo e Tiago tratam de assuntos diferentes.

Primeiramente, o contexto que permeia a escrita da carta de Tiago é apresentado por Brown e Coenen da seguinte maneira:

A situação era aquela dentro da qual os ricos podiam ficar indiferentes para com os que estavam morrendo de fome, e sem roupa, satisfeitos com sua própria espiritualidade (Tg 2.14-18; 3.13 e segs.; cf. 5.1 e segs.), e dentro da qual os membros não percebiam qualquer inconsistência entre a sua

²⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 158.

²⁶ Talvez o maior exemplo desse tipo de pensamento seja o combatido por Paulo em Rm 6.1, 15. Em tal ocasião, o apóstolo argumenta contra as ideias libertinas de que “uma vez debaixo da graça pode-se pecar descaradamente”. Outro exemplo nas Escrituras pode ser achado na figura dos falsos mestres de Jd 4. Por fim, o terceiro exemplo é o do monge Rasputin, que pregava uma relação entre pecado e arrependimento: quanto mais pecasse, mais arrependimento o cristão teria, e mais experimentaria da graça (BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 109).

²⁷ BRUCE, 1983, p. 89.

²⁸ CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 159.

espiritualidade e suas tagarelices maledicentes (Tg 3.1 e segs.; 11 e segs.). Era uma situação que não estava sem paralelos na igreja em Corinto, com suas façções, relaxamento moral e atitudes complacentes diante da coleta que Paulo estava fazendo para os pobres. Em tal situação, o próprio Paulo não pregara a justificação pela fé, mas, sim, a necessidade de fazer alguma coisa.²⁹

Assim, pode-se perceber que Tiago escreve para um público cujas atitudes estavam aquém das esperadas, pois suas obras não refletiam a fé que professavam. Logo, Paulo e Tiago tratam de situações diferentes nos seus escritos. Paulo, na sua Epístola aos Romanos, argumenta contra uma tendência legalista que superestimava as obras, colocando-as como necessárias para a justificação. Tiago, por sua vez, aponta o erro de um comportamento que subestimava as obras, quase as descartando. Enquanto Paulo revela a incapacidade das obras, Tiago demonstra sua importância.

Segundo, é importante entender como é feita a estrutura da carta de Tiago. Pode-se dividir a carta em dez séries de ditos, cada um com um tema específico:³⁰

Primeira série de ditos: tribulações (1.2-18);

Segunda série de ditos: ouvir correto (1.19-29);

Terceira série de ditos: como lidar com pobres e ricos (2.1-13);

Quarta série de ditos: fé e obras – quando fé e obras se contradizem (2.14-26);

Quinta série de ditos: o uso do dom da palavra (3.1-12);

Sexta série de ditos: a verdadeira sabedoria (3.13-18);

Sétima série de ditos: o risco do espírito antigo (4.1-12);

Oitava série de ditos: planos e autoconfiança (4.13-17);

Nona série de ditos: o dia do Senhor (5.1-12);

Décima série de ditos: a caminhada até o alvo (5.13-20).

Nota-se que o verso analisado (2.24) se encontra dentro da quarta série de ditos, que possui como tema “quando fé e obras se contradizem”. Dessa maneira, o trecho está localizado num segmento da carta onde Tiago fala sobre a importância de as atitudes corresponderem à fé que se professa. Se uma pessoa professa fé em Cristo, porém suas atitudes vão de encontro com o que essa crença prega, há algo muito errado com sua “fé”, e é isso que Tiago aponta no segmento em que o texto está inserido.

O terceiro ponto essencial para entender o pensamento de Tiago é saber que, como na especulação de Moo encontrada na análise inicial dos textos, Paulo poderia estar sendo mal interpretado. Não é de se admirar que, uma vez que Paulo ensinava que a justificação é somente pela fé, sem as obras da lei (Rm 3.28), muitas interpretações equivocadas tenham surgido, alegando que “a graça seria como uma poltrona confortável”,³¹ ou seja, a graça de Deus e a justificação pela fé permitem ao homem viver desprendido de obrigações morais, da maneira como bem entender.³²

²⁹ BROWN; COENEN, 2000, p. 1134.

³⁰ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008.

³¹ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008, p. 70.

³² Alguns exemplos de interpretações equivocadas são as de Rm 6.1; 15.

A respeito desse ponto, o professor Moo comenta que:

Também sabemos que, já durante o ministério de Paulo, sua pregação sobre a justificação pela fé estava sendo mal interpretada (cf. Rm 3.5-8). Assim, não é absolutamente improvável que alguns cristãos, tendo tido contato com a pregação de Paulo, possam ter – intencionalmente ou não – pervertido a doutrina de Paulo, transformando-a numa desculpa para a passividade espiritual.³³

Dessa maneira, Tiago poderia muito bem-estar combatendo essa interpretação equivocada dos ensinamentos de Paulo, demonstrando que, mesmo sendo somente pela fé, a justificação não é motivo para viver uma vida desregrada e sem piedade, que não glorifique a Deus nem reflita a fé proferida.

Por fim, o último ponto que necessita atenção é o fato de Paulo e Tiago se utilizarem de significados diferentes para os termos mais importantes dos versos analisados. A saber, os dois diferem no sentido dos conceitos de obras, fé e justificar.

A respeito do termo “obras” (*érga*), os dois diferem porque Paulo, no texto de Romanos, usa essa palavra no sentido de um dever que o homem impõe a si mesmo “com a finalidade de construir a própria salvação pelo respectivo cumprimento”,³⁴ ou seja, obras, nesse caso, significa a tentativa do homem de salvar-se pelos seus próprios méritos. Entretanto, em Tiago, a mesma expressão ganha o significado de frutos do “agraciamento e da volta do ser humano para casa”, pois “a carta de Tiago não é pregação da lei, mas pregação da nova obediência, pregação da santificação”.³⁵ O que isso significa? Que Tiago usa a palavra obras no sentido de atitudes que correspondem ao novo estado do homem, após a justificação.

Moo demonstra que “a diferença entre Paulo e Tiago está na *sequência* das obras e da conversão: Paulo nega a eficácia de obras praticadas antes da conversão, mas Tiago está apelando à necessidade absoluta de obras praticadas depois dela”.³⁶ Logo, é possível notar os diferentes usos que os autores fazem do conceito de obras: Paulo as usa para demonstrar sua incapacidade no ato da justificação; e Tiago as usa para apontar sua necessidade no processo de santificação.

O significado de “fé” também possui diferenças nos textos dos dois autores. Em Paulo, tal expressão é apresentada como um conceito dinâmico, que inclui compromisso de obediência ao Senhor e união com Cristo: esse é o sentido da palavra na expressão justificação pela fé. Entretanto, Tiago revela uma fé que alguns afirmam possuir, mas que não resulta em ação ou compromisso (v.14,15-16,18-19), sendo ela morta e inoperante (v.26), esse é seu sentido na expressão fé somente.³⁷ Assim, no texto de Romanos 3.20,28, fé é a fé verdadeira, em seu sentido mais pleno, e em Tiago 2.24, fé é a fé que alguns alegam possuir, mas cujas atitudes não dão credibilidade a essa alegação.

³³ MOO, 1990, p. 28.

³⁴ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008, p. 64.

³⁵ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008, p. 64,65.

³⁶ MOO, 1990, p. 101-102. Grifo do autor.

³⁷ MOO, 1990, p. 114.

Finalmente, o último e mais importante ponto com relação ao uso de palavras é o significado de “justificar” (*dikaioô*), tanto em Paulo como em Tiago. Em Paulo, *dikaioô* é usado para “para descrever a atividade dinâmica por meio da qual o pecador recebe graciosamente uma nova condição. Esta condição, a de ser justo perante Deus, o Juiz de todo o mundo, baseia-se na união do pecador com Cristo e é assegurada através da fé”.³⁸ Entretanto, Grudem nos lembra que esse não é o único sentido de *dikaioô*, que “também pode significar ‘demonstrar ou provar’ ser justo”.³⁹ Ou seja, Tiago está se utilizando dessa última interpretação da palavra, demonstrando que uma pessoa é justificada pelas obras no sentido de que essa pessoa demonstra seu estado de justiça praticando boas obras.⁴⁰

Assim, Paulo usa justificar se referindo ao primeiro momento, onde Deus declara o homem justo pela fé, sem a influência das obras, enquanto Tiago se refere ao segundo momento, no julgamento final, onde Deus reconhece que o homem demonstra ser justificado pela fé através das boas obras. Simplificando, “Tiago usa ‘justificar’ onde Paulo fala de Julgamento”.⁴¹

Para concluir esse assunto, Calvino afirma que:

Portanto, é uma grosseira falta de lógica não admitir que o termo *justificar* é tomado por Tiago em sentido distinto do de Paulo [...]. Tiago, como podemos averiguar à luz do contexto, não pretendia dizer nada mais, nada menos, que o homem não deve ser tido por justo por meio de uma fé fictícia ou morta, a menos que ele prove sua justiça por meio de atos.⁴²

Expostos esses fatos, pode-se, agora, fazer uma análise mais aprofundada do texto de Tiago 2.24 propriamente dito:

“Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé”. A interpretação desse verso se torna possível quando, através de tudo que já foi explicado, chega-se ao entendimento que “em Romanos 3.28 está em jogo a questão de como, afinal, acontece a aceitação do pecador por Deus [...]. Tiago, porém, tem em vista outra questão: como o filho aceito misericordiosamente passa a se conduzir na casa do pai”.⁴³ Tiago, no segmento em que esse verso está inserido (2.14-26), se preocupa em demonstrar como proceder após a justificação.

Tiago preza pelo ensino da mudança de caráter, da mudança de atitude, demonstrando que, apesar de Deus declarar um homem justo mesmo ele sendo pecador, Ele não deseja que tal homem permaneça como tal, implicando o processo de santificação. Culver explica que a justificação possui sete elementos: ⁴⁴

Autor: Deus (Rm 8.33);

Agente: Cristo (Gl 2.17);

³⁸ MOO, 1990, p. 46.

³⁹ GRUDEM, 1999, p. 611.

⁴⁰ Esse mesmo significado também pode ser observado nos textos de Mt 11.19; Lc 7.35, 10.28-29, 16.15 e Rm 3.4.

⁴¹ MOO, 1990, p. 108.

⁴² CALVINO, 2014, p. 160. Grifo do autor.

⁴³ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008, p. 70.

⁴⁴ CULVER, 2012, p. 974-978.

Método: Graça (Rm 3.24);

Base: Cruz (Rm 5.9);

Meio: Fé (Rm 3.28);

Fruto: Tudo o que Deus tem para nós na salvação (Rm 1.1-11);

Evidência: Boas obras (Tg 2.24).

Percebe-se que o autor coloca o texto de Tiago no quesito evidências da justificação. Isso porque as boas obras, de que Tiago fala, são a comprovação que o ato de justificação foi realizado na vida de determinada pessoa. Assim, por mais que o relacionamento inicial com Deus seja somente pela fé, sem levar em conta as boas obras, o reconhecimento desse relacionamento estabelecido deve vir através dessas boas obras, ou seja, da santificação, que a fé verdadeira é destinada a produzir.

Tiago não deseja depreciar ou subestimar a fé, colocando as obras como outro requisito para a salvação. Mas ele visa alertar seus leitores para que a fé continue sendo viva e operante, ou seja, que a fé deles continue sendo uma fé verdadeira, não apenas um discurso vazio. Assim como Paulo afirma em Gálatas 5.6 que a fé verdadeira é a que atua pela caridade – em outras versões, que atua pelo amor –, Tiago concorda quando complementa que, então, uma fé morta é aquela sem obras, sem comprovação prática (2.26).

Essa ideia se estende também para os exemplos que Tiago usa, a saber, de Abraão (v.21) e Raabe (v.25). Sobre Abraão, quando ele afirma, no verso 21, que Abraão foi salvo pelas obras quando ofereceu Isaque, Tiago não está dizendo que a obediência da Abraão o levou à salvação, mas que “sua obediência provou que ele já era salvo. Abraão não foi salvo pela fé mais as obras, mas pela fé que produz obras”.⁴⁵ A mesma lógica é usada para Raabe, que “não teria obtido nem sua preservação quando a cidade foi tomada, nem sua posição na história da salvação se não tivesse aceitado as consequências práticas dessa sua percepção de sua fé, comportando-se em conformidade com ela diante dos espiões de Israel”.⁴⁶ Logo, nenhum dos personagens mencionados por Tiago – Abraão e Raabe – foi salvo ou justificado pelas obras diante de Deus, mas as suas boas obras serviram para demonstrar aos homens que sua fé e união com o Senhor eram verdadeiras.

Assim, o ensinamento que Tiago deseja passar no trecho que comporta o verso analisado é que “a salvação é só pela fé, mas por uma fé que não está só. Uma fé viva se expressa por obras, ou seja, uma vida que traz glória a Jesus”.⁴⁷ Pois as boas obras não podem salvar, mas a salvação é somente pela fé, e a fé somente é provada como sendo verdadeira através das boas obras.

⁴⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Tiago: transformando provas em triunfo**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 53. Lopes (2006, p. 54) ainda complementa afirmando que “pela fé, ele [Abraão] foi justificado diante de Deus, e sua justiça foi declarada. Pelas obras, ele foi justificado diante dos homens, e sua justiça foi demonstrada”, embasando ainda mais a conclusão de que as boas obras são a maneira de demonstrar que a justiça de Cristo foi imputada em determinado indivíduo.

⁴⁶ GRÜNZWEIG; HOLMER; BOOR, 2008, p. 70.

⁴⁷ LOPES, 2006, p. 54.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto nesse artigo, argumenta-se que não há contradição entre os ensinamentos de Paulo e Tiago sobre a doutrina da justificação, uma vez que os dois tratam de assuntos diferentes. Paulo se preocupa em combater o pensamento legalista que florescia na igreja de Roma; assim, precisa escrever que as obras não têm o poder de justificar. Tiago, por outro lado, concentra-se em apontar as falhas daqueles que usam a fé e a graça como poltronas confortáveis, vivendo sem nenhuma obrigação moral; para isso, ele afirma que as boas obras são necessárias para demonstrar que a fé é verdadeira.

Uma maneira de compreender melhor é com o pensamento de Moo: “Paulo quer deixar claro que uma pessoa ‘entra’ no reino de Deus somente pela fé; Tiago insiste em dizer que Deus exige as obras daqueles que *estão ‘dentro’*”.⁴⁸ Uma vez dentro do Reino de Deus, é necessário saber como se portar, não com medo que o Pai o expulse, mas como demonstração do real pertencimento àquele lugar, e em gratidão por tudo que Ele já fez.

Por fim, a conclusão é que, enquanto Paulo afirma que a declaração de justificação, isto é, o ato de Deus declarar que somos justos a sua vista, ocorre somente pela fé, pela fé verdadeira, que leva a uma união e compromisso verdadeiro com Cristo, sendo as obras impossíveis de interferirem nessa declaração divina, Tiago, por sua vez, argumenta que uma vez justificados somente pela fé, precisamos demonstrar através das boas obras que tanto a justificação quanto a fé ocorreram de fato, caso contrário, essa fé não passa de um discurso sem valor algum.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King’s Cross, 2010.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

CAMPOS, Héber Carlos de. A justificação pela fé nas tradições Luterana e Reformada: um ensaio em teologia comparativa. **Fides Reformata**, v.1, n.2, p. 31-50. São Paulo, 1996.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CULVER, Robert D. **Teologia sistemática**: bíblica e histórica. São Paulo: Shedd, 2012.

GOODING, David; LENNOX, John. **Conceitos-chave da Bíblia**. Porto Alegre: A Verdade, 2012.

⁴⁸ MOO, 1990, p. 109.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRÜNZWEIG, Fritz; HOLMER, Uwe; BOOR, Werner de. **Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas**. Curitiba: Esperança, 2008.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010.

_____. **Tiago: transformando provas em triunfo**. São Paulo: Hagnos, 2006.

MOO, Douglas J. **Tiago: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1990.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007.



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A RELEVÂNCIA DA TEOLOGIA ACADÊMICA E SUA NECESSIDADE AO PASTOR NEOPENTECOSTAL

The Relevance of Academic Theology and its Need to the Neopentecostal
Shepherd

Elton Eduardo Paz de Araújo¹
José Fábio Bentes Valente²

RESUMO

Este artigo mostra os benefícios da formação teológica acadêmica, bem como, os contratempos que a falta deste conhecimento pode trazer aos pastores neopentecostais. É importante destacar que no mundo plural em que se vive, é necessário cada vez mais a capacitação dos pastores eclesiais. Também é notório que o número de ensinamentos com erros por parte de uma má interpretação do texto Sagrado é gigantesco, e estes acontecem por falta de uma exegese de qualidade acadêmica. Sendo assim, é interessante ao pastor neopentecostal buscar o conhecimento acadêmico que será de muita valia para ele e seus ouvintes. Assim, esse trabalho apresenta fontes bibliográficas de autores como Ricardo Mariano, Paul Freston, John Stott, entre outros, que expõem dados que contribuem para análise do assunto em voga tratado neste artigo.

Palavras chaves: Pastor Neopentecostal, Formação Teológica, Conhecimento Acadêmico.

¹ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória – FUV. Pós-graduando em Psicologia Pastoral pela Faculdade Boas Novas – FBN. Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas – FBN. E-mail: preltoneduardo@hotmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória – FUV. Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela UNIASSELVI. Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas – FBN. E-mail: fbarmas@gmail.com

ABSTRACT

This article shows the benefits of academic theological training as well as the setbacks that lack of this knowledge can bring to Neo-Pentecostal pastors. It is important to emphasize that the plural world in which one lives, whose frontiers of knowledge increasingly require the training of ecclesiastical pastors, since they are opinion makers. It is also notorious that the number of teachings with errors by a misinterpretation of the Sacred text is gigantic, since such errors occur due to the lack of an exegesis of academic quality. Thus, it is interesting that the Neo-Pentecostal pastor seeks the academic knowledge that will be of great value to him and his listeners. Thus, this work presents bibliographic sources of authors such as Ricardo Mariano, Paul Freston, John Stott, among others, who present data that contribute to this analysis of the subject in vogue dealt with in this article.

Keywords: Neopentecostal Pastor, Theological Formation, Academic Knowledge.

INTRODUÇÃO

Esse artigo analisa a importância do pastor neopentecostal possuir uma graduação teológica acadêmica, sendo sua estrutura constituída nas seguintes partes: A primeira parte suscitará o porquê que a maioria dos pastores neopentecostais não possui uma graduação teológica acadêmica, entendida para alguns indivíduos que fazem parte deste sistema religioso, como algo que fará com que percam a fé e conseqüentemente o esfriamento espiritual, daqueles que acabam escolhendo este tipo de conhecimento.

A segunda parte a ser apresentada será sobre a ideologia de aversão que se cria sobre a teologia acadêmica dos líderes neopentecostais. Se percebe que surge uma gênese hodierna negativa à alguns tipos de ensinamentos, bem como questionamentos. Isso possivelmente ocorre devido alguns pastores não terem formação adequada para expor determinados ensinamentos dentro de seus sistemas eclesiásticos.

A última parte a ser abordada diz respeito a importância do pastor neopentecostal, possuir uma formação acadêmica teológica, pois o mesmo não será apenas um libertador de almas, mas também um libertador de mentes,³ sendo que isto seria o equivalente a uma mudança dos indivíduos não apenas espiritualmente como também intelectualmente.

1. O PASTOR NEOPENTECOSTAL E SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA TEOLÓGICA

Quando se depara com a figura do pastor neopentecostal, pode-se observar que em sua maioria não possuem uma graduação teológica acadêmica, ou seja, tal conhecimento ainda não ganhou território no meio desses líderes eclesiásticos.⁴ Um dos motivos é que líderes desses grupos eclesiásticos, tem o poder de influenciar seus adeptos a tomar decisões no que tange a esse sabor negativo ao estudo acadêmico teológico. Edir Macedo, líder da Igreja

³ MORELAND, J. P.; GRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 17.

⁴ Quanto a essa formação acadêmica em teologia, é interessante frisar que tal repulsa quanto a esse tipo de conhecimento, ocorre não apenas no seio dessa denominação cristã, ou seja, surgindo também fortes aversões sobre esse tipo ensino até em denominações históricas protestantes (batistas, presbiterianos, luteranos), mesmo que de maneira mais brandas.

Universal do Reino de Deus, faz pesadas críticas a esse tipo de conhecimento. Macedo, menciona em seu livro “Nada a Perder 2”, que é possuidor de vários cursos teológico tais como: Graduação em Teologia, mestrado em Ciências Teológicas entre outras graduações, ao qual se expressa enfatizando que esses cursos não servem de nada.⁵

Discurso como esse acima citado, faz surgir uma ideologia que impede que os pastores façam um curso superior de teologia, criando-se uma aversão ao ensinamento teológico. Tais posições, são fruto de um discurso parcial e inflexível em que líderes eclesiásticos, dizem que a teologia acadêmica trará conflitos de opiniões para o ministério eclesiástico. Esse foi o principal motivo de Edir Macedo fechar o primeiro investimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a saber, a Faculdade Teológica Universal do Reino de Deus (FATURD). Mariano, afirma que o próprio bispo Macedo resolveu extinguir, ao perceber que os pastores passavam muito tempo estudando teologia, o que os distanciava das necessidades imediatas dos fiéis.⁶

Macedo, em sua publicação “A libertação da teologia”, crítica o estudo da teologia, argumentando que os pastores, tais como jogadores de futebol, não são “fabricados” em escolas, e os que têm destaque são aqueles que produzem os melhores resultados. Nesse aspecto, Macedo diz que todos os ramos da teologia são fúteis, pois há um cristianismo de muita teoria e pouca prática, muita teologia e pouco poder, muitos argumentos, pouca manifestação, muitas palavras, pouca fé.⁷ Sendo assim, pode-se notar em seu discurso que existe uma resistência à teologia acadêmica. .

A proposição aversiva a teologia acadêmica citada por Macedo, quando se apresenta para o público como um todo, um discurso utilizando esses tipos de frases citadas acima, mostrando indiretamente que o conhecimento não é importante, o ouvinte não terá interesse crescer nesse aspecto. Sabe-se que a teologia traz informações que combatem determinados exageros que acontecem em algumas igrejas Neopentecostais,⁸ sendo assim dá-se a entender que não é interessante que os pastores de algumas igrejas venham adquirir determinados conhecimentos, que poderiam levar o líder a rever algumas atitudes.

No período da Reforma Protestante Martinho Lutero, não se sujeitou ao poder da Igreja Católica de seu tempo, ou seja, a Igreja por não aceitar ser corrigida preferiu continuar em seu erro, Lutero preferiu sair pelo bem da verdade, do que ficar e seguir uma doutrina que

⁵ MACEDO, Edir. **Nada a perder 2**. São Paulo: Planeta, 2013, p. 81.

⁶ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 64-65.

⁷ Nesta obra nota-se a clara repulsa de um formador de opinião referente à Teologia Acadêmica, chegando a dizer que a pessoa não deve se deixar levar pelos "ismos" e abstrações criados pelo homem, e que só através da verdadeira Teologia bíblica, um importante veículo nas mãos de Deus, é possível conhecer melhor o Criador e Seus planos para a humanidade. MACEDO, Edir. **A libertação da teologia**. 2.ed. São Paulo: Universal Produções, 1993, p. 58-61.

⁸ Sobre esses exageros existem casos em que o pastor em nome de uma fé distorcida mergulha em um rio muito poluído buscando melhorias para seus membros, alegando uma passagem bíblica de um episódio de que um homem chamado Naamã mergulhou em um rio e foi curado da lepra. Conforme link: <https://www.youtube.com/watch?v=kfe6ruab0pE>

contrariava aquilo que ele aprendeu com seus estudos teológicos. Conforme Roger Olson descreve:

Quando o representante do Papa ordenou Lutero a retratar suas opiniões heréticas declarou: “Minha consciência serve a Palavra de Deus, por isso, não posso e nem quero me retratar, por ir contra a minha consciência não é segura nem salutar. Não posso agir de outra maneira, essa é minha posição”.⁹

Nota-se claramente através da citação acima, que o conhecimento pode proporcionar muitos levantes, e disso muitos líderes Neopentecostais tem receio, preferindo que seus subordinados permaneçam dentro de um campo ideológico de submissão total para evitar conflitos com seus pensamentos que nem sempre são verdadeiras. Sendo assim, se o pastor permanecer dentro dessa ideologia ele será facilmente manipulado, se ele sair, poderá trazer conflitos de opiniões para seus líderes.

Mariano, citando como exemplo a IURD diz, que os pastores de tal denominação não possuem formação em seminário ou faculdade de teologia¹⁰, pois alegam que seria gastar tempo inutilmente, correndo o risco dos pastores diminuir o seu fervor espiritual e distancia-los de sua membresia.¹¹

2. POSSÍVEIS BENEFÍCIOS QUE A TEOLOGIA ACADÊMICA PODE TRAZER AOS PASTORES NEOPENTECOSTAIS

Freston afirma que, a figura do líder eclesiástico deve possuir os mais diversos dons, sendo estes profundos no conhecimento e sabedoria, devendo estar preparados nas mais diversas áreas de interface com a sociedade, ao qual atenderá a exigência de uma sociedade cada vez mais pluricultural.¹²

A teologia acadêmica, sendo está possuidora de uma vasta gama de diversas disciplinas dos saberes contemporâneos, podem contribuir ao pastor neopentecostal, uma agregação de conhecimento, que podem ser utilizados em seus labores ministeriais.

Portanto, um dos parâmetros desse tópico está em suscitar como o pastor neopentecostal deve se preocupar não somente com a questão espiritual ou da alma, mas também com a mente, mostrando como a teologia acadêmica pode trazer muitos benefícios ao contexto eclesiológico, como um todo.

⁹ ROGER, Olson. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. 4.ed. São Paulo: Vida, 2001, p. 388.

¹⁰ Quanto a essa formação teológica dos pastores no tocante a repulsa, nem sempre foi assim, pois a IURD possuía a faculdade teológica universal do reino de Deus, (FATURD) que oferecia curso básico de três anos e de bacharelado de quatro anos, sendo que a mesma desistiu de prover formação teológica, devido a posição teológica de seu líder Edir Macedo. Cf. MARIANO, 2014, p. 63.

¹¹ A falta de fervor espiritual pode-se fazer analogia, com uma passagem bíblica de Colossenses 2.8 que diz: “Tenha cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutileza, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”, que muitas vezes é má interpretada por pessoas que se recusam fazer teologia acadêmica.

¹² FRESTON, Paul. **Como será a igreja evangélica brasileira de 2040**. Revista Ultimato online. ed. 330. 2011. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/333/como-sera-a-igreja-evangelica-brasileira-de-2040>. Acessado em: 16 de Março de 2018.

2.1 Salvo de alma e salvo de mente

Para ser salvo de alma e de mente, Moreland e Graig, mostram um modelo de como um pastor deve ser, citando como exemplo John Wesley que além de um conhecimento espiritual, possuía um conhecimento intelectual altamente qualificado, adquirido na universidade de Oxford. Ele mostrou isso em seu “Discurso ao Clero” dizendo:

Eu sou um razoável mestre em ciência? Eu atravessei o portão de entrada delas, a alógica? Se não, provavelmente não vou muito longe quando deparar como umbral [..], Ou melhor, será que minha estúpida indolência e minha preguiça me deixaram muito suscetível para acreditar naquilo que os cavaleiros elegantes e de pouca inteligência afirmam. “Tal logica não serve para nada”? No mínimo serve bem para isso: [...] fazer as pessoas falarem menos, ao mostra-lhes o que é e o que não é em relação a certo ponto; e como é extremamente difícil provar qualquer coisa. Eu compreendo a metafísica? Se não a profundidade dos escolásticos, as sutilezas de um Duns Scott, ou de um Tomás de Aquino, ao menos os rudimentos básicos, os princípios gerais, daquela ciência útil? Se eu conquisei um tanto disso, quão clara ficou minha apreensão e a extinção de minhas ideias dentro da própria cabeça? O suficiente para mim permitir ler com facilidade e prazer, além também de modo proveitoso, as Obras de Henry Moore, Da busca da verdade, de Malebranche.¹³

A ideia de Wesley mostra como um pastor deve estar qualificado nas Escrituras e familiarizado com a história, a filosofia, e a ciências de seus dias, pois se o pastor não estiver atualizado com o mundo a sua volta, preocupando-se somente com o transcendente e esquecendo-se do imanente, o mesmo corre o risco de ficar aprisionado e aprisionar muitos em um mundo de ideologias equivocadas.

Charles Malik, apud Moreland e Graig, em seu discurso de inauguração do novo Billy Graham Center, no campo da Wheaton College, afirma que as duas tarefas da evangelização da igreja, consiste em “salvar a alma e salvar a mente das pessoas”¹⁴, isto é, em converter as pessoas não apenas espiritualmente mais também intelectualmente, sendo assim, é importante que o pastor além de um conhecimento espiritual, tenha também formação teológica acadêmica. Malik citado por Moreland e Graig diz:

Devo ser franco com vocês: O anti-intelectualíssimo é o maior perigo que o cristianismo evangélico enfrenta. A mente, compreendida em suas maiores e mais profundas faculdades, não tem recebido suficiente atenção, no entanto, a formação intelectual, não ocorre sem uma completa imersão, durante anos na história e do pensamento do espírito. O resultado é que o termo do pensamento criativo é abandonado e entregue ao inimigo [...] Quem entre os evangélicos, pode enfrentar os grandes pensadores seculares em seus próprios termos acadêmicos? Quem entre os estudiosos evangélicos é citado pelas maiores autoridades seculares como fonte normativa de história, filosofia, psicologia, sociologia ou política? [...] Por maior eficácia no testemunho de Jesus Cristo, bem como em favor da sua causa, os evangélicos

¹³ MORELAND, J. P.; GRAIG, Willian Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 18.

¹⁴ MORELAND; GRAIG, 2005, p. 17.

não podem se dá ao luxo de continuar vivendo na periferia da existência intelectual responsável.¹⁵

Convém suscitar que o pastor neopentecostal não pode ficar indiferente quanto à questão da intelectualidade teológica acadêmica, pois é um assunto que se deve tratar como primazia no meio eclesiástico.

Sabe-se que o pastor é um formador de opinião e ao mesmo tempo é orientador de um público variado, e se o mesmo estiver desatualizado com o imanente (conhecimentos diversos), poderá fazer com que algumas pessoas tomem decisões equivocadas, pois quem busca um atendimento, geralmente segue passo a passo as orientações passadas por esse líder. Sendo assim, o pastor deverá buscar estar sempre bem atualizado.

Willard menciona que para a igreja estabelecer a sua vitalidade, é necessário voltar-se para a imagem de Jesus, que foi um indivíduo competente e intelectualmente qualificado, que sempre soube o que estava falando.¹⁶

Anjos diz, que “o pastor competente nos dias de hoje tem que ter forte habilitação para reflexão e análise”,¹⁷ ou seja, as exigências do estudo têm que ser combinadas com as experiências de campo pastoral, originando-se assim a união da teoria com a prática. Quanto mais preparado o pastor estiver, não só espiritualmente mais também intelectualmente, melhor poderá orientar aqueles que o buscam, pois, o conhecimento traz a liberdade.

2.2 Os benefícios da teologia acadêmica no contexto eclesiológico

A teologia traz informações que combatem determinados exageros, que acontecem em algumas igrejas neopentecostais, como vassouras santas, óleos para expulsar demônios, tapetes da prosperidade, lenços unguidos que curam, a cobrança do trízimo, entre outras iguarias.

Sobre tal proposição, quando a pessoa adquire o verdadeiro conhecimento de determinados assuntos teológicos, a mesma não se sujeita mais a certas situações, isso se destaca na história da filosofia, em que Platão na sua obra conhecida como *A República*, conta uma alegoria sobre o mito da caverna, ao qual, Chauí comenta tal ilustração afirmando, que um grupo de pessoas estavam aprisionadas em uma caverna, e viviam em um mundo de aparências, sombras e enganos, sendo pessoas que não buscavam a verdade e estavam acomodadas em seu mundo de ilusão, porém, em um determinado dia um dos prisioneiros resolveu se libertar das correntes que o aprisionava, e após sair da caverna em busca de uma mudança de vida, ao conseguir, ele resolveu voltar para buscar os demais companheiros para lhes mostrar a maravilha da liberdade, porém, os demais prisioneiros não acreditaram em suas palavras e zombaram dele, e se o mesmo continuasse a afirmar tal tese, certamente seria morto.¹⁸

¹⁵ MORELAND; GRAIG, 2005, p. 15.

¹⁶ WILLARD, Dallas. **A conspiração divina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p, 34.

¹⁷ ANJOS, Marcio Fabri. **Ciclo básico em teologia: teologia profissão**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 63.

¹⁸ CHAUI, Marilena. **Iniciação a filosofia**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 10.

Sobre tal ilustração a própria Chauí faz a seguinte hermenêutica dos fatos relatados dizendo:

O que é a caverna? O mundo de aparências em que vivemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coisas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do Sol? A luz da verdade. O quê é o mundo iluminado pelo sol da verdade? A realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A Filosofia.¹⁹

Obviamente ao observar essa alegoria, pode-se constatar que a pessoa que saiu da caverna enfrentou obstáculos em tentar mostrar uma verdade no meio do engano, e que não teve aceitação dos seus companheiros, sendo assim, muitos líderes eclesiais neopentecostais preferem que seus subordinados permaneçam dentro da caverna para evitar conflitos com suas linhagens de pensamentos, que nem sempre são verdadeiros. Da mesma forma, se o pastor permanecer dentro da caverna ele será facilmente manipulado, e ao sair poderá trazer conflitos de opiniões para seus líderes.

Outro acontecimento que realça bem a tese citada acima foi o que aconteceu com John Huss²⁰, um pré-reformador que assim como Lutero combateu vorazmente os ensinamentos errados da Igreja Católica de sua época, combate este, que trouxe conflito com seus líderes devido à descoberta de ensinamentos errados. Diferentemente de Lutero o mesmo não teve êxito, pois foi condenado e queimado vivo por permanecer firme na defesa de suas ideias, que foram adquiridas através de uma exegese aprofundada dos textos bíblicos. Nos dias atuais, há pastores de algumas igrejas neopentecostais que não se sujeitam aos seus líderes, no que se refere a assuntos teológicos, e são excluídos do ministério eclesial, como se fossem pessoas rebeldes.²¹

Murad diz que a teologia acadêmica vem dar respostas à realidade histórica de cada momento, não ficando omissa a diversos assuntos, seja de cunho social, político e religioso que são debatidos no quadrilátero tanto do campo universitários, institutos ou seminários.²² Araújo sintetiza essa relação com a sociedade dizendo:

A sociedade contemporânea é marcada pela fragmentação das grandes cosmovisões religiosas. Essa fragmentação se reflete na religião e no ensino teológico. Na religião impõe o pluralismo e no ensino teológico a pluralidade. Um curso superior de teologia deve conter a consciência de sua abertura para essa realidade plural e para uma sociedade marcada pela diversidade de cultura, raças, classes sociais, e mesmos de crenças. A universalidade dos

¹⁹ CHAUI, 2014, p. 11.

²⁰ WALKER, W. **História da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: ASTE, p. 445-452.

²¹ Sobre essa exclusão de pastores de alguns ministérios eclesiais, existem dezenas de vídeos de pessoas que relatam sobre abusos doutrinários denominacionais que não se sujeitaram e acabaram sendo excluídos. CF. **Ex-pastor da IURD e expulso por não fazer vasectomia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0euJld40SQ>. Acessado em: 18 de Março de 2018.

²² MURAD, Afonso; ROBERTO, Paulo; RIBEIRO, Susie. **A casa da teologia: Uma introdução ecumênica a ciência da fé**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 15.

cursos de teologia é um desafio. A teologia como irmã mais velha da ciência, deve dar aos passos em busca do diálogo, na universidade.²³

Com essa afirmação a teologia acadêmica se torna multifacetada, pois estuda não somente uma teologia, mais sim, várias teologias, independente da confessionalidade de cada instituição, cujo propósito é formar teólogos.

No contexto eclesiológico é preciso fazer a associação entre o contexto da fé e a razão, pois quando há a junção dessas duas formas de pensar o resultado será mais proveitoso para seus envolvidos, e quando não há essa junção dicotômica, pode haver certa imparcialidade ou até mesmo uma intolerância religiosa.

Pode-se entender também que um dos benefícios que a teologia traz para o corpo eclesiológico é o nível de preparação para a vida das pessoas, pois as mesmas sendo bem instruídas começarão a se destacar na vida e ao mesmo tempo evitarão vários problemas que o conhecimento proporciona evita-los. Sem falar que as pessoas sobressairão em vários seguimentos da vida e da sociedade, tais como no trabalho, na família, no relacionamento pessoal, na saúde, nas finanças e assim por diante.

Entende-se que os conceitos abordados em voga, mostram a necessidade da práxis teológica nas esferas eclesiológicas, ou seja, uma teologia da ação, atuando com características de um diálogo crítico e construtivo, ao qual Zabatiero, afirma ser acompanhada constantemente do discernimento da comunidade cristã, visando identificar os erros e acertos para corrigi-los e aperfeiçoá-los.²⁴

Stott afirma que, o conhecimento teológico traz a responsabilidade de se aplicar junto às pessoas os ensinamentos que são de extrema importância para a sociedade como um todo, pois tais ensinamentos adquiridos devem perpassar o quadrilátero das igrejas e serem aplicadas no *status quo* de cada cristão.²⁵

Líbano e Murad afirmam ainda que, a teologia acadêmica traz certa luz a teologia eclesial (pastoral), pois através do conhecimento fornecidos ao receptor, o mesmo passa a compreender que determinadas teologias doutrinarias estabelecidas no meio eclesial, não passava de informações adquiridas erroneamente por falta de uma boa exegese que até aquele momento não tinha acesso. Ou seja, tal teologia serve para auxiliar, compreender e reinterpretar informações sempre atuais que são de extrema importância para a intelectualidade das pessoas.²⁶

Nesse *Interim* os autores citados acima, corroboram entre si, no que tange os benefícios que a teologia acadêmica pode proporcionar a teologia eclesial, uma vez que, de modo mais racional, pode fornecer explicações mais compreensíveis, a temáticas relacionados a fé, explicando de uma forma clara assuntos que pertencem ao transcendente, possibilitando assim uma harmonia em ambas, ou seja, construindo uma teologia que segundo Zabatiero,

²³ ARAÚJO, Gomes. **Teologia ciência e profissão**. São Paulo: Fonte editorial, 2007, p. 91.

²⁴ ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo cristão, 2006, p. 26.

²⁵ STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: Ultimato, 2012, p. 78.

²⁶ LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução a teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 46.

citando Claudio Boff, que diz que devemos ter, a saber: “olhos no céu e pés no chão”.²⁷ Entende-se que essa proposta estabelecida por Zabatiero apresenta uma ideologia harmônica entre o transcendente e imanente, ou seja, a teologia acadêmica e eclesiológica.

Ao fazer uma analogia com essas duas linhas de pensamentos distintas, Boff diz que devem existir um meio termo que o chama de transparência:

Transparência é o termo que traduz a inter-retro-relação da imanência com a transcendência. A transparência é transcendência dentro da imanência e imanência dentro da transcendência. A transparência faz com que a imanência se torne diáfana e translúcida, deixando de ser opaca e pesada. Faz também com que a transcendência se torne densa e concreta, deixando de ser etérea e abstrata.²⁸

Nota-se claramente que por mais que se tenha a ideologia de duas dicotomias, tem-se na verdade e uma relação intrinsecamente ligada entre si, ou seja, a teologia acadêmica sem a eclesiológica fica sem respostas racionais a certos dogmas, ou vice-versa.

Pode-se concluir que a teologia acadêmica bem como a eclesiástica quando andam uma sem a outra são incompletas e porque não dizer manca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo suscitou-se que no meio de muitos seguimentos neopentecostais alguns líderes, possuem uma forte repulsa a teologia acadêmica, e através de pesquisas bibliográficas chega-se à conclusão que muitos desses segmentos religiosos, por terem sua própria teologia não são abertos a ouvir nem aderir outras linhas de pensamento diferente no que tange assuntos teológicos.

Por mais que exista a presença em alguns casos da repulsa da teologia acadêmica por certos grupos de pessoas no meio neopentecostal, tem-se o entendimento que também existem os remanescentes ainda que limitados em busca do conhecimento na academia, pois em um mundo pluralizado a teologia acadêmica tem um papel fundamental de ensinar aqueles que almejam unir o conhecimento teórico com o prático.

Anjos, diz que o pastor competente nos dias de hoje tem que ter forte habilitação para reflexão e análise, ou seja, as exigências do estudo têm que ser combinadas com as experiências de campo pastoral, originando-se assim a união da teoria com a prática, logo, quanto mais preparado o pastor estiver, não só espiritualmente mais também intelectualmente para orientar aqueles que os buscam para aprender algo, melhor, pois o “conhecimento traz a liberdade”.²⁹

Por mais que exista a presença da repulsa da teologia acadêmica por certos grupos de pessoas no meio neopentecostal, tem-se o entendimento que existam os remanescentes, ainda que limitados, em busca do conhecimento na academia, pois em um mundo pluralizado

²⁷ ZABATIERO, 2006, p. 38.

²⁸ BOFF, Leonardo. **A águia e galinha**: uma metáfora da condição humana. 2.ed. São Paulo: Vozes, 1997, p. 52.

²⁹ ANJOS, 1996, p. 82.

a teologia acadêmica tem um papel fundamental de ensinar aqueles que almejam unir o conhecimento teórico com o prático.

O pastor nos dias atuais tem que ter uma forte habilitação para reflexão e análise, ou seja, as exigências do estudo têm que estar combinadas com as experiências de campo pastoral. Sendo assim, quanto mais preparado o pastor estiver, não só espiritual mas também intelectualmente, pois, aqueles que o buscam, querendo aconselhamento, seja de cunho pessoal ou coletivo, terão uma orientação de qualidade.

Tratando-se de conhecimento diversos, uma das orientações de Jesus sempre foi buscar o mesmo, conforme o livro de João 8.32, que diz: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, sendo assim, entende-se que o conhecimento citado por Jesus, após uma exegese do texto supracitado, não se trata somente do mundo transcendente (espiritual) e sim também do imanente (físico).

REFERÊNCIAS

ANJOS, Marcio Fabri. **Ciclo básico em teologia**: teologia profissão. São Paulo: Loyola, 1996.

ARAÚJO, Gomes. **Teologia ciência e profissão**. São Paulo: Fonte editorial, 2007.

BÍBLIA Sagrada: Almeida, Revista e Corrigida. 4.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOFF, Leonardo. **A águia e galinha**: uma metáfora da condição humana. 2.ed. São Paulo: Vozes, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação a filosofia**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2014.

EX-PASTOR DA IURD E EXPULSO POR NÃO FAZER VASECTOMIA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0euJxld40SQ>. Acessado em: 18 de Março de 2018.

FRESTON, Paul. **Como será a igreja evangélica brasileira de 2040**. Revista Ultimato online. ed. 330. 2011. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/333/como-sera-a-igreja-evangelica-brasileira-de-2040>. Acessado em: 16 de Março de 2018.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução a teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MACEDO, Edir. **Nada a perder 2**. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. **A Libertação da teologia**. 2.ed. São Paulo: Universal, 1993.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MORELAND, J. P.; GRAIG, Willian Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MURAD, Afonso; ROBERTO, Paulo; RIBEIRO, Susie. **A casa da teologia**: Uma introdução ecumênica a ciência da fé. São Paulo: Paulinas, 2008.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 mil anos de tradição e reformas. 4.ed. São Paulo: Vida, 2001.

PASTOR DA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS MERGULHA NO RIO TIETE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfe6ruab0pE>. Acessado em: 14 de Março de 2018.

STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: Ultimato, 2012.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006.

WILLARD, Dallas. **A conspiração divina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo cristão, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA VIDA CRISTÃ The influence of social networks on Christian life

Jeverson Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca da influência das redes sociais na vida cristã, enfatizando o avanço tecnológico no século XXI. Sabe-se que a tecnologia cresce gradativamente, englobando cada vez mais todos os setores da sociedade, tornando-se indispensável no mundo globalizado. O computador, a TV, o celular, o notebook, a internet, o smartphone, o tablet, e outros, são novidades em constante evolução. Este artigo aborda a internet como um recurso que pode fornecer conteúdos que qualificam a relação do cristão com Deus, a qual apresenta as redes sociais como ferramenta extremamente útil e necessária para a propagação do evangelho, uma vez que dinamiza o tempo e as informações e, acima de tudo, atualiza e alarga horizontes. Conclui-se, portanto, que as redes sociais, sem dúvida, constituem um campo de atuação cristã porque tratando-se das redes sociais, é possível afirmar que o atual contexto cristão exige uma atualidade das linguagens e das interações multimidiáticas. Contudo, a fé pode ser afetada, mediante as muitas ofertas de distração dos recursos tecnológicos, quando o conteúdo central não é comunicado numa linguagem adequada ao tempo e ao meio.

Palavras-chave: Redes Sociais. Vida Cristã. Avanço Tecnológico.

ABSTRACT

The present article contemplates a reflexive approach on the influence of the social networks in the Christian life, emphasizing the technological advance in century XXI. It is

¹ O autor é Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, possui Licenciatura em Filosofia - Faculdades Entre Rios de Piauí (2016) e Bacharelado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2014). Atualmente é professor visitante do Centro de Teologia de Santa Catarina. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Práticas ministeriais, atuando principalmente nos seguintes temas: divergências e convergências, Deus, métodos de interpretação bíblica, Bíblia sagrada e filosofia. prjeverson@gmail.com

known that technology advances gradually, increasingly encompassing all sectors of society, becoming indispensable in the globalized world. The computer, the TV, the cell phone, the notebook, the internet, the smartphone, the tablet, and others, are new things in constant evolution. This article approaches the internet as a resource that can provide content that qualifies the relationship of the Christian with God, which presents social networks as an extremely useful and necessary tool for the propagation of the gospel, since it dynamizes time and information and, above all, it updates and widens horizons. It is concluded, therefore, that social networks undoubtedly constitute a field of Christian action. In the case of social networks, it is possible to affirm that the current Christian context demands a modernity of languages and multimedia interactions. However, faith can be affected by the many offers of distraction from technological resources when the central content is not communicated in an appropriate language to time and environment.

Keywords: Social networks. Christian life. Technological Advance.

INTRODUÇÃO

Elas estão cada vez mais acessíveis. Pode-se dizer que, na grande maioria das vezes, na palma da mão. Trata-se das redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp, dentre outras, com assuntos diversos, que ocupam uma boa parte do tempo das pessoas. Segundo Almeida, já estava previsto o avanço tecnológico: “Tu, porém, Daniel, cerra as palavras e sela o livro, até o fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”.²

Hoje, com o avanço da tecnologia, é possível ficar online 24 horas por dia, em diversos lugares, através dos celulares e tablets. Dados comprovam que as pessoas estão cada vez mais conectadas. Segundo a Anatel, existem mais aparelhos celulares do que moradores no Brasil. A Anatel calcula 138 equipamentos para cada grupo de 100 habitantes.³

A vontade de ficar online o tempo inteiro faz com que a maioria das pessoas, ao redor do mundo, usem a internet no celular para acessar as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas – é o que revela também a pesquisa de uma empresa de análise de aplicativos da Yahoo, a Flurry⁴. Ainda de acordo com o levantamento, há mais de 280 milhões de compulsivos por smartphone no mundo. Já existem vários centros de tratamento para viciados em internet e celulares.⁵

O desenvolvimento deste artigo possui embasamento teórico referente ao tema, e objetiva abordar o avanço tecnológico no século XXI e a influência das redes sociais na vida cristã.

² **BÍBLIA SAGRADA.** Almeida Revista e atualizada no Brasil. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. Daniel 12:4.

³ GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião.** São Paulo: Paulinas, 2011, p. 70.

⁴ BYRNES, Sean.; Flurry, fundada em: 2005 data de aquisição: 21 de jul de 2014. Disponível em <http://www.flurry.com/> Acesso 20 Fev. 2018.

⁵ GASPARETTO, 2011, p. 72.

1. O AVANÇO DA TECNOLOGIA NO SÉCULO XXI

A tecnologia é indiscutivelmente aquilo que faz com que a sociedade seja o que é hoje, incluindo o progresso em termos sociais e civilizatórios, sem contar os mais evidentes conforto e benefícios à saúde, à comunicação, à educação e muitos outros.

Apesar de ter sido usada pelo homem para causar diversos problemas ao planeta e à sociedade, é também um fator importantíssimo no progresso do desenvolvimento humano em sua cultura e educação e através disso no aumento de sua noção de proteção e preservação do ambiente, da saúde e dos seres vivos indiscriminadamente salientando-se o próprio homem.⁶

Entre as décadas de 1940 e 1950, o desenvolvimento da televisão (nos Estados Unidos e Europa, especialmente Inglaterra), demonstrou o potencial de impacto na sociedade moderna, revolucionando os sistemas de informação com a imagem em movimento, presente antes em salas escuras de cinema, agora refletindo em locais privados. A fabricação de rádios e televisores tem muito em comum: utilizam a mesma técnica e as mesmas linhas de montagem. A partir da experiência na fabricação de rádios foi iniciada a fabricação de televisores, com componentes cada vez menos importados.

As partes do circuito que envolviam bobinas e fios de cobre passaram a ser produzidas em massa no Brasil, tanto para circuitos sintonizados de radiofrequência como para outras finalidades, como os Flybacks para geração de sinais de varredura e de alta tensão utilizadas nos tubos de imagem da TV. Os próprios tubos de imagem passaram a ser fabricados também no Brasil. Nessa época viabilizaram-se indústrias de pequeno porte e fabricantes locais, muitas vezes originadas de oficinas de consertos.⁷

A habilidade ou inabilidade de uma sociedade dominar a tecnologia ou incorporar-se às transformações das sociedades, fazer uso e decidir seu potencial tecnológico, remodela a sociedade em ritmo acelerado e traça a história e o destino social dessas sociedades; remetendo que essas modificações não ocorrem de forma igual e total em todos os lugares, ao mesmo tempo e instantânea a toda realidade, mas sim é um processo temporal e para alguns, demorado.⁸

Nessa mesma época começava a se desenvolver o computador, no qual as informações eram programadas e para efetuar algumas operações independentes, ainda que ocupassem uma sala e pesassem dezenas de toneladas. O Personal Computer (PC) foi desenvolvido para responder a uma interrogação: as pessoas usariam um computador em casa? Muitos duvidavam, entre estes, a própria indústria da computação.

Porém, o desenvolvimento da informática com a entrada do PC é acelerado e, pouco tempo depois, em 1984, é lançado o modelo compacto Macintosh 128, que passou a influenciar o formato dos PCs até hoje e suas interfaces de programas operacionais.⁹

⁶ REIS, Dálcio Roberto. **Gestão da inovação tecnológica**. São Paulo: Manole, 2003, p. 16.

⁷ REIS, 2003, p. 9.

⁸ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 13.

⁹ LANIER, Jaron. **Bem-vindo ao futuro**: uma visão humanista sobre o avanço da tecnologia. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 16.

O século XX foi o início do ciclo tecnológico e também de sua super aceleração. Já o século XXI assiste a tecnologia progredir de uma maneira impressionantemente rápida e já conta com avanços tecnológicos de extrema importância, tais como:

a) Impressora Tridimensional - 3D: funciona como uma impressora comum capaz de reproduzir, em “tintas” como plástico e gesso, qualquer objeto desenhado em um computador, porém ela o faz em várias camadas finíssimas que vão se sobrepondo e estas se vão fundindo sobre a ação do calor, formando assim um objeto tridimensional;

b) Mecanismos de busca na internet: depois da própria internet ter fechado com chave de ouro a era de desenvolvimento tecnológico do século XX, ninguém mais a pode segurar e a revolução que ela causou tornando cada parte do mundo muito mais próxima uma da outra;

c) Aparelhos eletrônicos portáteis: cada vez menores e mais dotados de recursos, os aparelhos portáteis (iPod e smartphone, por exemplo) são de grande importância para a sociedade atual;

d) Avanços tecnológicos na Medicina: somados às descobertas da ciência, os avanços da informática e a globalização têm causado grande impacto na medicina em diversos setores, desde em métodos de diagnóstico automatizados, passando por terapias avançadas, ainda em fases iniciais, usando a genética e células tronco e até mesmo a possibilidade de atendimento ao paciente por videoconferência e o atendimento cirúrgico prestado a este através do auxílio de um outro profissional orientado pelo especialista localizado em qualquer local do mundo.

Outra alternativa ainda é o uso de cirurgias robóticas, dotados de alta precisão, maior ainda que a alcançada pelas mãos humanas, para a realização destas cirurgias orientadas por cirurgias de qualquer região do planeta;

e) Enciclopédia on-line: esse recurso mudou a maneira como a pesquisa geral básica passou a ser feita. Se antes era necessário depender de enormes enciclopédias feitas de papel, agora a Enciclopédia, feita de maneira colaborativa, on-line é atualizada diariamente por pessoas comuns e revisada por especialistas que trabalham voluntariamente para mantê-la sempre correta, além de atualizada.¹⁰

f) Touchscreen: consiste na possibilidade de manipular e comandar os aparelhos eletrônicos através de toques;

g) Games controlados por movimentos do corpo: possibilitam ambientes, personagens e cenários cada vez mais realísticos. Estes aparelhos podem até mesmo auxiliar em terapias de reabilitação física pela fisioterapia;

h) 3D no cinema e na televisão: estes instrumentos de entretenimento mostram a capacidade de mostrar o mundo com muito mais realismo;

i) Recriação das cidades: alguns lugares do mundo já estão se engajando e construindo o que tem sido chamado de cidades planejadas, onde tudo é minuciosamente pensado para ser funcional e ambientalmente correto, reunindo o melhor que a tecnologia atual tem a oferecer em termos de engenharia de trânsito, uso de energias renováveis, geração mínima

¹⁰ LANIER, 2012, p. 20.

de resíduos através de máxima reciclagem, reutilização, criação de fazendas verticais, entre outros.¹¹

As tecnologias digitais possibilitaram uma nova dimensão dos produtos, da transmissão, arquivamento e acesso à informação alterando o cenário econômico, político e social. Porém, a dimensão mais importante do computador não é ele em si mesmo, mas a capacidade de interligação, de formação de rede.

Assim, com o surgimento da internet no final dos anos 1960, as ideias de liberdade, imaterialidade passam a revolucionar a leitura e a comunicação em rede, possibilitando arquivar, copiar, desmembrar, recompor, deslocar e construir textos, exibi-los e ter acesso a todo tipo de informação, de qualquer variedade, a todo instante.¹²

Apesar do grande avanço, várias novas tecnologias estão em desenvolvimento motivadas por grandes desafios:

- Geração de energia limpa e renovável;
- O desenvolvimento de novos tipos de dispositivos físicos que venham a substituir os atuais processadores baseados no elemento químico silício;
- O desenvolvimento de novos materiais que venham a substituir os atuais (ferro, plástico, aço, etc.) e com propriedades superiores;
- O desenvolvimento da química verde (baseada em matérias primas provenientes de fontes renováveis, e cujo produto final não seja nocivo ao meio ambiente);
- O desenvolvimento da Biologia de Sistemas (modelagem computacional e matemática dos sistemas biológicos complexos);
- Uma nova tecnologia de DNA (na qual o sequenciamento de moléculas únicas em tempo real e a montagem de genomas individuais poderão ser concluídos em uma questão de dias a um custo muito inferior);
- Sistemas de imagem in vivo (permitem a visualização de células e organelas não mais em um tubo de ensaio ou em uma lâmina, mas sim dentro de seu contexto natural);
- A tecnologia revolucionária de edição gênica denominada CRISPR – Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats (que permite a introdução, substituição ou remoção de genes específicos em basicamente qualquer organismo);
- Modelos animais humanizados (estes modelos irão permitir grandes avanços não só no entendimento do funcionamento de sistemas e órgãos humanos, mas também permitir ensaios pré-clínicos para testes de drogas e vacinas);
- Avanços em projetos da neurociência, robótica, e inteligência artificial.¹³

¹¹ REIS, 2003, p. 20.

¹² REIS, 2003, p. 53.

¹³ LANIER, 2012, p. 55.

2. AS REDES SOCIAIS E A RELAÇÃO DO CRISTÃO COM DEUS

Não é mais novidade que o uso de tanta tecnologia acaba interferindo nas relações pessoais e também no modo de se relacionar. Quem nunca presenciou pessoas mexendo em seus aparelhos em uma reunião de amigos, por exemplo? Vê-se o tempo todo pessoas conectadas, fazendo *selfie*, conversando online, enquanto poderiam desfrutar da presença dos amigos e da família no mundo real.

Mas isso não para por aí: o uso obsessivo da internet e redes sociais também está interferindo no relacionamento dos cristãos com Deus, pois o uso descontrolado das redes sociais rouba o tempo dos cristãos com Deus.

É preciso saber administrar o tempo. Um dos problemas mais comentados hoje, acerca das redes sociais, é que muitas das vezes, os cristãos, quando acordam não oram mais, nem para pedir a bênção d'Ele para o dia que se inicia. Já acordam conectados ao aparelho celular ou qualquer aparelho que os conecte à internet e às pessoas.

Conforme o terceiro capítulo de Eclesiastes, tudo tem o seu tempo determinado. Pode-se listar tempo para todo o propósito: tempo de nascer; tempo de morrer; tempo de plantar; tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar; tempo de curar; tempo de derrubar; tempo de edificar; tempo de chorar; tempo de rir; tempo de prantejar; tempo de dançar; tempo de espalhar pedras; tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar; tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar; tempo de perder; tempo de guardar; tempo de lançar fora; tempo de rasgar; tempo de coser; tempo de estar calado; tempo de falar; tempo de amar; tempo de odiar; tempo de guerra; tempo de paz.

Algumas pessoas vão à igreja e assistem ao culto conectadas, aproveitam para postar o que acontece em tempo real e até chegam a trocar mensagens durante o período do culto. Desde o Jardim do Éden Deus busca e prioriza se relacionar com o homem, e que o homem precisa dedicar sua vida a Ele.

A compulsão de estar sempre conectado não interfere só no relacionamento com as pessoas e com Deus, prejudica também a saúde. O uso contínuo do aparelho celular, por exemplo, pode gerar problemas de tendinite nas mãos e dores na coluna cervical (já que o pescoço fica abaixado por longo tempo).

O maior problema do uso excessivo de celular e computador é que o usuário mantém movimentos repetidos por um longo período, o que é ainda pior se for com muita frequência. A postura vai sendo modificada de forma prejudicial, pois quanto maior o tempo gasto diante deles, mais a pessoa se distrai ou se concentra muito no que está fazendo e, ao se cansar, vai adotando posturas prejudiciais.

Num primeiro olhar, a cultura virtual é positiva, pois ela indica um universo mais rico, mais interconectado e interativo. Contudo, esse universo não dispõe de uma linha diretriz ou de um critério que organize a enorme massa de dados, ou assegure a veracidade do material oferecido, apresentando-se como um meio um tanto caótico, sem garantia de credibilidade.¹⁴

¹⁴ SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 21.

Essa liberdade de opiniões, evidentemente, afeta a compreensão da fé que a cultura virtual tem e atinge, sobretudo, os preceitos mais dogmáticos presentes nas religiões, especialmente na igreja evangélica.

A Rede coloca desafios muito significativos para a compreensão da fé cristã. Convém, realmente, confrontar a fé cristã com a realidade da cibercultura. O cristianismo também se compreende universal ao oferecer um sentido a toda a realidade e a toda a História. Mas enquanto oferecido na liberdade, não é um universo imposto, e enquanto respeita a diversidade cultural não é um universo que generaliza e descontextualiza, embora em sua história nem sempre tenha sido assim.¹⁵

Outro ponto importante é que a fé cristã se caracteriza pela comunidade eclesial. A mesma existia antes ainda dos textos sagrados, pois manifesta justamente o que experimentaram os primeiros cristãos ao seguirem Jesus Cristo.

A própria vivência que os primeiros cristãos tinham na comunidade e a partilha dos bens é real. No mundo da internet, a comunidade desaparece e tudo depende do indivíduo. Há busca, interpretação e uso de dados oferecidos, sem nenhum controle.¹⁶

Abrem-se possibilidades de leituras unilaterais, ou até mesmo de incompreensões. Assim sendo, há uma característica central de nossa sociedade atual que afeta a vivência da fé na atual sociedade digital: o individualismo. Percebe-se que com o desenvolvimento da internet nasce uma nova vivência e novas manifestações de fé.¹⁷ A forma cibernética de experimentar a fé vivida por cristãos materialmente distantes uns dos outros não é de todo negativa. É preciso notar que as novas interações possibilitadas pela internet criam também uma nova configuração comunitária.¹⁸

A comunidade de fé não desaparece; porém, o fiel conectado dirige-se à comunidade virtual para nela compartilhar sua vida. O cristão internauta vive uma experiência de fé sem uma presença objetiva, mas com uma ausência objetiva do outro (seja pessoa ou lugar de culto).¹⁹

Com isso, a proclamação cristã dos conteúdos essenciais da fé corre o risco de se tornar prisioneira do estilo meramente informativo, perdendo sua característica fundamental de apelo à liberdade para a conversão ao Evangelho e um compromisso com o próximo. Não se pode negar o impacto das imagens, mas é preciso questionar seu efeito real na vida dos cristãos.²⁰

Dentre todas as tecnologias, o celular é um modelo de avanços extraordinário. Com mais de cinco bilhões de dispositivos em todo o mundo, é possível encontrar mais celulares do que habitantes em muitas localidades. É incrível e excêntrico reconhecer que realizar uma

¹⁵ SEN, 2000, p. 23.

¹⁶ CASTELLS, 2005, p. 67.

¹⁷ CASTELLS, 2005, p. 67-68.

¹⁸ ALTEMEYER Jr, Fernando. **Teologia e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 148.

¹⁹ ALTEMEYER, 2011, p. 151.

²⁰ GASPARETTO, 2011, p. 77.

chamada de voz não seja, necessariamente, a principal função dos celulares modernos, os quais são repletos de recursos, aplicativos, funções, jogos, e outros.²¹

O que é extremamente útil, por outro lado, pode ser um obstáculo na vida cristã. A cada dia aumenta o número de cristãos que levam a Bíblia para a Igreja em seus celulares/smartphones. É quase inevitável perceber o uso dos aparelhos durante o culto a Deus.²²

Ao cristão, cabe o discernimento, o qual consiste na sensibilidade para perceber entre opções à primeira vista igualmente boas, qual a melhor e de acordo com a vontade de Deus. Paulo diz: “desses dons não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais”.²³

O discernimento, portanto, é essencial no processo de tomar decisões sábias. Cabe ao cristão, conhecer e discernir o que vê e lê na internet ou em outros canais de comunicação, ou seja, nas redes sociais. “Todo prudente procede com conhecimento, mas o insensato espalha a sua loucura”.²⁴

A Bíblia no celular não pode se tornar desculpa para o desinteresse do evangelho. Destarte, durante o culto, muitos incorrem na falta de reverência e usam o celular para torpedos, redes sociais, joguinhos, internet, notícias sobre o resultado do jogo, etc, e nunca para ler a Palavra de Deus. É importante lembrar as palavras do apóstolo Paulo: “portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus”.²⁵ O livro de Provérbios ainda reforça: “o coração que tem discernimento adquire conhecimento...”²⁶

Não há como parar o progresso tecnológico e também não há como impedir que as novas tecnologias interfiram na forma como vive a sociedade e como funcionam as igrejas. Mesmo assim, dada a importância que esses meios de comunicação assumiram não se pode negar: de qualquer modo, o Evangelho, a Igreja, deve aprender, embora criticamente, a linguagem midiática.

O Evangelho necessita da linguagem midiática para ser proclamado, pois esta linguagem condiciona fortemente a atual cultura. Pode-se dizer que a mídia audiovisual constitui o material básico dos processos de comunicação, fornecendo símbolos, induzindo comportamentos, afetando inconscientes, e privilegiando temáticas.²⁷

É importante considerar que a fé e a vida andam juntas. Falar de Deus e o escutar com os meios oferecidos pela era digital tem influência, na caminhada cristã. É também preciso reconhecer que Deus está livre das amarras que o ser humano tenta lhe impor. Portanto,

²¹ GASPARETTO, 2011, p. 78.

²² SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 90.

²³ 1 Coríntios 2.13.

²⁴ Provérbios 13.16.

²⁵ 1 Coríntios 10.31.

²⁶ Provérbios 18.15.

²⁷ GOMES, Pedro Gilberto. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 38.

enquanto alguns ficam preocupados em delimitar espaços e formatos para a graça, a Boa-Nova irrompe onde menos se espera.²⁸

A história de Jesus foi marcada como toda a história humana, por um avanço progressivo em direção à luz de uma autoconsciência mais clara e de um conhecimento mais completo dos outros e de Deus. Tal conhecimento era sustentado pela relação que Jesus de Nazaré estabelecia com Deus, na intimidade, na oração, no diálogo com o Pai, quando ele desenvolvia o que já estava em sua consciência.

Por outro lado, Jesus se realizava no encontro com as pessoas, no relacionamento diário, no conhecimento das Escrituras, na cultura de Israel, de onde usufruía por experiência os novos conhecimentos. A fé de Jesus caminhava em meio às novidades de sua época, no escutar e falar com o Pai e sentindo a necessidade do povo do seu tempo.²⁹

Sua atenção se realizava para com todos, porém priorizava os que tinham fome e sede de Justiça, os ignorados na sociedade, os que necessitavam de vida e saúde. Ele é a luz em seu advento no ser humano: deseja acabar com as trevas e evidenciar a luz que ilumina e que dá vida em plenitude. Fez uso de todos os canais, linguagens e espaços do seu tempo. As redes sociais, a interatividade, os espaços são possibilidades e caminhos para levar a Boa-Nova do Reino de Deus. Jesus o faria no mundo atual sem perder a essência divina, qualificando a fé cristã e realizando a proposta de Deus de forma muito sábia e criativa, pois se a era digital implica em rede de relacionamentos, a fé não pode prescindir da relação. O que não pode existir é a substituição de relação presencial pela virtual.³⁰

Portanto, o iPhone, o iPad, o Twitter, o Facebook, e outros tantos aplicativos que a comunicação oferece, são suportes que favorecem possibilidades das pessoas se comunicar até na religião. Importante é identificar que a tecnologia é nova, mas o conteúdo e a centralidade da fé cristã, não.³¹

3. A PORNOGRAFIA E A FACILIDADE AO SEU ACESSO POR MEIO DAS REDES SOCIAIS

Na atualidade, são diversos os aspectos positivos da comunicação virtual. Porém, o uso indiscriminado das redes sociais pode afetar a vida do ser humano, expondo-o a várias consequências, entre elas a pornografia, a qual impacta moralmente a vida do indivíduo, debilitando e destruindo.

Muitos jovens e adultos que servem a Deus com toda a sinceridade estão buscando um apoio, explicação e ajuda para se verem livres de diversos problemas sexuais, dos quais a masturbação e pornografia são apenas alguns entre outros.³² Além do pecado, como consequência de tal vício, a pornografia também tem causado a destruição de matrimônios,

²⁸ GASPARETTO, 2011, p. 79.

²⁹ SPADARO, 2012, p. 93.

³⁰ SPADARO, 2012, p. 95-96.

³¹ SPADARO, 2012, p. 40.

³² SILVA, Wanderson. **Como ser liberto da pornografia e sexo virtual**. 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/como-ser-liberto-da-pornografia-e-sexo-virtual-terapia-aconselhamento-passo-a-passo/31283#ixzz57OVw4wqX>. Acesso 20 Fev. 2018.

a violência sexual doméstica, abusos sexuais a menores, a alteração do comportamento sexual (fantasias sexuais causam desejos de novas experiências), problemas de ejaculação precoce (pornografia pode levar ao impulso descontrolado de masturbação), e incentivo ao mercado de prostituição de adultos e menores.³³

O problema é que agora o diabo tem conseguido por meio da internet se infiltrar com facilidade em todos os lares, principalmente nas casas dos cristãos, que por muito tempo não tinham acesso nem eram expostos com tanta rapidez e indiscrição a materiais pornográficos como são hoje, por meio de milhares de sites na internet. Evangélicos agora são atacados com a tentação do ver só um pouquinho, de curiosidade. O cristão tornou-se exposto ao mundo pornográfico na ponta do click. Para ter acesso a um mundo até então pouco explorado pelos cristãos (pornografia online e sem barreiras) basta um clique. E quando não há busca (pornografia), os cristãos a recebem ou a leem nos títulos de suas mensagens de e-mail persuadindo-os com palavras que inspiram confiança e curiosidade sobre aquela mulher, vídeo ou fotos... que terminam sendo a isca para entrar num mundo onde o vício vem num minuto, o controlável perde o controle, e a libertação cada dia mais longe.³⁴

Bate papos e dezenas de outros mais hoje funcionam como um ponto de encontro sexual. Em meio a essa disponibilidade de acesso os crentes terminam sendo enfeitiçados com o prazer secreto. Todos os cristãos devem fechar essa porta. Para fazer uma análise do que se faz, se Deus aprova ou não, simplesmente pode-se perguntar se o que está fazendo, Jesus o faria também? Ou se seu cônjuge aprovaria?³⁵ “Fugi da fornicção. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que fornicca peca contra o seu próprio corpo”.³⁶

A pornografia tem sido o meio do inimigo para debilitar a vida cristã de homens e mulheres. Antes pornografia era coisa de homem, atualmente até mesmo as mulheres já buscam o uso de tal.³⁷

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.³⁸

“Por isso, rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas”.³⁹

4. OS DESAFIOS DA FÉ DIANTE DA INTERNET

As novas tecnologias da informação e comunicação, conhecida pela sigla NTCI, ou simplesmente TIC, são ferramentas utilizadas que permitem aos seus usuários uma variedade

³³ SILVA, 2010, acesso 20 Fev. 2018.

³⁴ SILVA, 2010, acesso 20 Fev. 2018.

³⁵ SILVA, 2010, acesso 20 Fev. 2018.

³⁶ 1 Coríntios 6.18.

³⁷ SILVA, 2010, acesso 05 Fev. 2018.

³⁸ Romanos 12.1-2.

³⁹ Tiago 1.21.

de possibilidades como nunca antes se havia imaginado. Esses recursos tecnológicos encurtam a distância entre aqueles que estão a quilômetros de distância, possibilitando a interação entre aqueles que possuem interesses comuns ou mesmo uma discussão, ainda que acalorada, entre aqueles que divergem em alguns pontos. Possibilitaram inovações, aproximações e aprimorou a criatividade.

A tecnologia, em termos gerais, está cada vez mais presente no dia a dia de grande parte da humanidade. A facilidade de acesso a celulares e computadores, unido à dimensão global e a presença capilar da internet, multiplicaram os meios para enviar instantaneamente palavras e imagens a grandes distâncias em poucos segundos. O Evangelho tem muito a ver com isso porque uma das ordens de Jesus é “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”.⁴⁰ Assim, o Evangelho precisa ser anunciado, comunicado. O mundo precisa saber da “boa notícia”. Os cristãos precisam utilizar as fontes lícitas e convenientes para proclamar o reino.

Com relação à linguagem visual, pode-se ver que grande parte do fascínio e do sucesso das emissões televisivas está na facilidade de captar a comunicação feita através das imagens. O acelerado ritmo de vida das pessoas e o conseqüente cansaço e redução do tempo disponível, favorecem o apelo à “lei de menor esforço”, propiciando certo domínio da comunicação sobre os sentidos.⁴¹

Muitos benefícios se derivam desta nova cultura de comunicação: as famílias podem permanecer em maior contato apesar de seus membros estarem distantes uns dos outros; os estudantes e pesquisadores têm acesso fácil e imediato a documentos, fontes e novidades científicas; a natureza interativa dos novos meios proporciona formas mais dinâmicas de comunicação que contribuem para o progresso social.

Contudo, as tecnologias geram impacto econômico, político e social. As novas configurações trazem, portanto, benefícios e prejuízos já que facilitam por um lado, e por outro demandam a necessidade de um conhecimento maior para acessá-las, além de afastar os indivíduos do contato físico, trazer diferenças sociais à tona e evidenciar que o poder está cada vez mais nas mãos de poucos.⁴²

A cultura virtual indica um universo bem rico e abre um vasto campo para se chegar a uma infinidade de pessoas, mas não dispõe de uma linha diretriz ou de um critério que organize a enorme massa de dados, ou assegure a veracidade do material oferecido. Apresenta-se como um meio sem garantia de credibilidade, onde cada internauta expressa e defende suas opiniões como as mais verdadeiras.⁴³

A fé cristã caracteriza-se pela comunidade eclesial que identifica a experiência das comunidades na vivência do seguimento de Jesus Cristo. No mundo virtual, na era digital identifica-se uma nova maneira de ver e viver o “novo mundo” que vai nascendo.

⁴⁰ Marcos 16.15.

⁴¹ BARBOSA FILHO, André. **Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 19.

⁴² BRITTOS, Valério. **Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado**. Rio de Janeiro: Papel e Virtual, 2002, p. 108.

⁴³ BRITTOS, 2002, p. 108.

Noções como tempo, espaço, comunidade e presença participação – tão centrais ao contexto religioso- vão sendo reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social. Cabem ao cristão, a escolha, a interpretação e o uso dos dados oferecidos.⁴⁴

Pode-se afirmar que, além do ambiente físico onde se desenvolve a vida, atualmente existe também um ambiente digital, que não pode ser considerado simplesmente um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. Nesse contexto, os cristãos se renderam à tecnologia dos microfones e amplificadores de som e, recentemente, em alguns casos, desenvolveram verdadeiros estúdios de sonoplastia com transmissão de cultos pela TV ou pela internet.

Foi-se a época em que os cânticos eram encadernados ou colocados em lâminas para retroprojetores. E, durante os sermões, já se vê o emprego de imagens que auxiliam na elaboração e transmissão das mensagens.⁴⁵ Esse tipo de tecnologia vem sendo empregado já há alguns anos e, por isso, muitos fabricantes investiram na elaboração de novas ferramentas e aplicativos, capazes de realizar tarefas incríveis nas imagens, que, por sua vez, podem ser usadas nos cânticos, sermões ou em websites.

A disseminação das informações e o uso dos meios de comunicação social têm proporcionado muitos a entrar em consonância, no que se refere à vida cristã e à tecnologia, passando a fazer parte das relações estabelecidas entre cristãos e não cristãos, proporcionando uma socialização, inserção e, conseqüentemente, uma evangelização.⁴⁶

Os benefícios que as novas tecnologias trazem, proporcionam à vida cristã o acesso imediato e direto a grandes quantidades de recursos: livrarias, museus, lugares de culto, documentos, bem como muita da sabedoria popular que vai sendo deixada nas presenças individuais dos crentes na internet, em fóruns, seminários e redes sociais. A internet tem a capacidade de ultrapassar distâncias e derrubar isolamentos, promovendo e tornando possíveis contatos, ainda que virtuais num primeiro momento, entre pessoas de boa vontade que têm os mesmos interesses. Aos crentes que participam em comunidades de fé de forma presencial, e aquelas que forem surgindo no espaço virtual, esta nova possibilidade dá as ferramentas necessárias para o encorajamento e auxílio mútuo.

A utilização da internet por parte da Igreja é relevante para muitas ações da igreja, nomeadamente na nova evangelização, através do serviço que pode prestar à educação, ao governo e à informação institucional. Salvaguardado sempre o fato de que a comunicação deve passar sempre do virtual ao presencial.⁴⁷

Contudo, a tecnologia está sendo pouco usada em benefício das estratégias de evangelização, pois faltam profissionais com capacitação em inteligência de dados para trabalhar na criação de ferramentas digitais para a evangelização. Os poucos que existem não têm o apoio maciço da igreja, uma vez que grande parte dos líderes evangélicos não apostam nesses novos recursos.⁴⁸

⁴⁴ ALTEMEYER; BOMBONATTO, 2011, p. 11.

⁴⁵ ASSMANN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 25.

⁴⁶ ASSMANN, 1986, p. 25-26.

⁴⁷ ALTEMEYER; BOMBONATTO, 2011, p. 21.

⁴⁸ ALTEMEYER; BOMBONATTO, 2011, p. 15.

Outro dos campos onde a internet é vista com particular interesse pela igreja é no campo da formação e do ensino. E olha-a em duas perspectivas: na aprendizagem de como usar bem estes recursos e no potencial que estes recursos são para a educação dos cristãos. Quanto à formação para o uso destes recursos, exorta-se não só a que se adquira competências para estar com sabedoria neste mundo informático, mas também que a formação dos diversos agentes de pastoral contemple o treinamento para a sua utilização. Como recurso para a formação, exorta-se a que se ofereçam recursos para a formação permanente, quer em grupo, quer para a aprendizagem individual.

Os grupos ligados à igreja devem estar presentes e atuantes na internet, mas é preciso também saber distinguir as interpretações doutrinárias excêntricas e as colocações ideológicas que se identificam como cristãs, das posições autênticas da igreja.⁴⁹ Torna-se particularmente interessante a articulação dos recursos virtuais com os processos de mudanças no campo religioso. Ou seja, estão surgindo novas práticas religiosas, onde as mediações tradicionais do mundo real passaram a conviver com a mediação da fé no mundo virtual, já que “as distâncias se anulam e o território se desterritorializa através do ciberespaço, ainda que momentaneamente”. Tem-se, assim, a ampliação da experiência religiosa subjetiva para o ciberespaço como um novo território para o exercício da fé.⁵⁰

Todavia, é preciso ter cautela com relação à virtualização da vida cristã. Não é possível fazer uma experiência de fé cristã sem a presença física numa comunidade de crentes. Com o acesso às novas tecnologias, é possível fazer algum tipo de experiência religiosa, mas não total.

Para melhorar sua relação com os recursos tecnológicos, a vida cristã deverá pensar em como orientar as pessoas no espaço cibernético para a verdadeira comunidade e como a internet pode vir a ser utilizada em ordem a apoiá-las e a enriquecê-las no seu compromisso cristão.⁵¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi abordado um estudo acerca da influência das redes sociais na vida cristã, enfatizando o avanço tecnológico no século XXI. Conforme novas tecnologias estão se desenvolvendo, a vida cristã pode e deve potencializar melhor o seu setor de comunicação. Quer nos sites de denominações, quer em redes sociais, os cristãos devem capacitar-se para compartilhar a fé utilizando as novas tendências digitais e pesquisando novos valores para aplicar através das ferramentas de rápida comunicação.

O grande desafio é descobrir a fórmula de tornar um mecanismo digital uma ferramenta de evangelização em massa; uma grande descoberta para a vida cristã, utilizando recursos tecnológicos capazes de tornar as redes sociais uma ferramenta efetiva na pregação da Palavra de Deus. A tecnologia é uma realidade e os antigos costumes tradicionais e critérios

⁴⁹ ALTEMEYER; BOMBONATTO, 2011, p. 27.

⁵⁰ BUSTAMANTE, Javier. **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: CGI, 2010, p. 78.

⁵¹ BUSTAMANTE, 2010, p. 30.

teóricos de evangelização devem sim experimentar uma mudança revolucionária, criando sistemas de planejamento digital e experimentando novas ferramentas de comunicação.

Porém, além de procurar uma evolução tecnológica, o cristão deve potencializar o ensino bíblico digital, produzindo seminários, estudos sobre bom uso de ferramentas digitais, escolas sobre bons costumes na formação de treinamentos em criação de projetos digitais para a evangelização.

Se quiser continuar a ser relevante no mundo no qual está inserida, a vida cristã terá que se adequar ao uso das tecnologias e não criar resistências desnecessárias a elas. Dessa forma, é preciso que a igreja cristã veja a tecnologia como um meio para atingir um fim. Meios podem ser ruins ou bons, segundo as consequências que gerem e se concorrem ou não para se obter o fim desejado. E é isso que precisa ser sempre analisado com cuidado.

É possível afirmar que as redes sociais, a interatividade, os espaços são possibilidades e caminhos para levar a Boa-Nova do Reino de Deus. Jesus o faria no mundo atual sem perder a essência divina, qualificando a fé cristã e realizando a proposta de Deus de forma muito sábia e criativa, pois se a era digital implica em rede de relacionamentos, a fé não pode prescindir da relação. O que não pode existir é a substituição de relação presencial pela virtual.

Conclui-se, portanto, que as redes sociais, sem dúvida, constituem um campo de atuação cristã. Tratando-se das redes sociais, é possível afirmar que o atual contexto cristão exige uma atualidade das linguagens e das interações multimidiáticas. Contudo, é preciso que o cristão seja criterioso, pois a fé pode ser afetada mediante as muitas ofertas de distração dos recursos tecnológicos, quando o conteúdo central não é comunicado numa linguagem adequada ao tempo e ao meio.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e atualizada no Brasil. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

ALTEMEYER Jr., Fernando. **Teologia e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas.** São Paulo: Paulinas, 2011.

ASSMANN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1986.

BARBOSA FILHO, Cristhian. **A tríade do tempo.** São Paulo: Campus, 2008.

BRITTOS, Valério. **Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado.** Rio de Janeiro: Papel e Virtual, 2002.

BUSTAMANTE, Javier. **Cidadania e redes digitais.** São Paulo: CGI, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Mediatização da religião.** São Paulo: Paulinas, 2011.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LANIER, Jaron. **Bem-vindo ao futuro**: uma visão humanista sobre o avanço da tecnologia. São Paulo: Saraiva, 2012.

REIS, Dálcio Roberto. **Gestão da inovação tecnológica**. São Paulo: Manole, 2003.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Wanderson. **Como ser liberto da pornografia e sexo virtual**. 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/como-ser-liberto-da-pornografia-e-sexo-virtual-terapia-aconselhamento-passo-a-passo/31283#ixzz57OVw4wqX>. Acesso 20 Fev. 2018.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A VIDA DE DAVI: O HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

The life of David: the man according to the heart of god

Felipe Vian Rodrigues¹

Marivete Zannoni Kunz²

RESUMO

Neste artigo analisou-se alguns aspectos da vida do rei Davi na busca de compreender a real marca que o definiu como aquele que era “segundo o coração de Deus”. Tanto os seus erros como as suas qualidades são investigados para demonstrar qual a diferença de Davi em relação ao rei Saul o qual também pecou. Para isso, essa pesquisa apresenta destaques da vida deste homem como pastor, como guerreiro e como rei. O texto mostrou o que definiu Davi como homem segundo o coração de Deus, quais suas atitudes diante de seus erros e o agir de Deus em meio a sua história de vida. Evidenciou-se que a grande diferença de Davi é que ele não serviu a Deus em momentos isolados de sua vida, mas adorar ao Senhor era seu estilo de vida. Cada passo, atitude e ação era colocado diante de Deus e foi isso que o fez um homem segundo Seu coração. O erro de Davi em adular com Bate-seba não anulou suas obras anteriores e não o desclassificou como servo de Deus. Isso resume a ideia obtida a partir da execução desta pesquisa.

Palavras-chaves: Davi. Coração. Rei. Pastor. Relacionamento. Arrependimento.

ABSTRACT

In this article we analyze some aspects of the life of king David in the search to understand the real mark that defined him as that which was "according to the heart of God". Both

¹ Luis Felipe Vian Rodrigues. Bacharel em Teologia (FTBP – Faculdade Batista Pioneira – Ijuí/RS). Pastor da Primeira Igreja Batista de São Borja.

² Marivete Zannoni Kunz é Bacharel e Pós-Graduação em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná / Curitiba – PR). Licenciatura em Pedagogia pela Unijuí. Mestre e Doutora em Teologia (Bíblia) pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo. Professora da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e da FABAPAR. Editora responsável da Revista Ensaio Teológico. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

his errors and his qualities are investigated to demonstrate the difference between David and King Saul who also sinned. For this, this research presents highlights of this man's life as a pastor, as a warrior and as a king. The text showed what defined David as a man after the heart of God, what his attitudes towards his mistakes and the act of God in the midst of his life story. It was evidenced that David's great difference is that he did not serve God in isolated moments of his life, but worshiping the Lord was his way of life. Each step, attitude and action was placed before God and that was what a man did according to His heart. David's mistake in adultery with Bathsheba did not nullify his earlier works and did not disqualify him as a servant of God. This summarizes the idea obtained from the execution of this research.

Keywords: David. Heart. King. Pastor. Relationship. Repentance.

INTRODUÇÃO

A vida de Davi parece ser um tanto controversa quando se analisa seu pecado de adultério juntamente com a espiritualidade e grande exemplo de homem de Deus como é conhecido. Se por um lado Davi pode ser considerado como alguém que apresentou certa psicopatia, ao desejar uma mulher que não era sua e planejar o assassinato do marido dela diante da gravidez, fruto do pecado, por outro lado Davi recebeu grande glória como se seus erros como rei e como pai não tivesse nenhum peso. Muitos homens na Bíblia se destacam por sua vida e atitudes, mas poucos chamam tanto a atenção como o pastor e rei Davi. Ele foi chamado de homem “segundo meu coração”, (1Sm 13.14; At 13.22) e foi o substituto do antigo rei idólatra, Saul. Davi possui um começo de história de vitória bênção de Deus, como no episódio da derrota de Golias, com apenas uma pedra, muita fé e convicção no poder do Senhor. Outros pontos da vida de Davi também chamam a atenção, como o exemplo da amizade que havia entre ele e Jônatas.

Davi assumiu o reino após intensa perseguição de Saul. Deus o abençoou com prosperidade, até que ele viu uma linda mulher de seu terrço, quando então mandou trazê-la para dormir com ela e, após esta engravidar, mandou seu marido ser colocado nas linhas de frente de batalha para ser morto. Neste sentido, onde estaria o homem segundo o coração de Deus nesta história? Como Deus continuou cuidando de Davi e este permaneceu como rei? Este artigo se propõe a responder questões como estas sobre a vida e reinado de Davi, bem como falar de seu relacionamento com o Senhor.

Num primeiro momento analisou-se a vida de Davi sob três aspectos, a saber: como pastor de ovelhas, como guerreiro e como rei. Na sequência são analisados os relacionamentos de Davi com seus amigos e aliados, bem como com suas mulheres, tropas, filhos, mentores espirituais e Joabe, seu inimigo. Para finalizar foi analisada a mudança de Davi diante de seu adultério. Apresenta-se um olhar nos Salmos os quais revelam a intenção de seu coração e seu grande anseio por restauração e perdão de Deus. Ainda se observa o seu agir, como aquele que andava como Deus queria, destacando sua fidelidade a Deus e também seu compromisso com as coisas do Senhor. Também se destaca a promessa do trono de Davi permanecer para sempre através de Cristo.

1. A VIDA DE DAVI

Num primeiro momento será apresentado a vida de Davi como pastor, como guerreiro e como rei. Aspectos considerados de destaque serão apresentados.

1.1 Como pastor

Davi como pastor foi um homem incomum, isso pode ser observado no texto de 1 Samuel 16.11-12, a saber: “Perguntou Samuel a Jessé: Acabaram-se os teus filhos? Ele respondeu: Ainda falta o mais moço, que está apascentando as ovelhas. Disse, pois, Samuel a Jessé: Manda chamá-lo, pois não nos assentaremos à mesa sem que ele venha. Então, mandou chamá-lo e fê-lo entrar. Era ele ruivo, de belos olhos e boa aparência. Disse o SENHOR: Levanta-te e unge-o, pois este é ele”.³ Ainda o texto de 1 Samuel 16.18 afirma que ele tocava bem, era forte e valente, homem de guerra, sisudo em palavras e de boa aparência. Sendo assim, observa-se que ele não era como seu irmão Eliabe ou o rei Saul, de estatura alta e porte físico robusto.

Quando a Bíblia usa a palavra ruivo, quer dizer de pele clara e de cabelos avermelhados, o que era sinal de beleza naquela região, já que a maioria das pessoas era de pele morena e de cabelos escuros. Ruivo também pode indicar alguém de boa saúde e de destreza física. Somente Esaú e Davi são descritos assim em todo o Antigo Testamento.⁴ Este jovem, além de sua fisionomia diferenciada, desde muito novo já sabia tocar harpa e cantar, além de ser pastor de ovelhas nas terras de seu pai. Os atributos musicais de Davi o fizeram entrar no palácio do rei Saul. Saul o chamou para tocar para ele em seus momentos de pânico durante a noite, pois, somente assim, Saul conseguia voltar a dormir.⁵ O texto do livro de 1 Samuel 16.19-23 traz o relato de um episódio no qual Davi tocava harpa para Saul.

Até o dia em que foi ungido pelo profeta Samuel, Davi era um homem simples, um pastor normal. Seus deveres diários envolviam o lidar com as ovelhas: fortalecê-las, curar as doentes, consertar fraturas e procurar as que estivessem perdidas.⁶ Davi como pastor também era valoroso e corajoso. Isso pode ser observado no texto de 1 Samuel 17.34-36, a saber, “Respondeu Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; quando veio um leão ou um urso e tomou um cordeiro do rebanho, eu saí após ele, e o feri, e liberei o cordeiro da sua boca; levantando-se ele contra mim, agarrei-o pela barba, e o feri, e o matei. O teu servo matou tanto o leão como o urso; este incircunciso filisteu será como um deles, porquanto afrontou os exércitos do Deus vivo”. Nesse sentido, Davi diferenciava-se de outros por características especiais. Ele poderia ver suas ovelhas sendo atacadas por leões ou ursos

³ Todas as referências bíblicas deste artigo serão da Bíblia Revista e Atualizada e quando for utilizado outra versão será feita a indicação.

⁴ PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**. Tradução de Yolanda M. Krieven. São Paulo: Batista Regular, 2010, p. 398.

⁵ WANGERIN, Walter. **O livro de Deus**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 230-231.

⁶ SWINDOLL, Charles R. **Davi: um homem segundo o coração de Deus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 36.

e pensar: Não vou arriscar minha própria vida, deixe que a ovelha seja morta, afinal coisas assim sempre acontecem. Mas ele gastava toda sua energia e força para salvar uma vida de seu rebanho. Davi valorizava a vida. Mesmo que no futuro outras ovelhas pudessem ser atacadas, naquele momento de perigo ele colocava sua vida em risco para salvar aquela que estava na boca do predador. Ao que parece não há muita diferença entre o rei Davi, que dava seu melhor em guerras e combates, e o simples pastor que não tinha medo de enfrentar o leão e o urso. Observa-se também que Davi era decidido. A Palavra não relata que ele ficava analisando se aquela era uma ovelha produtiva ou não, se ela havia dado trabalho no passado ou se era gorda ou doente; ele não pensava se elas valeriam ou não a pena. Simplesmente encarava o problema e dava seu máximo. Davi amava a vida, toda espécie dela.⁷

Davi também era um humilde pastor. O texto de 1 Samuel 16.20-23 mostra isso, pois neste contexto observa-se as perturbações de Saul, suas crises intermitentes de pânico, e a necessidade de encontrar algum jeito de que ele se acalmasse. Naquela época já se sabia que a música era uma forma eficiente de terapia. Os empregados do rei conheciam um músico hábil, era um dos filhos de Jessé.⁸ Foi nesse momento que Davi foi chamado.

Davi trabalhava no campo e é possível que chegou deste lugar cheirando a ovelha (1 Samuel 16.10-13), e encontrou o profeta com seu pai e seus irmãos; ele então foi ungido com óleo e, conforme Swindoll ele 'era suficientemente sensível para ouvir o sussurro da voz de Deus: - Você será o próximo rei'.⁹ Chama atenção a reação de Davi, ou seja, ele não saiu dali ensoberbecido, gritando pelas ruas de Belém que seria o próximo rei nem fez nada parecido com isso. Pode-se observar nos versículos seguintes a sua escolha, (1 Samuel 16.10-13), que ele voltou para o campo cuidar do rebanho, pois tiveram que chamá-lo para conhecer o rei e ser seu músico particular. Na continuidade do texto, no capítulo 17, observa-se que, mesmo Davi sendo o músico do soberano do reino de Israel, voltou para cuidar de seu rebanho, e assim fazia todos os dias, do palácio para o campo. Ele tinha em mente que este era seu trabalho. Mesmo já sabendo que era o escolhido para ser o próximo rei, não deixou que isto subisse para a cabeça; simplesmente voltou para seu trabalho. Na função de pastor observa-se que as marcas do homem segundo o coração de Deus são as seguintes: acessível, autêntico e fiel nas pequenas coisas.¹⁰

1.2 Como guerreiro

Um dos destaques da vida de Davi foi como guerreiro, e nesse papel ele enfrentou muitas batalhas antes mesmo de tornar-se rei. Uma das suas grandes lutas antes de ser rei foi contra o Gigante Golias (1 Samuel 17.45-46). O contexto desta batalha é muito interessante, pois mostra que Golias não era um inimigo difícil somente para Davi, mas para qualquer um nas tropas de Israel; todos o temiam e tinham pânico de sua presença. Porém, indiferente a

⁷ URL: http://www.institutojetro.com/Artigos/lideranca_pastoral/davi_um_pastor_de_verdade.html. Site: www.institutojetro.com Título do artigo: Davi: Um pastor de verdade. Autor: Armando Altino da Silva Júnior (05.03.2013 15:35)

⁸ BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 138.

⁹ SWINDOLL, 1998, p. 42.

¹⁰ SWINDOLL, 1998, p.41-43.

tudo isso, o menor dentre todos no exército, era o que mais tinha fé de que o Senhor dos Exércitos venceria a batalha.

Davi foi ao encontro do inimigo como um aventureiro, com uma funda e cinco pedras na mão.¹¹ Essa funda era a típica arma de um pastor de ovelhas, sua arma favorita.¹² Havia um contraste muito grande na batalha entre Davi e Golias. Por um lado, Golias cheio de armas e proteção, e de outro Davi, aparentemente desprotegido e fácil de ser derrotado. Não é à toa que Golias considerou um insulto mandarem alguém tão insignificante para combatê-lo. Davi não se acovardou diante da ameaça do gigante de dar seus restos mortais às feras. Contrapondo isso, Davi afirmou que iria na força do Senhor dos Exércitos e é isso que diferencia este primeiro combate de Davi. A grande questão era a honra de Deus, e foi por isso que a altura de Golias não foi um problema. O pequeno pastor de ovelhas entrou na batalha sabendo que não estaria nela diretamente, pois Deus teria todo crédito.¹³ Segundo Charles Swindoll:

A beleza desta história é que ela dá um exemplo perfeito de como Deus opera. Ele exalta o SEU nome quando somos fracos. Não precisamos ser eloquentes, fortes ou de boa aparência. Não temos de ser belos e brilhantes ou ter todas as respostas para sermos abençoados por Deus. Ele honra a nossa fé. Tudo o que o Senhor nos pede é que confiemos nele, que nos coloquemos diante dele com integridade e fé, e ele vencerá a batalha. Deus está apenas aguardando o seu momento, esperando que confiemos nele para capacitar-nos a combater nossos gigantes.¹⁴

A convicção de que o gigante seria vencido estava no coração de Davi; este foi o grande motivo dele se dispor para esta batalha, como um guerreiro que ia na força do Senhor.¹⁵

1.2.1 Libertando o povo de Queila e sendo perseguido por Saul

Uma outra batalha que Davi travou antes de ser rei foi quando ele libertou o povo de Queila, mesmo sendo perseguido por Saul. Como traz o texto das Escrituras Sagradas de 1 Samuel 23.1 e 2. Foi nesta ocasião que ele mostrou sua contínua dependência de Deus diante de circunstâncias difíceis. Tanto ele como suas tropas estavam indecisos e temerosos por atacar ou não a cidade de Queila; o pastor guerreiro consultou duas vezes ao Senhor diante da periculosidade da batalha. O Senhor respondeu afirmativamente e as tropas de Davi obtiveram sucesso e levaram todo o gado da cidade.¹⁶

Porém, as dificuldades ainda não haviam acabado. Saul descobrira onde Davi se encontrava e estava vindo para o matar e destruir a cidade de Queila, caso Davi estivesse lá. Obviamente a cidade o entregaria; novamente Davi passava por momentos de temor e o Senhor mostrava a ele sua fidelidade, agora usando a vida de Jônatas. Davi sentiu-se confortado pelas palavras de seu melhor amigo; não somente pela amizade dele, mas também

¹¹ WANGERIN, 1998, p. 234.

¹² PFEIFFER, 2010, p. 400.

¹³ BALDWIN, 1996, p. 143-144.

¹⁴ SWINDOLL, 1998, p. 66.

¹⁵ SWINDOLL, 1998, p. 66.

¹⁶ BALDWIN, 1996, p. 160-161.

pela lembrança da promessa de Deus acerca do futuro: não seria Saul que prevaleceria e seria o rei; o trono seria de Davi um dia e até Jônatas concordava com isso. Ficou claro que o filho de Saul abriu mão do direito do trono, a fim de cumprir os desígnios de Deus e na esperança de ser o braço direito de Davi. Perto do final do capítulo 23 de 1 Samuel, percebe-se, então, que uma ameaça por parte dos filisteus tirou a atenção do rei Saul e Davi teve uma oportunidade de escapar das tropas do rei em segurança. Toda confiança que Davi teve em Deus pode ser, então, recompensada. Davi era um guerreiro que analisava as situações na sabedoria do Senhor, por isso Ele o livrava e agia para que o homem segundo o coração de Deus sempre fosse vencedor.¹⁷

1.2.2 Após tornar-se rei

Após assumir o trono Davi também enfrentou algumas batalhas. Uma destas foi quando venceu os Jebuseus e tomou Jerusalém, conforme relato de 2 Samuel 5.6-7.¹⁸ Os Jebuseus acreditavam que a cidade de Jerusalém era impenetrável e que ninguém jamais a conquistaria, a tal ponto que criam que até cegos e coxos seriam capazes de protegê-la. Porém, o recém empossado rei de todo Israel e Judá confiava nas promessas do Senhor. Davi sabia que a promessa de Deus a Abraão era de que toda a terra de Canaã seria tomada por eles. Na confiança de que Deus agiria mais uma vez, Davi montou sua estratégia e foi vitorioso. Segundo Warren Wiersbe:

Davi demonstrou sabedoria ao escolher como sua capital a cidade de Jerusalém, pertencente aos jebuseus e localizada na fronteira entre Benjamin (a tribo de Saul) e Judá (a tribo de Davi). Jerusalém não havia pertencido a nenhuma das tribos, de modo que ninguém poderia acusar Davi de favoritismo na instituição de sua nova capital.¹⁹

Não somente do ponto de vista político, mas também em relação à topografia e à segurança esta cidade era perfeita. Ela era edificada sobre um monte rochoso e quase totalmente cercada por montes e vales, tendo somente a face norte como mais facilmente acessível. O vale de Hinom estava a sul, o vale de Cedrom a leste e o vale de Tirapeom a oeste. Davi em cada detalhe era abençoado por Deus por seu zelo. Por obedecer a Deus e ser guiado em Sua sabedoria, venceu os Jebuseus e escolheu a melhor cidade para ser sua capital, de forma estratégica e inteligente.²⁰

Uma série de batalhas de Davi, após ser rei estão registradas em 2 Samuel 8. Observa-se neste capítulo várias vitórias do rei Davi sobre os povos cananeus vizinhos a Israel ou localizados em territórios que pertenciam ao reino. Alguns destes territórios não haviam sido conquistados nem na época de Josué; outros haviam sido perdidos por Saul em combates

¹⁷ BALDWIN, 1996, p. 160-162.

¹⁸ Partiu o rei com os seus homens para Jerusalém, contra os jebuseus que habitavam naquela terra e que disseram a Davi: Não entrarás aqui, porque os cegos e os coxos te repelirão, como quem diz: Davi não entrará neste lugar. Porém Davi tomou a fortaleza de Sião; esta é a Cidade de Davi.

¹⁹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento – Históricos. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 2, p. 309.

²⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 309.

antigos. O Senhor usou Davi para cumprir suas promessas quanto às extensões das terras de Israel, que seriam do rio do Egito até o rio Eufrates.²¹ Segundo Wiersbe:

Davi firmou tratados de vassalagem com a maioria dessas nações e colocou guarnições em suas terras a fim de manter a autoridade de Israel (v.6). Por ser um homem de fé, Davi creu nas promessas de Deus e agiu em função delas para que seu povo fosse abençoado.²²

Guarnições tão distantes de Jerusalém, como na Síria de Damasco, necessitavam de tal estratégia para que o rei pudesse manter o povo sob seu controle. Desta forma, a autoridade de Davi mantinha-se reforçada e os governadores locais permaneciam como seus subalternos. A mão de Deus providenciando vitórias a Davi era perceptível a seus contemporâneos, mesmo considerando o fato do rei ser grande líder e estrategista. Os espólios de guerra também chamaram a atenção, como os escudos de ouro que haviam pertencido aos oficiais sírios.²³

Estas vitórias de Davi também traziam mais paz ao país, pois não haveria ameaça de nenhum outro povo. Também os espólios (riquezas adquiridas dos inimigos) serviram posteriormente para que seu filho Salomão obtivesse recurso e construísse o templo do Senhor. Sem dúvida, Davi era corajoso e fervoroso ao batalhar em nome de Deus.²⁴ Todas estas vitórias que o homem segundo o coração de Deus conquistava eram o cumprimento da promessa do Senhor na vida de Davi. Suas guerras não eram somente suas, mas eram batalhas do Senhor. O brilho de Davi diante de tantas batalhas bem sucedidas crescia progressivamente e, de forma sábia, ele tinha a humildade de reconhecer que a glória era de Deus, não dele.²⁵

1.3 Como rei

A vida deste homem conhecido como ‘segundo o coração de Deus’, também foi importante como rei. Como rei ele foi bondoso e passível ao erro. Davi agiu com benevolência, convidando Mefibosete²⁶ a estar comendo com ele à sua mesa.²⁷ Isto significava que todas as necessidades econômicas deste homem seriam pagas pelos produtos que eram propriedades de Saul originalmente; ou seja, todas suas necessidades seriam satisfeitas.²⁸ Davi poderia fazer o que quisesse com as coisas que eram de Saul, afinal elas eram sua herança por possuir o trono. Porém, pela promessa que havia feito a Saul e Jônatas de que não mataria seus descendentes, e também pela bondade de Deus em seu coração, Davi resolveu poupar a vida de Mefibosete.²⁹ Desta forma, o rei estava honrando um possível rival e também cumprindo com sua palavra, demonstrando a bondade de Deus; principalmente observando-se que este

²¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 318.

²² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 318.

²³ BALDWIN, 1996, p. 250.

²⁴ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 318.

²⁵ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 319.

²⁶ “Então, Ihe disse Davi: Não temas, porque usarei de bondade para contigo, por amor de Jônatas, teu pai, e te restituirei todas as terras de Saul, teu pai, e tu comerás pão sempre à minha mesa” (2 Sm 9.7).

²⁷ CROCKETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel, 1-2 Reis**. Tradução de Benôni Lemos/ Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1987, p. 86.

²⁸ PFEIFFER, 2010, p. 414.

²⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 320.

neto de Saul era alguém sem amor-próprio (chama a si mesmo de cão morto) e que nunca havia tido algum contato com o palácio real ou com a corte do rei. Davi assumiu suas obrigações e ainda providenciou alguém para administrar as propriedades de Mefibosete e o ajudar.³⁰

Porém, o texto de 2 Samuel 11 mostra que mesmo Davi era suscetível ao erro e vulnerável à carne. Ele usou seu momento de ócio para descansar e observar a vista de seu terraço, onde pode ver uma mulher banhando-se. Ele então agiu inconsequentemente e cometeu pecado³¹, conforme mostra o texto de 2 Samuel 11.³²

De nenhuma forma a Bíblia esconde os erros de homens de Deus, pelo contrário revela os erros e falhas dos mesmos. Segundo Swindoll, “nenhum pecado, salvo o de Adão e Eva, recebeu mais publicidade do que o de Davi com Bate-Seba”.³³ Observa-se que o rei teve a oportunidade de fugir da tentação, ao ser informado de que a bela mulher que estava se banhando era casada, ou seja, pertencia a outro homem. Mas sua impulsão por satisfazer o desejo carnal foi maior e ele acabou cedendo. Desta forma, Davi mostrou deliberadamente que estava ignorando outras pessoas que seriam afetadas por tal ato e também as consequências que este pecado traria.³⁴ De fato, Davi não estava pensando no que aconteceria e depois ele veria aonde ela o havia levado.³⁵

Com relação os motivos que o levaram a queda, é preciso considerar que durante o rigoroso inverno em Israel, as guerras cessavam. Então, quando surgia a primavera, as viagens voltavam a ser possíveis e as guerras eram feitas.³⁶ Davi, como rei, não havia saído em combate e sua permanência em Jerusalém e seu pecado provam que sua escolha de permanecer foi maléfica; seu momento de ócio o levou a ocupar suas mãos com a maldade.³⁷ Segundo Wiersbe:

“Satanás sempre encontra algum tipo de maldade para ocupar mãos ociosas”. O ócio não é apenas a ausência de atividade, pois todos nós precisamos de descanso em intervalos regulares; antes o ócio também é a atividade sem propósito algum.³⁸

Colocando sua armadura de guerra de lado, Davi começou a caminhar em direção a seu fracasso.³⁹ Além do ócio, Davi já havia permitido que outras armadilhas o atingissem, como o orgulho. Ele reconheceu que a mão de Deus estava sobre ele e que a bênção do Senhor sob sua vida era grande. Tal fato o levou a permitir certas regalias, como tomar mais mulheres e concubinas para si. Através desses atos, Davi mostrou que sua vida estava em oposição direta

³⁰ BALDWIN, 1996, p. 256-257.

³¹ “Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho; era ela mui formosa. Davi mandou perguntar quem era. Disseram-lhe: É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu” (2 Sm 11.2-3).

³² BALDWIN, 1996, p. 262.

³³ SWINDOLL, 1998, p. 223.

³⁴ MACHADO, A. Alberto. **Pecado contra vontade**. Contagem: AME Menor, 2003, p. 137.

³⁵ WANGERIN, 1998, p. 298.

³⁶ BALDWIN, 1996, p. 261.

³⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 325.

³⁸ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 325.

³⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 326.

com os mandamentos de Deus. O Senhor havia avisado que o rei não poderia ter três coisas (Dt 17.17): muitos cavalos para si ou para o povo; ter muitas mulheres e não acumular muitas riquezas como ouro e prata. Davi obedeceu no primeiro e no último, mas falhou no segundo. A verdade é que ter harém à disposição dele não diminuiu seu apetite sexual, mas aumentou. Segundo Swindoll, ter muitas mulheres não diminui, mas excita e estimula a libido do homem.⁴⁰ De forma lenta e progressiva, o coração do rei começou a se desviar do Senhor. O fato de ter tantas mulheres e a sensualidade de tal circunstância começaram a corroer a vida antes íntegra de Davi.⁴¹

Após descobrir que Bate-Seba estava grávida, Davi teve de pensar em um plano para esconder seu erro. O rei, então, tentou forçar que o filho da mulher com que havia dormido não era dele, mas de Urias, seu marido de verdade. Por duas vezes Urias recusou as ordens de Davi de ir para casa (2 Sm 11.8ss); mesmo embriagado, ele não desejou desonrar seus colegas de combate, dormindo com sua esposa, mostrando assim ter mais caráter embriagado do que o rei sóbrio.⁴² Ao perceber que seus planos não funcionaram, Davi escreveu uma carta a Joabe para que Urias tivesse então sua sentença de morte, colocando o assassinato de homem inocente nas mãos de seu general. Após confirmar-se a morte de Urias, Davi agiu de forma fria e indiferente.⁴³ Não somente este morreu, mas também outros soldados que junto com ele avançaram no campo de batalha morreram, pagando assim um alto preço pelo pecado do rei.⁴⁴ Essa ordem deliberada e consciente do rei custou a vida de homens valorosos, mas isto pareceu não importar para Davi. Assim que passado o luto pela morte de Urias, Davi mandou buscar Bate-seba e a tomou como sua esposa. O Senhor não se agradou de Davi, pois sua cobiça, adultério, hipocrisia e assassinato chegaram até o céu.⁴⁵

Ao ouvir a história contada pelo profeta, (2 Sm 12.9-12) a qual falava da situação vivida pelo próprio Davi com Bate-Seba, de forma instintiva o rei respondeu ao profeta Natã, condenando o ladrão ambicioso. Ao ser acusado, então, dele próprio ser este ladrão, Davi arrependeu-se e reconheceu sua falha para com Deus. O Senhor, então, perdoou sua transgressão; isto somente se deu pela graça divina. Como consequência de seu pecado, Davi perdeu seu filho, aquele que era fruto do adultério.⁴⁶ O profeta Natã não foi usado de forma leviana, era um homem respeitado por Davi e bem conhecido por ele. Sobre ele, Charles Swindoll escreve:

Ninguém mais na terra ousaria dizer a verdade a Davi. É claro que as sobancelhas foram levantadas. Houve certamente alguns cochichos. Mas ninguém foi suficientemente honesto e franco para dizer: - Davi você está em pecado. – Deus ordenou então a Natã: - Vá a Davi e diga isso a ele. – Natã imediatamente obedeceu.⁴⁷

⁴⁰ SWINDOLL, 1998, p. 225-226.

⁴¹ SWINDOLL, 1998, p.227.

⁴² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 327-328.

⁴³ BALDWIN, 1996, p. 264-265.

⁴⁴ SWINDOLL, 1998, p. 239.

⁴⁵ MACHADO, 2003, p. 141-142.

⁴⁶ MACHADO, 2003, p. 143-145.

⁴⁷ SWINDOLL, 1998, p. 249.

A reação de Davi não poderia ser nada menos que ficar desarmado e sem resposta. O rei estava vulnerável e indefeso diante da acusação: este era o momento propício de Deus.⁴⁸ A partir disto o tratamento de Deus na vida de Davi pode ser iniciado e percebe-se seu arrependimento em poemas como o salmo 32 e o salmo 51, este último retratando o grande medo do rei de que Deus tirasse dele seu Santo Espírito, como havia feito com Saul. Suas orações ficaram como testemunha de alguém que sofreu devido a seus pecados, mas foi perdoado mediante seu perdão.⁴⁹

2. OS RELACIONAMENTOS DE DAVI

Neste ponto abordar-se-á a vida de Davi olhando seus relacionamentos com amigos, liderados, mulheres, filhos e com os homens de Deus.

2.1 Com seus amigos

Um grande amigo de Davi, segundo as Escrituras Sagradas, foi Jônatas (1 Samuel 18.1).⁵⁰ Muitos estudiosos contestam o relacionamento de amizade entre Davi e Jônatas afirmando que na verdade eles formavam um casal homossexual bíblico. Tais homens baseiam suas teorias em passagens isoladas da Bíblia que expressam o grande afeto que havia entre os dois amigos, transformando algo puro em algo promíscuo e pervertido.⁵¹ Porém, analisando-se o contexto geral do Antigo Testamento e a comprovada heterossexualidade de Davi, percebe-se que uma relação homossexual entre eles não existiu. Havia de fato entre eles um intenso amor fraternal, que poderia ser mais forte que “o amor das mulheres.”⁵² O amor entre estes dois amigos era algo tão excelente e puro que Vine, Unger e White explicam o verbo amar:

Uso especial desta palavra diz respeito a um afeto especialmente íntimo entre amigos: “A alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma” (1 Sm 18.1). Em Lv 19.18: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Lv 19.34; Dt 10.19), *ãhab* (ou *ãheb*) significa este tipo fraterno ou amigável de amor. Além disso, a palavra sugere que o indivíduo busca se relacionar com seu irmão e todas as pessoas de acordo com o que está especificado na estrutura da lei que Deus deu a Israel. Este devia ser o estado normal das relações entre os homens.⁵³

Esse amor diz respeito a um pacto de amizade. A amizade entre Davi e Jônatas era de fato muito profunda e íntima e foi assim desde o início, quando ambos fizeram um pacto de amizade eterna e inabalável. Amavam-se como amigos, como irmãos.⁵⁴ Neste pacto, Jônatas

⁴⁸ SWINDOLL, 1998, p. 249-250.

⁴⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 330.

⁵⁰ “Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma” (1 Sm 18.1).

⁵¹ VERSIGNASSI, Alexandre; CORDEIRO, Tiago. A Bíblia como você nunca leu. **Superinteressante**. São Paulo, página 51, Junho/ 2012 p. 51.

⁵² GUSSO, Antônio Renato. **Os Livros Históricos**. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 67.

⁵³ VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR, W. **Dicionário Vine**. Tradução de Luís de Aron Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 38.

⁵⁴ WANGERIN, 1998, p. 242.

entregou sua armadura e suas armas reais a Davi, não somente para atender as necessidades dele, já que necessitava se proteger de um confronto, mas para demonstrar algo. Na verdade, Jônatas estava reconhecendo que Davi era muito valoroso para ele, ou seja, estava disposto a dar tudo em prol do amigo, até mesmo o direito a ser rei, pois “o amava como à sua própria alma”. O modo de amizade deles contestava os padrões da época e assim continua até a atualidade.⁵⁵

Em várias situações observa-se Jonatas intercedendo por Davi e o ajudando a fugir de Saul. Sua aliança não foi somente para garantir sua proteção quando Davi se tornasse rei, pois ele colaborava para que Davi continuasse vivo, ajudando-o e demonstrando-lhe sua fidelidade. Quando Davi precisava de algum sinal, Jônatas enviava flechas; quando Davi precisava de apoio, Jonatas o abençoava e lhe transmitia palavras de ânimo; quando o futuro rei se sentia desanimado, o amigo lhe abraçava e chorava com ele.⁵⁶ House coloca que não havia entre Davi e Jônatas um relacionamento de apenas amizade, mas de proteção; esta ação é promovida por Deus para engrandecer e defender Davi, ou seja, a amizade deles está no plano de Deus.⁵⁷

Outro personagem importante para Davi foi Abner, embora não foi um grande amigo deste rei foi honrado por Davi, como tal, no funeral recebido. No segundo livro de Samuel, observa-se Abner como importante personagem da história que envolve Davi. Por muito tempo este grande guerreiro esteve ao lado de Saul, lutando contra o filho de Jessé; por fim, Abner deixou de proteger Saul e foi censurado posteriormente por Davi. Este homem, portanto, não possuía motivos para apoiar o novo rei de Israel. Abner era tão opositor ao reinado de Davi que, quando o novo rei assumiu o trono, o ex-general de Saul declarou publicamente que o novo rei seria Isbosete, o único filho de Saul que restara.⁵⁸ Abner era primo de Saul e capitão de seus exércitos; era natural que desejasse que sua família e seus guerreiros permanecessem no poder. Ele sabia que, caso Davi assumisse o reino, Joabe seria o comandante de seus exércitos e não ele próprio; tendo Isbosete como rei, Abner sabia que ele seria na verdade o governante, afinal o filho restante de Saul era fraco e inseguro em seu proceder.⁵⁹ Isbosete era, portanto, manipulado por Abner; ele foi um governante sem expressão e sem importância.⁶⁰ Ao perceber a força de Davi e a superioridade de seus exércitos em relação aos seus próprios, Abner, então, manipulou uma situação para se opor a Isbosete e, através disso, teve uma desculpa para mandar emissários a Davi solicitando o “acordo”. Davi aceitou, mas pediu que mandasse Mical de volta. Abner convenceu os líderes do povo e os anciãos, e conseguiu firmar uma aliança com Davi.⁶¹

⁵⁵ BALDWIN, 1996, p. 145.

⁵⁶ WANGERIN, 1998, p. 251-252.

⁵⁷ HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005, p. 301.

⁵⁸ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 301.

⁵⁹ TASSEL, Paul N. **Anos gloriosos do Reino**. São Paulo: Batista Regular, 1979, p. 7-8.

⁶⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 301.

⁶¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 303-304.

O que aconteceu a seguir é tipicamente político e carnal. Joabe descobriu a intenção de Davi e o repreendeu por associar-se com Abner. A Bíblia não registra a resposta de Davi, demonstrando o autocontrole do rei diante das circunstâncias. O fato de possuir uma grande família real – muitas esposas e muitos filhos – e também parentes seus em cargos públicos provocava muitos problemas para Davi. Ele desejava a paz e não mais conflitos. Não desejava que o espírito vingativo de Joabe trouxesse mais dificuldades.⁶² Joabe, sendo muito astuto chamou Abner para uma conversa particular e então o matou, como vingança por ter assassinado seu irmão Asael. Davi repudiou tal ato e mostrou sua compaixão e amizade para com Abner, dando-lhe um funeral digno e mandando que todo povo chorasse por sua morte.⁶³ Davi, portanto, homenageou Abner e mandou que todos pranteassem por ele, inclusive Joabe e seu irmão. Davi havia experimentando a bondade de Deus e por isso a repassou para outros em uma atitude de amizade, deixando tudo que Abner havia feito de mal para ele. Davi agiu como um homem segundo o coração de Deus.⁶⁴

2.2 O relacionamento de Davi com as mulheres

Davi possuía muitas mulheres e isto acabou se tornando um grande problema em sua vida. Entre as que são mencionadas observa-se: Ainoã, Abigail, Maaca, Hagite, Abital, Eglá, Mical (que era estéril) e Bate-seba. Também há outras mulheres que não são mencionadas diretamente: Ibar, Elisua, Nefegue, Nogá, Jafia, Elisama, Eliada, Elifelete e Jerimote. Abordar-se-á aqui algumas das que possuíram relacionamento importante com Davi.⁶⁵

Mical foi uma das mulheres de Davi. Inicialmente ele iria se casar com a filha mais velha de Saul, chamada Merabe, mas esta foi dada em casamento a outro homem. O rei, então, sabendo que sua outra filha estava apaixonada por Davi, resolve usá-la como isca; ele cobrou do guerreiro cem prepúcios de filisteus como preço pela mão de Mical. Davi trouxe o dobro deste número e tornou-se genro de Saul. O antigo rei tentou dar uma rasteira em seu futuro genro, porém mais uma vez a bênção de Deus foi presente na vida de Davi, protegendo-o e abençoando-o nas batalhas.⁶⁶ Mical de fato amava Davi, com ele assumiu um compromisso e isto se evidencia em 1 Samuel 19.11-13, quando ela o ajuda a escapar de seu pai. Ela e seu irmão Jônatas amavam Davi e seu compromisso com ele vinha antes de Saul.⁶⁷ Percebe-se também que Davi a amava como mulher quando a pediu de volta, posteriormente, no acordo com Abner.⁶⁸ Observa-se nesta situação – a fuga de Saul com a ajuda de Jônatas e Mical – o cuidado do Senhor protegendo a Davi e usando até membros da família de seu inimigo mortal. Davi também destacou-se não por confiar em pessoas ou em planos, mas no cuidado de Senhor dos Exércitos em sua vida.⁶⁹

⁶² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 305.

⁶³ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 514.

⁶⁴ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 306.

⁶⁵ SWINDOLL, 1998, p.170-171.

⁶⁶ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 502.

⁶⁷ BALDWIN, 1996, p. 148.

⁶⁸ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 303-304.

⁶⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 254.

Abigail foi outra mulher da Davi. As Escrituras colocam Abigail como uma mulher inteligente e bonita. Seus atributos são contrastantes com os de seu esposo Nabal, um homem rico, mas grosseiro. A história relatada em 1 Samuel 25 deixa claro que este homem agiu injustamente para com Davi, retribuindo a proteção que seus pastores haviam recebido com uma resposta mesquinha, dizendo que não conhecia Davi. Quase surgiu uma guerra, devido à atitude agressiva assumida por ambas as partes, se não fosse a intervenção adequada de Abigail.⁷⁰ Diferente de Davi e mesmo de Nabal, Abigail não era direcionada por emoções; ela agia com atitudes lógicas e sábias. Ela era bonita por dentro e por fora. Para evitar um conflito, esta mulher levou um banquete para Davi e seus soldados e suplicou que ele não travesse uma guerra contra Nabal devido a sua resposta estúpida.⁷¹ Através desta atitude de humildade e altruísmo, Abigail conseguiu um final feliz para esta história. Mais tarde, Nabal faleceu devido a um ataque apoplético – espécie de hemorragia no cérebro, desenvolvido mediante coágulo nos vasos sanguíneos cerebrais – e Davi então propõe um casamento com ela, não perdendo a oportunidade de juntar-se com uma mulher graciosa e humilde.⁷²

Bate-seba foi uma das mulheres mais conhecidas de Davi. O caso de Bate-seba já foi anteriormente abordado, no ponto 1 deste artigo, mas algumas outras considerações sobre o relacionamento de Davi com esta mulher são importantes. Não há dúvida de que o relacionamento deles se iniciou com pecado, o qual Deus não tolerou.⁷³ Como dito anteriormente, Davi somente desejou mais uma mulher, pois já possuía muitas esposas; seu fervor e zelo espiritual estavam abalados e degenerados. Bate-seba somente foi a gota d'água de Davi; ela virou a cabeça de Davi, mas seu coração já havia sido levado por suas outras esposas. Tassel afirma que a responsabilidade não estava sobre nenhuma delas, mas sobre o rei, pois ele era o líder. Ele estava muito preocupado em agradar sua carne, envolvendo-se com a sensualidade. O fato é que a transgressão de um mandamento levou à desobediência de outros.⁷⁴

Mesmo em meio a este início conturbado, mais tarde observa-se que esta mulher se tornou importante na vida do rei, passando a ser relevante no palácio. O texto de 1 Reis 1 deixa claro que Bate-seba era uma mulher corajosa e desejava fazer a vontade de Deus. A forma como os homens da corte se relacionavam com ela – O profeta Natã, seu filho Salomão e Adonias – de forma respeitosa, mostram que ela possuía grande influência na corte. Ela sabia que seu filho Salomão deveria ser o rei e batalhou por isso (1 Rs 1.11-21).⁷⁵ Segundo Wiersbe:

Infelizmente, muitos veem Bate-seba apenas como a “adúltera”, quando, na verdade, foi sua intervenção que salvou Israel de uma tragédia num momento crítico.⁷⁶

⁷⁰ MEYER, F. B. **Comentário bíblico F. B. Meyer**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. 2.ed. Belo Horizonte: Betânia, 2002, p. 153.

⁷¹ SWINDOLL, 1998, p.126-131.

⁷² MEYER, 2002, p. 154.

⁷³ RICHARDS, Lawrence. **Comentário bíblico do professor**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004, p. 274.

⁷⁴ TASSEL, 1979, p. 31-32.

⁷⁵ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 394.

⁷⁶ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 394.

No texto de 1 Reis 2 observa-se que Davi cumpriu o juramento que havia feito a Bate-seba e tornou Salomão seu auxiliar, usando sua autoridade para encaminhar o próximo rei e poder influenciar o início do próximo reinado. Observa-se aqui a consideração de Davi em relação a sua mulher Bate-seba e seu compromisso em cumprir sua palavra para com ela. Davi não a via como sua mulher fruto de adultério, mas como a mãe do herdeiro do trono.⁷⁷

2.3 Com seus liderados

Davi foi um grande estrategista militar, tanto em batalhas militares como pessoais. Sua personalidade e liderança foram marcadas por sua coragem e táticas. Observam-se aqui alguns de seus relacionamentos liderando pessoas e grupos.⁷⁸

Um aspecto interessante a ser considerado é o relacionamento de Davi com seu exército de rebeldes. Desde o início de seu “movimento”, Davi despontava como grande líder, atraindo muitos guerreiros habilidosos para sua causa.⁷⁹ Assim como Jesus, Davi atraiu para si muitos homens amargurados de espírito, indignados com o reino; ele oferecia-lhes esperança de um novo tempo com uma vida melhor.⁸⁰ Neste grupo de guerreiros valentes e excluídos e indignados da sociedade, Davi forjou um bom exército. Inicialmente eram 400 homens e mais tarde passaram a ser 600 (segundo 1 Samuel 22:1 e 2).⁸¹ A partir destes seiscentos, Davi travou muitos combates e em todos os sentidos foi um bom líder para seus homens; na batalha contra Queila (1 Samuel 23.1-6) seus homens estavam com medo de morrer durante o combate e ele, como um líder espiritual, consultou a Deus duas vezes para ter certeza e transmitir convicção a seus homens. O Senhor abençoou Davi nesta batalha e ainda permitiu que seu exército conseguisse grande quantidade de despojos dos Filisteus.⁸²

Alguém que merece destaque nos relacionamentos de Davi é Joabe. Sem dúvida, Joabe era um soldado da confiança de Davi, por isso ele o enviava às batalhas, mesmo em seu lugar, como registrado em 2 Samuel 11. O relacionamento deles era tão estreito que o pedido de “assassinato” de Urias foi feito por Davi e Joabe obedeceu.⁸³ Auxiliando o rei, talvez deduzindo que este desejava a esposa de Urias, entendeu sua intenção e pôs Urias junto com outros guerreiros para junto das muralhas de Rabá, onde a morte seria certa. Talvez Joabe cumpriu essa ordem para que em um futuro momento oportuno pudesse ter Davi em suas mãos.⁸⁴

Em uma situação anterior, também se observa a ousadia e frieza de Joabe (2 Samuel 3). Joabe não se agradou nem um pouco do pacto de paz de Davi com Abner e repreendeu o rei por isso. A Bíblia não registra nenhuma resposta de Davi a este e talvez ele tenha se arrependido posteriormente por não castigar seu general. Joabe conseguiu uma situação

⁷⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 395.

⁷⁸ TASSEL, 1979, p. 31.

⁷⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 260.

⁸⁰ MEYER, 2002, p. 151.

⁸¹ DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1983. vol. 1, p. 315.

⁸² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 265.

⁸³ BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009, p. 521.

⁸⁴ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 328.

propícia a sós com Abner e o matou. Como correção tardia, Davi ordenou que Joabe estivesse presente no luto oficial por Abner, vestindo panos de saco.⁸⁵

Obviamente Joabe não matou Abner apenas por competição mas para vingar a morte de seu irmão Asael. Davi repugnou este ato, declarando-se totalmente inocente e orando para que Joabe fosse castigado por Deus.⁸⁶ O resultado final pode ser visto em 1 Reis 2, quando Davi aconselhou Salomão, seu sucessor, a matar Joabe logo. Mesmo sendo um bom guerreiro, Joabe havia matado vários homens inocentes e, vez por outra, não cumpria as ordens estabelecidas por Davi. Provavelmente Joabe era considerado como um traidor do rei, um homem que representava perigo para o próximo reino.⁸⁷

2.4 Relação com os filhos

Davi teve vários filhos, entre eles Absalão, Amnom e Adonias. Muitos estudiosos afirmam que Davi foi um ótimo guerreiro e diplomata habilidoso, mas foi um pai omissivo na educação dos filhos. Seu pulso para com eles era fraco.⁸⁸ Em 2 Samuel 13 observa-se uma situação peculiar. O filho mais velho de Davi, Amnom, apaixonou-se por sua meia irmã Tamar – Amnom era filho de Ainoã e Tamar e Absalão eram filhos de Maaca – e desejou ter relações com ela. Ele montou um plano para ficar a sós com ela, fingindo estar doente. O que aconteceu depois não poderia ser pior: um estupro mesclado com incesto.⁸⁹ Antes do ato ser consumado, Tamar tentou convencer Amnom a não ter relações com ela, argumentando que todo Israel era contra o estupro e que ambos não ganhariam nada com este ato. Ela chegou a sugerir que ele a pedisse em casamento diante do rei; mas nada funcionou e Amnom a estuprou.⁹⁰ Sobre isso, Baldwin diz:

O ato de violência perpetrado por Amnom revela-o como alguém incapaz de se revelar e um egoísta grosseiro. O pior para ele é que há uma testemunha presente, e Tamar é justamente essa testemunha. A partir daí, ele não conseguirá mais olhar para ela, pois isso seria um encontro repetido, extremamente vergonhoso, revelador e intolerável, seria um confronto com suas próprias fraquezas como pessoa.⁹¹

Amnom agiu com brutalidade após conseguir o que queria e revelou seu caráter maléfico e sua má índole.⁹² Após violentar Tamar, ele a desprezou e pediu que esta saísse de seu quarto. É possível que tenha bolado todo este plano “debaixo dos panos”, pensando em não ser descoberto, lembrando do exemplo de alguém: seu próprio pai Davi. Afinal, se seu próprio pai conseguira safar-se, por que Amnom também não conseguiria?⁹³ 2 Samuel 13.21, mostra que Davi muito se indignou com esta situação, mas não fez nada. O amor que Davi

⁸⁵ BALDWIN, 1996, p. 215.

⁸⁶ BRUCE, 2009, p. 514.

⁸⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 397.

⁸⁸ CROCETTI, 1987, p. 94.

⁸⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 334-335.

⁹⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 280.

⁹¹ BALDWIN, 1996, p. 280.

⁹² DAVIDSON, 1983, p. 332.

⁹³ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 335.

sentia pelos filhos transforma-se em uma de suas fraquezas, tornando-se passivo na educação dos filhos.⁹⁴ O rei deu-se por satisfeito em se sentir apenas irado. Esta atitude negativa reflete seu amor indulgente para com o filho e sua atitude comum em falhar na disciplina familiar.⁹⁵ Meyer afirma que ele não podia repreender Amnom, pois havia cometido a mesma falha e, Davi amava este, pois era seu primeiro filho.⁹⁶

A passividade de Davi neste processo gerou a ação de Absalão: ele se vingou de Amnom e o matou. Sua estratégia foi bem tramada e planejada durante dois anos, tempo que este esperou para uma ocasião propícia, dando uma festa para todos os filhos do rei. Neste evento Absalão tramou para que Amnom ficasse bêbado de vinho e então mandou que o matassem.⁹⁷ Depois de seu meio-irmão ser executado, este fugiu para a casa do pai de sua mãe, Talmai, o rei de Gesur. Davi não exigiu seu retorno imediato, sabendo que uma punição para seu ato provavelmente seria exigida. Neste momento as histórias se cruzam e a memória de Davi o acusa: como ele poderia castigar Absalão, sendo que ele próprio havia tramado o assassinato de Urias?⁹⁸ Este refúgio provavelmente foi planejado de antemão, o avô de Absalão e rei de Gesur certamente ficaria feliz em ver o neto ser o rei de Israel, pensando que este estava se exilando para futuramente tomar o trono do pai. Enquanto Absalão fugiu para longe – cerca de cento e trinta quilômetros a nordeste – Davi ficou em Israel chorando pela morte de Amnom. O filho fugitivo ficou alguns anos longe, tempo suficiente para que seu pai se conforme com a morte do herdeiro ao trono.⁹⁹ Vale lembrar que Deus já havia prometido a Davi em 2 Samuel 12:10 que a espada jamais se apartaria de sua casa, como consequência dos atos do rei; aqui então começou esta série de dramas familiares, primeiro envolvendo este incesto, depois envolvendo revoltas e brigas dos príncipes disputando o trono.¹⁰⁰

A seguir Joabe entrou em cena e coagiu uma mulher para que convencesse Davi a trazer de volta para Israel seu filho Absalão. Esta conseguiu cumprir a missão e o rei mandou que Absalão retornasse para Israel, agindo de forma misericordiosa, lembrando que Deus também agira assim para com ele em situação parecida.¹⁰¹ Ainda assim, haveria algumas restrições para ele; Davi ordenou que seu filho ficasse em suas próprias terras, ou seja, não teria livre acesso ao palácio, quase que impondo uma prisão domiciliar para ele. O rei estava dessa forma testando Absalão, vendo se poderia ou não confiar nele; este castigo também poderia significar algo para o povo, Davi estava ensinando seu filho.¹⁰²

A história de Absalão não acabou bem. Ele revoltou-se contra seu pai, conseguiu juntar para si um exército e provocou uma guerra civil. Nesta batalha muitos homens de Israel morreram (cerca de vinte mil homens) e também Absalão, pois prendeu a cabeça em um galho; recebeu três dardos no coração e depois foi mutilado à espada por um grupo de

⁹⁴ BRUCE, 2009, p. 524.

⁹⁵ PFEIFFER, 2010, p. 416.

⁹⁶ MEYER, 2002, p. 169.

⁹⁷ BRUCE, 2009, p. 524.

⁹⁸ MEYER, 2002, p. 169.

⁹⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 337-338

¹⁰⁰ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, *Bíblia de Estudo Almeida*, p. 354.

¹⁰¹ DAVIDSON, 1983, p. 332.

¹⁰² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 339.

soldados. A justiça aconteceu e ele morreu como um filho rebelde. Quando os mensageiros chegaram ao palácio de Davi para dar a notícia da vitória sobre os inimigos, somente importava ao rei saber o que aconteceu com seu filho. O servo, então, informou a Davi, como que querendo amenizar a notícia, que deveria acontecer a todos os inimigos de Davi o que aconteceu a seu filho. O sentimento de alegria pela vitória militar tornou-se então em tristeza pela morte de Absalão. Mesmo em meio a todo este enredo horrível, Davi ainda ofereceu uma lição sobre amor, amor incondicional por seus filhos, sem explicação lógica.¹⁰³

A história trágica dos filhos de Davi ainda não acabara. No primeiro capítulo de Reis lê-se o relato da tentativa de golpe de estado que Adonias tentou dar a seu pai. Ele era o quarto filho de Davi – o sobrevivente, pois os outros três primeiros já haviam morrido – e naturalmente seria o sucessor ao trono. Então ele tentou usurpar o trono do pai, seguindo o mau exemplo de seu irmão Absalão. A história mostra claramente o relacionamento desastroso que havia entre Davi e seus filhos. Adonias juntou para si homens importantes, que o apoiariam nesta intriga; Joabe, o chefe dos exércitos, e Abiatar, o sacerdote.¹⁰⁴

Adonias recebeu a ajuda destes traidores e buscou também o apoio popular. Ele sabia que Salomão havia sido escolhido pelo Senhor e provavelmente Joabe e Abiatar também sabiam disso. Dessa forma, os três não estavam somente se rebelando contra Davi, mas contra a vontade do Senhor.¹⁰⁵ O motivo destes apoiarem Adonias não é algo claro. Talvez o ímpeto jovem deste lembrava seu pai na juventude, ao qual eles também haviam servido. Outro motivo poderia ser o desejo pela mudança, era hora de acontecer alguma coisa.¹⁰⁶ Mesmo acamado e enfermo, Davi tomou uma atitude e entronizou Salomão em Jerusalém como rei, sob o apoio de seus fiéis servos Benaia, Natã e Zadoque. Salomão recebeu os devidos conselhos de seu pai sobre seu futuro reino, a fim de promover a paz; destaca-se, entre eles, o conselho de não permitir que Joabe morresse de morte natural, pois representava um perigo para a paz e a estabilidade do estado. Após Salomão assumir o reinado, Adonias inicialmente se submeteu, mas, ao pedir que Bate-seba intercedesse por ele pedindo uma de suas concubinas, Salomão ficou contra seu irmão. O fato de assumir o reino significava ficar com as concubinas de seu pai, então este pedido era impossível; o pedido de Adonias parecia ser pretensioso. Salomão, então, ordenou que Benaia executasse Adonias e este obedeceu.¹⁰⁷

Salomão, não poderia ficar de fora nesta descrição. Ele foi o filho de Davi e o rei que levou a nação de Israel ao seu apogeu em glória. Durante seu reinado houve muita paz, justiça, fama internacional e prosperidade. Foi ele que colheu os benefícios do trabalho de seu pai, que havia se esforçado para construir um exército que permitisse a paz.¹⁰⁸

Em 1 Reis 2 leem-se as últimas ordens de Davi a Salomão, recomendando como deveria ser o reino e dando instruções sobre a construção do templo. O velho rei desejava que seu

¹⁰³ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 2, p. 1302-1303.

¹⁰⁴ ALLEN, Clifton, J. **The Broadman Bible Commentaty**. Nashville: Broadman Press, 1970, vol. 2, p. 157-158.

¹⁰⁵ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 393.

¹⁰⁶ BRUCE, 2009, p. 541.

¹⁰⁷ MEYER, 2002, p. 180-181.

¹⁰⁸ HOFF, Paul. **Os Livros Históricos**. Tradução de Jefferson Magno Costa. São Paulo: Vida, 1996, p. 177.

filho pudesse iniciar um reinado de paz, sem contendas, por isso houve o direcionamento para que se livrasse de homens de má índole, como Joabe e Simei. Davi havia errado com eles no passado e desejava que Salomão pudesse reparar essa situação. O sucessor do trono deveria agir com sabedoria, começando de forma que corrigisse os erros do passado que pudessem interferir no futuro.¹⁰⁹ De fato, após a morte de Davi, Salomão tomou todas as medidas necessárias para solidificar seu reino e executou todos aqueles que apresentavam alguma ameaça ou possibilidade de rebelião. Além disto, também fez muitas alianças matrimoniais com nações vizinhas, garantindo a paz com estas. Desta forma, Salomão demonstrou confiar mais nas alianças políticas do que na proteção do Senhor.¹¹⁰

Salomão começou de forma brilhante, mas infelizmente isto não é sinônimo de sucesso. Foi, sem dúvida, um grande adorador do Senhor e também lembrado por ser o construtor do templo do Senhor, uma casa para adoração a Deus. De forma pecaminosa, ele falhou com os mandamentos de Deus, não apenas possuindo muitas mulheres, cavalos e carros, mas indo buscá-los no Egito!¹¹¹ Seu início foi marcado pela vitória e humildade, mas o final não foi tão bom assim, pois conforme texto bíblico ele morreu longe do Senhor, e na idolatria

2.5 Relacionamento com os homens de Deus

Alguns homens foram importantes na vida de Davi, no aspecto espiritual. Sem dúvida, Samuel foi, além de profeta, um grande juiz, libertador e seu mestre. Ele não levou Israel para uma eminente queda, como Eli havia feito, mas conduziu o povo para um caminho de mudança espiritual.¹¹² Chama a atenção neste homem a negação da natural inércia vinda com a velhice. Ele não ficou exaltando o passado e resistindo às mudanças do presente. Samuel aceitou as transformações e estava certo que Deus agiria em prol de um futuro melhor. Diante da falha de Saul, o profeta sabia que Deus não havia abandonado Israel e que mandaria alguém melhor para substituí-lo. Samuel ajudou a instruir Davi e fez muito por ele. Mesmo tendo falhado na educação dos filhos, talvez isso possa ser compensado em seu relacionamento instrutivo com Davi.¹¹³

Natã foi um dos amigos mais leais do rei Davi e também um certo mentor na sua vida. Foi seu pastor nos dias negros em que ele esteve em adultério com Bate-seba. Provavelmente, além de profeta, ele também fosse músico, pois ajudou Davi a organizar os cultos no santuário.¹¹⁴ Em momentos difíceis, Natã estava com Davi para oferecer sua amizade e seu conselho sensato.¹¹⁵

Ao disciplinar Davi após o adultério, Natã teve de iniciar uma mudança espiritual interna em Davi e confrontá-lo com seus pecados. Sua tarefa não foi simples, mas ele usou de

¹⁰⁹ BRUCE, 2009, p. 543.

¹¹⁰ HOFF, 1996, p. 179.

¹¹¹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento - Poéticos. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 3, p. 402-403.

¹¹² HOFF, 1996, p. 111.

¹¹³ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 289-290.

¹¹⁴ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 394.

¹¹⁵ MEYER, 2002, p. 179.

sabedoria. Ele foi orientado pelo Senhor para falar as palavras certas e sua ação foi eficaz. Ao perceber que Davi estava arrependido, Natã afirmou que Davi estava perdoado, porém seu pecado teria consequências.¹¹⁶ Observa-se que o profeta era usado para falar à consciência de Davi e este se submetia a ele, permitindo a ação de Deus.¹¹⁷

Ao tratar com Davi assim, Natã mostrou agir como um profeta de Deus, não tendo medo de corrigir o rei. Os falsos profetas eram conhecidos por sempre falarem bem do rei, a fim de ganhar seu favor. Davi reconheceu a voz de Deus através de Natã e isso mostra a grande e positiva influência que este tinha sobre o rei. O relacionamento deles era de tutoria espiritual.¹¹⁸

3. A MUDANÇA DE DAVI

Ao longo da análise sobre a vida de Davi, percebe-se o destaque dele em relação a quaisquer outros homens da Bíblia. Ele distingue-se como homem de Deus, compositor de Salmos, pastor fiel, guerreiro valente, líder do povo, músico, guia justo, homem com compaixão pelos outros, misericordioso e gracioso. Porém, em meio a isso vem o pecado com Bate-seba. Isso não faz de Davi um perverso escondido, mas mostra sua vulnerabilidade ao pecado, como qualquer outro homem.¹¹⁹ Observam-se, a seguir, alguns pontos importantes em relação a este pecado marcante na vida de Davi.

3.1 Seu arrependimento representado nos Salmos

Davi arrependeu-se de fato e seu sentimento de graça e perdão diante de Deus são expressos claramente nos Salmos que escreve. Observa-se isto claramente¹²⁰ nos dois primeiros versículos do Salmo 32: “Bem aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo”. Sem dúvida nenhuma, ao falar sobre o arrependimento de Davi perante o adultério, não se pode deixar de fora também o Salmo 51. Nenhum outro Salmo é mais detalhado e autêntico, tratando-se de confissão de pecados, em toda a Bíblia. O título do Salmo liga a penitência com o adultério cometido com Bate-seba. Mais uma vez Davi mostrou-se diferente de Saul; ele não sentiu uma conveniente culpa para permanecer como rei, nem apresentou desculpas ou esperanças de ficar no trono. A atitude de Davi foi vital, pois para o pecado é necessário arrependimento total e completo. O homem segundo o coração de Deus não mediu esforços para restaurar totalmente o relacionamento com o Senhor.¹²¹

O Salmo 32 revela uma atitude, a de arrependimento. Este é um Salmo de agradecimento, mas é baseado em uma experiência de arrependimento. Davi estava sofrendo há algum tempo por seu pecado inconfesso, mas finalmente atingiu o momento de revelar

¹¹⁶ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 328 – 330.

¹¹⁷ MEYER, 2002, p. 168.

¹¹⁸ CHAMPLIN, 2001, vol. 2, p. 1275-1277.

¹¹⁹ SWINDOLL, 1998, p.224-225.

¹²⁰ SWINDOLL, 1998, p. 245.

¹²¹ HOUSE, 2005, p. 311.

seu erro diante de Deus (2 Sm 12.1-13). Davi revelou atitude certa ao reconhecer sua rebeldia diante do Senhor, algo que é tirado dele, propiciando o “cancelamento da dívida”. Davi passou por esta experiência e agora estava apto para instruir sobre o caminho certo.¹²² Davi sentiu e ensinou sobre liberdade, a qual pode ser alcançada pelo perdão. A desistência do orgulho e o recebimento da graça marcaram a atitude de Davi, ele experimentou a dádiva de Deus e livrou-se da perturbação da mente e do corpo.¹²³

Algumas palavras são importantes no contexto do Salmo 32. Transgressão significa desobediência assumida; pecado significa errar o alvo; maldade significa perversidade; e engano faz referência a enganar-se a si mesmo. Porém, Davi ressaltou que todos eles foram tratados pelo perdão e misericórdia divinos.¹²⁴ Wiersbe também afirma que a iniquidade citada no Salmo refere-se a “passar dos limites”. Davi conhecia os mandamentos de Deus e sabia das proibições quanto a homicídio, falsidade e adultério. Ele tentou fingir que nada havia acontecido mas não conseguiu.¹²⁵

Em relação a este “enganar a si mesmo”, Davi somente conseguiu superar, porque foi honesto consigo mesmo e com seu pecado.¹²⁶ A alegria do perdão recebida por Deus veio mediante um grande sofrimento. Diante de tanta dor, Davi sentiu-se purificado e seu pecado foi coberto.¹²⁷ Sobre a dor da culpa, Davidson afirma:

O impulso inicial de abafar a culpa pelo silêncio simplesmente a lança no subconsciente, mas a mesma transparência por sintomas de aflição física – dor profundamente enraizada e gemidos involuntários. O sono não trazia cessação a tão profunda desarmonia, e sua própria persistência era uma indicação da inescapável mão da justiça de Deus. A obstinada resistência de tal repressão ia constantemente reduzindo seu vigor, como uma árvore se resseca numa seca prolongada.¹²⁸

Através desta experiência, Davi foi testemunha para instruir que é feliz aquele que possui um espírito suscetível ao ensino. A lição presente no Salmo é de que, se o perdão de Deus é bom, a comunhão com Ele será melhor ainda; se mediante o pecado sente-se Sua pesada mão, deve-se buscar seu toque suave.¹²⁹ É interessante ressaltar que este Salmo não é somente dedicado a Deus; como falado anteriormente, Davi pretendia admoestar outros adoradores. Seu desejo era mostrar que Deus é Aquele a quem se pode confiar e dedicar a vida inteira. Foi isso que Davi fez.¹³⁰

O Salmo de número 51 apresenta um escrito sobre arrependimento e confissão. Nesta oração de arrependimento, Davi revelou seu desejo de purificação e renovo interior.¹³¹ O rei

¹²² BRUCE, 2009, p. 793.

¹²³ KIDNER, Derek. **Salmos 1-72**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980, p. 153.

¹²⁴ PFEIFFER, 2010, p. 703.

¹²⁵ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 149.

¹²⁶ BRUCE, 2009, p. 793.

¹²⁷ DAVIDSON, 1983, p. 525.

¹²⁸ DAVIDSON, 1983, p. 525.

¹²⁹ KIDNER, 1980, p. 155.

¹³⁰ VIDA, Bíblia de estudo NVI, p. 906.

¹³¹ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, Bíblia de estudo NTLH, p. 610.

arrependido mostrou nestes escritos sua saída de um poço cheio de lama imunda e sua chegada a um lugar alto e ensolarado, onde ele pode sentir-se remido.¹³² A impressão de que se tem é que Davi chegou diante de Deus de forma suplicante, e isto somente ocorreu devido ao conhecimento da natureza misericordiosa de Deus.¹³³

É interessante ressaltar os três pedidos do rei Davi nesta oração. Ele começou pedindo que Deus pudesse lavá-lo de seu pecado intencional contra Ele. O rei sabia que não havia sacrifício que pudesse remi-lo, de acordo com a lei. Ele necessitava da misericórdia, do amor e da graça de Deus.¹³⁴ Ao pedir que Deus o levasse, Davi estava se comparando a uma peça de roupa muito suja, que precisa de uma limpeza profunda; afinal, ele se sentia culpado e indigno de entrar na presença de Deus.¹³⁵

Ele também clamou a Deus que o “restituisse” (Sl 51.12), pois o pecado havia prejudicado seus olhos, sua mente, seus ouvidos e ossos, seu coração e espírito, suas mãos e seus lábios. Davi entendeu que precisa muito mais do que purificação; ele precisa ser restaurado. Nenhum outro processo poderia ajudá-lo a tornar-se aceitável novamente para servir a Deus.¹³⁶ A atitude de Davi mostrou que ele deseja ser regenerado e que ele queria viver novamente em santidade.¹³⁷

O rei arrependido também expressou o desejo de poder ser usado novamente pelo Senhor. Ele desejava novamente assumir seu ministério e ser um bom líder para o povo. Davi sabia que sua experiência poderia ajudar outros; ele poderia conduzir perdidos ao caminho da graça de Deus.¹³⁸ Davi desejava ser restaurado por Deus, mas não queria parar por aí. Ele queria poder transmitir a outros aquele conhecimento, fortalecendo a fé de outras pessoas através de sua experiência.¹³⁹

3.2 A marca do viver segundo o coração de Deus

Segundo a análise do texto bíblico, assim como Abraão, Jacó, Moisés, Saul e outros, a escolha de Davi por parte de Deus não apresenta nenhuma explicação clara. O Senhor não se justifica, Ele apenas ordena a Samuel a ir e ungir um dos filhos de Jessé para ser o rei do povo de Deus.¹⁴⁰ Segundo House:

Yahweh afirma que os seres humanos examinam a aparência exterior ao passo que ele “vê o coração” (16.7), contudo o texto não apresenta nenhum detalhe sobre a natureza do coração de Davi. Tudo que pode-se dizer é que Deus atribui ao caráter um valor maior do que todos os outros detalhes pessoais.¹⁴¹

¹³² MEYER, 2002, p. 287.

¹³³ BRUCE, 2009, p. 812.

¹³⁴ WIERSBE, 2006, vol. 3, p.183-184.

¹³⁵ KIDNER, 1980, p. 211.

¹³⁶ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 184.

¹³⁷ KIDNER, 1980, p. 213.

¹³⁸ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 185.

¹³⁹ KIDNER, 1980, p. 214.

¹⁴⁰ HOUSE, 2005, p. 300.

¹⁴¹ HOUSE, 2005, p. 300.

Após essa unção de Samuel, Davi começou a tornar-se poderoso por Deus, pois ele recebeu o “Espírito do Senhor” (1 Sm 16.13). Tal dádiva serve para mostrar que Davi não era apenas um rei, mas um rei da parte de Deus. Uma das diferenças entre Davi e Saul é exatamente este: o reconhecimento de que as vitórias e as bênçãos vinham da parte do Espírito de Deus. Saul não reconhecia, mas Davi sim.¹⁴² Segundo Walter Eichrodt:

O que faz um rei não é a capacidade militar, nem os dons de um estadista, nem a outorga de uma lei clara sobre a monarquia, nem uma posição de autoridade em questões internas, mas a demonstração na pessoa do rei, um homem cheio do poder divino e, portanto, capaz de coisas maiores do que outros homens.¹⁴³

Davi passou a receber a unção de Deus como rei e Saul perdeu esta bênção especial, fazendo seu reino pouco a pouco desmoronar. De forma crescente, Deus começou a engrandecer e defender a Davi em cada batalha, dificuldade e situação.¹⁴⁴

3.2.1 Seu relacionamento e atitude para com Deus

A vida de Davi muitas vezes é marcada por seu erro e adultério com Bate-seba e pelo enredo horrível em volta deste fato: a maquinação de um assassinato e a sua frieza. Mas, ao olhar-se para o todo de sua vida, vê-se um homem de Deus, que buscou viver para a glória do Senhor. Isto é marca de seu relacionamento com o Pai ou de sua atitude para com Deus. Davi deixou um legado para os crentes das futuras gerações de compromisso com Deus.¹⁴⁵ Observam-se algumas características marcantes de sua vida, a saber: a) Seu caráter diante do Senhor; b) Sua fidelidade e adoração única e somente a Deus; c) Sua fidelidade e compromisso com as pessoas.

Como já dito anteriormente, o pecado de Davi com Bate-seba é marcante em sua vida, mas mesmo em meio ao pecado pode-se ver o caráter do homem segundo o coração de Deus. Assim que Natã o sentenciou e Deus castigou o filho de Davi (fruto do adultério), o rei se pôs em jejum e oração diante do Senhor, durante uma noite inteira. Percebe-se aqui a profundidade e a intimidade que havia de Davi para com Deus. A natureza humana, diante do pecado, sempre é querer passar rápido por cima do erro e “aproveitar-se” da graça de Deus. Mas Davi é diferente. Em meio a circunstâncias difíceis e a consequência do pecado, ele não reclamou nem murmurou, mas colocou-se diante do Senhor, buscando sua vontade e esperando Nele.¹⁴⁶ Fato interessante a ser ressaltado também é o amor e afeto que Davi demonstra por essa criança, mesmo sendo fruto do pecado e sendo ‘somente’ mais um filho, no meio de um harém de esposas e concubinas. Mesquita afirma que em um palácio como esse nasciam crianças em grande quantidade; isso era normal para um rei com muitas mulheres e não era fato para se admirar, mas Davi demonstra um proceder diferente. Ele apaixonou-se pela criança e não comeu, não bebeu e nem tomou banho enquanto a criança não morreu. O rei

¹⁴² HOUSE, 2005, p. 300.

¹⁴³ HOUSE, 2005, p. 300-301.

¹⁴⁴ HOUSE, 2005, p. 301.

¹⁴⁵ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 382.

¹⁴⁶ SWINDOLL, 1998, p. 281.

demonstrou esperança de que ela vivesse até o fim. Davi era um homem bom por ser assim: um apaixonado pelas pessoas.¹⁴⁷

Outra marca a ser ressaltada na vida de Davi é sua fidelidade e adoração única e somente a Deus. Quando Davi se pôs a fugir de Saul e tencionou viver entre os filisteus, já avisou não me obriguem a servir a Dagom, meu Deus é lavé. Davi de fato amava o Senhor e nenhuma circunstância ou nação o obrigaria a viver longe da presença de Deus. O homem segundo o coração de Deus sabia que seu Senhor não é um deus tribal ou mesmo um deus territorial, mas era seu protetor por onde quer que andasse. Era este consolo e fidelidade a Deus que sustentaram Davi durante sua fuga de Saul.¹⁴⁸ É esta fidelidade em adorar e confiar somente em Deus que diferenciam Davi de seu antecessor. Saul muitas vezes confiou em seu próprio braço, em sua sabedoria e acabava assim abandonando ao Senhor. O fato de Deus abandonar Saul foi somente consequência da quebra da aliança, da desobediência. Além disto, sem Samuel por perto (1 Sm 28), o povo estava sem ajuda, com a fé enfraquecida. De muitas formas o velho rei buscou a resposta de Deus (sonhos, estola do tabernáculo), mas não achou nada.¹⁴⁹ Sobre Saul, Wiersbe afirma:

Ao longo de grande parte de sua vida, Saul não havia se interessado pela vontade de Deus, pois desejava fazer as coisas a seu modo. É de se admirar que Deus abandonasse Saul no final da carreira desse rei?¹⁵⁰

Sem dúvida, Saul aborrecera ao Senhor e sua derrota e morte foram consequência não de um erro isolado, mas de uma vida longe de Deus. Diferentemente, Davi passou seu viver em compromisso e adoração a Deus.¹⁵¹

Como já visto acima Davi amava as pessoas. Ele possuía um compromisso e afeto diferenciado, que o marcava como especial entre os de sua época. A começar por sua amizade com Jônatas, o qual possuía tudo para não ser seu melhor amigo. Naturalmente, sabendo Davi que era o ungido do Senhor e que um filho de seu antecessor poderia representar um perigo para seu reinado, este deveria querer matar Jônatas. Mas o homem segundo coração de Deus amava seu amigo, era grato por sua ajuda e fidelidade e o abençoava com a bênção de Deus.¹⁵² Este amor também se reflete quando este chora e clama a Deus por seu filho, mesmo sendo fruto de um pecado, esperando que pudesse viver, sem ter culpa por Davi.¹⁵³

Mas amar alguém de forma recíproca ou que são de mesma família é fácil. O rei segundo Deus destacava-se também porque ele amava seus inimigos. Mesmo em meio a situações em que Davi podia matar Saul (1 Sm 24.1-22), este não se desviava dos caminhos do Senhor e demonstrava o amor e a misericórdia de Deus presentes em seu coração. Para os homens de Davi e mesmo para Saul – ao perceber o que havia acontecido – era óbvio que aquele poderia ser morto de forma rápida e sutil. Mas Davi não era um rebelde e nem um transgressor da lei,

¹⁴⁷ MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudos nos livros de Samuel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 151.

¹⁴⁸ MESQUITA, 1979, p. 98-99.

¹⁴⁹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 283.

¹⁵⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 283.

¹⁵¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 283.

¹⁵² WANGERIN, 1998, p. 252.

¹⁵³ MESQUITA, 1979, p. 151.

sabia que Saul era o ungido do Senhor. Na lei dos hebreus, não se deveria amaldiçoar um governante, muito menos matá-lo; amaldiçoar uma pessoa que exercesse alguma espécie de governo popular era um pecado tão grave como blasfemar contra Deus. Nesta situação, quando Saul saiu da caverna e Davi gritou para este, observa-se o amor e o respeito, para com o próximo. O guerreiro e pastor chamou Saul de “meu senhor”, “ungido do Senhor”, “o rei” e “meu pai”. Não há dúvidas de que Davi amava seu pior inimigo e isto foi honrado por Deus.¹⁵⁴

Com Abner o relacionamento de Davi também se mostrou controverso, ele não agiu como se esperava. Joabe matou Abner por vingança pessoal, por ter assassinado seu irmão Asael, e sua ação foi de muita astúcia inescrupulosa. Joabe já havia se mostrado um homem sutil, fazendo manobras políticas de acordo com aquilo que faria bem para si; por esse motivo repudiou o acordo de paz que Davi havia feito com Abner. Não somente por ter matado seu irmão Asael, mas por medo de perder seu cargo de general para Abner, pois este era guerreiro experiente e valioso. Davi imediatamente desprezou o ato de Joabe, mesmo este sendo um inimigo recente. Ele orou pelo castigo de Deus sobre a vida de Joabe e invocou graves maldições sobre ele.¹⁵⁵ A morte de Abner constitui-se um erro. Abner havia matado Asael em sua própria defesa; Joabe matou Abner por pura vingança, não permitindo que este pudesse se defender de maneira digna. Os dois casos são opostos, pois Asael foi morto durante o dia, em plena luz; Abner foi morto em um canto escuro, enganado. Davi sabia de tudo isto e por isso desprezou tanto a ação de seu general.¹⁵⁶ O rei, então, jejuou após o funeral, mostrando seu respeito e consideração por Abner, afirmando para todo povo de Israel que este era um grande homem e líder entre eles. Davi também deixou nesta ocasião uma lição sobre vingança: ela pertencia ao Senhor e não aos homens.¹⁵⁷

Dentre a lista de homens aos quais Davi mostrou sua compaixão, também vale incluir Absalão. Como outros filhos, este tencionou usurpar o trono de seu pai e iniciou uma guerra civil por isto. Durante esta batalha, Absalão ficou pendurado em uma árvore e tornou-se mais uma vítima de Joabe: ele foi assassinado com flechas e golpes de espada.¹⁵⁸ Joabe sabia que a reação de Davi seria de tristeza e aflição e assim o rei reagiu. Mesmo sendo um filho rebelde e egoísta, Davi o amava.¹⁵⁹ Bruce afirma:

Nesse incidente, como na morte de Saul e Jônatas em Gilboa, Davi aparece como “um homem para qual a preocupação pessoal com alguém era mais importante do que a emergência nacional”. O dia da vitória, quando o povo estava naturalmente feliz com a derrubada da rebelião que havia ameaçado tanto o Estado como o trono, foi transformado pelo rei em dia de luto: Nesse dia, o rei gritava: “Ah meu filho Absalão! Ah, Absalão, meu filho, meu filho! (19.4).¹⁶⁰

¹⁵⁴ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 267-268.

¹⁵⁵ BRUCE, 2009, p. 514.

¹⁵⁶ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 305.

¹⁵⁷ BRUCE, 2009, p. 514.

¹⁵⁸ CHAMPLIN, 2001, vol. 2, p. 1302-1303.

¹⁵⁹ BRUCE, 2009, p. 528-529

¹⁶⁰ BRUCE, 2009, p. 529.

Sem dúvida nenhuma, este dia foi terrível para Davi, e a vitória sobre os inimigos não lhe trouxe nenhuma alegria. Davi já havia intercedido para que nenhum mal sucedesse a Absalão; ele amava muito seu filho e não desejava sua morte; se pudesse teria morrido em seu lugar.¹⁶¹ Davi sofreu não como rei, mas como pai.¹⁶² Swindoll afirma:

Davi é um homem quebrantado. Ele está muito comovido, chorando como se tivesse perdido a cabeça. Cada ponto de apoio é removido. Ele bebeu o amargo cálice até a última gota, está abatido e machucado, perturbado e confuso. A colheita dos seus pecados é quase mais do que pode suportar.

Davi preocupava-se com seus filhos e recebeu esta notícia em meio a muitos erros e tragédias, como adultério, assassinato, estupro, ódio, rebelião e conspiração. Por isso tanto chorou, por amor a seu filho e por colher o mal que havia semeado.¹⁶³

3.3 O legado de Davi no Novo Testamento

Mesmo em meio a tantos erros, Davi foi reconhecido (Sl 89.3-4) como profeta que anuncia a vinda do messias sobre a terra, anunciando que seu descendente cumpriria a aliança prometida por Deus. Davi não somente expressou suas experiências pessoais nos Salmos como a vinda de um reino messiânico através de seu filho maior.¹⁶⁴

O rei segundo o coração de Deus também é reconhecido no livro de Hebreus como herói da fé, alguém que fez o que era correto e recebeu de Deus a sua promessa. O autor desta carta também afirma que Davi, e todos outros homens de Deus citados (Hb 11), foram aprovados por Deus mesmo em meio às dificuldades da vida com Deus e dos problemas no mundo.

Ao incluir Davi nesta lista de homens e mulheres, o autor de Hebreus o coloca ao nível de todos os outros, como um homem que teve fé em Deus. Não somente sua fé compromissada, mas sua obediência ao Senhor, sua confiança e certeza em seus planos e também sua obediência e perseverança. Davi e todos outros citados na lista são exemplos, pois seu testemunho traz significado à fé.¹⁶⁵ O autor de Hebreus também mostra que Davi era fraco, mas se tornou forte em Deus. Por isso, Deus o fez poderoso para enfrentar guerras e assim venceu exércitos de inimigos estrangeiros.

Entretanto, os erros de Davi não ficam cobertos ao Novo Testamento. Na linhagem de Jesus descrita no evangelho de Mateus, fica explícito que Salomão era filho de Davi e de uma mulher que havia sido esposa de Urias. Fica claro que a mãe de Salomão não era mulher originariamente de Davi.¹⁶⁶ O erro de Davi – seus muitos erros, na verdade – não frustrou o plano de Deus, nem foi motivo para tirar a credibilidade do texto de Hebreus 11 e muito menos para não perpetuar seu trono, como Deus havia prometido. Tanto José como Maria,

¹⁶¹ MEYER, 2002, p. 172-173.

¹⁶² SWINDOLL, 1998, p. 274.

¹⁶³ SWINDOLL, 1998, p. 272 - 273.

¹⁶⁴ BRUCE, 2009, p. 1764.

¹⁶⁵ BRUCE, 2009, p. 2124.

¹⁶⁶ BRUCE, 2009, p. 932.

pais de Jesus Cristo, eram descendentes de Davi. O fato de Jesus ser o rei eterno confirma a promessa de Deus a Davi de perpetuar seus descendentes no trono.¹⁶⁷

Observa-se no Novo Testamento, o “fim” da história de Davi, quando a promessa da perpetuação de seu trono se cumpriu através da vinda do messias ao mundo, ou seja, o nascimento de Jesus Cristo, o Ungido. O evangelista Mateus faz uma lista muito detalhada para comprovar que José era de fato descendente da família de Davi. O evangelho de Lucas também inicia seus relatos expondo a linhagem davídica de Maria, mostrando assim que ambos eram aptos para cumprir a promessa de Deus a Davi.¹⁶⁸ Para isso, Rienecker afirma:

Em toda a sua estrutura, a genealogia elabora a comprovação de que José descende corretamente da família davídica. O v. 16 quer mostrar que, juridicamente, José deve ser considerado o pai de Jesus. Com isso reforça-se o conteúdo do primeiro versículo: “Jesus Cristo, filho de Davi.”¹⁶⁹

A genealogia é importante, pois protegia Jesus juridicamente, segundo a provisão de Deus. Mas a verdade é que Jesus é dado a José de modo sobrenatural, pois seu nascimento se deu de forma milagrosa. O mesmo Deus que operou em Davi agora opera no nascimento de Cristo. Jesus é Deus e homem, e filho de Davi. Nenhum dos pecados de Davi maculou a promessa de Deus, Jesus é descendente Dele, o homem segundo o coração de Deus.¹⁷⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, fica claro que Deus não olha para os erros humanos, mas para a intenção do coração das pessoas. Davi, mesmo tendo sido adúltero e como consequência disso um mau pai, sempre buscou a Deus e se arrependia de seus erros. Ele não era como Saul, que buscava agradar a Deus quando isso lhe convinha, mas sua diferença fica clara em cada atitude e ação. Mesmo antes de ser rei, já buscava o conselho do Senhor diante de cada batalha, e Deus lhe honrava por isso. Fica claro também que ser “segundo o coração de Deus” não significa ser perfeito. Agir segundo Deus não é acertar sempre, mas ter a conduta certa diante dos erros e diante da vida.

Sendo um jovem pastor, Davi já se mostrava ser um homem diferente dos outros, corajoso e ousado em suas atitudes; ao mesmo tempo, era simples para ser ungido pelo profeta e, mesmo assim, permanecer humilde. Como guerreiro, o homem segundo o coração de Deus demonstra-se sábio em cada batalha, agindo na sabedoria do Senhor e buscando o conselho Dele diante de cada inimigo. Como rei, Davi revelou-se bondoso para com seus inimigos em potencial, mas sujeito ao erro; erro este que maculou sua imagem até os dias atuais, o adultério com Bate-seba. Neste enredo, após revelado seu pecado, Davi arrepende-se e muda de atitude.

Davi mostrou-se um homem íntegro em cada detalhe. Seja em relação aos inimigos, sua família, seu governo e seu povo, Ele tencionava agradar a Deus. Foi exatamente por isso que

¹⁶⁷ BRUCE, 2009, p. 1554

¹⁶⁸ RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Esperança, 1998, p. 33-34.

¹⁶⁹ RIENECKER, 1998, p. 35.

¹⁷⁰ RIENECKER, 1998, p. 35.

nada do que Ele fez retirou as promessas de Deus em sua vida. O trono de Davi permanece até hoje através do reinado de Cristo. Deus completou sua promessa, provando que os erros e pecados de Davi não foram maiores que sua vida inteira na busca por agradar e adorar ao Senhor.

A marca de Davi como homem segundo o coração de Deus aparece, mesmo antes de este, ser ungido por Samuel. Na primeira parte deste trabalho observou-se que ainda como pastor, Davi servia a Deus de forma humilde e obediente. Sua coragem ao enfrentar Golias não foi fruto daquele momento, mas ainda como pastor de ovelhas era ousado ao enfrentar leões e ursos por amor ao seu rebanho. Ao ser escolhido por Deus através do profeta, Davi não saiu ostentando seu cargo, mas simplesmente voltou ao seu serviço e esperou em Deus. O homem segundo o coração de Deus servia ao seu Senhor desde cedo.

No segundo ponto, analisou-se a vida de Davi a partir de outro prisma, seus relacionamentos. Seja como rei ou como simples plebeu, Davi amava suas ovelhas, sua família e seus amigos de forma intensa. O amor de Deus se fazia presente na vida de Davi. Não somente a estes, mas também aos inimigos demonstrava respeito, zelo e cuidado. Seu antecessor, Saul, foi um grande teste na vida de Davi quando este estava a sua mercê, mas ele, mesmo assim, respeitava o antigo rei e não desejava lhe fazer mal algum. Davi e Jônatas são o grande exemplo de amizade até o fim e isto revelou um pouco mais de seu caráter aprovado por Deus. Isto também se demonstrou no trato com Abner, um aliado seu por pouco tempo. Ressaltam-se os relacionamentos de Davi com seus mentores espirituais, Samuel e Natã. Para com eles, o homem segundo o coração demonstrava-se humilde e submisso. Um homem segundo o coração de Deus tem relacionamentos saudáveis, segundo o plano do Senhor.

No terceiro e último ponto foi analisado a mudança de Davi diante de seu adultério. No final deste ponto fez-se uma relação com a promessa do trono de Davi permanecer para sempre através de Cristo. Concluiu-se dando ênfase na reação de Davi a seu pecado e sua consequência. Nos Salmos, ele revelou seu coração arrependido e seu desejo de restauração total. Seu caráter diante de Deus, mesmo com pecados e erros, é tido como justo, pois sua intenção é adorar a Deus com sua vida. Em relação ao seu agir, como aquele que andava como Deus queria, destacam-se sua fidelidade a Deus e também seu compromisso com as coisas do Senhor. Sua marca, como aquele que viveu segundo o plano de Deus se perpetua através de seu descendente messiânico: Jesus.

Nada pôde frustrar o plano de Deus para Davi. Seus pecados, erros, enganos e acidentes não anularam sua vida de busca pela vontade e obediência ao Senhor. Sua marca como homem de Deus não está em atitudes isoladas ou acontecimentos especiais, mas em uma vida que cumpriu os desígnios e desejos de Deus.

REFERÊNCIA

ALLEN, Clifton J. **The Broadman Bible Commentary**. Nashville: Broadman Press, 1970. 506 p.

BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996. 336 p.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009. 2271 p.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 2, 1460 p.

CROCETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel, 1-2 Reis**. Tradução de Benôni Lemos/ Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1987. 170 p.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1983. Vol. 1, 740 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Os Livros Históricos**. Curitiba: ADSantos, 2011. 136 p.

HOFF, Paul. **Os Livros Históricos**. Tradução de Jefferson Magno Costa. São Paulo: Vida, 1996. 328 p.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005. 759 p.

KIDNER, Derek. **Salmos 1-72**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980. 280 p.

MACHADO, A. Alberto. **Pecado contra vontade**. Contagem: AME Menor, 2003. 328 p.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudos nos livros de Samuel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 196 p.

MEYER, F. B. **Comentário bíblico F. B. Meyer**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. 2.ed. Belo Horizonte: Betânia, 2002. 776 p.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**. Tradução de Yolanda M. Krieven. São Paulo: Batista Regular, 2010. 1284 p.

RICHARDS, Lawrence. **Comentário bíblico do professor**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004. 1287 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Esperança, 1998. 460 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

SWINDOLL, Charles R. **Davi: um homem segundo o coração de Deus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

TASSEL, Paul N. **Anos gloriosos do Reino**. São Paulo: Batista Regular, 1979. 119 p.

URL:http://www.institutojetro.com/Artigos/lideranca_pastoral/davi_um_pastor_de_verdade.htmlSite: www.institutojetro.com . Título do artigo: Davi: Um pastor de verdade. Autor: Armando Altino da Silva Júnior (05.03.2013 15:35)

VERSIGNASSI, Alexandre; CORDEIRO, Tiago. A Bíblia como você nunca leu. **Superinteressante**, São Paulo, página 51, Junho/ 2012

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR, W. **Dicionário Vine**. Tradução de Luís de Aron Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. 1115 p.

WANGERIN, Walter. **O livro de Deus**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998. 800 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento - Históricos. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 2, 735 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento - Poéticos. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 3, 526 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ESTUDO INTRODUTÓRIO À DIDAQUÊ: ALÉM DA REERÊNCIA AO BATISMO

Introduction to Didache: beyond the references to baptism

Anilton Oliveira da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o contexto histórico e a estrutura interna da Didaquê, também conhecido como “O ensino dos doze apóstolos”. Na primeira parte do artigo, descreve-se a estrutura textual do livro e discute-se a data e o provável local de produção da obra. Na segunda parte, os principais temas explorados são “os dois caminhos” e jejum, oração, ceia e batismo. Além, dos referidos temas, discute-se a forma de citação dos escritos sagrados no livro e, por fim, reflete-se sobre a hierarquia daquela igreja, o retorno de Cristo e a importância da Didaquê para a igreja da atualidade. Utiliza-se, neste trabalho, a metodologia de revisão bibliográfica, tendo a própria Didaquê como fonte. VARNER, 2005; KISTEMAKER, 1978; DRAPER, 2000; WALKER, 1981, dentre outros, fornecerão subsídios teóricos para a análise da referida obra. Desta forma, pretende-se contribuir para fomentar os estudos sobre a Didaquê no Brasil, uma vez que, o tema ocupa pouco espaço nas pesquisas teológicas brasileiras.

Palavras-chave: Didaquê. Livros não-canônicos. História da Igreja. Pais apostólicos.

ABSTRACT

This article investigates the historic context and the textual structure of the Didache, also known as The Teaching of the Twelve Apostles. In the first part of the article, we discuss the textual structure of the book, date and the writing place. In the second part, this work explores the following issues: “the two ways”; and the fast, the praying, the Lord’s supper and the baptism. Beyond these subjects, we discuss the way the writer refers to canonicals books, and, finally, we reflect about the leadership of that community, the return of Christ and the importance of the Didache to the church nowadays. This research uses the literature review as methodology, and the sources that support it are: the

¹ Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: anilton_contato@hotmail.com.

Didache, 2005; VARNER, 2005; KISTEMAKER, 1978; DRAPER, 2000; WALKER, 1981, and others, those authors will give the theoretical support in the analyses of Didache. Thus, the article wants to contribute to the studies about Didache in Brazil, once, this subject does not have many researches in Brazilian theological studies.

Keywords: Didache. Non-canonical books. Church History. Apostolic Fathers.

INTRODUÇÃO

A Didaquê é um dos livros mais antigos da história da igreja, escrito, provavelmente, entre o final do primeiro século e o início do segundo século. Desta forma, o livro lança luz sobre uma comunidade cristã, próxima ao período dos apóstolos. No geral, quando citada, é para subsidiar a discussão sobre a forma de batismo. No entanto, o valor desse livro é muito amplo, não se limitando às orientações cerimoniais, abordando também diversos princípios práticos, tópicos de liderança e temas como a oração, o jejum, a ceia, o batismo, dentre outros.

Apesar das poucas pesquisas em língua portuguesa, há diversos estudos, em inglês, que investigam a Didaquê. Neste artigo recorrer-se-á a VARNER, KISTEMAKER, DRAPER, WALKER,² dentre outros, que auxiliarão na compreensão do contexto histórico da Didaquê e na análise interna do livro, colaborando na reflexão de seu valor para a igreja cristã contemporânea. Quanto à análise interna do livro, o texto utilizado será a Didaquê, organizado por Proença.³

O artigo terá a seguinte estrutura: a) Descrição das características gerais do livro, seguida pela discussão de sua data e de seu local de produção. Em um segundo momento, a pesquisa analisará os temas internos do livro, “os dois caminhos”, que constitui a primeira parte do livro, subdividindo-se em “caminho de vida” e “caminho de morte”; logo após, analisar-se-á, em conjunto, a temática: jejum, oração, batismo e ceia. Ainda na segunda parte do artigo, demonstrar-se-á que a abordagem do autor da Didaquê sobre a liderança cristã ainda não estava consolidada naquela comunidade. Outra discussão importante levantada é a maneira como a Didaquê cita o Antigo Testamento e o Novo Testamento, questão controversa, mas que renderá um bom debate e iniciação ao tema. Finalmente, o artigo será finalizado com uma reflexão sobre a relevância da Didaquê para a igreja contemporânea, direcionando a importância da obra para além do debate acerca do batismo.

A pesquisa esclarecerá que o livro tem um objetivo prático, restrito geograficamente à sua comunidade, ou seja, não há intenção de ser um manual eclesiástico universal. Demonstrar-se-á, também, que a comunidade da Didaquê mesclava práticas religiosas judaicas com práticas cristãs. Espera-se, com este trabalho, contribuir para um melhor conhecimento da Didaquê, no Brasil, uma vez que, são poucas as publicações sobre o tema no país.

² VARNER, 2005; KISTEMAKER, 1978; DRAPER, 2000; WALKER, 1981.

³ DIDAQUÊ, 2005.

1. CARACTERÍSTICAS DA DIDAQUÊ, DATA E LOCAL DO LIVRO

Em seus primeiros quatro séculos, a igreja cristã deu grande importância ao livro intitulado de Didaquê: o ensino dos doze apóstolos. Essa relevância decaiu progressivamente, culminando em seu esquecimento na idade média.⁴ O livro só viria a ser redescoberto, em Constantinopla, no ano de 1873, por Filoteo Bryennios, teólogo da igreja ortodoxa grega.⁵ Bryennios encontrou um rolo datado de 1056, que possuía diversos outros livros não canônicos. Após haver publicado o documento, ele levou o rolo para Jerusalém, onde permanece até os dias atuais.⁶ Esse fato é interessante por que indica um lapso de oitocentos anos entre a perda do livro e sua redescoberta. Desde que o documento foi achado em Constantinopla, o interesse por ele foi retomado nos círculos teológicos.

O resumo da perda e da redescoberta da Didaquê, demonstra o valor desse livro para a história da igreja, como pode ser observado nos pontos seguintes.

1.1 Características do livro

A Didaquê não é um tratado teológico, mas sim um livro prático, voltado à determinada comunidade cristã, dos primórdios do cristianismo. Os principais temas abordados são: do amor ao inimigo, do amor ao dinheiro, da valorização dos profetas, dos sacrifícios aos ídolos, das instruções sobre o batismo, da oração, da ceia do Senhor, dos líderes cristãos, da liturgia do culto e do alerta sobre a volta de Jesus.⁷

Para Aldridge, trata-se, após o Novo Testamento, do primeiro código de moral cristã e do primeiro guia para a vida da igreja.⁸ A Didaquê busca atender as necessidades de uma comunidade específica. Varner resume da seguinte forma o objetivo do autor:

Os Pais escreveram o que eles escreveram, não para serem lidos em termos de artigos acadêmicos escritos por professores pedantes, mas para atender propósitos práticos de instrução e exortação de seus leitores. Estes ensinamentos procedem de um coração apaixonado.⁹

Assim, a obra transmite instruções morais a uma comunidade judaico-cristã, visando, dentre outras coisas, ser um manual para os novos convertidos. Draper vê no livro um sistema de ajuda social estabelecido e normatizado naquela comunidade, para ele, na obra, abandona-se a visão do Império Romano como provedor e estabelece-se Deus como o único provedor das necessidades humanas. Esta pesquisa acredita que a abordagem metodológica de Draper não é adequada, devido à utilização do método de análise “Economia Moral”,¹⁰ pois aplicá-lo

⁴ ALDRIDGE, 1999, p. 1.

⁵ ALDRIDGE, 1999, p. 1.

⁶ DIDAQUÊ, 1997.

⁷ As principais referências utilizadas nesta pesquisa são provenientes da edição da Fonte Editorial (DIDAQUÊ, 2005), com exceção do termo “os dois caminhos”, proveniente da edição da Paulus (DIDAQUÊ, 1997).

⁸ ALDRIDGE, 1999, p. 1.

⁹ VANER, 2005, p. 130.

¹⁰ Economia moral é um conceito originalmente cunhado pelo historiador E. P. Thompson. Ele explica o comportamento popular nos motins de subsistência do séc. XVIII. Seu uso é difundido para explicar o comportamento econômico, definido a partir de valores morais ou normas culturais.

à Didaquê seria um recorte muito drástico em uma obra com temas religiosos amplos. No entanto, esse autor contribui para a investigação da característica daquela comunidade.

Para este trabalho, a definição de Kistemaker represente a essência do livro: “A Didaquê reflete a vida da igreja, em um período próximo aos apóstolos. [...] O livro lida largamente com adoração”.¹¹ Henderson¹² postula que a Didaquê tem uma estrutura oral e retórica. Nesse sentido, desprende-se que o material foi decorrente de pregações, mantendo-se o caráter homilético na composição escrita.

Por fim, a Didaquê apresenta um olhar interno de uma comunidade cronologicamente próxima ao período apostólico. No entanto, nada se sabe sobre sua autoria, mas no que diz respeito ao seu contexto histórico e cultural, a data e o local da comunidade são discutidos por diversos acadêmicos.

1.2 Data e Local

Estudiosos se dividem quanto à provável data da produção da Didaquê. Há fortes indícios de que o livro tenha sido escrito entre o final do primeiro século ou o início do segundo século da era cristã.

Varner¹³ destaca três argumentos em defesa do primeiro século: Primeiramente, há um ensino muito simples sobre Cristo, pois inexistem, no documento, uma cristologia aprofundada. Em segundo lugar, o autor também demonstra não haver uma hierarquia complexa naquela comunidade, como a estrutura da igreja do quarto século, possuidora de uma hierarquia consolidada. González corrobora o ponto de vista de Varner com as palavras abaixo:

Como uma fonte para a história da organização eclesiástica, a Didaquê revela um período de transição entre o sistema primitivo de autoridade carismática e a organização hierárquica que se desenvolveu lentamente dentro da igreja. Na Didaquê, ainda são os profetas que gozam da mais elevada estima, mas o problema do reconhecimento da autenticidade dos dons carismáticos se tornou crítico, de forma que os bispos e diáconos aparecem ao lado dos profetas. Mais tarde, os profetas desaparecerão, e será a hierarquia que conduzirá a vida da igreja.¹⁴

Em seu terceiro argumento, Varner aponta o silêncio do livro sobre perseguições enfrentadas por aquela comunidade local, o que pode demonstrar um período anterior às grandes perseguições ao cristianismo.¹⁵ Draper¹⁶ localiza a Didaquê entre o final do primeiro século, tendo ocorrido, para ele, sua produção até, no máximo, o início do segundo século. A argumentação do autor se baseia principalmente no caráter judaizante da comunidade.¹⁷

¹¹ KISTEMAKER, 1978, p. 327.

¹² HENDERSON, 1992, p. 302.

¹³ VARNER, 2005, p. 129.

¹⁴ GONZÁLEZ, 2004, p. 70.

¹⁵ VARNER, 2005, p. 129.

¹⁶ VARNER, 2005, p. 141, atribui essa relevância da Didaquê no meio cristão no segundo século a não utilização do método alegórico. No entanto, essa importância, deve estar ligada ao caráter prático e objetivo do livro.

¹⁷ DRAPER, 2000, p. 122.

A visão predominante entre os estudiosos, de que o documento seja do primeiro século, torna esse livro de grande valor para a história do cristianismo. Pois há uma distância de, pelo menos, umas quatro décadas entre a comunidade da Didaquê e a igreja de Atos, bem como do ministério de Paulo, sendo muito próxima à escrita do Apocalipse.¹⁸

Se há controvérsias sobre a data da Didaquê, sua localização também é imprecisa. Há pelo menos três localizações apontadas por estudiosos: Galileia, Antioquia e Egito. Draper acredita que a Didaquê tenha sido composta em alguma vila da Galileia. Para ele, a forma de ajuda aos mais carentes ensinada por Jesus é próxima do que é ensinado na Didaquê.¹⁹ O autor se refere ao seguinte trecho: “Não hesite em dar, nem reclame quando deres; pois tu saberás quem é o bom retribuidor do assalariado. Não se vire daquele que está querendo (pedindo); prefira, compartilhar todas as coisas com seu irmão, e não diga que elas são suas próprias coisas”.²⁰

Walker²¹ sustenta que a cidade da produção da Didaquê foi Antioquia. Para os críticos que argumentam que não há nenhuma referência a Paulo no livro, ele defende que silêncio não significa ignorância, bem como se apoia no fato de que há muita proximidade entre os ensinamentos de Paulo e da Didaquê no que diz respeito à Ceia do Senhor. O Egito também é apontado como provável localização da produção da obra, porém, não se apresentam os argumentos para tal opinião.²²

A partir da afirmação de Draper, a seguinte reflexão pode ser feita: Como boa parte dos ensinamentos de Jesus ocorreram na Galileia, seus ensinamentos estariam vivos na memória da comunidade, mesmo, sem acesso a todos os livros do Novo Testamento. Pode-se também refletir que Antioquia foi uma cidade importante na evangelização,²³ e que desta forma, seria estranho um livro cristão produzido naquela comunidade, no final do primeiro século, não mencionar o apóstolo Paulo.

Uma vez que, a localização da comunidade da Didaquê não passa de hipóteses, ela permanece desconhecida. Mas, comparando-se os argumentos para Antioquia, Galileia ou Egito, uma vila da Galileia parece mais plausível. Diante da ausência de evidências internas da localização do livro, de sua data e de seu autor, a próxima seção analisará os temas da Didaquê.

2. ANÁLISE INTERNA DO LIVRO

Esta análise se baseia na versão da Didaquê de 2005, que possui 17 capítulos, ocupando também 17 laudas. A divisão temática do livro é a seguinte: os dois caminhos ou os dois modos de vida, capítulos 1 a 6; instruções sobre o batismo, capítulo 7; instruções sobre o jejum e a oração, capítulo 8; instruções sobre a ceia do Senhor, capítulo 9; instruções sobre o jejum e a

¹⁸ Acredita-se que o livro do Apocalipse seja do final do primeiro século da era cristã.

¹⁹ DRAPER, 2011, p. 6.

²⁰ DIDAQUÊ, 2005, p. 767.

²¹ WALKER, 1981, p. 36.

²² A informação de que alguns estudiosos indicam o Egito provém de Varner (2005, p. 129).

²³ Atos 11.19-26; 13.13-28.

oração, capítulo 9; instrução sobre recepção de líderes e cristãos provenientes de outras localidades, capítulos 11 a 13; sobre a assembleia, capítulo 14; constituição da liderança da igreja local, capítulo 15; exortação à vigilância no aguardo da volta do Senhor, capítulo 16.

Para tornar a abordagem mais didática, este tópico terá a seguinte subdivisão: a) “os dois caminhos”; b) instruções cerimoniais; c) estrutura hierárquica da igreja; d) exortação final sobre a volta de Cristo. Além desses temas, também será discutido como a Didaquê cita os textos sagrados, forma essa, que tem dificultado a localização exata de referências bíblicas. O presente estudo demonstrará, porém, que de forma geral, o livro remete tanto ao Antigo Testamento quanto ao Novo Testamento.

2.1 Os dois caminhos

A seção os “dois caminhos” se inicia com uma frase contundente: “Há dois modos²⁴ [dois caminhos], um de vida e um de morte, mas uma grande diferença entre os dois modos [caminhos]”.²⁵ A sentença os “dois caminhos” tem sido objeto de diversas pesquisas que tentam encontrar a fonte ou as fontes dessa expressão. Entre as diversas origens propostas, há literaturas judaicas, salmos, provérbios e o evangelho de Mateus, dentre outras.

Warfield argumenta que há traços de os “dois caminhos” em obras judaicas, mas que se tratam apenas de vestígios, estando o tema mais próximo de textos cristãos, como o Sermão do Monte.²⁶ Draper, por sua vez, liga os “dois caminhos” a Justino Mártir,²⁷ enquanto Varner relaciona “os dois caminhos” com a literatura veterotestamentária, Salmos e Provérbios.²⁸ No entanto, apesar das indicações apresentadas, elas são apenas possíveis referências, sem representar, necessariamente, uma dependência.²⁹

As divergências entre Warfield, Draper e Walker demonstram a dificuldade de se identificar as fontes utilizadas pelo autor da Didaquê. Mas, apesar disso, não é difícil relacionar “os dois caminhos” a trechos como, “a porta estreita e a porta larga”³⁰ e “a construção da casa sobre a areia ou a rocha”,³¹ para citar somente duas passagens. Com esses exemplos, não se afirma que “os dois caminhos” se baseiam nas palavras de Jesus, mas mostra-se o quanto a identificação das fontes, nesse tipo de literatura, é subjetiva.

A tentativa de se encontrar uma fonte específica para o tema, “os dois caminhos”, pode ser sintetizada da seguinte forma:

²⁴ Preferiu-se adotar a palavra caminho e não modo, embora ambas as palavras sejam sinônimas. A expressão caminho aparece na DIDAQUÊ, 1997.

²⁵ DIDAQUÊ, 2005, p. 765.

²⁶ WARFIELD, 1886, p. 93.

²⁷ DRAPER, 2005, p. 127.

²⁸ VARNER, 2005, p. 137.

²⁹ O termo dependência é utilizado na Teologia na discussão sobre qual foi a fonte dos evangelhos sinópticos. Sobre esse assunto, indicamos consulta a obra de LINNEMANN (2011), utilizado neste trabalho como uma fonte claramente citada na Didaquê, uma vez que o livro não faz nenhuma referência explícita a fontes, fica difícil indicar uma dependência textual de qualquer livro bíblico. Isso não quer dizer que o autor não tenha utilizado amplamente a Bíblia, ele apenas a utilizou de forma livre, sem uma preocupação de citar as referências.

³⁰ Mateus 7.13-14.

³¹ Mateus 7.24-27.

Tal esforço, em minha opinião, vem do que pode ser chamado ‘paralelomania’, o esforço injustificado para ver paralelos e empréstimo de um corpo literário para outro, baseado [...] em um pequeno traço de relação entre ambos.³²

O conselho de Varner é importante, pois “os dois caminhos” parece ter sido supervalorizado, no que diz respeito à sua dependência de uma fonte e, provavelmente, ela seja uma síntese entre o pensamento judaico e o pensamento cristão.

Indo além da identificação das fontes, Henderson interpreta “os dois caminhos” como um ensinamento para instrução de candidatos ao batismo.³³ Diante disso, é importante retomar a intenção original do autor da Didaquê, a saber, dar instruções a uma igreja local. Mesmo que, supostamente, ele tenha se inspirado em uma estrutura anterior, existirá um sentido novo aplicado àquela comunidade.

Ao produzir a estrutura textual “os dois caminhos”, o autor utilizou quatro capítulos para abordar o “caminho da vida” e somente um capítulo para o “caminho da morte”. É razoável que essa assimetria tenha ocorrido porque, falar de um, automaticamente, é falar do outro, por exemplo: “Sua fala não será falsa, nem vazia, mas cumprida através da ação”,³⁴ o trecho destacado está incluído no “modo de vida”, mas subtende-se que a fala falsa pertença ao “modo de morte”, enquanto que a fala verdadeira ao “modo de vida”. Ou seja, há uma dicotomia morte e vida, implícita nos dois tipos de caminhos.

Em suma, estudiosos têm investigado “os dois caminhos”, mas, no Brasil, há pouco estudo sobre essa importante parte do livro. Geralmente a ênfase recai sobre a ceia e o batismo, temas que serão analisados a partir de agora, juntamente com a temática jejum e oração.

2.2 Jejum, oração, batismo e ceia

A abordagem cerimonial da Didaquê tem sido um dos pontos mais aproveitados pela igreja cristã, principalmente o batismo. Mas, o livro não se limita ao batismo, percorrendo também o jejum, a oração e a ceia.

Quanto ao jejum e a oração, ver-se a influência judaica na delimitação de um dia da semana para se jejuar, no entanto, em uma tentativa simplista de se afastar do judaísmo, o livro propõe um dia diferente. Outro ponto judaizante advém da recomendação de se orar três vezes ao dia, essa ação, aparece exemplificada no Novo Testamento pelos apóstolos em Jerusalém,³⁵ mas, nos livros canônicos, a periodicidade da oração diária não é tratada como uma ordem.³⁶ Veja-se o que diz González sobre esse ponto:

Do ponto de vista da história do pensamento cristão, a Didaquê é importante, antes de mais nada, como uma expressão do moralismo que

³² VARNER, 2005, p. 136.

³³ HENDERSON, 1992, p. 299.

³⁴ DIDAQUÊ, 2005, p. 766.

³⁵ Atos 3.1.

³⁶ No Novo Testamento, encontra-se a orientação de orar em todo o tempo (Efésios 6.8), mas não como um ritual ou obrigação, antes, como algo espontâneo.

muito cedo dominou algumas correntes teológicas. Às vezes, tal moralismo parece se tomar mero legalismo. Assim, por exemplo, a distinção entre ‘hipócritas’ e cristãos está baseada principalmente em seus dias diferentes de jejum ou no fato de que os cristãos repetem a oração do Senhor três vezes ao dia.³⁷

Fica clara a influência dos costumes judaicos nos ensinamentos sobre jejum e sobre oração, provavelmente pela falta de acesso ao Novo Testamento, por uma indefinição canônica.

Sobre o batismo, percebe-se a presença da fórmula trinitária,³⁸ uma provável referência ao evangelho de Mateus. Quanto à forma de batismo, o documento diz: “[...] Batizai [...] em água viva, batizai em outra água; e se não podes fazer assim em água fria, faça assim em água morna. Mas se não tiveres nenhuma despeje água três vezes na cabeça”.³⁹ Embora esse trecho seja utilizado para defesa do batismo por aspersão e, ou, por imersão, é infundado trazer essa discussão para fundamentar doutrinas, sendo somente um exemplo de como aquela comunidade procedia, ou melhor, como um de seus líderes instruiu a comunidade a proceder.

No que concerne à Ceia do Senhor, a abordagem da Didaquê postula o que se tornou uma convenção entre as igrejas evangélicas. Somente participa da ceia do Senhor os batizados, tratando-se de uma ordem expressa naquele livro.⁴⁰ No entanto, a interpretação do livro decorre de um texto fora de contexto, a saber: “não dê o que é santo aos cães”.⁴¹ Assim, para o leitor evangélico parece razoável a recomendação do autor, mas é estranha a fundamentação bíblica apresentada.

O livro também reconhece o valor espiritual da ceia: “alimento e bebida espirituais e vida eterna mediante Teu Servo”.⁴² Por fim, a ceia também tem um sentido escatológico: “Que venha a graça, e que este mundo faleça”.⁴³ Apesar deste sentido escatológico, muito próximo da primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo onze: “até que ele venha”⁴⁴, não há nenhuma referência clara a Paulo.

Após um intervalo de quatro capítulos, o livro volta a tratar da ceia do Senhor, indicando a necessidade de arrependimento e reconciliação entre irmãos com divergências.⁴⁵

2.3. Liderança verdadeira, liderança falsa e o retorno de Cristo

Dos capítulos 11 a 15, o autor adentra o tema da liderança da igreja. Pede-se que a igreja esteja atenta à ação de falsos mestres, de falsos apóstolos e de falsos profetas; no entanto, não há uma definição das atribuições de cada um deles, mas apenas exortações quanto às

³⁷ GONZÁLEZ, 2004, p. 70.

³⁸ DIDAQUÊ, 2005, p. 768.

³⁹ DIDAQUÊ, 2005, p. 768.

⁴⁰ DIDAQUÊ, 2005, p. 768.

⁴¹ DIDAQUÊ, 2005, p. 768 e Mateus 7.6.

⁴² DIDAQUÊ, 2005, p. 768.

⁴³ DIDAQUÊ, 2005, p. 769.

⁴⁴ 1 Coríntios 11.

⁴⁵ DIDAQUÊ, 2005, p. 770.

práticas morais e o cuidado com líderes avarentos, segue um exemplo: “Mas quem diz no Espírito, me dê dinheiro, ou qualquer outra coisa, não lhe dê ouvidos”.⁴⁶

Apesar da exortação sobre a necessidade de cautela com líderes mal intencionados, o autor esclarece que a comunidade deve apoiar a verdadeira liderança: “Portanto, toda primícias dos produtos da vinha prensada e esmagada, de bois e de ovelhas, tu as tomará e dará aos profetas, por que eles são seus sumos sacerdotes”.⁴⁷ Embora, o trecho fale apenas de profeta, por extensão, aplicar-se a todos os tipos de líderes eclesíasticos, que estão à frente da comunidade.

Finalmente, o livro exorta a igreja a designar bispos e diáconos: “portanto, designai para vós mesmos, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens mansos, e não amantes de dinheiro, verdadeiros e provados; porque eles também rendem a ti o ofício de profetas e mestres”.⁴⁸ Há certas semelhanças com as instruções de Paulo a Timóteo e a Tito, sobre a consagração de bispos e diáconos,⁴⁹ porém, novamente, o autor não oferece um fundamento bíblico para o seu ensino.

Como pôde ser visto, no livro, atribui-se aos bispos e diáconos funções próprias de mestres e profetas. O objetivo disto, parece ser a tentativa de não promover uma rivalidade entre ofícios e funções de liderança.⁵⁰

O capítulo 16 exorta à perseverança dos cristãos em Cristo. Sua abordagem escatológica tem a seguinte sequência: a) os riscos de se deixar de congregar e de não se estar servindo a Cristo quando de seu retorno. b) a frieza espiritual e a apostasia dos últimos dias; c) a ação enganadora do Anticristo.⁵¹ d) a volta de Cristo, visível a todos.⁵²

2.4 O problema das citações bíblicas no livro

A forma como a Bíblia, presumivelmente, é citada na Didaquê, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento, dificulta a identificação de referências. Falando-se especificamente do Novo Testamento, ele torna-se um problema a mais, uma vez que, provavelmente, aquela comunidade não teve acesso ao Novo Testamento, em sua íntegra.

Quanto aos Evangelhos, Kistemaker⁵³ diz que a Didaquê baseia seus temas importantes, como a oração, no evangelho de Mateus. Varner argumenta que o autor e os leitores originais conheciam os demais evangelhos, mas optaram pelo evangelho de Mateus.⁵⁴ No entanto, lidando com as evidências internas, não há a rejeição a nenhum dos outros evangelhos, então, o acesso somente a Mateus é plausível.

⁴⁶ DIDAQUÊ, 2005, p. 769-770.

⁴⁷ DIDAQUÊ, 2005, p. 770.

⁴⁸ DIDAQUÊ, 2005, p. 770.

⁴⁹ 1 Timóteo 3.1-13; Tito 1.5-9

⁵⁰ A primeira parte deste artigo já demonstrou que a hierarquia daquela igreja ainda não estava totalmente consolidada.

⁵¹ Não há a palavra Anticristo no texto, mas “o enganador” (DIDAQUÊ, 2005, p. 771).

⁵² DIDAQUÊ, 2005, p. 770-771.

⁵³ KISTEMAKER, 1978, p. 327.

⁵⁴ VARNER, 2005, p.130.

O Comitê da Sociedade de Teologia Histórica de Oxford, em 1905, lançou um trabalho comparativo sobre a dependência de escritos de pais apostólicos do Novo Testamento, e dentre os livros analisados, consta a Didaquê. A classificação foi organizada da seguinte forma: as passagens, com possibilidade de paralelo com o Novo Testamento foram colocadas lado a lado, ambos em sua língua original, e classificadas com as letras A (certeza absoluta de dependência), B (alta possibilidade de dependência), C (pouca possibilidade de dependência) e D (provavelmente não há dependência). No caso da Didaquê, existe somente uma classificação C, sendo que os demais paralelos foram classificados com D, ou “sem classificação”.

A *passagem C* trata do Batismo, em comparação com Mateus 28.19, veja-se a conclusão: “A fórmula batismal trinitária não é encontrada no Novo Testamento Canônico exceto em Mateus; mas devido ao uso litúrgico, sua presença não pode provar dependência do evangelho”.⁵⁵

Mesmo que o trabalho do Comitê, devido à sua metodologia *stricto sensu*, não prove a dependência textual, ele evidencia que na Didaquê não havia a preocupação de se referenciar as fontes, como se tem na contemporaneidade. Seria mais absurdo afirmar que não há na Didaquê nenhuma citação indireta do Antigo Testamento ou do Novo Testamento, do que o contrário.

Outro ponto importante que pode ser inferido do comentário do Comitê sobre a dependência da oração do Pai Nosso: “Na seção sobre a oração, o escritor parece claramente familiarizado com as declarações do ensino de Cristo, mas dificilmente, ensinados escritos”.⁵⁶ Esse trecho deixa claro que o paralelo buscado era a referência do escritor à fonte, como ele não declarou explicitamente, seu conhecimento era proveniente de referências orais e não textuais.

O fato de o Comitê investigar a dependência literária entre o Didaquê e diversos trechos do Novo Testamento já comprova a relevância do Novo Testamento para a Didaquê e embora o autor não indicando uma fonte exata, remete à autoridade do evangelho, mesmo sem mais explicações, reconhecendo, assim, uma autoridade textual externa ao seu próprio livro.

Em síntese, é inegável que a Didaquê postula ideias presentes no Antigo Testamento e no Novo Testamento, porém, não há uma preocupação em citar referências. Essa despreocupação era algo comum, e inclusive autores bíblicos citam ideias de outros livros, muitas vezes, sem referenciá-los. Outra questão a ser observada é que o fato do autor escrever para uma comunidade específica e ser conhecido dela, pode ter gerado essa despreocupação. No mais, esse tema merece um estudo detalhado, fugindo do objetivo deste trabalho, que é apresentar um panorama introdutório ao livro.

⁵⁵ LAKE, 1905, p. 27.

⁵⁶ LAKE, 1905, p. 28.

2.5 A relevância da Didaquê para a igreja contemporânea

A Didaquê tem um valor abrangente para a Igreja Cristã dos dias atuais, pois o livro trata sobre os temas da vida cristã e da estrutura da igreja. Mas deve-se cuidar ao aplicar conceitos desse livro, pois, apesar de sua importância histórica, a igreja contemporânea possui o Novo Testamento.

A importância do livro pode ser equiparada a livros espirituais complementares, isso quer dizer, que não se deve colocá-lo no mesmo patamar do Novo Testamento, mas, sem dúvidas, ele lança luz sobre o mundo do Novo Testamento.

Varner afirma que há uma negligência dos evangélicos sobre a Didaquê, ao restringir seu estudo a aspectos litúrgicos.⁵⁷ Se essa crítica de Varner aplica-se aos estudos do livro em países de língua inglesa, pode-se inferir que essa crítica é mais relevante no Brasil.

O tratamento que a Didaquê dá à Ceia do Senhor e ao batismo são os pontos que a tornam mais próxima da igreja evangélica atual. Por mais importante que este testemunho sobre o batismo seja, deve-se ter ciência que não se trata de texto inspirado, ou seja, não se deve utilizá-lo para fundamentar doutrinas. Por exemplo, a Didaquê diz: “Mas antes do batismo o batizador deve jejuar, e também os batizados, e quem mais puder; mas tu ordenarás o batizado a jejuar um ou dois dias antes”.⁵⁸ Apesar do valor espiritual dessa passagem, essa ordem não se encontra no Novo Testamento.

Em suma, qual o valor que a igreja contemporânea deve dar a Didaquê? 1. A igreja deve lê-lo como um testemunho da fé cristã de uma comunidade do final do primeiro século. 2. A igreja pode analisar o valor que a comunidade da Didaquê deu ao batismo, à ceia, à oração e ao Jejum. 3. O livro indica que o problema com falsos mestres é desde o início da fé cristã e requer atenção contínua. 3. Deve-se honrar aos líderes que se dedicam à causa do evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar que a Didaquê é relevante para a igreja cristã contemporânea, indo além de sua contribuição para a discussão sobre o modo de batismo. A proximidade do período apostólico é um fator de peso para essa relevância.

O artigo adotou a seguinte estrutura: descrição das características gerais do livro, seguida pela discussão de sua data e de seu local de produção. Em um segundo momento, a pesquisa explorou os seguintes temas internos do livro: “os dois caminhos”, que constitui a primeira parte do livro, subdividindo-se em “caminho de vida” e caminho de morte; mostrou-se que, apesar da tentativa, há uma dificuldade de identificar a origem da expressão “os dois caminhos”; ainda na segunda parte do artigo, analisou-se, em conjunto, os temas: jejum, oração, batismo e ceia e pôde-se perceber a influência da religião judaica na proposta da oração e do jejum presente no livro. Na abordagem do autor da Didaquê sobre a liderança cristã, percebeu-se uma falta de delimitação das funções de bispo, diácono, profeta e mestre, aparentemente utilizadas como sinônimos, em alguns momentos. Posteriormente,

⁵⁷ VARNER, 2005, p. 128.

⁵⁸ DIDAQUÊ, 2005, p. 768.

argumentou-se que há uma busca incansável para se identificar as referências bíblicas no livro, sendo algo fora da proposta autoral. Diante do estudo apresentando, sustentou-se que a Didaquê tem um valor para igreja atual e que, principalmente no Brasil, há muito que se investigar na obra.

Ficou evidente que o livro tem um objetivo prático, restrito geograficamente àquela comunidade, ou seja, não há intenção de ser um manual eclesiástico universal. Essa pesquisa abre possibilidade para investigações aprofundadas em diversos temas, principalmente, na forma como a Didaquê cita as Escrituras Sagradas e sobre as atribuições dos líderes, de acordo com o livro. Pode-se dizer que a Didaquê permanece perdida para a maioria dos cristãos e que uma redescoberta desse livro contribuirá para a edificação da igreja ainda nos dias de hoje.

REFERÊNCIA

ALDRIDGE, Robert E. The Lost Ending of the Didache. *Vigiliae Christianae*, Vol. 53, N. 1, fev. 1999. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1584687>>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

DIDAQUÊ, in: *Padres apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaquê*. (Coleção Patrística, Volume 1). São Paulo: Paulus, 1997.

DIDAQUÊ, in: PROENÇA, Eduardo de (org). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

DRAPER, J. The moral economy of the Didache. *HTS Theologiese Studies/Theological Studies*, v. 67, n. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.4102/hts.v67i1.907>>. Acesso em: 03 de julho de 2018.

DRAPER, Jonathan A. Ritual Process and Ritual Symbol in "Didache" 7-10. *Vigiliae Christianae*, v. 54, N. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1584865>>. Acesso em: 31 de outubro de 2017.

GONZÁLEZ, Justo. *Uma história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Volume 1.

HENDERSON, Ian H. Didache and Orality in Synoptic Comparison Source. *Journal of Biblical Literature*, v. 1, N. 2, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3267545>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

KISTEMAKER, Simon J. The Lord's prayer in the first century. *Journal of the evangelical theological society*, v 21, n 4, 1978. Disponível em: <http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/21/21-4/21-4-pp323-328_JETS.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

LAKE, K. *The New Testament in the apostolic fathers*. A Committee of the Oxford Society of historical theology. Oxford: At the Clarendon Press, 1905.

LINNEMANN, Eta. *A crítica bíblica em julgamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VARNER, William. The Didache's use of the old and new Testaments. TMSJ, v. 16, n. 1, 2005, Disponível em: <<https://www.tms.edu/m/tmsj16f.pdf>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

WALKER, Joan Hazelden. Reflections on a New Edition of the "Didache". Vigiliae Christianae, v. 35, N. 1, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1583357>>. Acesso em: 17 de março de 2018.

WARFIELD, B. B. Notes on the Didaché. Journal of the Society of Biblical Literature and Exegesis, v. 6, n. 1, 1886. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3268751>>. Acesso em: 31 de outubro de 2017.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ÉTICA CRISTÃ EM UMA CULTURA PÓS-DIGITAL Christian ethics in a post-digital culture

Antonio Valdemar Kukul Filho¹

RESUMO

O presente artigo se propôs a discutir sobre ética cristã nas conjunturas aqui verificadas e assumidas como da cultura pós-digital. O termo faz alusão as questões relacionadas ao estilo de vida contemporâneo, influenciado por elementos culturais imersos em alta tecnologia digital. A partir de uma exposição panorâmica, porém objetiva, verificou-se os elementos e características desta cultura pós-digital, os desafios reais e virtuais à ética cristã, e ainda o papel da igreja e sua ética nesta cultura pós-digital. O quadro delineado constatou a complexidade do tema e verificou que a postura a ser assumida por aqueles que defendem os princípios éticos cristãos, deve ser pautada com sabedoria, inteligência relacional e comprometimento inegociável com relação à essência da mensagem cristã, mas flexível quanto a forma e o como estabelecer sua práxis. Para a construção foram utilizados teóricos interdisciplinares dos campos da Teologia, Filosofia, Antropologia e Marketing. Destaques para Mario Sergio Cortela, Dietrich Bonhoefer, Norman Geisler, Zygmunt Bauman e Walter Longo.

Palavras chave: Ética Cristã. Cultura. Mídia. Analógico. Digital. Igreja.

ABSTRACT

The present article has proposed to discuss on Christian ethics in the conjunctures here verified and assumed as of the post-digital culture. The term alludes to issues related to the contemporary lifestyle, influenced by cultural elements immersed in high digital

¹ Bacharel e Mestre em Teologia pela FABAPAR. cursando Licenciatura em História pela Estácio de Sá. Professor nos cursos de Bacharelado em Teologia nas modalidades presenciais e à distância, assim como nos cursos de Pós-graduação lato-sensu nas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. Pastor da Igreja Batista no Bairro Novo Mundo, Curitiba/PR. Contato: professor.kukul@fabapar.com.br

technology. From a panoramic but objective exposition, the elements and characteristics of this post-digital culture, the real and virtual challenges to Christian ethics, and the role of the church and its ethics in this post-digital culture were verified. The framework outlined the complexity of the topic and verified that the position to be assumed by those who defend Christian ethical principles should be based on wisdom, relational intelligence and non-negotiable commitment to the essence of the Christian message, but flexible as to the form and how to establish his praxis. For the construction were used interdisciplinary theorists of the fields of Theology, Philosophy, Anthropology and Marketing. Highlights for Mario Sergio Cortela, Dietrich Bonhoefer, Normam Geisler, Zygmunt Bauman and Walter Longo.

Keywords: Ethics Christian. Culture. Media. Analogue. Digital. Church.

INTRODUÇÃO

A ética enquanto objeto de estudo, reflexão e debate, remonta séculos, contudo, as conjunturas atuais atreladas ao desenvolvimento tecnológico nas diversas áreas do conhecimento, faz emergir quanto à ética, a necessidade urgente de novos estudos, reflexões e debates que estão vinculados e este novo e inédito cenário global.

A cultura pós-digital mais do que sugerir mudanças, estabelece novos paradigmas. Até o final do milênio passado era apropriado dizer que o mundo sofria os impactos de uma grande onda de mudanças. Mas adentrando neste novo milênio a melhor alegoria consiste em considerar que há uma gigantesca, implacável e indomável “tsunami” tecnológica.

Proporções gigantescas por causa do volume de propostas, recursos e possibilidades. A força da internet é tão implacável que já não se fala mais em conectar-se, pois a conexão é permanente. A pessoa utiliza o “WI-FI”² dentro de casa, enquanto desloca-se para o trabalho ou lazer, seu smartphone mantém-se ativo através do serviço oferecido pelas empresas de telefonia digital. Ao adentrar um shopping, restaurante ou faculdade logo uma placa sinaliza a senha para acesso da rede. A vida profissional e pessoal, cada vez mais imersa e dependente da grande rede, faz com que as pessoas não mais cogitem se precisam ou não dela. Pode-se dizer que a conexão com a internet está para o estilo de vida do ser humano na pós-modernidade como que o ar está vitalmente para os pulmões e a própria vida.

A grande onda de transformações tecnológicas, ganha proporções de um “tsunami épica”, porque invade a vida de todos de modo indomável e inevitável, solapando as bases de sociedades até então formatadas em culturas, cujos limites eram precisamente delineados, trazendo consigo uma nova era cultural. A era da cultura pós-digital. Poderosa, irreversível, autônoma, neutra e global. Uma cultura que exige ressignificações, exposições e confrontações diante das questões éticas. Walter Longo afirma que na era pós-digital, tudo se inverteu e simplesmente não há mais o que seja regra.³

Esta era pós-digital faz emergir novas reflexões quanto à ética cristã e seus posicionamentos, bem como suas respostas, pois há questões novas que precisam ser

² Termo técnico que se refere a rede de acesso à internet que dispensa o uso de cabos.

³ LONGO, 2014, p. 146.

respondidas. Preservar a ética, feri-la ou ignorá-la, através do simples clique de um “mouse”⁴ ou ainda de uma leve pressão em uma tela “touchscreen”⁵, são decisões que permeiam o campo da ética cada vez mais comuns, o que não significa menos complexas.

O desenvolvimento tecnológico abriu as portas de um mundo pós-digital que mistura o real com o virtual de um modo jamais visto, sequer imaginado, a não ser pelas mentes que os criaram. Mesmo para estes, projetar a reação do comportamento humano frente à possibilidade de disparar metralhadoras virtuais durante horas em um jogo de videogame, foi prevista? Quais efeitos na mente e suas reações?

Ser ético está ficando cada vez mais difícil? Quebrar regras ficou mais fácil? Violar protocolos e desrespeitar a lei é uma questão bem mais complexa que um simples movimento viabilizado pelas diversas mídias. Todas as facilidades, possibilidades, empoderamentos e isenções que o mundo digital oferece, pode dar a impressão de que tudo é possível com baixíssimos e/ou nulas possibilidades de consequências negativas.

O ser humano imerso nestas novas conjunturas tecnológicas, digitais e virtuais apresentará que tipos de comportamento ético? A Ética afetará o comportamento? Haverá meios de ser ético? Até que ponto haverá controle humano sobre as máquinas? A inteligência cibernética manterá ou adotará padrões morais? Qual ética será respeitada pela inteligência artificial?

O desenvolvimento deste texto visa tratar de modo introdutório estas questões e outras, tanto quanto desafiadoras. Além de relacionar e construir um levantamento da problemática em torno da cultura digital frente à ética cristã, é preciso apontar caminhos e discutir o papel da igreja neste cenário extremamente desafiador.

1. ELEMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA CULTURA PÓS-DIGITAL

O primeiro computador digital eletrônico começou a ser desenvolvido em 1943.⁶ A partir deste extraordinário invento, mudanças radicais podem ser elencadas ao longo dos anos que geraram significativos resultados nos campos da ciência e tecnologia. Causando e impactando de modo ubíquo transformações na sociedade e na base das relações humanas. A partir deste marco tecnológico começa uma nova era. A era digital, a qual é marcada por constantes inovações tecnológicas, cujos ciclos inovacionais apresentam-se cada vez mais curtos.

Analógico, digital e pós-digital são expressões mais recentes e constituídas a partir de uma evolução que vem ocorrendo com extrema rapidez. Por exemplo, os celulares analógicos na última década do século passado, tornaram-se o ícone do desenvolvimento tecnológico, mesmo apresentando sérias deficiências de sinal. O segundo avanço foi a migração da

⁴ Termo que se refere ao equipamento acoplado ao computador que tem por finalidade ao movimentar-se acessar os recursos do dispositivo.

⁵ Tela sensível ao toque pelas mãos do usuário. Embrionariamente desenvolvida pelo britânico E. A. Johnson em 1965 e aperfeiçoada pelo estadunidense G. Samuel em 1970.

⁶ Este computador foi lançado em 1946 e pesava 30 toneladas, ocupando um espaço de 270m² de área construída. O denominado ENIAC (Electrical Numerical Integrator and Calculator), criado por John Presper Eckert e John W. Mauchly. Seu propósito inicial contemplou a efetivação de cálculos balísticos para atender as demandas geradas pelo contexto em meio a segunda guerra mundial.

transmissão analógica para a transmissão digital, caracterizada principalmente pelo significativo aumento na quantidade de dados, o que possibilitou maior tráfego e qualidade no envio de imagens e vídeos. Comparando com o passado recente, o volume de dados que trafega pelas vias de transmissão é exponencial.

A era pós-digital é resultado destas evoluções que, por sua vez, apresenta uma série de desdobramentos. A principal delas, bem como seus impactos quanto à ética cristã, implica em compreender e avaliar a constituição desta nova era, denominada de cultura pós-digital. O termo pós-digital foi cunhado pelo publicitário Russel Davies durante uma conferência na Inglaterra em 1999, mas o conceito ganhou força a partir de Nicholas Negroponte, ícone e reconhecida autoridade mundial na integração entre humanos e computadores. Responsável por prever ainda nos anos de 1980 à extinção dos fios e cabos para transmissão de dados.⁷

O pós-digital pode ser compreendido como uma era onde a presença da tecnologia digital permeia o dia-a-dia das pessoas de modo significativamente amplo e onipresente na maior parte do tempo, a tal ponto que sua existência passa a ser percebida somente quando a mesma se perde.⁸

Novas tecnologias configuram-se como novas ferramentas e recursos disponíveis a sociedade. Contudo, uma nova cultura passa a ser vivenciada não apenas porque existem outros métodos ou ferramentas, mas quando há mudanças de comportamento e sob este aspecto há muito a ser observado, pois, nesta cultura pós-digital, acentuadas mudanças nas atitudes comportamentais, tanto individuais, quanto corporativas estão presentes.

A cultura organizacional de uma empresa, de um clube, de um partido, de uma igreja e da sociedade como um todo é definida justamente pelos comportamentos determinados, sugeridos e assumidos. Os quais por sua vez são resultado dos padrões éticos prevalentes.

De acordo com Longo, a sociedade está em um ponto de inflexão para uma nova era de total revolução em tudo que se faz, mas atrelada ainda a paradigmas e certezas estabelecidas no passado. Citando Shel Silverstein, esta fase denomina-se “tesarac”, que é quando uma sociedade se torna caótica e desorganizada até que surja uma nova ordem que a recomponha.⁹

Compondo com esta realidade da cultura pós-digital e suas implicações éticas, importa considerar as conjunturas sociais afetadas pelas imposições da cultura pós-moderna. Pós-modernidade é um termo filosófico, cuja aceitação é amplamente debatida pelos especialistas, mas devido sua correlação com a cultura pós-digital, importa aqui ser considerada. Sobre esta temática, observa Grenz:

O pós-modernismo assume formas diversas. Ele aparece personificado em certas atitudes e expressões que tocam o dia-a-dia de inúmeras pessoas da sociedade contemporânea. Tais expressões vão da moda à televisão e compreendem aspectos penetrantes da cultura popular, como por exemplo a música e o cinema. O pós-modernismo está também encarnado numa variedade de expressões culturais que incluem a arquitetura, a arte e a

⁷ LONGO, 2014, p. 145.

⁸ LONGO, 2014, p. 15.

⁹ LONGO, 2014, p. 31.

literatura. Mas o pós-modernismo é, sobretudo, uma perspectiva intelectual.¹⁰

Acerca do termo e discussões filosóficas em torno da pós-modernidade, outras expressões foram utilizadas. Libânio chama de Modernidade Avançada; Giddens e Beck preferem Radicalização da Modernidade; Bauman, por sua vez classifica como Modernidade Líquida, dentre outras possibilidades.¹¹

Contudo, apesar das discussões em torno do termo e suas possíveis permeabilidades, é inadmissível negar que existe neste contexto pós-moderno, mudanças comportamentais radicais que encontram no mundo e na cultura pós-digital uma plataforma de alta ubiquidade, profusão e ampliação de seus ideais. Os quais também frequentemente entram em rota de colisão considerando as perspectivas da ética cristã.

Compreender as noções básicas e outras variáveis da cultura pós-digital em meio a estes desafios, implica na reflexão do próprio termo “cultura”. A definição básica aponta para o “ato, efeito ou modo de cultivar ou ainda o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade”.¹² Considerando aspectos antropológicos, Laraia apresenta:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.¹³

Cultura pós-digital pode ser compreendida como o conjunto de sistemas tecnológicos digitais à disposição das pessoas na atualidade, atrelados ao uso que as mesmas fazem deles e geralmente destinam-se a fins comerciais, educacionais, profissionais, recreativos ou relacionais. Estas finalidades mencionadas perpassam o crivo ético do usuário, cujos valores até então apreendidos, podem ser fortalecidos, eliminados ou substituídos.

2. DESAFIOS REAIS E VIRTUAIS À ÉTICA CRISTÃ

Basicamente os recursos digitais são utilizados para suprir demandas já existentes ou recentemente criadas. Seja para envio de um e-mail comercial, fechamento de um contrato de serviços, do envio de um documento digitalizado para uma instituição bancária, da utilização do EAD (Ensino à distância) ou para travar uma disputa em um jogo de plataforma online, assistir um filme oferecido pelo catálogo digital ou ainda para trocar mensagens entre amigos através das redes sociais. Todas de algum modo estão atreladas as relações comerciais, sociais, profissionais, recreativas ou educacionais.

¹⁰ GRENZ, 2008, p. 62.

¹¹ BARROS, 2016, p. 257.

¹² FERREIRA, 2010, p. 213.

¹³ LARAIA, 1986, p. 59.

A tecnologia digital trouxe significativos ganhos. Agilidade na informação, acessibilidade intercultural, microcirurgias, exames de alta precisão e computação gráfica de altíssima resolução são alguns dentre vários exemplos extremamente benéficos, mas a que custos? Elementos positivos são perceptíveis, mas que caminham com outros extremamente nocivos e que literalmente se proliferam, assim como a rapidez de uma célula cancerígena agressiva e destruidora.

Em um campo de batalha virtual cria-se o ambiente para desenvolver estratégias, considerar, prever e resolver desafios. O usuário nesta plataforma pode ter sua sede de violência suprida, aplacada, ou será que foi previsto que em vez de suprimir o desejo de domínio pela força, o mesmo terá seus instintos violentos desafiados, instigados e até mesmo ampliados? Registros de pessoas, portanto e disparando armas de pesado calibre em escolas, shoppings e diversos lugares públicos vêm crescendo a cada ano em vários lugares do mundo. Existe alguma relação?

O aplicativo Whatsapp viabiliza conversas entre indivíduos e grupos de pessoas a custo zero e total proteção com uso de tecnologia criptografada, onde teoricamente apenas os usuários tem acesso. O que é excelente, mas este recurso tem sido utilizado por grupos terroristas para arremeter crianças e adolescentes em todo o mundo. As redes sociais promovem interação através de mensagens e do envio de imagens e vídeos dos mais diversificados, o que pode ser algo saudável, mas também extremamente nocivo se utilizado por adultos para atrair crianças a fim de envolvê-las violentamente.

Diversos crimes cibernéticos foram criados e outros potencializados. De modo concomitante à internet comum, é conhecida a existência de uma rede de internet oculta denominada “Deep Web”. Trata-se de uma rede obscura onde são feitas negociações que exigem certo anonimato. “Deep Web ou Darknet é uma expressão inglesa e significa literalmente “Internet Profunda”. Considerada uma “internet invisível”, isso porque todo o conteúdo disponível em seu interior não é de fácil acesso para a maioria dos internautas, e os produtores desses conteúdos optam por manter o seu anonimato. É formada por um conjunto de sites, fóruns e comunidades que costumam debater temas de caráter ilegal e imoral.”¹⁴

De que modo serão constituídas as estruturas das relações humanas nesta cultura pós-digital? As redes sociais virtuais crescem de modo exponencial e constroem novas relações, cada vez mais superficiais, instáveis e líquidas. Exemplo disto é retratado por Bauman referindo-se à exiguidade de laços nas relações de uma amizade via “facebook”.¹⁵ Esta rede social criada em 2004 atinge cerca de um bilhão de usuários em todo o mundo, todos os dias.¹⁶

As perspectivas para à ética cristã são desafiadoras, pois é justamente na forma como todos estes recursos digitais poderão ser utilizados que se faz necessário criar caminhos. Segundo Geisler, a ética considera o que é moralmente certo ou errado, enquanto que a ética

¹⁴ Disponível em: <https://www.significados.com.br/deep-web/>.

¹⁵ BAUMAN, Entrevista disponível em:

<http://www.institutocpfl.org.br/cultura/?s=null&cat=7&palestrante=1153> Acesso em 14 ago. 2016.

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em 14 ago. 2016.

cristã considera estas questões sob o prisma dos valores que regem a fé cristã.¹⁷ Todas as possibilidades que o mundo digital oferece estão acessíveis. O potencial para fazer o bem é diametralmente igual à possibilidade de se praticar o mal.

Cortella desenvolve um raciocínio interessante que se aplica à esta discussão. Para ele a ética pode ser compreendida tendo em mente três perguntas básicas: Quero? Devo? Posso? Ponderando sobre estas questões facilmente pode-se chegar à conclusão de que alguns dilemas poderão ser estabelecidos. Assim ele considera que “Há coisas que eu quero, mas não devo. Há coisas que eu devo, mas não posso. Há coisas que eu posso, mas não quero”.¹⁸ De modo que apropriar-se desta lógica como balizamento ao contexto da cultura pós-digital cria uma situação referencial que auxiliará qualquer pessoa que esteja disposta a manter seus padrões éticos cristãos.

Podem ser consideradas diversas tratativas acerca de dilemas éticos cristãos relacionados à cultura pós-digital. A começar pela decisão sobre os mais importantes. Afinal, existe uma variedade de assuntos que vão desde as questões alusivas à pirataria, plágios eletrônicos, ensino a distância, interceptação de e-mails, troca de “nuds” (fotos de pessoas nuas) até à prática de cyberbullying.¹⁹ Convém, sob o prisma da ética cristã, abordar temas que emergem à superfície do esclarecimento e efetiva prevenção.

A dependência digital já aprisiona cerca de 16 milhões de brasileiros. Segundo matéria da revista Isto É:

Estima-se que 10% da população enfrenta o problema. Segundo pesquisa da Navegg, empresa de análises de audiências online, o Brasil registrou o número recorde de 105 milhões de pessoas conectadas no primeiro trimestre deste ano. Dados da Serasa Experian mostram que o brasileiro passa mais tempo nas redes do que os internautas do Reino Unido e dos EUA. Impulsionada pela explosão dos smartphones. De acordo com a consultoria Internet Data Corporation, esses aparelhos correspondiam a 41% (5,5 milhões) dos celulares vendidos em março. Em abril, o índice foi 49% (5,8 milhões).²⁰

As facilitações de acessibilidade à internet, hoje disponível nas casas, restaurantes, shoppings, ruas, ônibus, é uma realidade. Existem diversas formas de manter-se conectado: computadores, tablets e smartphones levam a realidade virtual para todos os espaços físicos. O aparelho celular, antes exclusivo para conversas telefônicas, transformou-se em um poderoso computador de mão, indispensável em vários sentidos.

Os dados apontados acima, e facilmente abordados em vários outros meios de comunicação, destacam que esta dependência é crescente e tem afetado consideravelmente

¹⁷ GEISLER, 2010, p. 15.

¹⁸ CORTELLA, 2015, p. 107.

¹⁹ Cyberbullying é um termo composto que se utiliza para descrever ações de violência virtual, intencionais contra pessoas relativamente mais vulneráveis. Podem ser fotos, charges e textos ofensivos lançados na internet a fim de ridicularizar alguém.

²⁰ ISTO É. Revista digital disponível em: http://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL/ Acesso em 03 de out. 2016 às 18h30.

as relações interpessoais. A convivência familiar pós-digital coloca o casal trocando mensagens em casa e às vezes na própria cama, um ao lado do outro.

Para Longo, o mundo pós-digital criou uma nova equação das distâncias. Enquanto se fala com pessoas do outro lado do planeta em tempo real, envia-se mensagens de texto para o colega na mesa ao lado.²¹

Este tipo de dependência digital pode ser uma fuga da realidade. É preferível confrontar alguém simplesmente enviando um texto, desprovido de emoção, longe do “olho no olho”, do “cara a cara”. Procedimento muito distante daquilo que Jesus Cristo ensinou: “Se teu irmão pecar contra ti, vai a sós com ele e repreende-o; se te ouvir, ganhaste teu irmão” (Mt 18.15). As pessoas estão literalmente dependentes de uma conexão e ficam totalmente perdidas ou com crises de abstinência digital.

Outro tema de grande relevância é o altíssimo índice de *consumo de material pornográfico* disponibilizado em sites especializados e praticamente disponível em todas as páginas de interface. A sensualidade é explorada em larga escala, escravizando crianças, adolescentes, jovens, adultos, incluindo até mesmo os idosos.

Acessar pornografia não está mais restrito àquela situação “icônica” do homem que compra uma “revista” na banca e a guarda reservadamente em lugares secretos da sua casa ou trabalho, para o momento oportuno. A indústria da pornografia digital não sofre com a crise econômica, pelo contrário, cresce cada dia mais. Manter o hábito do consumo em pornografia é uma das práticas mais incentivadas pela cultura pós-digital. Impacta diretamente o comportamento e estilo de vida daqueles que se deixam envolver por esta forma de uso da tecnologia.

Até meados da década de 1990 aproximadamente a principal forma de acessar esse material era através de impressos ou cinemas especializados. Com o advento da internet, navegar entre imagens e vídeos abarrotados de sexo explícito ou implícito ficou extremamente fácil e acessível, até mesmo às crianças. Pais descuidados ou negligentes podem estar contribuindo para educar filhos e filhas com mentes doentias, acentuadamente afetadas pelas marcas que a pornografia deixa ao longo da vida. Marcas de uma prática sórdida, sorrateira e destruidora.

Há aqueles que defendem a liberdade de expressão e da forma quanto ao uso do seu corpo, de modo que tudo é possível, se isto confere prazer. Este pensamento hedonista encontra ampla defesa na perspectiva de um estilo de vida pós-moderno. Contudo seguindo a ética cristã, convém destacar o ensino do apóstolo Paulo. Ao escrever às igrejas da região da Galácia, recomendou: “Irmãos, fostes chamados para a liberdade. Mas não useis da liberdade como pretexto para a carne; antes, sede servos uns dos outros pelo amor. Pois toda a lei se resume numa só ordenança, a saber: Amarás ao próximo como a ti mesmo” (Gl 5.13,14).

Segundo Geisler, existem diversas razões para se reprimir e condenar com veemência à pornografia. Ele desenvolve dois agrupamentos de argumentações: Argumentos sociais e argumentos bíblicos contrários a esta prática pecaminosa. Dentre os argumentos sociais

²¹ LONGO, 2014, p. 146.

pondera que a pornografia estimula agressão e violência; cria um tipo de comportamento irracional; afeta o aspecto neuropsíquico; causa dependência semelhante aos das drogas. Aponta ainda que a pornografia caminha ao lado de outros crimes, como assédio, pedofilia, estupro, homicídio e suicídio. Provoca disfunções familiares, inibe namoros, relacionamentos conjugais dentre outros malefícios. Acerca do argumento bíblico contra a prática da pornografia, expõe diversas e diversificadas referências bíblicas. De um modo geral cita que a pornografia retrata o sexo de modo pecaminoso, não honra o casamento, promove práticas pecaminosas na vida do crente, cultiva a lascívia e o adultério no coração, corrompe e obscurece a mente.²²

A Bíblia está repleta de textos repreendendo e condenando a promiscuidade. A pornografia assim, como qualquer outro pecado não deve ser cultivado pelos cristãos comprometidos com Cristo. Na carta de Tiago, Deus o inspira para alertar seu povo sobre a importância de resistir às tentações. “Mas cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo. Então o desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, após se consumir, gera a morte” (Tg 1.14,15). Acessar material pornográfico, por si só já gera impureza, de modo que é preciso uma vigilância constante dos pais para que, nesta cultura pós-digital, mergulhada no hedonismo, os filhos mantenham-se fiéis.

3. IGREJA, ÉTICA CRISTÃ E CULTURA PÓS-DIGITAL

Qual é o papel ético da igreja frente a este cenário pós-digital? A igreja tem a missão de criar mecanismos que habilitem os cristãos a viver valores pautados na Bíblia, como Palavra de Deus. Como apresenta Geisler: a ética cristã baseia-se na vontade e na revelação de Deus, é absoluta, prescritiva e deontológica.²³

Tendo isso em mente e à luz do que foi explanado acerca da conjuntura dinâmica e permanentemente flexível que se encontra na cultura pós-digital, convém tecnicamente refletir: O problema é a tecnologia digital que abre portas para condutas imorais ou o potencial de imoralidade presente na vida humana que se utiliza da mesma para concretizar seus mais sórdidos desejos?

A natureza humana está propensa ao pecado. No Salmo 51, Davi afirmou: “Eu nasci em iniquidade, e em pecado minha mãe me concebeu” (Sl 51.5). Isto se constitui no mínimo como algo reflexivo mesmo para aqueles que rejeitam a Bíblia como única regra de fé e prática. O Evangelho segundo Marcos (7.18-23) registra as palavras de Jesus Cristo:

¹⁸ Jesus lhes respondeu: Então vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que entra de fora no homem não pode torná-lo impuro? ¹⁹ Porque não entra no seu coração, mas no estômago, e depois é expelido. Assim, Jesus declarou puros todos os alimentos. ²⁰ E prosseguiu: O que sai do homem é que o torna impuro. ²¹ Pois é de dentro do coração dos homens que procedem maus pensamentos, imoralidade sexual, furtos, homicídios, adultérios, ²² cobiça, maldade, engano, libertinagem, inveja,

²² GEISLER, 2010, p. 450-458.

²³ GEISLER, 2010, p. 15-17.

blasfêmia, arrogância e insensatez.²³ Todas essas coisas más procedem de dentro do homem e o tornam impuro (Mc 7.18-23).

É redundante dizer que a ética cristã se baseia em Cristo, mas de fato isto precisa ser evidenciado, ainda que óbvio. Neste ensinamento, Jesus, apresenta questões cruciais para se estabelecer um estilo de vida saudável e, a partir delas, afirmações normativas passam a compor elementos para a ética cristã.

Em primeiro lugar a ética cristã se sobrepõe e anula especulações movidas por religiosidade circunstancial. Confrontando e contrapondo um grupo de fariseus e escribas preocupados com as tradições religiosas (Mc 7. 18 e 19) Jesus deixa claro, referindo-se aos alimentos, que a contaminação não vem de fora. Ainda que a citação se refere à questão alimentar é perceptível, nesta palavra, que o problema não está necessariamente no que se recebe, mas em como se administra aquilo que foi recebido.

O apóstolo Paulo falando acerca das profecias disse: “mas, examinando tudo, conservai o que é bom” (1Ts 5.21). Utilizando esta orientação, o princípio que pode ser eticamente aplicado, consiste em verificar, avaliar e utilizar a tecnologia digital de modo adequado. Negligenciar estas questões, motivadas por um radicalismo religioso, só afastarão mais as pessoas da igreja e de uma concepção verdadeira de Deus.

Em segundo lugar, a ética cristã estabelece que o interior determina sobre o exterior e não o contrário. Os versos de 20 a 23 expõe uma realidade um tanto quanto indigesta, mas verdadeira. O mal está na essência do ser humano. O potencial para desejá-lo e praticá-lo, bem como promover a imoralidade não está fora da mente, mas dentro dela. A moral é a prática da ética, de modo que o exercício a ser feito é disciplinar os pensamentos, avaliando-os e estabelecendo-os sob a perspectiva da ética de Cristo. Uma boa prática se dá na aplicação de Filipenses 4.8: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”.

Nem sempre os parâmetros estão explícitos, como os mencionados por Jesus. Dietrich Bonhoefer, acerca da vontade de Deus, pressuposto este aqui assumido como valor absoluto, afirmou que esta vontade divina muitas vezes está implícita e precisa ser buscada por aqueles que assim professam sua fé. Ele afirmou:

A vontade de Deus pode estar profundamente oculta sob muitas possibilidades que se oferecem. Sempre de novo deverá ser examinado qual é a vontade de Deus, porque ela também não é um sistema de regras prefixadas, mas cada vez nova e diferente nas diferentes situações da vida... Decisiva é aqui a clara pressuposição de que esse discernir só existe a partir de uma “metamorfose”, de uma completa mudança interna da forma anterior, a partir de uma “renovação” da mente (Rm.12.2), a partir de uma postura como filhos da luz (Ef.5.9).²⁴

Bonhoefer em seu discurso sobre o amor de Deus e a decadência do mundo cita o apóstolo Paulo, responsável pela construção de grande parte do escopo da ética cristã,

²⁴ BONHOEFER, 2015, p. 28.

obviamente que inspirado pelo Espírito Santo. Na carta aos Romanos, ele escreveu uma lúcida e inspiradora mensagem observando que os fiéis não devem se moldar ao esquema deste mundo, mas serem transformados por uma mente renovada a fim de experimentar a perfeita e agradável vontade de Deus.

A possibilidade de vincular ao estilo de vida cristã, certas concessões, pode parecer o melhor caminho? O caminho da “política da boa vizinhança” pode ser observado na forma como Jesus construiu seu ministério? Jesus fez concessões, abrindo mão dos valores eternos?

Jesus Cristo definitivamente não fez concessões ou modificações em sua mensagem, ao contrário, confrontou e expôs a necessidade da transformação ao pregar: “Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15).

O papel da igreja consiste em cumprir com sua missão no tempo e fora de tempo. Posicionar-se inclusive sobre dilemas éticos e para isso utilizar-se de todos os recursos disponíveis, inclusive lançar mão da cultura pós-digital, fazendo convergir e prevalecer valores necessários a uma ética cristã.

Quando Jesus comissionou a igreja, representada por seus discípulos, foi muito claro ao dizer: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28.19,20). O fazer discípulos implica em construir relacionamentos discipuladores que reproduzam o padrão do próprio Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou apresentar de modo objetivo um panorama da realidade cultural predominante, aqui denominada pós-digital, bem como acerca das implicações relacionadas a ética cristã e o papel da Igreja neste contexto.

As significativas contribuições que os recursos tecnológicos trouxeram são inquestionáveis, inclusive para que a igreja cumpra a chamada “Grande Comissão”. Bilhões de pessoas usufruem dos benefícios oferecidos na cultura pós-digital. Isolar-se ou tentar fugir das inovações digitais é quase impensável e praticamente impossível. Se assim fosse Jesus, na oração em favor de seus discípulos, não teria dito: “Não rogo que os tire do mundo, mas que os guardes do maligno” (Jo 17.15).

Neste mundo fortemente influenciado pela cultura pós-digital, a ética cristã não deve aceitar o esquema ético deste mundo, ainda que tal dicotomia nem devesse existir. A questão à ser compreendida e vivenciada por aqueles que se denominam cristãos, não deve ser a postura de projetar um universo paralelo ou viver em uma espécie de redoma dissociada do mundo, de modo que buscar alternativas para se criar tal “bolha” é impraticável, bem como agir com radicalismo religioso é contraproducente.

Conforme destacado, convém testificar que o papel da Igreja é influenciar a ponto de provocar transformações. Independentemente das circunstâncias culturais, o foco não deve consistir em estabelecer uma ética de comportamento dos cristãos, mas trabalhar para que através do testemunho cristão genuíno, seja evidenciada a ética do próprio Cristo.

A premissa bíblica e básica para a ética cristã consiste em compreender que “Todas as coisas me são permitidas, mas nem todas são proveitosas. Todas as coisas me são permitidas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Co 6.12). O problema não são os recursos tecnológicos, mas o modo como os mesmos são utilizados. Um raciocínio simples e absoluto, mas, profundamente libertador e cheio de vida.

A igreja não pode se furtar ao diálogo, debate e proclamação da verdade cristã. Mas sim, buscando sob a direção do Espírito Santo, avançar por meio de múltiplas formas, sejam compostas por tecnologias mecânicas, analógicas ou digitais. Empenhar-se intencionalmente para tornar real as considerações feitas pelo apóstolo Paulo: “Mas que importa? De qualquer forma, contanto que Cristo seja anunciado, quer por pretexto, quer não, alegro-me com isso e, sim, sempre me alegrarei” (Fp 1.18).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Bíblia Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BARROS, Vinicius. **Culto cristão:** origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/?s=null&cat=7&palestrante=1153> Acesso em 14 ago. 2016

BONHOEFER, Dietrich. **Ética.** 11.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã:** opções e questões contemporâneas. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo:** um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GLOBO.COM Disponível em : <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em 14 ago. 2016

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LONGO, Walter. **Marketing e comunicação na era pós-digital:** as regras mudaram. São Paulo: HSM do Brasil, 2014.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A CRIAÇÃO CONTRA-ATACA: UM ESTUDO HERMENÊUTICO DE RESPONSABILIDADE, CONSCIÊNCIA E PRÁXIS ENTRE O CRISTÃO E O MEIO AMBIENTE

Creation counterattacks: a hermeneutical study of responsibility, conscience
and praxis between the Christian and the environment

José Fabio Bentes Valente¹
Fanuel Santos de Souza²

RESUMO

Vive-se em um mundo que a natureza a cada dia que passa clama por socorro devido à exploração constante do homem aos recursos naturais da terra que de forma exagerada durante as últimas décadas, por conta do desenvolvimento tecnológico e científico, a humanidade, não tem uma preocupação especial quanto a preservação do meio ambiente. Logo o intuito deste artigo está em suscitar os possíveis fatores que permeiam essa despreocupação com a natureza, sugerindo qual a responsabilidade do cristão quanto a essa degradação, bem como a escritura Bíblica através de uma hermenêutica ecológica, pode ser usada como ferramenta preponderante de praticidade e aplicabilidade do cuidar ao meio ambiente.

Palavras-Chave: Natureza. Preservação. Cristão. Escritura Bíblica.

ABSTRACT

We live in a world that nature with every passing day cries for help due to the constant exploitation of man to the natural resources of the earth that in an exaggerated way

¹ Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas, Mestrando em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi. E-mail: fbarmas@gmail.com

² Doutorando em Sociedade Cultura pela Universidade Federal do Amazonas, Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida, Minter com a Federal do Espírito Santo. E-mail: fanedheny@gmail.com

during the last decades, due to technological and scientific development, man, especially christians, does not have a special concern regarding the preservation of the environment. Therefore the purpose of this research will be to raise the possible factors that permeate this unconcern with nature, suggesting the responsibility of the Christian for this degradation, as well as the Biblical Scripture through an ecology hermeneutics that can be used as a preponderant tool of practicality and applicability of care for the environment, and what actions the theologian and theologian are using to change society's way of thinking and acting in relation to nature conservation, corroborated with the non-Christian governmental Organizations about this preservation.

Keywords: Nature. Preservation. Ecology. Christian.

INTRODUÇÃO

A cada dia que passa a natureza mostra sua força através de sinais bem visíveis ao redor do mundo, devido à falta de preocupação do homem com o planeta. Boff, afirma que a atividade humana irresponsável constrói o princípio da autodestruição, que produz danos irreparáveis a biosfera, que pode destruir a condições de vidas dos seres humanos, pois esse desequilíbrio ecológico poderá afetar a terra e a mesma buscará uma nova forma de equilíbrio que conseqüentemente acarretará uma devastação de vidas.³

Nisso é preciso que o cristão tenha em seu *habitus* de vida, esse ideal ecológico de uma conscientização e ação em seu habitat natural (Igreja), para que o planeta pare de lamentar contra esses ataques massivos de degradação que veem ocorrendo ao longo dos anos.

Este artigo, portanto, tem como objetivo apresentar os possíveis fatores responsáveis dessa degradação ambiental, sugerindo a humanidade como fator preponderante deste descaso por conta de suas ações, bem como qual a responsabilidade que o cristão deve possuir quanto essa degradação ambiental.

Suscitando como a escritura bíblica poder ser usada como sustentáculo para a preservação do meio ambiente, bem como através de seus ensinamentos, pode-se usa-la como ferramenta pratica deste cuidado para com o mundo com mais racionalidade.

1. FATOR RESPONSÁVEL

Ao se estabelecer qual o fator responsável pela degradação do meio ambiente, tem-se o entendimento que, a ação massiva do homem quanto a exploração dos recursos naturais da terra, sem o mínimo de controle é a responsável dessa degradação ao longo das décadas.

Murad ao afirmar sobre essa degradação exacerbada dos recursos ambientais, diz que a mesma se dá devido ao antropocentrismo em que é caracterizada pelo subjetivismo do homem e pela universalização da ciência, ao qual esses dois fatores geram uma visão linear e otimista da história, que em contrapartida iludiu a muitos com ideologia do progresso infinito e do desenvolvimento ilimitado, ocasionando ao ecossistema quanto a seus recursos naturais, a ideologia de um estoque infinito que nunca irá se exaurir, e que pode se retirar tudo para produzir vender e consumir.⁴

³ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 08-10.

⁴ MURAD, Afonso. **Ecoteologia**: um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016, p. 09.

Seguindo esta ideologia quanto a causa da degradação ambiental, o Papa Francisco, ratificando a proposta de Murad, afirma que a raiz humana da crise ecológica pode ser caracterizada pelo paradigma tecnocrático e o antropocentrismo.⁵

O paradigma tecnocrático, segundo o Papa Francisco, poder ser entendido como o modo em que a humanidade assumiu a tecnologia e seu desenvolvimento, cujas tendências nem sempre seguem características de consciência em elaborar a metodologia e objetos de preservação, a qual o que interessa é extrair o máximo possível de insumos da terra, sem, contudo, observar a realidade do que está acontecendo atualmente.

O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. A finança sufoca a economia real. Não se aprendeu a lição da crise financeira mundial e, muito lentamente aprende-se a lição do deterioramento ambiental.⁶

A proposta apresentada pelo Papa Francisco desse paradigma, quanto a sua dominação nos setores da economia e da política, serve de alerta para uma reflexão da sociedade em geral, uma vez que, tais informações criará um senso de responsabilidade e reflexão para a preservação do meio ambiente como forma de pensamento de um todo em geral.

O antropocentrismo é outra causa da degradação do meio ambiente que pode ser sintetizado como o reconhecimento próprio do ser humano acima das outras criaturas, em que Murad, diz que tal cultura uma de suas bases ideológicas seria o “relativismo prático”⁷, que consiste em afirmar que não existe verdades objetivas nem princípios universalmente válidos, que conseqüentemente tal ideologia dará prioridade aos interesses e contingentes de uma pessoa, criando um individualismo que não preocupa com as conseqüências de destruição do meio ambiente.

Nesse interim surgiu uma pergunta, quais são as conseqüências desse paradigma tecnocrático para as futuras gerações? Quanto a esta pergunta, Murad responde ao dizer, que surgiram conseqüências econômicas, políticas, sociais, e étnicas, devido as atitudes na atualidade da não preservação do meio ambiente, em que se está transferido esses problemas que serão de proporções gigantescas para as gerações futuras.⁸

Boff ao argumentar sobre as destruições em massa de vidas, quanto a exploração sem controle dos insumos do meio ambiente, diz:

A atividade humana irresponsável, em face da máquina de morte que criou, pode produzir danos irreparáveis á biosfera e destruir as condições de vida

⁵ O Papa Francisco classifica as crises da humanidade em relação a ecologia, se baseando em alguns fatores responsáveis sendo; a globalização do paradigma tecnocrático, a crise do antropocentrismo moderno e suas conseqüências. Para mais informações consultar em: FRANCISCO, Do Santo Padre. **Carta Encíclica Laudato Si: Louvado Sejas** – sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015, p. 07.

⁶ FRANCISCO, 2015, p. 70.

⁷ Relativismo prático entende-se como sendo a forma que homem moderno compreende tudo o que o cerca considerando apenas seu próprio contexto, em que muitas vezes repudia qualquer verdade ou valor absoluto. Consultar em: NICOLA, Abbagnano. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 845-846.

⁸ MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. **Cuida da casa comum**. Orgs. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 32.

dos seres humanos. Ela é como coração, que está sendo atingindo gravemente, todos os demais organismos vitais serão lesados: os climas, as águas potáveis, a química dos solos, os micro-organismo, as sociedades humanas. [...] A Terra buscará um novo equilíbrio que seguramente acarretará uma devastação fantásticas de vidas.⁹

A constatação de Boff quanto a essa exploração massiva, constante e inconsciente do meio ambiente pelo homem, mostra uma realidade escatológica que é bem visível nos dias atuais que vai desde alterações climáticas, falta de água potável ao longo do globo terrestre, desmatamento, entre outras degradações ambientais.

O Papa Francisco, ao relatar sobre as consequências desse tecnocentrismo, diz que a ciência e suas tecnologias não são neutras, quanto a esses problemas que estão acontecendo com o meio ambiente, pois desde do início até o fim de um processo seja ele de produção, ou não, existem diferentes intenções e possibilidades que podem configurar um pano de fundo de destruição do meio ambiente e conseqüentemente causar um mal gigantesco a todos os tipos de ecossistemas do planeta.¹⁰

Murad, ainda ratifica que as pessoas têm uma consciência, que ação do homem, mesmo que de maneira qualificada, pode danificar de forma irreversível a natureza, cujo processo de intervenção acaba em muitos casos se tornando irreversível na ecosfera, como os buracos na camada de ozônio, e na biosfera, que unido com o aumento cada vez mais constante da população mundial acaba aumentando o consumo dos produtos manufaturados, que conseqüentemente, o metabolismo natural da terra não consegue suportar essa demanda de insumos tirados da natureza.¹¹

2. RELAÇÃO DA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE PARA O HOMEM

A preservação do meio ambiente é responsabilidade do homem, haja vista, que o mesmo deve ter o entendimento do verdadeiro significado do que vem ser a ecologia¹², pois só a partir desse esclarecimento é que a humanidade sairá das teorias (Âmbito conjectural), e irá ter um olhar diferente do verdadeiro papel deste, para com o meio ambiente.

A ecologia não consiste em saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre objetos de conhecimento, sendo que esses saberes devem possuir características interpessoais, e ainda, devem consistir na transversalidade¹³, ou seja, sendo o ato de se

⁹ BOFF, 2009, p. 15.

¹⁰ Entende-se por tecnocentrismo, a relação do homem na contemporaneidade com a tecnologia, ao qual este a torna o centro de sua vida, ficando totalmente dependentes destas. Para mais informações, consultar: SEYMOUR, Papert. **A crítica do tecnocentrismo no pensamento sobre a escola do futuro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 60.

¹¹ MURAD, 2015, p. 39.

¹² Boff quanto ao significado de ecologia diz, que a mesma é “um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos”. Consultar em: BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 46.

¹³ BOFF, 2004, p. 55.

relacionar para com tudo e com todos, em que todas as experiências, compreensão e solidariedade fazem uma união de todos.

Essa compreensão de solidariedade e de relacionamento traz em pauta a essência do que representa a Ecoteologia na raiz semântica de seu termo, em que Murad argumenta que o termo Ecoteologia, possui o prefixo eco que significa uma alusão a ecologia, ou seja, que compreende pelo menos três áreas distintas: A ciência da interdependência de todos os seres, a ética que representa o cuidado com o meio ambiente e do paradigma pós-antropocêntrico.¹⁴

Seguindo essa proposta, o papa Francisco convoca todas as comunidades cristãs em especial os católicos, a se unirem por uma preocupação e uma reflexão comum quanto a preservação deste planeta, que citando um discurso do patriarca da igreja católica ortodoxa Bartolomeu, diz que os problemas ambientais suas raízes étnicas e espirituais nos convidam a encontrar soluções não só na técnica, mas também em mudança do ser humano, que propõe passar do consumo ao sacrifício, da avides a generosidade, do desperdício a capacidade de partilhar, pois cada um tem que se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, pois um crime contra a natureza e um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus.¹⁵

Para se ter uma preservação do planeta é preciso ter uma conscientização universal, ou seja, uma “consciência planetária, em que significa a redescoberta de que o mundo se torna um todo do ser humano”¹⁶, ou seja, um membro da terra deve assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta, ao qual configurará um modelo de compreensão que cada pessoa deve possuir uma visão de si mesmo e suas relações representaram iniciativas tanto políticas como de projetos de sustentabilidade do planeta.

Quanto a essa visão planetária de sustentabilidade e consciência, a “Carta da Terra” de compilação de vários autores¹⁷, propõe um ideologia de esperança e altivez quanto a mudança de consciência de cada pessoa, conclamando a humanidade a ser uma família em que cada pessoa deve se esforçar para criar uma sociedade sustentável, em que se baseia no respeito a natureza, bem como nos direitos humanos universais, e numa cultura de paz, para assim chegar uma responsabilidade comum, que terá como cerne de ideologia o cuidado com a natureza.

Boff, em consonância com ideologia de consciência humana quanto a preservação da natureza, utiliza a expressão “filho da terra”¹⁸, para exprimir a relação do homem com a natureza, termo este, que traz à tona o sentido que os humanos necessitam de outros seres para viver e que são totalmente interdependentes um para com outros e que como filhos da terra que somos, não podemos agir de ingratidão para a natureza, em que diz:

¹⁴ MURAD, 2016, p. 27.

¹⁵ FRANCISCO, 2015, p. 13.

¹⁶ MURAD, 2016, p. 24.

¹⁷ **Agenda 21**: Carta da terra. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/resposabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>. Acessado em: 05 de maio de 2018.

¹⁸ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 25-28.

Todos os seres vivos desde as bactérias até o mais complexo dos mamíferos possuem o mesmo alfabeto genético constituído por trinta aminoácidos e quatro ácidos nucleicos, em que apenas essa variação de letras do alfabeto origina a diversidade dos seres. Logo assim há um parentesco entre todos os seres vivos, somos filhos da terra, pois nossa espécie apareceu depois de longo processo de evolução da matéria e dos seres vivos no nosso planeta.¹⁹

Murad, seguindo a proposição de Boff, argumenta que o ser humano é a Terra, em quanto pensa, age, sente, atua, confere sentido, comunica-se com a linguagem e ainda representa as interações com outros seres através de símbolos e conceitos²⁰, cuja representativa desses fatores nos faz cada vez mais parte integrante e consciência reflexiva da comunidade de vida no nosso planeta, por mais que cada um possua suas características similares.

Portanto são essas características de conscientização, que criam uma relação de harmonia do homem para com a natureza, que acaba originando a expressão do “cuidar da casa comum”²¹, pois o que vem ser uma casa se não o lugar onde as pessoas habitam e se relacionam umas para com as outras, onde sentimos protegidos do tempo, da chuva, do sol e dos ventos frios, que nesse sentido a terra e o nosso grande lar, a nossa casa comum, onde cada pessoa deve ter a preocupação em cuidar e zelar por esse grande patrimônio que o nosso planeta.

4. A RESPONSABILIDADE DO CRISTÃO

A responsabilidade do cristão é de suma importância para a preservação do meio ambiente, pois vai muito mais além que as escrituras revelam sobre a responsabilidade e o devido cuidado com a natureza, pois é uma questão de ética que deve ser encarada como *habitus* de vida, que partira dos quadriláteros das instituições e se fará em uma, *práxis* do cotidiano.

O Papa Francisco, chama essa responsabilidade do cristão de um “evangelho ecossocial”, em que toda a criação em modo particular a criatura humana em especial os cristãos, tem que ter uma preocupação de que os outros seres vivos não sejam tratados de forma irresponsável, pois os seres são criaturas de Deus, expressão do seu amor, manifestação de sua glória e muito mais que meros recursos e instrumentos de produção.²²

Cabe ao homem (Cristão), ter uma tremenda responsabilidade com o conjunto da criação, pois ofender a criação e particularmente a criatura humana é ofender a Deus. Cesar diz, que ao longo da história do cristianismo esse senso de responsabilidade encontrou certos obstáculos quanto a metodologia epistemológica cristã, que seguem princípio que colocam o homem em uma posição diferenciada, a saber:

¹⁹ BOFF, 2010, p. 65.

²⁰ MURAD, 2016, p. 47.

²¹ Esse termo está associado ao cuidar do homem para com o planeta, e representa o tema da campanha da fraternidade de 2015 da igreja católica, cuja temática gira em torno da preservação do planeta. Para mais informações consultar em: FRANCISCO, Do Santo Padre. **Carta Encíclica Laudato Si: Louvado Sejas** – sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

²² FRANCISCO, 2015, p. 85-89.

Historicamente a igreja tem perdido cada vez mais a percepção da relação entre o evangelho e as questões ambientais. Aliás, alguns autores têm sugerido que o principal motivo da crise ecológica e a influência da religião judaico-cristã, que coloca o homem numa posição diferenciada e superior em relação aos demais seres vivos com papel de dominador e controlador da natureza.²³

Essa proposta sugerida por Cesar é interessante, pois ela sai do campo ideológico e passa a refletir no campo da realidade, pois a ideologia de dominação causa precedentes de uma exploração sem se preocupar com a preservação do meio ambiente pelos cristãos e de diversas igrejas em geral.

Entretanto Schaeffer, traz uma proposta diferente, pois afirma que os cristãos devem fazer uma hermenêutica correta das escrituras, podendo aplicar de modo prático e global, para assim minimizar os efeitos destrutivos previstos pela ecologia.²⁴ A menos que exista um relacionamento ético entre Deus e os homens, é impossível que as pessoas ajam como representantes ou mordomos na Terra.

A fim de encontrar uma possível solução quanto essa degradação ambiental e a despreocupação dos cristãos quanto esse tema, Lopes diz, que o cristianismo, cujas bases do conhecimento estão fundamentadas nas escrituras sagradas, contribui para uma formação de uma consciência ecológica, quando ensina que o homem é responsável, diante de Deus, pelo uso racional e correto do mundo, e da criação.²⁵ A doutrina da fé cristã provê elementos morais espirituais e éticos, que criam uma consciência ecológica que podem criar possibilidades de uma preservação ambiental que ultrapassa as barreiras do silêncio e se crie assim um diálogo constante quanto a preservação do planeta.

A consciência ecológica está diretamente ligada a uma matriz econômica política que está refletida a uma mudança sociocultural,²⁶ ou seja, o pensamento ecológico partir do princípio da esfera financeira e ideológica de uma sociedade para se aplicar ao contexto cultural da sociedade, como por exemplo os movimentos sociais (organizações não governamentais, grupos religiosos), podem ser agentes de transformação da cultura que podem lançar proposta de uma ação política socioambiental de consciência e ação na questão da preservação do meio ambiente.

Portanto a questão da consciência da preservação ambiental, tem que partir não só das instituições ora religiosas e políticas, mais de cada indivíduo, pois o cerne do zelo (cuidado) seja por qualquer coisa, parte de características individuais, que se estenderá para princípios de coletividade, ou seja, tem que haver uma mudança da ética e dos princípios quanto a esse senso de responsabilidade do homem geral.

²³ CESAR, João Luiz. **Teologia e ecologia**: Queda de braço ou mãos dadas? 2012. Disponível em: <http://migre.me/8Ackf>. Acessado em: 20 de maio de 2018.

²⁴ Schaeffer, Francis. *Poluição e a morte do homem: uma perspectiva cristã ecológica*. Rio de Janeiro: Juerp, 1976, p. 29.

²⁵ LOPES, Augusto Nicodemos. **Ecologia: uma perspectiva cristã reformada**. 2010. Disponível em: <http://www.ctmvida.com/materias/ecologia-umaperspectiva-crista-reformada>. Acessado em: 20 de maio de 2018.

²⁶ MURAD, 2016, p. 45.

5. A ESCRITURA BÍBLICA COMO SUSTENTÁCULO

Nas escrituras Bíblicas existem alguns versículos que remetem a preservação do meio ambiente como o exemplo o livro de Gênesis capítulo 2 versículo 15 que diz: “ E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar”²⁷, ao qual fazendo a devida hermenêutica e exegese desta perícopes, cabe aqui afirmar que a missão do homem foi de cuidar e guardar o patrimônio terrestre.

Quanto a esse compromisso de zelar e cuidar do planeta como um todo, Reimer, afirma que os seres humanos recebem de Deus o encargo de zelar pela criação que se estenderá até hoje, em que incluem todas as mutações e evoluções naturais, e o homem acaba se tornando assim o elo, aquele que liga a comunicação dessa criação, cuja trabalho profícuo de interatividade também se tornando co-criadores com Deus neste que há de ser um relacionamento de íntima afinidade.²⁸

Ainda quanto a este ato de cuidar e zelar, o próprio ato de Jesus Cristo delineava um cuidado com outro, que pode estar ligado a característica de submeter e subjugar e dominar estando ligados ao cuidado com outro e com a humanidade, e por que não a natureza, cabendo a devida interpretação.²⁹

O Papa Francisco, quanto a essa proposta de idealismo bíblico ecológico, afirma o seguinte:

A narração do livro de Genesis contém, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais se romperam não só exteriormente, mas também dentro de nós por conta do pecado.³⁰

A afirmação de Francisco e de suma importância, pois apresenta uma perspectiva de como homem não só rompeu seus laços íntimos com Deus mais também com a terra, cuja atitude trouxe calamidades não só ao homem mais também a aqueles que se relacionam com ele, nesse interstício surgiu a natureza como sua principal vítima.

6. POSSÍVEIS HERMENÊUTICAS ECOLÓGICA VETEROTESTAMENTÁRIOS

Ao sugerir possíveis hermenêuticas ecológicas dos textos veterotestamentários neste subtópico, seu escopo cognitivo se baseará em uma concepção triádica, tendo como temas a criação, a natureza e a ecologia, em que no primeiro momento da criação pode-se suscitar uma leitura ecológica nos primeiros versos bíblicos.

²⁷ BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 14.

²⁸ REIMER, Haroldo. *Bíblia e ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 21-23.

²⁹ LOPES, 2018, p. 2.

³⁰ FRANCISCO, 2015, p. 45.

Murad diz que, Deus é apresentado como o arquiteto inteligente, que separa os diversos elementos, sendo que no primeiro dia faz a separação do dia, luz a trevas, no segundo dia separa as águas de cima (céu), e as águas de baixo (mares), no terceiro dia a terra as plantas de todo tipo e os mares, em que depois dessa separação nos três dias seguintes vem a ornamentação sendo no quarto dia o firmamento e adornado com o sol, a lua e as estrelas, o quarto ainda o firmamento é adornado com as aves e mar, com os grandes cetáceos e peixes, e por fim o sexto quanto a esta decoração, Deus cria os animais de todo gênero e o homem.³¹

Essa análise feita pelo autor citado acima, coaduna com o ideal de que Deus criou as coisas para se inter-relacionarem entre si, ou seja, não sendo apenas uma *práxis* de dominação que é mal interpretada quanto ao termo dominação que se apresenta no capítulo 1, versículo vinte e oito deste mesmo livro, o qual diz: “E Deus os abençoou, dizendo-lhe: Crescei e multiplicai, enchei a terra e a submetei, dominai sobre os peixes do mar, as aves e todos os animais que se movem pela terra”.³²

Quanto a este domínio Schokel, diz que o verbo “submeter” é mais viável que dominar, uma vez que, tal palavra se correlaciona com a palavra *dominus*,³³ que por sua vez tem o significado de senhor dominador, criador, ao qual o homem acaba sendo subtendido como co-criador, que independente de qual for a tradução, no sentido mais estrito dessa palavra, sua interpretação jamais pode ser de destruição, sendo este ato, é que o homem tem realizado durante décadas, em relação ao meio ambiente.

É interessante destacar que o segundo capítulo do livro de Gênesis existe a forte incumbência ecológica presente neste texto, como Garcia e Lodoño dizem que, tal versículo expõe as seguintes diretrizes no que tange a conhecer, valorizar e conservar a criação,³⁴ ou seja, por exemplo no capítulo dois, versículo sete que diz: “o Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou em seu nariz um hálito de vida e o homem foi ser vivo”.³⁵

Subtende-se no parágrafo anterior, uma ideia de conhecimento cuja a formação do homem não foi por acaso, em que no mesmo capítulo posterior, Deus aparece plantando um jardim no Éden e colocando nele o homem, dando a inferência de valorização, que diz: “todo tipo de árvores, bonitas de se ver, boas para se comer”³⁶, e estabelecidos estas coisas, Deus por fim confere a Adão a incumbência de dar o nome a todos os seres da criação, em se corrobora a ideia de conservação, haja vista que o mesmo por dar nomes as coisas sejam vivas ou inanimadas, cria-se assim um laço de afetividade muito próxima.

Nos Textos veterotestamentários, pode-se ainda encontrar vários diversos versículos do livro de Salmos, esse tipo de leitura sapiencial judaica que direcionam a viver uma vida com ética e moral seguindo princípios de um cuidar todo especial com a natureza.

³¹ GARCIA, Luis Gabriel Espindola; LODOÑO, Alejandro. Perspectiva a partir da bíblia. In: MURAD, Afonso. (Org.). **Ecoteologia: um mosaico**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 141-142.

³² ARC, 1995, p. 14.

³³ SCHÖKEL, Luiz Alonso. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 8.

³⁴ GARCIA; LODOÑO, 2016, p. 145.

³⁵ ARC, 2010, p. 14.

³⁶ ARC, 2010, p. 14.

No Salmo oito, do verso sete ao nove por exemplo, seu entendimento se correlaciona com o livro de Gênesis no que tange a obrigação do homem ter a obrigação de cuidar da natureza, que diz: “ Deste-lhe poder sobre as obras de tuas mãos, puseste tudo sob seus pés: rebanhos e animais domésticos, todos juntos e ainda os animais selvagens; os pássaros do céu, os peixes do mar”.³⁷

Von Rad diz que, o Salmo cento e quatro, versículos dez ao quatorze, remetem a uma intensão do salmista de contemplação do ecossistema,³⁸ que na percepção de deste autor, este Salmo tem uma analogia cosmogônica muito estreita, com o texto do livro de Genesis capítulo primeiro, ou seja em que se pode chamar de “Salmos do Ecossistemas” que diz:

Dos mananciais fazes brotar os rios, que correm entre as montanhas, nelas bebem todos os animais do campo, e os asnos selvagens saciam sua sede. Nas margens, aninham as aves do céu, que deixam ouvir seu canto entre os ramos. Desde tua morada regas as montanhas, com tua ação fecundas a terra. Fazes que brote a erva para o gado e que cresçam as plantas que o homem semeia.³⁹

A compreensão cosmogônica⁴⁰ ecossistemática, neste Salmo e de suma importância pois perpassa a impressão de uma contemplação majestática da natureza, como obra criação de Deus, ou seja, em que neste caso aproximação da natureza não se dá como um intuito de estudá-la, ou prevalecendo de um sentido comercial ou religioso, mais sim por um viés de admiração pelo que ela representa para o mundo, bem como para o homem.

Outra literatura veterotestamentária que se relaciona a uma hermenêutica ecológica, corrobora, com a literatura dos livros proféticos, possuindo em seus discursos características de anunciar e denunciar as diversas injustiças sejam elas religiosas, políticas e sociais, sendo estes mesmos profetas, estão de modo sensíveis aos desastres ecológicos que surgiram em seu tempo, fato este bem destacado no livro de Isaias capítulo trinta e sete, versículo vinte e quatro que diz: “Com meus numerosos carros de guerra, subi ao topo das montanhas, aos cumes do Líbano; abati seus cedros mais altos, seus melhores ciprestes, e cheguei até o ultimo rincão, até sua mata mais espessa”.⁴¹

Cabe uma explicação quanto a citação anterior, pois surge a pergunta quem era que estava ocasionando esse desastre ecológico? Sua resposta está relacionada ao exército do rei Senaqueribe, rei da Assíria por conta da sua invasão a terras judaicas, o qual o mesmo age de forma brutal e destruidora a natureza.

Outro aspecto ecológico deste mesmo profeta, Garcia e Lodoño dizem que, a questão da falta de água é tratada pelo profeta Isaias, no capítulo quarenta e um, versículo dezessete

³⁷ ARC, 2010, p. 615.

³⁸ RAD, Gerhard, Von. **Teologia do Antigo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Aste e Targumim, 2006, p. 452.

³⁹ ARC, 2010, p. 667.

⁴⁰ Entende-se por cosmogonia um corpo de doutrinas, princípios religiosos, míticos ou científicos que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo; ou ainda entendido como um conjunto de teorias que propõe uma explicação para o aparecimento e formação do sistema solar. Para mais informações consultar em: BARSA, Nova Enciclopédia Britânica. **BarSA Dicionário Eletrônico**. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil, 2006.

⁴¹ ARC, 2010, p.767.

e dezoito, em que diz: “Os necessitados, os pobres, procuram por água e não a encontram; sua língua está seca, por causa da sede. Mas eu, o Senhor, eu os atenderei; eu, o Deus de Israel, não os abandonarei”.⁴²

Nota-se aqui a sensível relação que o profeta possui ao problema tão trágico naquele tempo, que reflete aos dias de hoje no tocante a falta de água, em que segundo Whately e Campanili, esse recurso que antes era considerado infinito poderá um dia a vir se exaurir no mundo, devido ao uso indevido, desperdício, degradação das nascentes, distribuição irregular e políticas mal executadas, fatos estes ocasionados pelo homem.⁴³

7. POSSÍVEIS HERMENÊUTICAS ECOLÓGICA NEOTESTAMENTÁRIO

Ao sugerir uma hermenêutica neotestamentária ecológica, sua correlação está pautada na analogia dos possíveis sentidos que determinados capítulos e versículos possuem com o tema tratado em suma.

Garcia e Lodoño, dizem que, nos quatro evangelhos da Bíblia, bem como em outros livros neotestamentários, pode-se encontrar várias denotações de sentido ecológico de preocupação com a preservação do meio ambiente,⁴⁴ cujas hermenêuticas apresentam um certo dualismo (cuidar e descuidar), percebendo-se assim que o cristianismo com relação a ecologia, possui duas formas, ou seja, tendo pessoas que cuidam com um acentuado respeito aos recursos naturais, em quanto outras esbanjam, e desperdiçam.

No que tange a este cuidado de não desperdiçar no livro de João capítulo seis, versículo primeiro ao treze, diz a respeito do milagre da multiplicação dos pães e peixes, em que Jesus sacia a fome de quase cinco mil pessoas, em que ainda no final deste relato bíblico, quanto as sobras de alimentos, Jesus pedem para que não desperdiçassem nada e guardassem os alimentos em cestos.

Murad, afirma que na ocasião os discípulos deram conta que a multidão que acompanhava Jesus estava com fome e não tinham o que comer, servindo de exemplo para os dias de hoje em que tantos indivíduos não se dão conta que muitas pessoas na atualidade não percebem o problema da fome no mundo.⁴⁵

No livro de Tito capítulo três, versículo quatorze que diz: “E os nossos aprendam também a sobressair-se na prática do bem e a preocupar-se com todas as necessidades da

⁴² ARC, 1995, p. 502.

⁴³ Para mais informações quanto ao uso indevido da água e sua escassez em uma perspectiva macro. Consultar em: WHATELY, Marussia; CAMPANILI, Maura. **O século da escassez: uma nova cultura de cuidado com a água: impasses e desafios.** São Paulo: Claro Enigma, 2016.

⁴⁴ Quanto à essa hermenêutica ecológica neotestamentária por mais que as perícopes apresentadas no contexto de suas narrativas não apresentem de forma literal o cuidar do meio ambiente, o que se sugere, entretanto, o sentido pedagógico no que tange ao cuidar não só de vidas, mais pode-se transpassar para a planeta. Para mais informações consultar: GARCIA; LODOÑO, 2016, p. 151 a 163.

⁴⁵ Não há como deixar de relatar que atualmente quase um bilhão de pessoas no mundo, não fazem nem um tipo de refeição diária, devido a fatores como seca, miséria, guerras e marginalização social, em tal problema se agrava devido a indivíduos que usam o alimento como meio de especulação financeira para cada vez ficarem mais ricos. Para mais informações consultar em: CAPARROS, Martin. **A fome.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2016.

comunidade”, que segundo a percepção deste mesmo autor, o mesmo afirma que a solidariedade aqui proposta nesta perícopes deve ser a palavra chave em ecologia para poder se fazer uma conscientização como um todo.

Outra perícopes neotestamentária que corrobora com esse senso de conscientização citado no parágrafo anterior, se encontra no livro de 1 Pedro capítulo três, versículo oito, parte A, que diz: “Vivam com sobriedade”, cujo significado arremete ao sentido de moderação, em que Garcia e Lodoño dizem que, Pedro recomenda que as pessoas sejam moderadas em todos os seus atos, a qual a atitude das pessoas em plena sociedade de consumo, deve ao máximo fazer desse tipo de comportamento, um modo e um meio de vida, em que somado com a consciência de preservação, as pessoas saíram do campo de desperdício.⁴⁶

Jesus viveu em plena harmonia com a criação (meio ambiente), e que não se apresenta como um asceta, ou seja, em que vivera uma vida separada do mundo, ou inimiga das coisas aprazíveis da vida, ou seja, sendo seu cotidiano um exemplo de unidade e amor, não só para com as pessoas mas também para com a criação, em que Francisco ainda afirma: “Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contato com a matéria criada por Deus para moldar com a sua capacidade”.⁴⁷

Bosch diz que, quando existe o reconhecimento de que Deus está por trás de cada uma das coisas criadas, nosso inevitável dialogo com elas, converte-se a facilmente num diálogo com Deus, cujo sentido de dialogar conseqüentemente irá fazer uma interconexão com toda a cosmogonia, que ultrapassa até as barreiras da compreensão humana.⁴⁸

Portanto a hermenêutica ecológica seja vétero ou neotestamentária, partilhou da capacidade do respeito e do cuidado que o homem deve ter com o meio ambiente, haja vista que Jesus é o maior exemplo desse tipo de ideologia, pois o mesmo partilhou sua sensibilidade e do devido respeito para com a criação, em que se utilizando da lei do amor ao próximo, esse ensinamento deve sair da ideologia antropocêntrica e ir para um ideal teocêntrico de uma visão de mundo, pois tendo essa visão o mesmo terá um cuidado maior com o meio ambiente.

8. DA CONSCIÊNCIA PARA A PRÁTICA

Nos tópicos anteriores ao fazer um breve resumo, surgiu à proposta de que o homem através do amor pelo meio ambiente conseguirá sair dessa crise ecossistêmica que o planeta passa, agindo assim com a devida consciência de que se o mesmo não tiver essa preocupação e diálogo com a natureza, a humanidade estará fadada a própria autodestruição, uma vez que os recursos naturais se exauriram e cobraram tão ato do homem.

Logo assim é preciso que o homem venha dialogar com o meio ambiente se o mesmo quer que sua prole se perpetue ao longo dos séculos que estão por vim, ao qual o Papa Francisco, quanto a este dialogo afirma o seguinte:

⁴⁶ GARCIA; LODOÑO, 2016, p. 153.

⁴⁷ FRANCISCO, 2015, p. 62.

⁴⁸ BOSCH, Jorge Sanchez. **Mestre dos povos**: uma teologia de Paulo, o apóstolo. São Paulo: Verbo Divino, 2007, p. 52.

Lanço um convite urgente para renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e suas raízes humanas dizem respeito a têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização.⁴⁹

A temática apresentada pelo Papa Francisco no que tange a conscientização de toda humanidade, deve sair do mundo do plano metafísico, (das ideologias) e ir para um mundo físico (prática), ou seja, o homem em si deve ter o entendimento que somente a *práxis* ecológica poderá salvar o meio ambiente dessa degradação ambiental em todo globo terrestre.

Logo é preciso identificar quais as causas que impedem que o indivíduo saia dessa falta de atitude em preservar o meio ambiente, a qual o Papa Francisco, afirma que essa falta de atitude ocorre devido a negação que existe um problema ambiental a níveis globais, bem como uma conformação da crise ambiental e uma confiança cega nas soluções técnicas.⁵⁰

Corroborado a esse ideal, Murad afirma que a ecologia não deve ser uma ética abstrata, ou seja, não podendo ficar só no mundo das ideias, restrita a conselhos generalizados, ao qual um dos elementos originais reside na simultaneidade de atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais em âmbito local, regional, nacional e planetário.⁵¹

Somado a essa proposta de compromisso quanto a preservação do meio, ambiente Dias afirma que, a educação ambiental deve ser constituída de um somatório de processos que visam criar um nova mentalidade e posturas do ser humano com a meio ambiente como um todo.⁵²

A proposta de Dias no tocante a ecopercepção, esse tipo de ideal acaba implicando em uma postura ética, ao qual as pessoas irão tomar certas atitudes sejam pessoais ou coletivas, cujo proposito será a conservação do planeta como um todo, que criará uma consciência planetária de uma visão não só local mais geral de conservação e compreensão.⁵³

Goleman, corrobora a ideia de ecopercepção, com o que ele chama de “inteligência ecológica”, ao qual pode ser subtendido como sendo um desenvolvimento de sensibilidade e de consciência planetária, bem abrangente que permite perceber as interconexões entre as

⁴⁹ FRANCISCO, 2015, p. 16.

⁵⁰ FRANCISCO, 2015, p. 16.

⁵¹ MURAD, 2016, p. 38.

⁵² Quanto a essa educação ambiental sendo inserida em todos as áreas da sociedade, e interessante destacar que a mesma não somente veicula informações sobre o meio ambiente, haja vista que ela apura a sensibilidade, fazendo refletir sobre o sentido da atuação humana no ecossistema e suscita ações individuais e coletivas, que conferem um certo poder a comunidade local, sendo assim inserida como um fator preponderante de mudança. Para mais informações consultar em: DIAS, Genebaldo Freire. **Ecopercepção: um resumo didático dos desafios socioambientais**. São Paulo: Gaia, 2003. p. 13.

⁵³ No tocante a compreensão e a conservação as mesmas devem estar corroboradas com a percepção, em que segundo Morin, com essa ação a pessoa terá a capacidade de assimilar, interpretar e reelaborar algo através da inteligência, em que o leva a aperfeiçoar ou recriar conceitos, emitir juízos éticos com discernimento, relacionar fatos e teorias, ao qual a percepção influencia a maneira como vemos, julgamos conceituamos e qualificamos as realidades subjetivas, intersubjetivas e objetivas. Para mais informações consultar em: MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 20.

ações humanas e seus impactos ocultos no planeta, na saúde dos indivíduos e da coletividade e nos sistemas sócias.

Possuir esse tipo de inteligência (ecológica), significa estar atento aos destinos do planeta como um todo, em que as pessoas estarão de forma consciente dos problemas que afetam o meio ambiente, pois possuindo essa consciência as pessoas possuíram mais alteridade dos seres “bióticos e abióticos”,⁵⁴ que constituem a natureza.

Logo o indivíduo possuindo em seu meio de vida a consciência de que a preservação do planeta consiste de uma obrigação que vem primeiro dele, somado com as obrigações institucionais de uma preocupação com o meio ambiente, se criará uma cultura ecológica de preservação e consciência, que sairá do idealismo e ativismo e passará para uma *práxis* ecológica, que é o que realmente o mundo precisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto sabendo que cada vez mais o homem através de seu tecnocentrismo exacerbado, que de maneira insólita vem destruindo a cada dia que passa todos os recursos naturais do planeta, pela busca de insumos da natureza, cuja ação do homem acaba não se preocupando o que há de vir para as gerações futuras, sendo importante que os cristãos possuam em sua essência essa preocupação em preservar o meio ambiente com integridade,

Quanto a essa integridade segundo Schaeffer, afirma que Deus trata sua criação com integridade, cada coisa segundo sua espécie, cada coisa na forma como a fez, logo os homens assim sendo criaturas de Deus, devem tratar seus companheiros (natureza) com o devido respeito e hombridade, ou seja, tendo o mais apreço possível a esse patrimônio que se chama vida.⁵⁵

Os cristãos devem possuir em seu modo de vida uma maior preocupação com o meio ambiente, saindo de uma visão de mundo escatológica, ou seja, das coisas finais e indo para uma visão do aqui e agora, tendo por preceitos bíblicos ecoteológicos aqui apresentados de um maior cuidado e admiração pela natureza, saindo da teoria e indo para uma vida de praticidade e viabilidade, que tenham por princípios uma visão de mundo mais ecológica.

Logo depende de cada um fazer seu papel de preservação, pois o meio ambiente clama por piedade, e muitas pessoas não estão percebendo o que a natureza por meio de sinais diários como o aumento da temperatura, secas exageradas, enchentes, bem como outros intemperes, está dizendo ao homem como um todo, para ter mais cuidado, pois assim como diz um princípio Bíblico da lei da sementeira, “A gente Planta o que Colhe”, em breve todos colherão mais fome, sede e calor, haja vista não terem em seu meio de vida atitudes de mudanças.

⁵⁴ Por seres bióticos entende-se todos os seres vivos do planeta. Pesquisar em: BARSA, 2006.

⁵⁵ SCHAEFFER, Francis. **Poluição e a morte do homem**: uma perspectiva cristã da ecologia. Rio de Janeiro: JUERP, 1976, p. 13-18.

REFERÊNCIAS

Agenda 21: **Carta da terra**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>. Acessado em: 05 de maio de 2018.

BARSA, Nova Enciclopédia Britânica. **BarSA Dicionário Eletrônico**. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil, 2006.

BÍBLIA sagrada. **Tradução de João Ferreira de Almeida**. ed. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010,

BOSCH, Jorge Sanchez. **Mestre dos povos: uma teologia de Paulo, o apóstolo**. São Paulo: Verbo Divino, 2007.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Ethos Mundial: consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CESAR, João Luiz. Teologia e ecologia: Queda de braço ou mãos dadas? 2012. Disponível em: <http://migre.me/8Ackf>. Acessado em: 20 de maio de 2018.

CAPARROS, Martin. **A fome**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2016.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. I.

DIAS, Genebaldo Freire. **Ecopercepção: um resumo didático dos desafios socioambientais**. São Paulo: Gaia, 2003.

FRANCISCO, Do Santo Padre. **Carta Encíclica Laudato Si: Louvado Sejas – sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.

GARCIA, Luis Gabriel Espindola; LODOÑO, Alejandro. Perspectiva a partir da bíblia. In: MURAD, Afonso. (Org.). **Ecoteologia: um mosaico**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 141-142.

LOPES, Augusto Nicodemos. **Ecologia: uma perspectiva cristã reformada**. 2010. Disponível em: <http://www.ctmvida.com/materias/ecologia-umaperspectiva-crista-reformada>. Acessado em: 20 de maio de 2018.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. **Cuida da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. **Ecoteologia: um mosaico**. São Paulo: Paulus, 2016.

NICOLA, Abbagnano. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RAD, Gerhard Von. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Aste e Targumim, 2006.

REIMER, Haroldo. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010.

REIMER, Ivoni Richter. Criação e Bíblia. In: BEOZZO, José O. Curso de verão ano XX. **Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação**. São Paulo: Paulus, 2006.

SCHAEFFER, Francis. **Poluição e a morte do homem: uma perspectiva cristã da ecologia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1976.

SEYMOUR, Papert. **A crítica do tecnocentrismo no pensamento sobre a escola do futuro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

SCHOKEL, Luiz Alonso. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2003.

WHATELY, Marussia; CAMPANILI, Maura. **O século da escassez: uma nova cultura de cuidado com a água: impasses e desafios**. São Paulo: Claro Enigma, 2016.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ISLAMISMO, RELIGIÃO OU TERRORISMO?

Islam, religion or terrorism?

Juliano Fabricio Antunes¹

RESUMO

Este artigo objetiva, a partir da veiculação pela mídia de notícias de constantes e brutais ataques terroristas dirigidos a países e instituições mundiais, avaliar o islamismo enquanto religião monoteísta, inspirada, segundo seus seguidores, por um Deus que é misericórdia, justiça e paz. Como metodologia foram utilizadas pesquisas bibliográficas e digitais, para que se pudesse, de forma mais fidedigna possível, descrever suas origens, crenças, expansão e demais particularidades, bem como seu campo de ação, buscando elucidar o leitor no conhecimento do Islã. O desafio lançado: “seria o islamismo uma religião centrada num Deus único e perdoador ou uma justificativa para a disseminação do terror?” Através de reportagens e notícias de revistas e outros, constatou-se que pessoas envolvidas com essa religião repudiam ação fundamentalista, citando, inclusive o Marrocos como exemplo de convívio harmonioso entre todos os credos. Mas os maiores defensores da fé islâmica são justamente os mais violentos defensores da intolerância e do ódio.

Palavras-chave: Islamismo. Expansão. Terrorismo.

ABSTRACT

This article aims, from media publications of news of brutal and constant terrorist attacks targeting countries and world institutions, to evaluate the Islam while monotheist religion, inspired by a God that is mercy, justice and peace. As methodology were used bibliographical and digital research, so that one could, as reliable as possible, describe its

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e com a revalidação pela Faculdade Batista do Paraná em 2011. Licenciado em História e Pós-graduado em Africanidades pela Universidade do Norte do Paraná. (UNOPAR). Professor de Ensino Religioso e História no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil, IMEAB. E-mail antunes.juliano@gmail.com

origins, beliefs, expansion and other particularities, as well as its field of action, seeking to elucidate the reader about Islam Knowledge. The Challenge Launched: would Islam be a religion centered on a single forgiving God or a justification for the spread of terror?" Through reports and news from magazines and others, it was found that people involved with this religion repudiate fundamentalist action, citing, including Morocco as an example of harmonious living among all creeds. But the greatest advocates of the Islamic faith are precisely the most violent defenders of intolerance and hatred.

Keywords: Islam. Expansion. Terrorism.

INTRODUÇÃO

Considerada a segunda maior religião do mundo o islamismo nasceu na península Ibérica. Transmitida a Maomé por um anjo, difundiu-se por quase todos os países orientais, e mais tarde, ocidentais, outrora pelas incursões de mercadores nômades e atualmente pelos meios de comunicação.

Através de pesquisas virtuais bibliográficas buscou-se chegar a compreensão de suas doutrinas e trajetória histórica, abordando origens, crenças e expansão, bem como sua relação com os grupos terroristas atuantes nas diversas áreas geográficas dos continentes, com vistas a apreensão da realidade que se esconde atrás de dogmas e ideologias aos quais se emprestam caráter divino.

Pode-se ver que se as invasões islâmicas num primeiro momento objetivavam a conversão dos povos ao Deus único e verdadeiro, Alah, mas transformaram-se, gradativamente, em mesquinhas disputas de poder entre sunitas e xiitas, num contexto em que a conversão dos povos nada mais é do que a cega submissão ao poder opressor. Assim, a história relata que os territórios africanos eram palco de constantes guerrilhas onde dinastias sunitas e xiitas disputavam seu domínio.

A partir dessa conjuntura desenvolve-se toda a trajetória de dominação desse sistema político-religioso que expressa o horror indescritível propagado pelos grupos jihadistas que escravizam, matam e destroem como bestas feras em nome de Alah e seu profeta Maomé.

Poderia ser essa uma ideologia inspirada por um Deus que é justiça, amor e misericórdia?

1. ASPECTOS GERAIS E ORIGEM DO ISLAMISMO

É imprescindível conhecer de forma abrangente a segunda maior religião monoteísta do mundo. Segundo a tradição, Maomé recebeu diretamente de Jibrail (anjo Gabriel), os preceitos contidos no Corão. Esses preceitos abrangem, não apenas o espiritual, mas todos os aspectos da vida cotidiana perfazendo um todo. Como religião o islamismo não tem apenas conotação espiritual, mas abrange todos os aspectos da vida, quais sejam a interpretação da lei, as condições financeiras familiares e sociais que interferem ou fazem parte da vida de seus adeptos.

Os que têm conhecimentos jurídicos atuam como líderes religiosos na comunidade, não existindo um sacerdócio organizado e, sendo eles, portanto, mediadores entre as questões

que se apresentam nas esferas locais.² Os governantes são representantes de Deus para dirigir o povo.

A palavra Islam deriva da raiz árabe “Salama” que significa paz, pureza, submissão, obediência; no sentido religioso a palavra significa submissão voluntária a vontade de Deus e obediência a sua lei. Seu caráter monoteísta se revela no Alcorão sagrado 4;116 onde se lê: “Deus jamais perdoará quem lhe atribuir parceiros, conquanto perdoe os outros pecados, a quem lhe apraz. Quem atribuir parceiros a Deus desviar-se-á profundamente”.³ A partir dessa premissa o Islã considera Jesus Cristo e o Espírito Santo como “parceiros atribuídos a Deus” e não como pessoas da santíssima trindade.

Maomé é considerado um profeta e seu nome, (muhammad ibn ‘Abd Allah) significa digno de louvor.⁴ Maomé nasceu em 570 e foi a pessoa a quem Deus revelou as palavras do Corão que formam a base da fé islâmica, ele é o último dos profetas islâmicos e fundador da primeira comunidade muçulmana. A formação de sua doutrina sofreu grande influência dos Hanifs, povo que seguia uma fé monoteísta atribuída a Abraão bem como suas relações com judeus e cristãos, já que era mercador e tinha um relacionamento vasto.⁵

Wilkinson afirma que meditando no Monte Hira, perto de Meca, onde vivia, no mês de ramadã de 610, Maomé sentiu a presença de Deus, e o anjo Jibrail lhe transmitiu o que mais tarde fundamentou os preceitos do Corão, as leis da doutrina islã. Então, “ele entendeu que havia um só Deus, o qual devia ser chamado de Alah que significa aquele que é Deus”.⁶

Anterior a Maomé “a religião dos árabes consistia em uma mistura de fetichismo e naturismo, variável de tribo para tribo. Era em geral de essência tradicionalista e seu culto era voltado a deuses e espíritos que habitavam os blocos de pedras, árvores e poços. Algumas tribos adoravam astros e forças da natureza, ou ainda, divindades locais. Alah era menos cultuado que Al-Lat (deusa). As representações de alguns desses deuses ficavam em um antigo santuário de Meca, chamado Ka bah (cubo). Nesse período, os árabes preocupavam-se pouco com a religião, sendo para eles um elemento a mais no costume de seus ancestrais.”⁷ Também havia um grande meteorito, a pedra negra, que diziam ter sido enviada a Abraão pelo anjo Gabriel para que ali fundasse um templo ao deus supremo Alah. Maomé acrescentou ao credo recebido seu conhecimento em teorias sociais filosóficas e religiosas que mais influenciavam os povos.⁸

Maomé compartilhou sua visão com o povo de Meca, atraindo alguns seguidores, mas sua doutrina moralizante fez com que fosse perseguido pelos líderes coraixitas que se viram prejudicados. Seus adeptos fugiram para Iatrib em 620 e ele os seguiu dois anos mais tarde,

² HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Jostein Gaarder. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 118.

³ ABDALATI, Hammudah. **O Islam em foco**: fundação das associações muçulmanas do Brasil. São Paulo: FAMBRAS, 2008, p. 20-21.

⁴ WILKINSON, Philip. **Religiões**: guia ilustrado Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 133.

⁵ Ibidem.

⁶ WILKINSON, 2011, p. 134.

⁷ EL FASI, Mohamed. **História geral da África III**. África do sec. VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010, p. 42.

⁸ EL FASI 2010, p. 42.

dando origem a Hégira grande marco do calendário islâmico. Seus seguidores o receberam em Iatrib a 300 Km de Meca e chamaram a cidade de Medina.⁹

Hijra ou hégira significa rompimento e partida, Maomé rompeu com sua comunidade, parentes e terra natal. Para os seguidores, porém, não se tratou de fuga, esse fato foi comparado a história bíblica de Abraão que atendendo a ordem de Deus, saiu de Ur na Mesopotâmia para a terra prometida¹⁰.

Em Medina, Maomé tornou-se um líder religioso e político. Assaltando caravanas que pertenciam às famílias de Meca conseguiu se firmar financeiramente. Essas atividades faziam parte de sua luta pelo controle de Meca, pelo acesso a Kaabah e para difundir a nova religião. O nome dado a luta pelo controle de Meca foi Jihad- o mesmo empregado para designar a guerra santa. A luta pela causa de Alah ganhou relevância sobre todos os outros interesses, do profeta bem como sobre as tradições e os conceitos morais e religiosos herdados do passado.¹¹

Maomé foi reconhecido pelo seu povo como profeta e legislador, assumiu a autoridade espiritual e temporal, venceu a oposição judaica e estabeleceu a paz entre as tribos árabes. Retornando a Meca, destruiu todos os ídolos da Kaabah, menos a pedra. Dominou o país e sua religião predominou sobre os laços familiares e tribais. Maomé morreu em 632 como líder de uma religião em expansão e de um estado árabe em início de politização. Reza a tradição que o profeta deixou o mundo mortal após uma viagem mágica a Jerusalém conhecida como *Miraj* ou viagem noturna. Uma noite, Jibrail acordou Maomé do seu sono e o conduziu a um ser mágico semelhante a um cavalo chamado *Buraq*. Maomé montou em *Buraq* que o levou a Jerusalém de onde ascendeu ao céu.¹²

2. SUPORTES ESPIRITUAIS EM QUE SE SUSTENTA O ISLÃ

Segundo Abdalati¹³ a fé no Islam é encarada nos seguintes aspectos:

a) Fé em Deus – Todo o muçulmano deve testemunhar que não há outra divindade senão Alah, e Muhammad é seu mensageiro. Em árabe: Lá Iláha ila Allah, Muhammad Rassull Allah. Esta confissão de fé, denominada *Shahada* é feita no momento da conversão ao Islam e na condição que seja integral e conscientemente proferida. Os islâmicos Recorrem a Shahada também em ocasiões solenes e na proximidade da morte. Deus é único, Onipotente e Absoluto; se ele retirar seu poder vivificante, todos morrem.

b) Fé nos profetas – Todos os profetas anteriores a Maomé e reverenciados no Cristianismo e Judaísmo são reconhecidos pelo Islam e citados frequentemente no Alcorão. Jesus (em árabe- *Issa*) é considerado um profeta, tais como outros, isto é eles são considerados seres mortais que tiveram o privilégio de receber a mensagem de Deus e revelá-la ao seu povo.

⁹ WILKINSON, 2011, p. 126.

¹⁰ HELLERN, 2000, p. 121.

¹¹ HELLERN, 2000, p. 122.

¹² WILKINSON, 2011, p. 12.

¹³ ABDALATI, 2008, p. 209.

c) Fé nas sagradas escrituras – O Islam reconhece que revelações divinas foram feitas a antigos profetas, também entende que vários livros foram escritos a partir dessas revelações como a Torá (em árabe: *Taura*) do profeta Moisés, o livros de salmos(*Zabur*) do profeta David e o evangelho(*Injil*) do profeta Issa(Jesus), porém o livro sagrado dos muçulmanos e a fonte primeira do exato conhecimento do Islam é o Alcorão.

O Alcorão ou Corão, livro sagrado do Islamismo é um conjunto de revelações sob a forma de versetos reunidos em 114 capítulos (suratas) precedidos por um título onde se verificou a revelação. Suas palavras são atribuídas ao próprio Deus e por isso os muçulmanos o leem no árabe original, a língua em que foi revelado ao profeta Maomé. Os ensinamentos são de natureza global e visam guiar o homem em suas relações com Deus e com o semelhante. Constitui o fundamento da fé.¹⁴ Como Maomé era analfabeto, a revelação foi memorizada e transmitida oralmente aos seguidores que a registraram em fragmentos de couro. Foi completado e escrito da forma que é hoje, no séc. VII d.C., no reinado do terceiro califa Uthman.¹⁵

Seu conteúdo inclui apelos às pessoas para que acreditem em Deus e vivam vidas justas; histórias das punições impostas a povos anteriores que desobedeceram a Deus; sermões, histórias e instruções jurídicas, o texto constitui uma fonte para a lei islâmica em matérias como divórcio, herança e guerra, bem como sobre matérias mais obviamente religiosas como jejum, cultos, celebrações. Por fornecer diretrizes sobre todos os aspectos da vida, o Corão é objeto de grande reverência, muitas suras são admiradas pela clareza da linguagem. As passagens mais difíceis foram explicadas por eruditos em textos conhecidos como Hadith.¹⁶

A Shari'a reúne os quatro elementos da tradição islã, sendo o principal deles o Corão. O segundo é a Suna que relata a vida do profeta como exemplo de vida embasada no Corão; tais preceitos estão contidos nos escritos eruditos do Hadith. O terceiro elemento é *Ijma* (consenso) onde, para aplicar a razão se reúnem e discutem a questão á luz do Corão e Hadith até chegarem em um acordo. O último elemento é uma extensão do sistema de *Ijma*- o *Ijtihad* (razão) quando os imames (sábios) oferecem conselho ético e instrução á membros da congregação de sua mesquita.¹⁷ Milhares de Hadith foram estudados em detalhes e reunidos sob forma de coletâneas da tradição; os mais famosos são os de Al Bukhari e de Abu Muslim.¹⁸

d) Fé na predestinação - Todos os acontecimentos estão previstos pela vontade divina e previamente fixados no livro do destino.

e) Fé na ressurreição e no juízo final - No fim do mundo haverá a ressurreição em que os corpos dos mortos serão reunidos para sempre em suas almas. O juízo final seguirá a ressurreição dos mortos. “A crença num juízo final após a morte, tão significativa nas pregações de Maomé, é necessária, segundo muitos muçulmanos, para que o homem assuma

¹⁴ EL FASI, 2010, p. 146.

¹⁵ WILKINSON, 2011, p. 22.

¹⁶ WILKINSON, 2011, p. 23.

¹⁷ WILKINSON, 2011, p. 40.

¹⁸ EL FASI, 2010, p. 50.

sua responsabilidade pelos seus atos. A ideia de um julgamento cria um senso moral de dever que é relevante para a comunidade”.¹⁹

Apesar de considerar a Jesus Cristo como um profeta e válidos e significantes Seus ensinamentos contidos nos quatro evangelhos, e os conteúdos do Corão se assemelharem aos da Bíblia Sagrada, evidenciando a marcante influência do Judaísmo de do Cristianismo em sua elaboração, o Islã não aceita Seu sacrifício redentor em prol da humanidade, considerando que “Sua crucificação pelos inimigos é contrária à clemência e misericórdia divinas, assim como a lógica e dignidades humanas”.²⁰

O muçulmano crê que cada pessoa nasce livre do pecado. Ao chegar a vida adulta, torna-se responsável pelas suas intenções e ações. Não é só livre do pecado antes de cometê-lo, mas também tem a liberdade de agir conforme seus planos e responsabilidades. Essa dupla liberdade – liberdade do pecado e liberdade de agir concretamente – elimina da consciência do muçulmano o incômodo peso do pecado herdado, assim como alivia sua alma e espírito das tensões da doutrina do pecado original. Esse conceito de liberdade baseia-se no princípio da justiça de Deus e da responsabilidade direta do indivíduo perante Deus. Ninguém pode expiar os pecados alheios. Desse modo, crê que, se Adão cometeu o primeiro pecado, sua própria responsabilidade exigia que o expiasse. Supor que Deus não foi capaz de perdoar Adão e teve que escolher outra pessoa para expiar aquele pecado, ou que Adão pediu perdão, mas não foi perdoado é para o muçulmano muito improvável e contrário à justiça e clemência de Deus em seu atributo de perdoar. Crer nisso abalaria seu conceito de Deus.

Como descrito no Alcorão: “Quem pratica o bem, o faz em benefício próprio; por outra quem faz o mal, é em prejuízo seu, porque o teu Senhor não é injusto para com os Seus servos”.

Jesus Cristo é, portanto, o penúltimo profeta (antes de Maomé) e como tal é aceito e respeitado. Pelo menos assim reza o credo islâmico.

3. OS CINCO MANDAMENTOS OU PILARES DO ISLÃ

O Islã não reconhece o secularismo ou a separação da religião das ações diárias do homem. Por isso penetra em todas as esferas da vida para guiar as atividades humanas de maneira integral.

a) Primeiro Pilar: Shahada (profissão de fé feita pelos muçulmanos).

A profissão de fé é a crença central do Islã e se traduz como “somente Alah é Deus e Maomé é o seu profeta”. Esse testemunho é a chave de entrada para o islamismo, repetido por várias vezes todos os dias, proclamada do alto dos minaretes, escrito nas paredes das mesquitas; é a primeira coisa dita a um recém-nascido e a última ao moribundo.²¹

b) Segundo Pilar: Salat (prece islâmica).

Deve ser feita cinco vezes por dia em horas fixas, isto é ao amanhecer (*fajr*), logo após o meio dia (*Zuhr*), no meio da tarde (*asr*), ao pôr do sol (*maghrib*), e a noite (*isha*), em casa ou

¹⁹ HELLERN, 2000, p. 124.

²⁰ ABDALATI, 2008, p. 33.

²¹ WILKINSON, 2011, p. 140.

no trabalho, exceto as sextas feiras quando os muçulmanos costumam ir a mesquita, ao meio dia para as preces. Nessas ocasiões devem lavar-se ritualmente, preparando-se física e espiritualmente para a prece. Tirar os calçados e de pés descalços no chão limpo ou num tapete, prostrar-se em direção a Meca, orando preces prescritas que iniciam com as palavras *Allahu Akhbar* significando que Deus é maior (que qualquer outro), acompanhadas de movimentos como ficar em pé, curvar-se ou prostrar-se, os quais são chamados de *rak ah*. O conjunto de palavras e gestos enfatizam a submissão do homem a Deus com o corpo e a alma. As mulheres oram ocultas atrás das cortinas e galerias. O líder das orações (Imã) fica de costas para o povo e é responsável pelos sermões e funcionários da mesquita.

c) Terceiro Pilar: Zakat (tributo).

É um tributo a ser pago e destina-se a ajudar os pobres e necessitados calculado em 2,5% dos bens pessoais dos muçulmanos, pois que zelando pelos outros expressam seu amor a Deus, ao mesmo tempo em que diminuem-se as desigualdades sociais sem interferir no princípio da propriedade privada.²²

d) Quarto Pilar: Sawm (a prática do jejum).

É a privação dos prazeres materiais (alimentos, bebidas, sexo etc...) desde a aurora até o pôr do sol do nono mês de Ramadã, considerado sagrado por ter sido o mês em que Maomé recebeu sua primeira revelação. O jejum dura todo o mês, podendo o fiel se alimentar apenas uma vez á noite e abster-se de qualquer prazer ou atividade que não seja a prece. É mês de expiação e descanso coletivo e encerra-se com festividades solenes. Nos últimos dez dias de Ramadã os muçulmanos dedicam mais tempo a Deus indo à mesquita com mais frequência e dedicando mais tempo à leitura do Corão. Sendo um ato de renúncia e mortificação, fortalece a vida espiritual e ensina os ricos a suportarem os suplícios da fome, para se mostrarem mais compadecidos com os pobres que sofrem privações o ano todo.²³

e) Quinto Pilar: Hajj (peregrinação a Meca).

A peregrinação a Meca (Makkah) que o fiel deve fazer pelo menos uma vez na vida realiza-se no décimo segundo mês do calendário islâmico, propiciando a unidade e a percepção da grandeza de Deus. Os rituais incluem o uso de trajes brancos especiais que simbolizam o estado de consagração (ou santidade) e dar sete voltas em torno da Kaabah recitando certas preces, muitos beijam a pedra negra, pois reza a tradição que essa construção foi erigida por Abraão e Ismael, seu filho com Hagar. Os peregrinos costumam se prostrar no monte Ararat desde o meio dia até o pôr do sol, sem permissão para proteger a cabeça do calor intenso. Passam várias horas ali juntos, firmando seu pacto com Deus e sua crença de que não há outro Deus. O clímax desse evento é o sacrifício que acontece para lembrar-lhes de que Abraão foi tão obediente a Deus que se dispôs a sacrificar seu próprio filho (embora no islã, esse filho seja Ismael e não Isaque). Deus, porém, foi misericordioso e lhe enviou um animal para que sacrificasse. Aqui se revela claramente o cerne religioso da peregrinação: a obediência à vontade de Deus.²⁴

²² HELLERN, 2000, p. 130-132.

²³ EL FASI, 2010, p. 47.

²⁴ HELLERN, 2000, p. 30.

As demais celebrações são: o nascimento de Maomé (*Mawli dannabi*); o encerramento de ramadã (*bairã*) e o ano da Hégira, comemorado no mês de Muharram (abril); a partir de 622 o ano novo se inicia em abril.

4. EXPANSÃO E DOMINAÇÃO

Após a morte de Maomé os muçulmanos se dividiram em dois grupos: os sunitas e os xiitas. Essa divisão se deu a respeito de quem deveria liderá-los. Seus primeiros sucessores eleitos (califas inspirados) foram Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali, seu genro.²⁵

Os muçulmanos que julgavam que Abu Bakr era o sucessor escolhido por Maomé são conhecidos como sunitas (adeptos da Suna ou costumes de Maomé). São os seguidores da tradição do profeta e para eles os novos líderes religiosos e políticos devem ser escolhidos pelo povo, isto é entre os seguidores. Dividem-se em quatro escolas de jurisprudência: Malaki. Hanafi, Hambali e Shafihi, que diferem entre si na extensão em que usam o consenso e a razão ao fazer julgamentos, sendo a Hambali que mais se restringe ao Corão e ao hadith. Cada um tem a liberdade de escolher a escola eu melhor lhe convier.²⁶

Os xiitas (Shiatu Ali – o partido de Ali), inicialmente antagônico a os sunitas apenas por questões políticas e éticas passou, mais tarde, a acrescentar numerosas doutrinas ao conteúdo religioso, rejeitando o princípio democrático de Maomé e do Corão e substituindo-o pela doutrina segundo a qual, em cada época surgiria um imame (califa) infalível com o cargo divino de guiar a humanidade, sendo eles, Ali (genro do profeta esposo de Fátima) e seus descendentes diretos. Assim os sunitas desejavam seguir a democracia pregada por Maomé no Corão e nas Sunas; os xiitas impunham o direito da supremacia aos descendentes de Maomé.

Os xiitas formaram seitas, partindo da crença de que se o último imame desaparecesse, ele permaneceria oculto a guiá-los; a primeira corrente o Ithmã Asharyya (duo decimanos) reconhece como mahdi (guiado por Deus) o duodécimo descendente de Ali desaparecido em 266/280. Essa seita é a religião oficial do Irã.com destaque também no Iraque, Síria, Líbano e Índia; A segunda é a isma ilyya ou sab iyyuna, são xiitas do sétimo imame, que creem na emanção divina do mundo manifesta pelos profetas imames. O que pressupõe sua iniciação ao ocultismo, configurando-se, portanto, em sociedades secretas em que se destaca: Al Hashishyyun- seita terrorista implantada no Irã e no Líbano entre os séc. VI e XIV.²⁷ A rivalidade entre sunitas e xiitas ganhou dimensões significativas com a revolução xiita no Irã liderada por Aiatolá Komeini.

Evoluindo de um fetichismo naturista para uma religião centrada em um Deus único (Alah), Maomé elaborou (sendo analfabeto) um modelo de vida em que todos os aspectos e situações do cotidiano são passíveis de adaptação á vontade soberana de Alah, caracterizando um governo Teocrático, a exemplo dos primórdios do Judaísmo (Bíblia Sagrada), anterior aos reis, quando lavé reinava através dos juízes. O Islamismo, em vários princípios, histórias e

²⁵ EL FASI, 2010, p. 54.

²⁶ WILKINSON, 2011, p. 144.

²⁷ EL FASI, 2010, p. 55,56.

versículos, assemelha-se ao judaísmo e ao Cristianismo, sendo marcante a influência destes em sua fundamentação.

Nos séculos seguintes, apesar das inúmeras rivalidades tribais e disputas pelo poder, o islamismo disseminou-se sobre vastos territórios alcançando quase toda a África e Egito, bem como porções geográficas significativas da Europa e Ásia, configurando-se no que os historiadores denominaram “era islâmica”.

Deve-se a edificação do Império islâmico a um exército de guerreiros nômades, liderados por mercadores familiarizados com a cultura e o espaço geográfico dos territórios conquistados. Além da religião os árabes transmitiam sua língua, a qual se tornaria mais tarde a língua administrativa, literária e científica de todo o mundo muçulmano.²⁸ A partir da ocupação definitiva, impunha-se aos povos dominados a língua, o sistema religioso, e a autoridade governamental islâmica.

É errôneo conceber a civilização muçulmana como um mero conjunto de empréstimos culturais; se num primeiro momento, alguns elementos étnico-culturais dos povos conquistados foram adotados pelo conquistador nas relações de poder, fundiram-se a elas gradativamente, ampliadas e desenvolvidas até a adoção das formas islâmicas originais vigentes. Estimulando ou impondo a ideologia invasora nos planos científico, tecnológicos, religiosos e artísticos, configurou-se o universalismo, ou seja, a nova ordem social.²⁹

O Egito, até então província bizantina, foi a primeira região da África invadida pelos árabes. A islamização do Egito é, portanto, um processo complexo no qual participaram fatores tais como: conversões religiosas sinceras, busca de vantagens sociais e fiscais, temor de perseguições, decadência da igreja copta e imigrações muçulmanas. A invasão e consequente conquista islã no território egípcio teve êxito quase imediato devido as condições político religiosas estarem fragilizadas pelos abusos e desmandos de seus dominadores bizantinos. O descontentamento com as desigualdades sociais econômicas e religiosas a que o povo estava sujeito fê-lo sonhar com um sistema justo e imparcial e numa reflexão prematura, pareceu-lhe preencher seus anseios de igualdade e fraternidade. Mas, se no império Bizantino, os cristãos coptas eram favorecidos, num breve futuro seriam perseguidos e exterminados, pois ambos os dominadores revelaram-se opressores e cruéis ao extremo.³⁰

Trinta anos após a morte de Maomé, os califas já tinham conduzido seus exércitos até a Síria e a Pérsia (atualmente, Irã, Iraque, Palestina, Egito e Magrebe), a cada conquista somavam-se ao império muçulmano novas terras, riquezas e escravos. Os povos dominados deviam pagar impostos ao califa e o Zakat tornou-se obrigatório também aos não convertidos.³¹

Sob o califado Umayyade (xiita) a arrecadação tributária passou a ser exigência onerosa aos agricultores que fugiram ou transformaram-se em monges para fugir da capitação.

²⁸ EL FASI, 2010, p. 4.

²⁹ EL FASI, 2010, p. 4.

³⁰ SILVÉRIO, Valter Roberto. **História geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFS, 2013, p. 319.

³¹ SCHIMIDT, Malro Furtex. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999, p. 221.

El Fasi interpreta a capitação da seguinte forma:

“Os povos do livro (sistema religioso monoteísta) gozavam de grande liberdade religiosa mediante a condição de pagarem a djizya, imposto de capitação na qual estavam isentos os muçulmanos. Esse imposto servia para financiar as pensões que os guerreiros árabes e suas famílias (beneficiárias de um estatuto social privilegiado) recebiam do tesouro central. Os povos conquistados dificilmente podiam ignorar as vantagens da adesão à fé do vencedor e, portanto, muitos se converteram ao Islã”.³²

O autor salienta que as conversões aumentaram e a capitação diminuiu de modo alarmante, fazendo com que as autoridades passassem a desencorajá-los, decidindo que os novos convertidos continuariam a pagar o imposto de capitação e a taxa fundiária.

Sucederam-se as dinastias, compostas pelos quatro califas e (ou) seus descendentes, mas, a forma de dominação, a escravização e intolerância religiosa esteve presente em cada uma delas. Malgrado o sofrimento dos povos dominados, o dominador invadiu, espoliou, escravizou e dizimou em nome de um Deus que era amor, misericórdia, igualdade e fraternidade. Fica evidente que o objetivo maior das invasões nunca foi a expansão religiosa a priori e sim o controle absoluto do poder político e temporal.

5. O SURGIMENTO DO TERRORISMO ISLÂMICO MODERNO

Disseminando-se pelo mundo, o islamismo fez milhões de adeptos aos quais “catequiza” na intolerância, incentivando conflitos, tensões e dissensões, através dos meios de comunicação. São fundamentalistas que consideram um dever religioso defender sua fé enquanto alavancam suas relações de poder e a qualquer custo, e assim, põe em prática uma jihad radical. Nesse fanatismo exacerbado formam grupos de extermínio a toda ideologia ocidental, seja ela política ou religiosa, semeando as mais variadas formas de terror.

Existem dois polos de influência no mundo Islâmico: noventa por cento do islã são sunitas e apenas dez são xiitas. Aos sunitas pertence a Arábia Saudita e aos xiitas o Irã. Diversos grupos terroristas como Estado Islâmico, Boko Haram, Al Qaeda, etc, atuam no oriente e não raras vezes no ocidente.

O fundamentalismo político ganhou forma a partir de 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana, formada em reação a extinção do califado turco; seu fundador foi Hassan Al Banna. Partindo do pressuposto de que apenas a providência divina pode levar o homem a felicidade, ele concluiu que os muçulmanos devem evitar democracia e viver de acordo com a Sharia. Foi o primeiro grupo a invocar a jihad contra os não seguidores do islã.³³

5.1 O Estado Islâmico

Nasceu nas prisões iraquianas onde Jihadistas fizeram amizade com os antigos funcionários da ditadura de Saddam Hussein derrubada pelos americanos. É uma organização terrorista que se diz representante do Islã. Seu líder o iraquiano Abubakr Al Baghdadi assumiu

³² EL FASI, 2010, p. 70.

³³ <https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/historia-irmandade-muculmana.htm>

em 2010 o comando do Iraque, fazendo ali sua base. Tomando área do Iraque e Síria em 2014 o Estado Islâmico estabeleceu ali um califado (espécie de governo medieval). Calculam-se aproximadamente mil combatentes entre muçulmanos e estrangeiros de 100 países, incorporados às fileiras. O objetivo do Estado islâmico é impor um governo islamistas nos territórios que ocupa a força, contando com enorme material bélico. Seus inimigos são politeístas e hereges, os xiitas, alauítas (no poder da Síria) os apóstatas (que abandonaram o Islã) e os infiéis (de outras religiões).

Á exemplo da irmandade- ideia mãe do fundamentalismo- o Estado islâmico baseado na Sharia e fundamentado na convicção de que o apocalipse é iminente, busca expandir as fronteiras, forçando as conversões para o juízo final.

Abaixo do líder e califa (que é o representante de Maomé na terra) estão sete oficiais do exército iraquiano responsáveis pela coordenação de operações de campo, questões judiciais, segurança, inteligência e propaganda.

Milhares de simpatizantes disseminam pela internet ideias e vídeos do grupo que também é apoiado e auxiliado por todos os demais grupos fundamentalistas sunitas. O grupo é financiado pelos sequestros de reféns ocidentais, venda de antiguidades, contrabando de petróleo para a Turquia e Irã, vinte por cento do faturamento de comerciantes e industriais, cinquenta por cento do salário de funcionários públicos de Damasco e Bagdá. Há bandos armados aliados leais ao Estado Islâmico na Argélia, Líbia, Egito, Síria, Iraque, Iêmen, Arábia Saudita, Afeganistão e Paquistão. Muitas jovens ocidentais iludidas pelas falsas ideologias acabam incorporadas aos haréns dos líderes; os rapazes são transformados em soldados e homens bomba.³⁴

A revista Veja de 25/11/2015³⁵ traz sob o título de “letais contra inocentes desarmados”, salienta que os muçulmanos são as maiores vítimas dos massacres cometidos em nome de Alah e denuncia crimes tais como: assassinado de civis (reféns não resgatados e rebeldes à ideologia); Extermínio de minorias (Yazidis, cristãos, xiitas e homossexuais que são jogados do alto das torres e prédios); escravidão (mulheres e meninas Yazidis feitas escravas sexuais); recrutamento de menores obrigados a se juntar a jihad após treinamento militar e religioso; tortura (amputação, apedrejamento e crucificação); expulsão de povos; destruição de patrimônio, etc...

5.2 Boko Haram

Considerado o mais violento dos grupos atua na Nigéria, Camarões e Chade, desde 1970 até 2014 já havia assassinado 6444 pessoas, principalmente na Nigéria, onde, em 2002, surgiu como seita religiosa fundada por Muhammed yusuf, tendo atualmente por líder Abubakar Shekau. O nome Boko Haram significa na língua Hausa: educação não islâmica é pecado. A cultura ocidental, portanto, é a razão dos males do país e deve ser erradicada. Seu objetivo

³⁴<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/documentario-revela-como-estado-islamico-cria-geracao-de-terroristas.html>

³⁵ REVISTA VEJA. Edição de 25 de Novembro de 2015, p. 87-95.

é, combatendo os princípios e legados ocidentais, construir uma república Islâmica. Parte da atividade financeira consiste no sequestro e venda de mulheres para serem utilizadas como escravas sexuais. São leis ao Estado Islâmico.³⁶

5.3 Al Qaeda (A base)

Foi criada por Osama Bin Laden; ele lutava contra a invasão soviética no território do Afeganistão sendo o responsável pela arrecadação de recursos financeiros e recrutamento de pessoal para a resistência afegã, recursos esses, fornecidos pelos Estados Unidos da América.³⁷

Mais tarde na guerra do Golfo (entre Kwait e Iraque) os EUA interviram enviando soldados a Península Arábica e maculando segundo Bin Laden, com suas presenças, o berço do profeta Maomé e seus santuários, o que o levou a iniciar uma campanha contra os EUA na região e fez com que o rei Fahd o expulsasse da Arábia Saudita em 1991. Do Sudão comandou seus primeiros ataques militares aos EUA. Após cinco anos voltou ao Afeganistão construindo campos de treinamento para a Al Qaeda e tornou-se colaborador do regime do Talibã. Sua atuação mais marcante foram os atentados de setembro de 2001 em Nova York e Washington. Imediatamente aconteceu a intervenção americana no Afeganistão, mas Bin Laden não foi encontrado.³⁸

A Al Qaeda possui militantes em vários países, suas ações terroristas ocorrem em nações ocidentais e também em países muçulmanos que apoiam os EUA, como Arábia Saudita, Turquia e Indonésia. Tem preferência por atacar alvos de significação simbólica como o banco britânico HSBC e o consulado do Reino Unido em Istambul (Turquia 2003).³⁹

Grupos afiliados à Al Qaeda surgiram após a morte de Bin Laden em 2007 entre os quais estão: a Al Qaeda no Magreb Islâmico, Al Qaeda na Península Arábica e Al Qaeda na Somália. Alguns grupos desmembrados da Al Qaeda se uniram ao Estado Islâmico e seguem a mesma estratégia de violência entre eles: Gama'a al Islamiyya (no Egito); Brigada de Mulathameen (na Argélia); Al Mourabitoun (Em Mali e Argélia); Movimento Islâmico de Uzbequistão (Afeganistão e Uzbequistão); Lashkar- e- Jhangui (exército de Jhangui); Lashkar- e –Taiba (exército do bem) no Paquistão e Ansar al Sharia (na Líbia).⁴⁰

5.4 Talibã

Está em terceira posição entre os grupos mais violentos. Criado em 1994, atua no Afeganistão e Paquistão apesar de ter sido derrotado após a invasão dos Estados Unidos em 2011. Seu objetivo é expulsar os invasores dos EUA e OTAN usando táticas de guerrilha e ataques de homens bomba. Sua principal fonte de renda vem dos tributos pagos pelos plantadores de ópio. A interpretação dos textos islâmicos é muito rígida, é expressamente

³⁶ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm>.

³⁷ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>.

³⁸ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>.

³⁹ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>

⁴⁰ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_levantamento_extremismo_lgb

proibida a manifestação da cultura ocidental e obrigatório o uso da burka pelas mulheres. A atuação do grupo é regional, não se estendendo ao ocidente, seus adeptos são das tribos afegãs (pashtun). Apesar da ideologia ser diferente interage com a Al Qaeda em questões de logística, armas e dinheiro, tendo acolhido Bin Laden em diversas ocasiões. Em 2014 o grupo realizou 891 ataques resultando em 3477 pessoas mortas.⁴¹

5.5 A Primavera Árabe e o Hamas

A Primavera árabe pode ser considerada um movimento das massas populares de diversos países em luta contra as ditaduras estabelecidas e em favor da liberdade e dignidade de vida. Mas infiltrada nessa luta está a milícia xiita a milícia Hezbolah que lhe empresta uma autenticidade democrática duvidosa conferindo-lhe um caráter de violência aleatória e indiscriminada. Da mesma forma o Hamas, apesar de considerar-se um partido político de cunho filantrópico possui um “braço armado”, isto é brigadas prontas, a atuarem pela força, o que segundo vários países, lhe confere caráter terrorista.⁴² A primavera árabe eclodiu em 2011 devido ao agravamento da situação dos países árabes provocado pela crise econômica e falta de democracia, altas taxas de desemprego e custo elevado dos alimentos. Consiste em uma onda de protestos revoltas e revoluções populares contra governos de países como Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmem e Bahrein.

Ditaduras foram derrubadas; Tunísia e Egito não ofereceram resistência, Muammar Kadafi da Líbia resistiu, mas foi morto em uma rebelião interna e ação militar da OTAN.⁴³ No Iêmem o presidente resistiu alguns meses, mas acabou transferindo o poder a um governo provisório.

Na Síria, a primavera árabe não consegue se estabelecer. O ditador Bashar Al Assad resiste mesmo com as sanções impostas pela ONU e não abre mão do poder, a violência aumenta a cada dia apoiados pelo Irã e influenciado pelo Hezbolah que luta pela criação de um estado palestino e assumiu recentemente o poder no Líbano. Notícias atuais de 2018 apresentam na Síria uma onda de violência após a expulsão do Estado Islâmico e a busca pela consolidação de territórios e poder; Turquia, Irã, Rússia, EUA, Israel, xiitas e sunitas, curdos (que desejam fundar um estado independente chamado Curdistão na fronteira com a Turquia) árabes seculares e radicais islâmicos estão envolvidos e a pacificação pela ONU se torna difícil pois EUA e Rússia se encontram em lados opostos na luta e possuem poder de veto junto ao conselho de segurança.⁴⁴

Os xiitas do Bahrein levantaram-se contra o governo do rei Hamad bin Isa al-Khalifa, exigindo o fim das políticas de exclusão, maior igualdade e mais liberdade. Foi uma batalha

⁴¹ <http://geografandocomachris.blogspot.com/2011/05/o-que-e-o-taliba.html>.

⁴² <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>.

⁴³ <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>.

⁴⁴ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>.

sangrenta que teve auxílio dos militantes da Arábia Saudita. Em resposta, o governo ampliou os poderes do Parlamento, mostrando-se favorável às aspirações do povo.⁴⁵

O Hamas (Movimento de Resistência Islâmica) tem origem palestina e baseia-se na ideologia sunita. Possui várias brigadas (braço armado), um partido político e uma estrutura filantrópica. É considerado um dos movimentos fundamentalistas mais importantes da Palestina. No idioma árabe Hamas significa cordialidade, ardor e entusiasmo.⁴⁶

Em 2006 o Hamas chegou ao poder na Palestina, vencendo as eleições do parlamento (76 cadeiras contra 43 do grupo Fatah). Enfraqueceu na batalha de Gaza (2007) como autoridade palestina na Cisjordânia, quando foi suplantado pelo Fatah. Diversos países como Reino Unido, Austrália, Estados Unidos, Japão, Israel, Canadá, e países da União Europeia consideram o Hamas como um grupo terrorista, por possuírem as brigadas. No Brasil, Noruega, Rússia e África do Sul, o Hamas não é visto de tal forma. Consideram antes os embates uma mera estratégia pelo controle de territórios conquistados. O Hamas categorizou Bin Laden como “um guerreiro sagrado”, conferindo às ações do exército dos EUA o status de assassinato.⁴⁷

O Estado Islâmico e Al Qaeda diferem em suas táticas e objetivos: o objetivo do Estado Islâmico é impor seu domínio nos territórios invadidos; a Al Qaeda se propõe a golpear o capitalismo, o Cristianismo e o Ocidente onde estiverem, atuando em pequenas células com ataques fantasmas, sem a ambição do domínio territorial, mas são leais e auxiliam-se mutuamente. Talibã, estado Islâmico, Al Qaeda e Boko Haram possuem em comum a aversão radical e extrema a toda e qualquer influência ocidental em seu território. Tudo o que apresenta tendências estrangeiras deve ser erradicado. Apenas sua religião (a Sharia e o Corão) deve ser o código de preceitos seguidos e isso de forma rigorosa.⁴⁸

Mas, embora diferindo em algumas táticas, objetivos e formas de conduta, quer voltado ao poder ou movido por ódio extremo, essas facções têm espalhado o horror no Oriente e no Ocidente, destruindo a paz e a segurança das nações e dizimando vidas inocentes com crueldade indizível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar que os muçulmanos se dividem em dois grandes grupos, os xiitas e os sunitas, em diferentes momentos em que seus califas se sucedem, divididos quanto a quem deveria liderá-los. Sunitas são adeptos a Suna, que afirma que qualquer seguidor do Islamismo pode se tornar califa, desde que tenha conhecimento e capacidade para tal; Xiitas reconhecem a legitimidade do califado apenas aos descendentes do profeta Maomé.

⁴⁵ SILVA, Júlio César Lázaro da. "Conflito na Síria: a primavera que não consegue se estabelecer"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/geografia/conflito-na-siria-primavera-que-nao-consegue-se-estabelecer.htm>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

⁴⁶ <https://www.infoescola.com/islamismo/hamas/>.

⁴⁷ <https://www.infoescola.com/islamismo/hamas/>.

⁴⁸ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quem-sao-e-o-que-querem-os-grupos-extremistas-que-propagam-o-terror.html>.

Lançando um olhar no texto, poderia se dizer que a religião recebida por Maomé pelo anjo Jibrail perdeu seu sentido de misericórdia e fraternidade pelas diversas divergências das Hadith e demais consensos e juízos elaborados por seu imames, tendo sido gradativamente adulteradas às convicções e virtudes do Corão. Percebe-se, entretanto, que ambição pelo poder temporal que bestifica o ser humano já se fazia presente nas atitudes de Maomé, quando estando fugitivo em Medina tornou-se assaltante das caravanas de Meca, instituindo a Jihad (guerra Santa) com a qual os grupos fundamentalistas legitimam as barbáries cometidas contra seus opositores. Assim, pode-se compreender que a introdução da violência na história do islã se fundamenta nesse fato.

Mais tarde, quando se dá a conquista e expansão dos territórios africanos, acontecem as lutas pela hegemonia, travadas pelas diversas seitas e califados que se formam a partir das divergências teológicas entre sunitas e xiitas, mas especialmente pelo direito da dominação. Bem cedo se manifestam as injustiças econômicas e sociais: no Egito houve cruel perseguição aos coptas, encargos tributários onerosos e conversões forçadas. As sucessivas lutas pelo poder empobreciam a população e enriqueciam as elites; o povo, cada vez mais sofria fome, abuso tributário e segregação racial. Esse momento se repete no Egito na conjuntura político social que origina a primavera árabe (2001), o que demonstra que em momento algum houve alguma justiça social ou equidade com o dominado.

Os dois polos Arábia Saudita (sunita) e Irã (xiita) disputam os governos do Oriente e servem-se ou possuem em seus braços armados grupos terroristas que adquiriram repercussão mundial, alcançando pessoas, religiões e instituições com nível extremo de violência, que não se restringe aos seus inimigos partidários, mas etnias, religiões, e poderes Ocidentais construídos democraticamente.

Apesar disso, vozes se levantam em defesa da religião do Islã. No jornal Zero Hora de 17/11/2015 pode-se observar a indignação de um muçulmano em relação aos ataques a Paris com as palavras “cães dos infernos! (...) muçulmanos de verdade não são feitos para matar pessoas. Esses são apenas criminosos”. Os clérigos das mesquitas também condenam o terrorismo e a radicalização. Destaca-se a cidade de Tez no Marrocos, fundada por muçulmanos, mas que abriga todas as crenças.

Também recentemente acerca dos bombardeios na Síria, a professora e coordenadora de atividades do curso de Direito da Unichristus, Silvana Melo faz um apelo para que refugiados e os 13,1 milhão de sírios que precisam de ajuda humanitária não sejam estigmatizados, seu pedido é que se conheça diferenças conceituais e declara: “Islã é diferente de terrorismo”.⁴⁹ Enfim tudo leva a crer que a intolerância é fundamento da fé islâmica e a violência sua marca registrada, porém, deve-se lembrar de orar e não negar auxílio pois o fundamento da fé cristã é o amor e a misericórdia para com todos.

⁴⁹<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/por-que-a-siria-vive-nova-onda-de-violencia-extrema.html>.

REFERÊNCIAS

ABDALATI, Hammudah. **O Islam em foco**: fundação das associações muçulmanas do Brasil-FAMBRAS. São Paulo, SP, 2008, 215 p.

EL FASI, Mohamed. **História geral da África III**. África do sec. VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010. 1056 p.

HELLERN, Victor, Henry Notaker. **O Livro das Religiões**/ Jostein Gaarder. Tradução de Isa Maralando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 315 p.

O Grupo extremista mais mortífero que o Estado Islâmico. **BBC**. 24 de novembro de 2015. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_levantamento_extremismo_gb> Acesso em: 20 jul. 2018.

O que é o Talibã? **Geografando com a Cris**. 14 de maio de 2011. Disponível em:

<<http://geografandocomachris.blogspot.com/2011/05/o-que-e-o-taliba.html>> Acesso em: 20 jul. 2018.

PENA, Rodolfo Alves. Boko Haram. **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm>> Acesso em: 20 jul. 2018.

PRIMAVERA Árabe. **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>> Acesso em: 20 jul.2018.

PRIMAVERA Árabe. **Guia do Estudante**. 16 de maio de 2011. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>> Acesso em: 20 jul. 2018.

QUEM são e o que querem os grupos extremistas que propagam o terror. São Paulo: **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quem-sao-e-o-que-querem-os-grupos-extremistas-que-propagam-o-terror.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

REVISTA VEJA. Edição de 25 de Novembro de 2015. p. 87-95.

SCHIMIDT, Malro Furtex. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999. 221 p.

SILVA, Júlio César Lázaro da. "Conflito na Síria: a primavera que não consegue se estabelecer"; **Brasil Escola**. Disponível em

<<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/conflito-na-siria-primavera-que-nao-consegue-se-estabelecer.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História geral da África**: Pré-história ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFS, 2013. 744 p.

VASCONCELOS, Heloísa. Entenda porque a Síria vive nova onda de violência extrema após expulsão do Estado Islâmico. Mundo, **O povo online**. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/por-que-a-siria-vive-nova-onda-de-violencia-extrema.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

WILKINSON, Philip. **Religiões – guia ilustrado Zahar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 352p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

EM DIREÇÃO AO RENOVO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ BRASILEIRA

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus: ensinar e aprender**. Curitiba: ADSantos, 2016. 96 p.

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

Gleyds Silva Domingues, autora deste novo livro a respeito de educação cristã, é professora das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), da Faculdade Cristã de Curitiba (FCC), e da Faculdade de Administração, Educação e Letras (FACEL), sendo alguém com bagagem na educação de forma prática e ativa. Sua formação também lhe fornece arcabouço para tratar do tema: além da formação a nível de graduação em Educação Cristã e Pedagogia, possui mestrado em Educação e doutorado em Teologia, aliando bem as duas áreas do conhecimento. Possui, portanto, o *know-how* necessário para tratar do ensino cristão, tanto a nível teórico como prático.

Neste livro, a autora apresenta uma proposta bastante clara e específica: não pretende estabelecer uma longa e densa dissertação a respeito do ensino cristão, mas um breve manifesto que busca apresentar de forma clara e prática como os princípios presentes no ensino de Jesus podem e devem não somente influenciar, mas também definir a educação cristã. Busca, portanto, não somente apresentar a forma como Jesus “ministrava e conduzia seus ouvintes adultos” (p. 14), mas também indicar como tal ensino sugere que a educação cristã seja “completa, significativa e, sobretudo, relacional” (p. 12).

¹ Professor do Bacharelado em Teologia Presencial e do Bacharelado em Teologia EAD das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Aluno de doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre e Graduado (Bacharelado e Licenciatura) em História pela UFPR, e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). E-mail para contato: wilibaldoneto@hotmail.com

O caminho pelo qual tal educação poderá ser alcançada também é apresentado: cabe aos educadores aprenderem com Jesus que não basta buscar que os aprendentes ouçam e memorizem as informações proferidas, mas favorecer que os mesmos desenvolvam a reflexão e a compreensão, as quais são possibilitadas quando a educação se dá de forma “significativa, participativa, envolvente e reflexiva” (p. 14). Sendo assim, cabe às Escolas Bíblicas e à Igreja em geral, a conscientização de que na educação cristã se deve “oportunizar práticas e vivências inter-relacionadas com a vida e com os problemas do cotidiano” (p. 13).

Não é um trabalho recheado de referências bibliográficas, tendo apenas 11 referências além da Bíblia. Porém, tal ausência se dá muito mais pelo caráter do livro do que pelo conhecimento da autora. Afinal, apesar de ter amplas e variadas leituras a respeito de educação, teologia e ensino cristão – como fica claro nas referências bibliográficas de sua tese de doutorado –, a autora opta por não utilizar as mesmas diretamente, restringindo-se a utilizar aquilo que já absorveu destas várias leituras a partir de suas próprias palavras e ideias, a fim de proporcionar ao leitor uma leitura mais suave e agradável, ao alcance da igreja como um todo, ao mesmo tempo que se faz útil e instrutivo a professores de Escola Bíblica, teólogos e pastores.

Tal instrução não se dá somente por um conteúdo teórico, mas estabelece princípios de forma prática, a exemplo dos “Quatro Ds”, que são o desejo, a desestruturação, o desafio e a decisão. Tais princípios devem seguir uma ordem, afinal, são passos para se estabelecer o processo de ensino e aprendizagem. Assim, a famosa desestruturação, tão pregada na pedagogia atual, é apresentada não como um fim, um objetivo, mas como um passo em um processo maior. Afinal, se tal desestruturação ocorre, é para que uma nova concepção seja construída, e não para que o conhecimento fique derrubado, por terra, como parece ser a intenção de algumas metodologias pedagógicas que vêm tomando espaço no cenário educacional brasileiro.

Estes passos são em grande medida acompanhados por uma mudança de níveis dentro do processo de aprendizagem, no qual o aprendente passa de um conhecimento de “senso comum” (1º nível) para uma apropriação dos códigos (2º nível), uma criticidade (3º nível) e, por fim, um posicionamento frente ao conhecido (4º nível). Sendo assim, o posicionamento dos aprendentes não deve se dar como ponto de partida do aprendizado, mas como resultado de um processo de construção. Isto não significa desprezar o conhecimento prévio dos mesmos, mas entender que tal conhecimento deve ser uma base a ser inclusive desconstruída, a fim de existir um processo de construção de conhecimentos. Tal lição, implícita no estabelecimento de níveis, é valiosa. Afinal, diferente de algumas abordagens pedagógicas atuais, não se propõe que o primeiro conhecimento dos aprendentes seja necessariamente um conhecimento crítico (3º nível), nem um posicionamento consciente e relevante frente ao conhecido (4º nível), mas provavelmente um conhecimento de “senso comum”, que deve ser ultrapassado pelo processo de ensino e aprendizagem, apesar de lhe servir de base.

São muitas as qualidades deste livro: além de breve e simples, facilitando a leitura por um amplo público, apresenta uma linguagem bastante agradável, em verdadeiro diálogo com

o leitor. Segue, portanto, a própria proposta educacional, buscando estabelecer um relacionamento entre autora e leitor, semelhante ao relacionamento entre professor e aluno, ou educador e aprendiz. Neste sentido, atem-se à sua proposta, ensinando o método de Jesus de diálogo e exemplificação, não somente nas palavras que são proferidas ao longo do livro, mas também na própria forma que o livro se apresenta.

Também se deve destacar que o livro serve como mecanismo crítico para professores e educadores cristãos que desejam encontrar “novos caminhos para uma abordagem mais dinâmica, significativa e democrática” (p. 19), não somente pelo que ensina, mas também pelo seu caráter prático, presente em todo o livro e coroado nos vários direcionamentos de aplicação prática, presentes ao final dos capítulos. Assim, não somente se incentiva “a aplicação do ensino à vida” (p. 19) dos aprendentes, mas também a própria aplicação da leitura à vida dos educadores que decidiram buscar neste livro um renovo de sua visão a respeito da educação cristã.

A grande lição do livro, que é a importância e beleza da inovação no processo de ensinar, é apresentada não somente nas páginas do mesmo, mas também em sua existência. Trata-se de uma obra que nos lembra como nossas referências a respeito de educação cristã são antigas e, em grande medida, ultrapassadas, levando-se em conta que muitas destas foram originalmente escritas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, sendo reeditadas inúmeras vezes e afirmadas como “clássicos” quando se deveria, pelo próprio caráter de inovação da educação, se promover e incentivar a escrita de novas perspectivas e novas propostas para a educação cristã. Parabéns, portanto, a professora Gleyds por tal trabalho (e pelos demais que sei que está produzindo) e incentivo aos leitores desta resenha que também façam parte deste movimento de renovo na educação cristã no contexto brasileiro, que se faz não somente necessária, mas urgente. Mãos à obra!

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.